

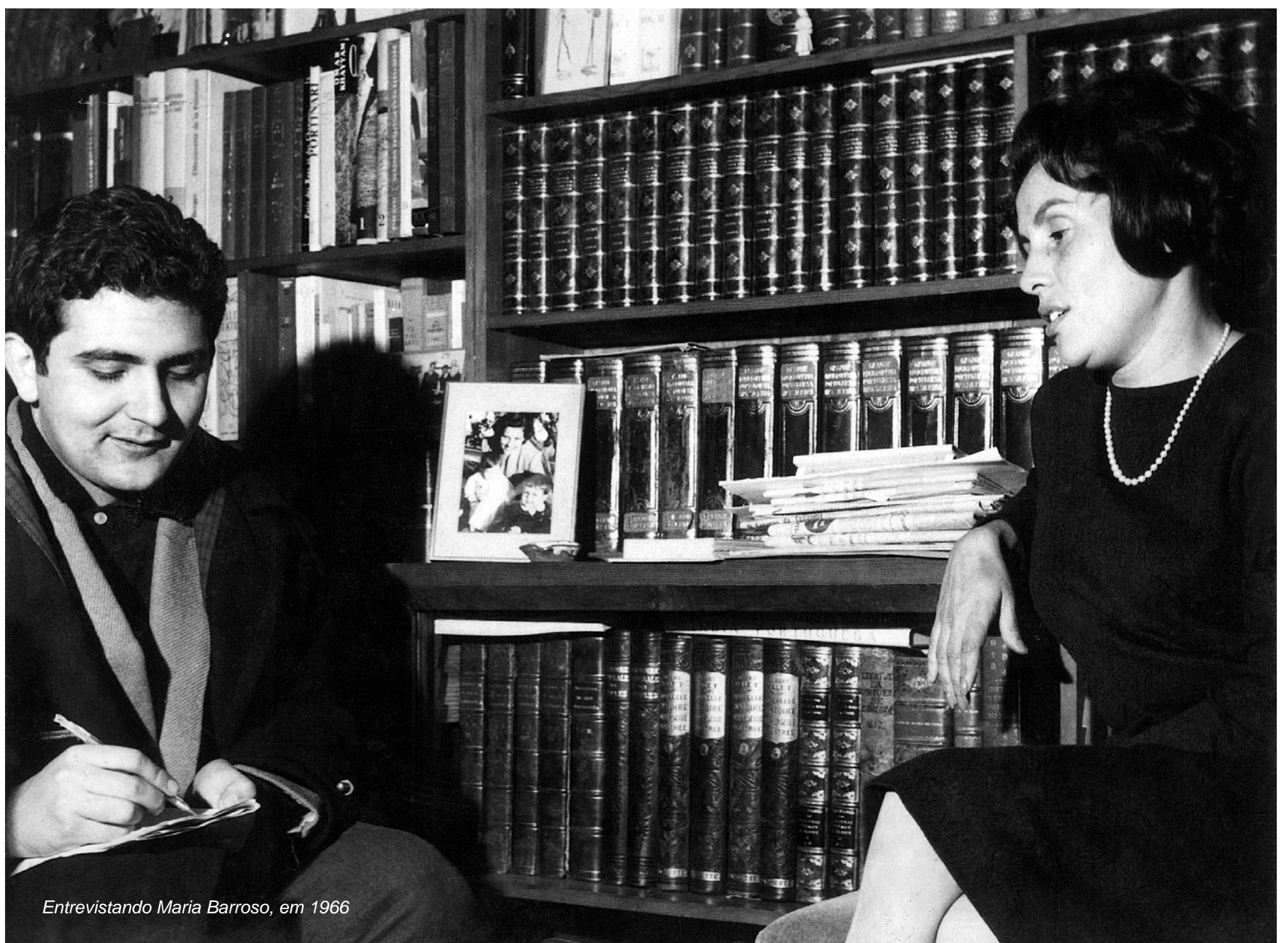
DA CRÍTICA AO PALCO

Jovem jornalista do jornal *República*, Joaquim Benite começa a escrever crítica teatral por acaso, quando o chefe de redacção descobre que o seu falecido pai era o empresário teatral António Macedo e Brito, de quem tinha sido amigo.

Das críticas aos espectáculos realizados pelos grupos amadores das empresas, escritas para o *República*, Benite passa, com a mudança para o *Diário de Lisboa*, a debruçar-se sobre os espectáculos apresentados nas principais salas lisboetas – e sobre os trabalhos de alguns grupos que estariam na origem do teatro independente. Estamos a falar do Teatro Experimental de Cascais, do Grupo 4, e do Grupo Cénico da Faculdade de Letras, um conjunto de rapazes e raparigas que estaria na origem do Teatro da Cornucópia, e que realizara, segundo o jovem crítico “*uma das mais importantes experiências levadas a cabo no teatro universitário*” e “*um dos mais belos espectáculos dos últimos tempos*”. A peça em questão era o *Anfitrião*, de António José da Silva – autor que Benite escolheria para a sua segunda montagem no Grupo de Campolide: *A vida do grande D. Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança*, que valer-lhe-ia o Prémio da Crítica para Melhor Espectáculo Amador em 1972.

A fama de “*crítico impiedoso*” construiu-a à custa dos ataques movidos contra as peças “*desprovidas de sentido*” de algum teatro comercial. Numa época em que a censura impunha a falta de gosto e a criação de espectáculos de divertimento ligeiro – que não interpelassem os espectadores e os alertassem para a falta de liberdade em que viviam –, Benite fazia a apologia daqueles que fundavam as suas produções num reportório assente na literatura e no pensamento, que procurasse relacionar as grandes obras da dramaturgia mundial com o contexto histórico no qual tinham sido escritas, bem como com a realidade social e política em que eram apresentadas.

Assim seriam os espectáculos que realizaria ao longo dos seus quarenta anos de carreira teatral.



Entrevistando Maria Barroso, em 1966

ÍNDICE

- 8 DE JANEIRO DE 1966 — **Chegaram os Robertos!** — PÁG. 5
- 8 DE MAIO DE 1966 — I Ciclo de teatro amador na empresa **“Irene”** pelo Grupo Cénico da Sociedade Central de Cervejas — PÁG. 8
- 1 DE JUNHO DE 1966 — **Três peças** em 1 acto de Prista Monteiro no Teatro Vasco Santana — PÁG. 9
- 15 DE JUNHO DE 1966 — I Ciclo de teatro amador na empresa **“Por um fio”** de Costa Ferreira pelo Teatro de Ensaio de FIMA-LEVER — PÁG. 10
- 25 DE SETEMBRO DE 1966 — **“Esta Lisboa que eu amo”** no Monumental — PÁG. 11
- 6 DE NOVEMBRO DE 1966 — **“A maluquinha de Arroios”** de André Brun no Gil Vicente, de Cascais — PÁG. 12
- 22 DE JANEIRO DE 1967 — **“Tongatabu”**, de Orlando Vitorino no Monumental — PÁG. 13
- 19 DE FEVEREIRO DE 1967 — **“O camarada Miússov”** no Nacional — PÁG. 14
- 15 DE ABRIL DE 1967 — **“Mestre Gil”** pelo Grupo Cénico de Direito dirigido por Luís de Lima — PÁG. 15
- 27 DE ABRIL DE 1967 — **“António Marinheiro”** de Bernardo Santareno pela Companhia Portuguesa de Comediantes — PÁG. 16
- 20 DE MAIO DE 1967 — **“D. Quixote”** de Yves Jamiaque pelo Teatro Experimental de Cascais — PÁG. 17
- 9 DE SETEMBRO DE 1967 — **“Fedra”** de Racine pelo Teatro Experimental de Cascais — PÁG. 19
- 7 DE OUTUBRO DE 1967 — **“À espera de Godot”** de Beckett pelo Grupo Cénico do Banco de Angola — PÁG. 20
- 23 DE MARÇO DE 1968 — **“Paulina vestida de azul”** no Estufa Fria — PÁG. 21
- 5 DE ABRIL DE 1968 — **“As três perfeitas casadas”** de Alejandro Casona pela Companhia do Teatro Nacional — PÁG. 22
- 9 DE MAIO DE 1968 — **“Linha Recta”** de Gonçalves de Castro e **“O Mestre”** de Ionesco pelo grupo da Phillips Portuguesa — PÁG. 23
- 11 DE MAIO DE 1968 — **“O pedido de casamento”** de Tchecov e **“A menina casadoira”** de Ionesco pelo Grupo da Misericórdia — PÁG. 24
- 14 DE MAIO DE 1968 — **“A sogra de Luís XIV”** de Feydeau e **“O Mestre”** de Ionesco pelo grupo dos C.T.T. — PÁG. 25
- 15 DE MAIO DE 1968 — **“Doze homens em fúria”** de Reginald Rose e **“Cena a quatro”** de Ionesco pelo grupo do Banco de Angola — PÁG. 26
- 26 DE MAIO DE 1968 — **“Rinoceronte”** de Ionesco pelo “Proscenium” — PÁG. 27
- 31 DE MAIO DE 1968 — **“A louca de Chailot”** de Giraudoux no Teatro Vasco Santana — PÁG. 28
- 5 DE JUNHO DE 1968 — **“A lacuna”** e **“A lição”** de Ionesco pelo Grupo da Sociedade Central de Cervejas — PÁG. 30
- 9 DE AGOSTO DE 1968 — **“Hipólito”** de Eurípedes pelo Piraikon Theatron — PÁG. 31
- 4 DE SETEMBRO DE 1968 — **Defendo o teatro popular** — entrevista com Eugénio Salvador (um actor que fala com o corpo) — PÁG. 32
- 15 DE SETEMBRO DE 1968 — **“Bodas de sangue”** de Garcia Lorca no Teatro Experimental de Cascais — PÁG. 33
- 8 DE OUTUBRO DE 1968 — **Rogério Paulo volta à Companhia do Teatro Nacional** — PÁG. 34
- 13 DE OUTUBRO DE 1968 — **Festival Ricardo Bandeira no Villaret** — PÁG. 36
- 19 DE OUTUBRO DE 1968 — **“O Leão da Estrela”** na Estufa Fria e Ricardo Bandeira, no Villaret — PÁG. 37
- 18 DE DEZEMBRO DE 1968 — Concurso de Arte Dramática **“João Gabriel Borkman”** de Ibsen pelo grupo “22 de Novembro” — PÁG. 38
- 31 DE DEZEMBRO DE 1968 — **“Click! Já está”** no Teatro Monumental — PÁG. 40
- 31 DE DEZEMBRO DE 1968 — **Um ano de teatro** — PÁG. 41
- 29 DE JANEIRO DE 1968 — **“Quando ela se despiu”** no Teatro Monumental — PÁG. 43
- 14 DE FEVEREIRO DE 1969 — **“As quatro estações”** Espectáculo de grande nível — PÁG. 44
- 21 DE FEVEREIRO DE 1969 — **“A caixa de Pandora”** de Fernando Amado, na Casa da Comédia — PÁG. 46
- 8 DE MARÇO DE 1969 — **“Maria Stuart”** de Schiller pelo Teatro Experimental de Cascais — PÁG. 47
- 18 DE MARÇO DE 1969 — **Gil Vicente representado pelo grupo Proscenium** — Espectáculo de grande nível artístico — PÁG. 48
- 10 DE ABRIL DE 1969 — **“Cartas na mesa”** no Variedades — PÁG. 49
- 14 DE ABRIL DE 1969 — **“Mãos à obra”** no Maria Vitória — PÁG. 50
- 18 DE ABRIL DE 1969 — **“Anatomia de uma história de amor”** no Vasco Santana — PÁG. 51
- 22 DE ABRIL DE 1969 — **“Volpone”** de Ben Jonson pelos estudantes de Direito — PÁG. 52
- 25 DE ABRIL DE 1969 — **“A esfera facetada”** no Teatro Capitólio — PÁG. 53
- 9 DE MAIO DE 1969 — **“A dança da morte”** de Strindberg na Casa da Comédia — PÁG. 54
- 11 DE MAIO DE 1969 — **“Anfitrião”** de António José da Silva, pelo Grupo Cénico da Faculdade de Letras — PÁG. 55
- 5 DE JUNHO DE 1969 — **“Black-out”** de Frederick Knott no Teatro Villaret — PÁG. 56
- 28 DE JULHO DE 1969 — **“A maçã”** de Jack Gelber pelo Teatro Experimental de Cascais — PÁG. 57
- 22 DE AGOSTO DE 1969 — **A situação do teatro profissional** — PÁG. 58
- 29 DE AGOSTO DE 1969 — **A situação do teatro profissional (2)** — PÁG. 60
- 6 DE NOVEMBRO DE 1969 — **“Amanhã digo-te por música”** pelo Grupo 4, no Tivoli — PÁG. 63
- 13 DE NOVEMBRO DE 1969 — **“O pecado de João Agonia”** de Bernardo Santareno, no Capitólio — PÁG. 64
- 19 DE DEZEMBRO DE 1969 — **“As mãos de Abraão Zacut”** de Sttau Monteiro, no Vasco Santana — PÁG. 66
- 20 DE DEZEMBRO DE 1969 — **“O vision voador”** no Teatro Villaret — PÁG. 67
- 31 DE DEZEMBRO DE 1969 — **1969: Balanço de um ano de teatro em Lisboa** — PÁG. 68

REPUBLICA JUVENIL

MESTRE ALBINO: (...) Digníssimo e respeitável público! Tenho a honra de vos apresentar a comédia de minha autoria «A MÃE QUEER CASAR, MAS A FILHA ARREGA NINA O DENTE», que tanto sucesso tem alcançado nessa data de festas e arrebatos! Vai distribuída à parte, mas isto é de mulher que se representa em terras de Portugal e da Espanha.

(...) São quarenta centímetros de puro cru e uma mancha de serradura fina... Mas quando ela e os outros fantoches puserem para o palco... Não dá parecer figuras de carne e osso!

...Com sangue em lugar de serradura...

ZE GUA: ...A serras em vez de cordão...

AMBOS: Respeitável público! Atenção pois à comédia!

ROMÉU CORREIA

(Da peça «O Vagabundo das Mãos de Ouro»)

chegaram os robertos!...

PAUSA NA CIDADE

A tarde estava cinzenta. O céu despejava uma cor baça. Parecia que tudo tinha sido envolvido por uma nuvem de tristeza. As buzinas dos automóveis soavam abafadamente e os eléctricos chiavam, nos carris, de uma forma mais branda, menos viva. Os prédios sujos e velhos do Martim Moniz ergulam-se como espantalhos. A fealdade da praça acentuava-se de uma maneira pungente, quase tétrica.

Formavam-se aos poucos as bichas, junto às paragens dos transportes. Ninguém empurrava, todos esperavam pacientemente pela sua vez. Parecia que nem uma única pessoa tinha pressa, que todos se encontravam perdidos nas suas desilusões.

A um canto da praça, um fantocheiro tinha armado a sua barraca de ripas e chita.

Umaz letras de cor desmaiada, comida pelo sol, informavam: Teatro Dom Roberto.

— Olha os Robertos! — gritou um miúdo, descalço, lançando-se imediatamente em correria.

— Olha os Robertos! Olha os Robertos!

O rapazio largou os belindres, a bola de trapo. As faces abriram-se em sorrisos de contentamento. Dos vários cantos da praça e das imediações a miudagem afluía, juntando-se em círculo à volta do teatrinho.

Uma mulher descalça e suja, bastante nova, impunha a ordem: — Vá lá, menino, chega-te para lá. Vocês, aí, mais para trás. Deixem os outros ver. Vá, depressa, que vai começar.

Do interior da barraca vinha uma voz roufenha, intervalada pe-

POR

JOAQUIM BENITE

la estridência de uma gaita de beíços:

— Vai começar o teatro do Dom Roberto! Meninos e meninas! Muita atençãooooo!

Os olhos ansiosos dos meninos e das meninas arregalaram-se, atentos. Súbitamente as bocas rasgaram-se numa gargalhada geral, um clamor repentino. Dom Roberto.

(Continua na página seguinte)



Desenho inédito de FRANCISCO RELÓGIO

O TEATRO DE MARIONETES É UMA DAS MAIS ANTIGAS EXPRESSÕES ARTÍSTICAS DO HOMEM

O teatro de fantoches, que faz o encanto das crianças e, por vezes, dos adultos, tem, como todas as manifestações artísticas que chegaram até os nossos dias, a sua história. Uma história naturalmente enredada no teatro tradicional, ao qual roubou muitas peças, imediatamente transfiguradas, na própria literatura não dramática (no fabulário ocidental, por exemplo), no «ballet» e na música.

Não se sabe ao certo se o teatro de marionetes é anterior ou posterior ao representado por actores vivos. Tão pouco se reconhece rigorosamente o local do seu berço. Uns opinam que ele é originário da Grécia, outros do Egipto (as investigações do arqueólogo francês Gayet parecem comprová-lo), mas o que se afirma mais provável é que, como muitas outras coisas, tenha sido importado do Oriente, onde se encontram vestígios de formas muito antigas de bonecos articulados destinados ao teatro de sombras, ainda hoje cultivado em países como Java e o Japão.

● O «Judeu»: Seriam as suas peças destinadas a teatro de fantoches?

Durante a Idade Média o teatro de fantoches foi, na Europa, uma das formas de arte mais ingénuas e mais profundamente enraizadas na sensibilidade popular. As facécias dos bonifrates eram a maior parte das vezes adaptações grosseiras de algumas peças célebres, das quais os fantocheiros, todos improvisadores, aproveitavam os traços e as situações mais expressivos e caricatos.

Mas a sua familiaridade com o teatro declamado é tão grande que não se sabe se algumas peças de autores desconhecidos, como por exemplo a mundialmente famosa «Farsa de Mestre Pathelin», foram criadas para os palcos de figuras vivas se para os pequenos estrados das marionetes. Há quem defenda a teoria de que as comédias do grande dramaturgo português do séc. XVIII, António José da Silva, «O Judeu», que acabaria queimado pela Inquisição, se destinavam às funções de fantoches.

poles. Em Lion nasceu «Guignol», cuja primeira aparição em público parece datar de Outubro de 1808, no teatro de Laurent Mourguet, seu presumível pai. Foi tão grande a expansão desta última personagem que alguns países se denominam actualmente o teatro de fantoches «Teatro de Guignol».

Já no nosso século, se subsistem certas formas muito primárias de representação de marionetes ou



fantoches (como as que se podem observar, frequentemente, no nosso país, em barracas ambulantes, propriedade de artistas populares ignorados e miseráveis), a verdade é que, sobretudo em países culturalmente evoluídos, este género de teatro foi recuperado. As suas possibilidades expressionistas têm sido notavelmente aproveitadas para a criação de uma espécie de espectáculo enriquecido pelas inumeráveis conquistas da técnica e

(Continua na 12.ª página)

OS FANTOCHES NA CHECOSLOVÁQUIA:

QUINZE TEATROS PROFISSIONAIS

Ultrapassaram já os dez anos de existência alguns dos quinze teatros profissionais de fantoches da Checoslováquia. Os problemas de organização e económicos dos primeiros anos foram substituídos pela busca artística, sublinhada bem pela vontade forte de se encontrar uma nova expressão de teatro não convencional. Esta tarefa é bastante difícil, porquanto todos os teatros, excepção feita ao Teatro Spejbl e Hurvinek, levam à cena peças destinadas a crianças e muitas vezes endereçadas nomeadamente àquelas que frequentam as escolas infantis. O que se torna necessário representar para que o teatro cumpra a sua

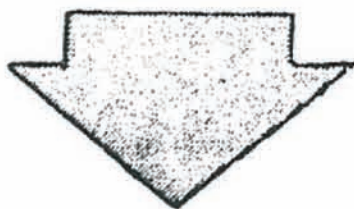
(Continua na página seguinte)



POR GEORGES L. GUY (Especial para «República Juvenil»)

EM PORTUGAL

Duas iniciativas do maior interesse



Ao elaborarmos o presente número de «República Juvenil» exclusivamente dedicado ao Teatro de Fantoches — iniciativa que julgamos inédita na Imprensa portuguesa — apaz-nos registar o louvável projecto do grupo «Branca Flor» de levar à cena, brevemente, sob a direcção da escritora Lilla da Fonseca, sessões de marionetes. Os espectáculos, a que faremos referência circunstanciada oportunamente, realizar-se-ão no Teatro Vasco Santana, aos sábados à tarde.

Igualmente desejamos aludir à obra admirável de um grupo de entusiastas do Teatro de Fantoches, que criou e tem vindo a apresentar, desde há alguns anos, o «Robertoscope», e em reencenação do maior interesse que tem proporcionado a muitas crianças momentos inolvidáveis de encanto e fantasia.



Fausto e Mefisto: as figuras imortais da obra «Fausto» de Goethe, têm sido apresentadas, numa magnífica criação de Herbert Fischel, ao jovem público do Teatro de Marionetes de Munique

OS FANTOCHES NA CHECOSLOVÁQUIA

(Continuado da página anterior)

missão educativa relacionada com a honestidade, a verdade, a sociabilidade e a sensibilidade artísticas? Como conciliar os princípios éticos e estéticos e apresentá-los de uma maneira interessante, eficaz e moderna, a fim de que o jovem espectador deles se aperceba?

A dramaturgia no teatro de «marionettes» é um problema perpétuo, uma vez que as peças de valor são sempre inferiores às necessidades do momento. Actualmente, os teatros buscam ajudar-se a si próprios — e, como solução, surgiu o autor de «marionettes». Os temas são respigados em contos populares, quer checos quer estrangeiros, e ainda na vida colectiva das crianças e na literatura mais popular, como os contos dos irmãos Copek e os livros de Andersen, Jules Verne e Saint-Exupéry. De quando em quando, poetas e escritores como J. Kainar, K. Bednar e L. Askenazy acedem em escrever peças para «marionettes».

Atente-se que a actual literatura científica, focando o sucesso dos actuais voos interplanetários, tem inspirado bastante os autores de «marionettes», dado que semelhante assunto permite livre curso à fantasia.

A realização dos textos através de novos meios de expressão — eis um outro problema que bastante preocupa os autores de «marionettes». O cenarista evita a descrição e procura, pelo contrário, uma simples e expressiva síntese da cena e dos fantoches. Abandona a tradicional cena em miniatura e transnuda a abertura cénica lançando mão a elementos decorativos. Os teatros de «marionettes» checoslovacos em «tournee» adoptam uma decoração que dá para todos os ambientes, não esquecendo o ar livre. São utilizadas matérias funcionais, como o vidro e o plástico. Não menosprezam os novos decoradores a projecção cine-

(Continua na 12.ª página)

CHEGARAM OS ROBERTOS!

(Continuado da pág. anterior)

berto tinha aparecido, no seu fato de trapos já sem cor, na sua face de pau inexpressiva, os seus braços gesticulantes:

— Olááááá! Olá, rapaziada! Depois, o costume. O outro fan-



toche. O grande pau. O touro. O diabo. As cenas de parricídio. A tourada.

— Tomaaaa! Toma lá mais estal. Eh, rapaz, eh, rapaziinhaooo! E agora, é agoraaaaa!

E o riso roufenho, a cabeça de

pau escondida entre as mãos — o boneco simulava contorcer-se em esgares diabólicos.

A miudagem também ria. As lutas dos homens, os enterros, as touradas, tinham o seu lado ridículo que aquelas figuras de pau aproveitavam. Levada pelo dinamismo da acção, a miudagem ria perdidamente. Dois ou três adultos olhavam, displicentes, talvez curiosos. Um deles, um pouco distante, sorria com um ar sonhador. Devia estar a pensar: «Quando era miúdo, lá em Alfama, quando os fantoches vinham e eu, com o dedo quase inteiro metido no nariz, os admirava, cheio de espanto...». Outro, mais honesto, ria-se por razão diversa, pela mesma razão dos meninos, porque achava graça e não lhe parecia mal achar graça. Que mal tinha? Ah, se todos os homens fossem um pouco infantis, um pouco despertos para o lado puro e feliz da vida...

Uma mãe levantava nos braços a sua menina, muito pequena ainda, para ela ver melhor. A pequerrucha olhava sem compreender, um pouco assustada. Mas os seus lábios desenharam um ligeiro sorriso, quando um dos fantoches deu uma cabeçada no touro.

— Oh, rapaaaz!... Oh, rapaziinhaoooo! E agora, é agora! Brrr... Brrr...

Novamente a gaita roufenha. Os eléctricos partilam. Os senhores llam o jornal, sentados nos seus

(Continua na 12.ª página)

NOS ESTADOS UNIDOS

O interesse revelado pelos fantoches, nos Estados Unidos, tem a sua explicação, pois gozaram já de grande popularidade durante o século XIX e, novamente, nos anos que se seguiram à Primeira Guerra Mundial. Durante o período colonial da História da América, as «marionettes» inglesas, ou bonecos articulados com fios, estiveram em voga em Nova Iorque, enquanto em Nova Orleás se apresentaram espectáculos de bonecos espanhóis articulados com as mãos. Os primitivos fantoches americanos, porém, foram os dos índios que viviam no Noroeste e no Sudoeste. Estas tribos usavam bonecos nas suas cerimónias religiosas, muito antes da chegada dos europeus.

No século XIX, os espectáculos de fantoches foram levados para os Estados Unidos por colonos oriundos de muitos países. Nas comunidades alemãs, pequenos grupos familiares ajudaram a manter viva a língua alemã por meio destes espectáculos de títeres. Em Nova Iorque e outras cidades o tradicional teatro de «marionettes» sul-italiano, que apresentava histórias de cavalaria com bonecos de articulação complexa, floresceu em salas improvisadas em palheiros e armazéns vazios. Mesmo os bonecos de sombras turcos, introduzidos na Grécia durante as guerras grego-turcas, foram levadas para os Estados Unidos por imigrantes gregos.

Além destas manifestações de arte popular, grandes companhias itinerantes apresentaram um vasto repertório de peças de fantoches. Entre elas contava-se a família Lano, uma dinastia de artistas da fronteira oriundos da Itália, a «Royal Marionettes», da Inglaterra, e Walter Deaves, um títereiro americano que se tornou famoso pelas suas digressões internacionais.

A arte dos títeres ressurgiu na época contemporânea, com uma renovação do interesse despertado após a Primeira Guerra Mundial.

Embora fossem mantidas muitas das formas tradicionais, como o espectáculo de variedades, esta arte começou a tomar novas formas. Por volta de 1920, tinha já sido reconhecida, como um veículo artístico e os títeres exploravam novas aplicações.

Um dos maiores estudos para o seu progresso, foi o aparecimento de Tony Sarg. Juntamente com Ellen Van Volkenburg, que pôs em cena no Chicago Little Theatre numerosas produções memoráveis, este artista inglês ajudou a estabelecer as fórmulas de uma peça com mérito literário apresentada por



bonecos articulados. Os seus dramas de títeres e os dos artistas que o imitaram fizeram o encanto de grandes audiências.

Escolas e clubes aderiram ao movimento, pondo em cena os seus próprios espectáculos de fantoches e as Faculdades realizaram cursos finados a elucidar como são resolvidos esta arte ao nível académico. A Universidade de Washington, em Seattle, que organizou, em 1934, uma secção de teatro de fantoches incluída na sua Escola de Drama, foi uma das principais. Seattle ain-

(Continua na 12.ª página)



Duas figuras de marionetes — o demónio e a princesa — desempenham os principais papéis da «História de Um Soldado», segundo Igor Strawinsky

ATENÇÃO CONTRIBUINTES

Recomenda-se a todos os contribuintes que, no seu próximo terreno, diligenciam no sentido de não reservarem para os últimos dias das prazos o cumprimento das obrigações a seguir indicadas a fim de evitar, na medida do possível, os inconvenientes derivados da excessiva aglomeração do público nas repartições.

Esclarecem-se por este meio os contribuintes de que os funcionários dos quadros da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos, aos quais está cometida a secção de prevenção e fiscalização, são obrigados a identificar-se, quando ao exercício das suas funções, quer por meio de bilhete de identidade, quer pelo cartão profissional, quer ainda, por credencial passada para o efeito.

Se, contrariamente ao que está recomendado, aqueles funcionários assim não procederem antes do início de qualquer acto que esteja nas suas atribuições, deverão os contribuintes convidá-los a identificar-se, recusando-se a prestar informações a quem pretenda se apresentar indevidamente, comunicando seguidamente o facto à Direcção-Geral das Contribuições e Impostos.

TAXA MILITAR

Termino este mês o prazo para o pagamento voluntário (taxa simples), que pode efectuar-se em qualquer tesouraria da Fazenda Pública, salvo quanto aos contribuintes reconhecidos pelos concelhos de Lisboa e Fátima que terão de o realizar no Balcão Fiscal correspondente à frequência do reconhecimento, desde que não pretendam satisfazê-lo em concelho diferente.

Esclarecem-se que o pagamento das contribuições e impostos poderá ser feito em moeda corrente, por vale do correio, por cheque do Banco de Portugal ou da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência ou por cheques emitidos ou visados por qualquer estabelecimento bancário.

Os vales do correio ou cheques deverão ser endossados a verbetes «Pagamento de dívidas ao Estado», devendo ser emitidos ou endossados à ordem da tesouraria da Fazenda Pública respectiva, a quem, tratando-se de cobrança virtual, serão enviados sob registo, acompanhados de um subscrito devidamente endossado, que não obre de frequência, para devolução imediata dos recibos correspondentes aos conhecimentos pagos.

DOCUMENTOS A APRESENTAR PARA EFEITOS DA TAXA MILITAR

Os indivíduos alistados na Cruz Vermelha Portuguesa que desejem beneficiar da isenção desta taxa, enquanto ali prestarem serviço, devem apresentar, durante este mês, ao chefe da repartição de finanças do concelho ou balcão da sua residência, documento passado por aquela instituição, autenticado com o selo branco, em que se declara que pertencem ao corpo activo e se indique a data do

alistamento e a natureza das funções desempenhadas.

Os contribuintes desta taxa que, por mobilização ou simples imposição de serviço, desempenham qualquer missão no Exército ou na Armada, mesmo que moderada, e desejem beneficiar da isenção, deverão, anualmente, durante o prazo da cobrança — Abril e Maio — provar, perante o chefe da repartição de finanças do concelho ou balcão da sua residência, o facto da sua convocação ou mobilização, por meio de documento passado pelo serviço a que se encontram afectos. Este documento é, porém, dispensável quando idêntica comunicação já tenha sido feita pelo distrito de recrutamento e mobilização reconhecido ou pelo Comando das Reservas da Marinha.

Ordem dos Engenheiros

O Conselho Cultural da Especialidade de Engenharia Agronómica da Secção Regional de Lisboa da Ordem dos Engenheiros, promove amanhã, pelas 18.30 horas, uma sessão cinematográfica consagrada ao tema Mecanização, com filmes gratuitamente cedidos pela Sociedade Industrial Agro-Reparadora, Limitada.

Serão projectadas os seguintes filmes: «The Smart Cuts», relativo às operações de colheita e moagem mecânica de farragem; «Il Riso Italiano», mostrando a cultura mecânica do arroz em Itália; e «Salas de Ordenha Mecânica», todos coloridos e falados ou explicados em português.

Este programa segue-se às actividades de um Simpósio sobre Mecanização Agrícola que decorreu não há muito tempo no mesmo Orden, e foi de iniciativa do mesmo Conselho Cultural.

JORNAL DE AMANHÃ

Com a presença do Chefe do Estado é inaugurado o conjunto turístico Estalagem-Reservatório-Placina-Aqueduto, da Praia Grande (Sintra), propriedade da Organização Alfredo Nomes Coelho.

É esperado no Tejo o novo paquete da Empresa Insular de Navegação «Angra do Heroísmo» adquirido à Zim Israel Navigation Company, Ltd.

Apresentam comunicações à Academia das Ciências de Lisboa os ars. profs. Sebastião e Silva e Fraga de Azevedo, respectivamente sobre a «Egipção da diáspora em fins modernos» e «A mesma tradição cultivada em Lisboa — Um acidente por insecticidas».

Por motivo de obras é vedado ao trânsito a Travessa da Taraja.

UM FESTIVAL EQUESTRE assinala hoje as comemorações do 55.º aniversário da G. N. R.

No prosseguimento das comemorações do 55.º aniversário da Guarda Nacional Republicana, realizou-se hoje, às 10 horas, no 4.º Esquadrão do Regimento de Cavalaria, na Ajuda, um Festival Equestre e Ponte Hípica para disputa da taça «General Duca de Martim».

Na sexta-feira, a G. N. R. promove, em colaboração com a E. N., no Colégio dos Recreios, um sarau de variedades dedicado aos elementos da corporação e famílias.

Em Coimbra

Decorreram com muito brilho as comemorações nesta cidade do 55.º aniversário da G. N. R., como sede que é do Batalhão n.º 5 desta corporação.

As principais cerimónias realizaram-se, a partir das 16.30 horas, na parada do quartel, à Comenda, e teve a presença das principais autoridades militares e civis de Coimbra.

O sr. governador civil entregou, perante formatura geral da 2ª Companhia, sob o comando do tenente sr. Faria Saraiva, o galão da cidade, após o que se realizou o desfile, dirigido pelo segundo comandante, major sr. Elmano Rocha.

Efectuaram-se depois provas hípicas, assistido a todas as actas o comandante da unidade, tenente-coronel sr. Sousa Teles.

Tanto de manhã, como à noite, foram previstas as devidas honras à bandeira nacional.

Realiza-se às 18.30, no Tivoli, sob a regência do maestro Fernando Cabral, o 5.º concerto comemorativo do 25.º aniversário da Orquestra Filarmónica de Lisboa.

O sr. arquitecto Antero Pereira fala às 19 horas, no Instituto Italiano de Cultura, acerca de «Mármore Italiano — Estas posturas».

ENTREGA DE «BREVETS»

aos aspirantes a oficial piloto-aviador na Base Aérea de Sintra

Realiza-se hoje, às 16.30, na Base Aérea n.º 1, de Sintra, a cerimónia de entrega de «brevets» aos aspirantes a oficial piloto-aviador que terminaram naquela unidade o respectivo tirocinio.

Do programa constam: Revista à guarda de honra pelo secretário de Estado da Aeronáutica; alusão do comandante da Base Aérea n.º 1 perante formatura da unidade, na placa de estacionamento dos aviões T-37C, seguida de entrega aos novos oficiais pilotos aviadores, pelo capitão piloto-aviador Filipeiro de Freitas; entrega dos emblemas aos novos pilotos aviadores; exibição de uma patrulha acrobática constituída por cinco aviões T-37C; exibição de um avião isolado T-37C em diversas figuras acrobáticas; moenda aos convidados.

As cerimónias assistiram, além

Sociedade Portuguesa de Ciências Veterinárias

Realiza-se hoje, pelas 21.30, um colóquio promovido pela Sociedade Portuguesa de Ciências Veterinárias e pela Sociedade das Ciências Agronómicas de Portugal, que será dirigido pelo engenheiro-agrônomo José Cardoso (Ph. D.), engenheiro-agrônomo Carlos Silva, médico veterinário dr. Apolinário Vas Portugal (Ph. D.) e médico veterinário dr. Américo Rodrigues do Couto.

Este colóquio é subordinado ao seguinte tema:

«O problema da sanagem apropriada à amostra representativa das explorações agropecuárias do país e da continuidade dos trabalhos iniciados com a conferência sobre a «Amostra representativa» realizada em Julho passado pelo eng. Augusto J. Oliveira na Sociedade Portuguesa de Ciências Veterinárias e integra-se na linha de trabalho do Grupo de Estudo da Amostra Representativa».

I CICLO DE TEATRO AMADOR NA EMPRESA «IRENE» PELO GRUPO CÉNICO DA SOCIEDADE CENTRAL DE CERVEJA (COIMBRA)

Com a apresentação do Grupo Cénico da Sociedade Central de Cervejas (Fábrica de Coimbra), prosseguiu ontem à tarde, no Tivoli, o I Ciclo de Teatro Amador na Empresa, que o Grupo Cultural e Desportivo da Companhia Nacional de Navegação está a organizar e cujas receitas revertem em benefício da Cruz Vermelha Portuguesa. A peça levada à cena ontem, «Irene», de Pedro Bloch, é, como todo o teatro deste dramaturgo brasileiro (muito popularizado no nosso País devido sobretudo à interpretação do saudoso João Villaret em «Esta Noite Choveu Prata») expoente de uma forma de sentir e de escrever radicada em concepções românticas irremediavelmente ultrapassadas. A aceitação que estas peças encontram ainda entre nós advem, exclusivamente, da falta de preparação estética e ideológica do nosso público. Em «Irene» tenta-se, por caminhos enfiados e num tom baixo de filosofia barata, analisar o conflito entre as novas e as velhas gerações, tema rico e complexo que não permite um estudo simplório e piegas como acontece na peça. Claro que esse estilo retórico, bem intencionado, ingénuo,

a apresentar certo tipo de pureza como possibilidade de superar as contradições do meio, teve, à sua época — e o seu papel. Mas a época mudou e o teatro transformou-se. O novo ritmo não se compadece com as lentidões e o esquematismo de um estilo que teve o seu apogeu no fim do século passado.

O Grupo Cénico da Fábrica de Coimbra da F. C. C. saiu-se conforme pôde das dificuldades desse estilo. Sem dúvida a principal figura do elenco é Sílvia Maria, que desempenha o seu papel com muita graça e muita inteligência, dando à personagem o sabor ingénuo, não isento de nuances espirituosas e brejeiras, que ela requereria. Estamos, de facto, perante uma autêntica vocação de actriz, que, apesar da natural inexperiência, revela já qualidades cénicas notáveis, sobretudo se tivermos em conta os obstáculos que se levantam aos grupos amadores. E é também feminina a outra aplicada figura do conjunto: Maria Lemos, que representou com autenticidade e sem a preocupação antiquada (notada noutros elementos) de exagerar a marcação das sílabas «is-tou» em vez de como «s'tou» tantas vezes se ouviu ao longo da representação). Armando Justo revela também boas qualidades, mas a sua interpretação esteve deslocada do clima da peça. O mesmo se pode dizer de Cândido Pereira que criou uma caricatura pouco integrável num teatro de tipo naturalista. Maria Alice e António Marques são os que representam de uma maneira mais convencional.

A direcção artística e encenação são da responsabilidade de Ruy Corrêa Leite e José de Almeida, que não conseguiram dar uniformidade à representação nem criar um clima determinado. A cena do pesadelo de Gentil é mesmo de um grande mau gosto. O cenário, resolvido através de um espaço fechado, é também convencional. — J. B.

do secretário de Estado da Aeronáutica, sr. general Francisco Chagas; o chefe do Estado-Maior da Força Aérea, general Costa Real; o vice-chefe, general Machado de Barros; o subchefe, brigadeiro Armando Mira; o director do Serviço de Instrução, brigadeiro Norton Brandão e outros oficiais.

Eclipse da Lua pouco depois das 19 horas de hoje

Registar-se-lo durante o ano corrente quatro eclipses — dois do Sol e dois da Lua — conforme já noticiámos. O primeiro, da Lua, será visível, hoje, em Portugal continental, assinalando-se o início do contacto com a penumbra às 19 e 7, o meio do eclipse às 21 e 22, e o último contacto com a penumbra às 23 e 17. A grandeza penumbral do eclipse será de 0,94, tomando como unidade o diâmetro da Lua. O começo será visível na África Central, na Europa Ocidental, na Ásia (com excepção da parte nordeste) no Oceano Índico, na Austrália, na Indonésia, Oceano Pacífico Ocidental e na Antártida; e o final na América do Sul, no Oceano Atlântico, na África, na Europa, na metade ocidental da Ásia, no Oceano Índico e na Antártida.

O segundo eclipse do ano (do Sol) em 20 de Maio, será também visível em Portugal Continental.

MORREU NO HOSPITAL

Morreu no Hospital de S. José, para onde entrara há dias, Francisco Esteves, de 48 anos, residente na Malveira, que ali caiu de um pinheiro, quando trabalhava.

DUAS LETRAS, DOIS CAROS AO SERVIÇO DO PAÍS

Uma lamentável gripe fez com que, na nota crítica à exibição do Grupo Cénico da C. U. F., onde escrevemos «um apontamento frívolo» tivesse sido um apontamento frívolo, termo que, de maneira nenhuma estava na nossa intenção. De facto pedimos desculpa aos nossos leitores e a todo o grupo cénico.

TOTOBOLA VATICÍNIOS DE «REPÚBLICA»

MORADA: Rua da Misericórdia, 118-1.º — LISBOA

Votado-vencido	1	2	3
Braga-Sporting	1	1	2
Leix. ou B. Mar-Gel	1	1	2
Rio Ave-Troense	1	1	2
Ferrense Acad. Viseu	1	1	X
Nazarenos-Mirand. —	1	1	X
Marialvas-Agueda	1	1	X
Bacellos-T. Neves	1	1	2
Matosinhos-Tramagal	1	1	2
Aloverca-Bonavente	1	1	2
Sarilhense-Sarilh.	1	1	2
M. Caparica-Sacaven.	1	1	2
Ferrense-Jornadeiro	1	1	2
Serra-Moura	1	1	2

MORRERAM 80 PESSOAS NA ERUPÇÃO DO VULCÃO DO KELUDE EM JAVA

DIACARTA, 4 — Segundo a agência Antara, 90 pessoas morreram na erupção do Kelude, no leste de Java, em 19 de Abril, e contam-se 80 desaparecidos. Uns cinquenta aldeões que viviam nas imediações do vulcão foram mais ou menos feridos pelas torrentes de lava e 42 pontes ficaram destruídas. — F. P.

TEATRO PORTUGUÊS

«JANGADA»

PEÇA EM 2 ACTOS DE ROMEU CARREIA
NO TEATRO VILLARET

A Companhia Portuguesa de Comediantes que se encontra no Teatro Villaret, apresentou ontem, à noite, em estreia, uma nova peça de Romeu Carreira, autor da vanguarda, mas dos que se não encontram a bizarras originalidades que quando mal conduzidas prejudicam, chegando, por vezes, a desorientarem a audiência.

É uma figura que, nas nossas letras, ocupa privilegiado lugar pois se apoderou com segurança de um posto especial na literatura dramática portuguesa, surgindo, de quando em quando, a vincar a sua personalidade. Desenha figuras que falam, andam, sentem, sofrem, como se, efectivamente, os personagens que a sua inventiva vai criando não fossem eles mas aqueles que supõem ser quando encarnam os papéis que lhes distribuem. Antigamente, na segunda metade do século passado e na primeira do actual, os dramaturgos, trabalhando com os corpos das figuras que apresentavam, colocados no palco. No momento presente não. Comediógrafos, dramaturgos, trabalham com as almas sem se preocuparem com os corpos. Os corpos nos protagonistas ou mesmo simples comparas no teatro moderno, não são mais do que os portadores do mundo íntimo daqueles a que fazem referências. Nesta peça de Romeu Carreira, peça que se intitula «Jangada», há um singular encontro, nos seus personagens, entre o que na vida foram e o que passaram a ser, encontro em que por vezes se chocam, se acotovelam, chegando, de quando em quando, a confundirem-se em momentos mais ou menos longos da caminhada da vida. A «Jangada» é um tabuleiro no qual o autor, durante os dois actos, joga um especial xadrez, servindo-se dos personagens que criou como se fossem marças desse jogo que vai conduzindo. O assunto é simples. Mais de admirar, portanto, que dentro dessa simplicidade se consiga construir uma peça em que os espectadores não sentem a simplicidade porque o autor os consegue interessar, constantemente, confirmando assim as suas excelentes possibilidades como homem que conhece o teatro. A peça vive não só da originalidade, como também da encenação e da interpretação que têm nela extraordinária importância, motivo porque convém colocar ao lado do dramaturgo, o nome de Artur Ramos, continuando aquele no lugar cénico. Quanto à interpretação diremos que, cuidadosamente, se tratam os personagens, dando-lhe um aspecto de verdade que muito convém àquela gente que mora nas camadas populares onde Romeu Carreira, com a sua admirável inventiva, vai sempre buscar as figuras que movimentam nos seus livros ou no palco. Merecem ser citadas, em primeiro lugar, as duas grandes actrizes Eunice Milet e Maria Lalande que fazem os papéis de Irada. Nesta peça, são Irada também na maneira apreciável como interpretam os papéis que lhes distribuíram. Espontâneas de naturalidade em todas as cenas, mudando, constantemente, de aspecto íntimo sempre que o tempo — um personagem muito mais que com a sua presença muito fala e muito domina — se encontra junto delas. Uma perfeita interpretação. Citamos assim, as duas actrizes justas, porque justas sempre examinam no palco, justas trocam impressões, recordam o passado, levantam espedidos pormenores que se prendem com a vida interior daquela família pequeno-burguesa. Ambas representam de notável maneira e dão às figuras que encarnam uma tal verdade, que o auditório fica convencido de que elas fazem parte, elas próprias, daquela família, de por vezes, simplificada maneira de ser. Madalena Braga e Henriqueta Maya — o passado e o presente — marcam as respectivas posições de modo a colocarem-se, como intérpretes, de bem estudada forma, nos lugares que lhes foram indicados. Quanto à parte masculina — Costa Ferreira, José de Castro e João Perry — com grandes responsabilidades do que a parte feminina, goza conduzir-se com agrado e com acerto. Um cenário único, desenhando um aspecto de beira-mar, onde a fala dos heróis, de longe em longe, o confirma, dando à peça a maior realidade mesmo quando a ousadia aparece.

Romeu Carreira, como dramaturgo, venceu e convenceu mais uma vez, assim o demonstrando os demorados aplausos que lhe foram dirigidos.

P. de M.

TRÊS PEÇAS

EM 1 ACTO DE PRISTA MONTEIRO
NO TEATRO VASCO SANTANA

Um dos exemplos mais apreciáveis que entre nós se registam de perseverança e amor ao teatro é, sem dúvida, o da Companhia Teatro-Estúdio de Lisboa, cujo trabalho tem revestido, ao longo de uma carreira ainda curta, aspectos da maior dignidade que completamente a recomendam à admiração de todos. A partir de ontem a companhia concretiza um projecto existente desde a sua fundação: o da apresentação em semanas alternadas, de dois espectáculos diferentes. Para a realização deste projecto o grupo de actores do Vasco Santana apresentou ontem, ao público de Lisboa, poucos dias após a estreia de «Pobre Bitô», um novo espectáculo constituído por três curtas peças originais de um autor português: Prista Monteiro.

Dramaturgo pouco conhecido no nosso País até agora (apenas uma das suas peças fora montada, no CITAC de Coimbra) Prista Monteiro possui, no entanto qualidades que o elevam ao primeiro plano do teatro moderno português. E se este adjectivo «moderno» quer, muitas vezes, exprimir somente uma fortuita contemporaneidade, no caso deste autor não é assim. Ele significa, de facto, novidade, renovação. As curtas peças de Prista Monteiro inscrevem-se no movimento amplo e ascensional do teatro no seu esforço de se libertar das formas e estruturas que o têm definido. Localizado num ponto da linha que, partindo de Tchekov conduziu ao teatro de vanguarda, representado por homens como Ionesco, Becket, Arrabal, Pinter, o teatro deste autor português busca, a partir de uma linguagem do quotidiano (que, entretanto, se mantém significativa e representativa, em vez de se desagregar, como sucede, por exemplo, em Ionesco) a captação do sentido profundo da realidade escondido por detrás de uma aparência feita de situações e palavras falsas. Neste sentido, a investigação elaborada por Prista Monteiro vai até às relações do indivíduo com a sociedade ou da formação do indivíduo a partir do social (em «O Anfiteatro») e da deterioração das ligações humanas, nomeadamente familiares, em função de uma rotina formada de situações, gestos, palavras, do esmagamento imposto por um quotidiano mediocre e apodrecente (caso de «O Meio da Ponte»).

O teatro de Prista Monteiro só tem semelhanças, e mesmo assim não muitas, com autores portugueses apenas nalguns casos como Augusto Sobral ou Jaime Salazar Sampaio.

As encenações de Luísa Maria podem considerar-se perfeitas, tanto na construção cénica como na elaboração das figuras, que nos pareceram acertadas dentro das necessidades de um diálogo subtil, carregado de ironia e cheio de indicações psicológicas.

Quanto aos intérpretes, cumpre-nos salientar a actuação de Baptista Fernandes em «O Anfiteatro», cerebral e muito equilibrada, e a de Mário Jacques em «O Meio da Ponte», embora nos parecesse falhar nalguns momentos, sobretudo nas transições de atitude e de voz. Joaquim Rosa continua a progredir, «policiando» cada vez mais o seu temperamento fogoso. Os restantes intérpretes cumprem, de um modo geral, em função, evidentemente, das responsabilidades que a cada um cabem. — J. B.

RICARDO COVÕES

Decorrendo amanhã o 15.º aniversário da morte do nosso saudoso amigo Ricardo Covões, promotor Inválidos do Comércio, instituição de que o extinto empresário foi grande amigo, uma romagem de saudade à sua campa, no cemitério do Lumiar.

No acto, que se effectua às 12 horas, tomam parte dirigentes e Internados do Inválidos do Comércio e o sr. dr. Azevedo Pereira, em representação da família de Ricardo Covões.

Faleceu o inventor de um pulmão de ferro

NEWCASTLE (Inglaterra), 1. — O professor Edgar Alexander Park, famoso anatomista britânico, que inventou em tempos um pulmão de ferro accionado por um aspirador de pó vulgar, faleceu nesta cidade, com 53 anos.

O dr. Park descreveu o seu pulmão de ferro em 1897, afirmando que seria posto rapidamente a funcionar, no caso de uma epidemia de paralisia infantil. — R.

Encerramento semanal de estabelecimentos em Almada de várias especialidades

A partir de hoje entra em execução a obrigatoriedade do encerramento semanal dos estabelecimentos da indústria hoteleira do concelho de Almada, cafés, pastelarias, leitarias, cervejarias e similares.

O PRESIDENTE DE S. DOMINGO PEDIU A EVACUAÇÃO DA FORÇA INTER-AMERICANA ANTES DO NOVO GOVERNO TOMAR POSSO

S. DOMINGOS, 1. — O presidente provisório Hector Garcia-Godoy pediu a evacuação da força de paz interamericana deste país, antes do governo tomar posse em 1 de Julho.

Discursando na véspera das eleições nacionais dominicanas, Garcia-Godoy afirmou a noite passada que o seu governo provisório pedira a funcionários estrangeiros que assistem à sessão da organização de Estados Americanos em Washington que se afastassem imediatamente, após as eleições, para discutirem o assunto.

A força, formada por unidades norte-americanas e cinco latino-americanas, foi criada no ano pas-

sado, após intervenção militar americana na guerra civil.

O presidente continuou: «O pe dominicano está pronto a por ao mundo que pode tratar é seus assuntos, esperamos que problema da F. P. I. A. possa ser resolvido em pouco tempo».

As eleições de hoje são consideradas as segundas que se realizam no momento neste país nos últimos anos.

Há calma no país

Garcia-Godoy disse ainda e consultaria imediatamente o presidente eleito após as eleições, e rava que uma sessão em Wash ton se seguiria pouco depois.

Anunciou-se que o país está em ordem sossegada. Foi proibida actividade política e os pontos rádio transmitiram unicamente música.

Observadores políticos da O. A. e não oficiais de grupos de herdades e direitos civis dos E. dos Unidos têm percorrido todo o país observando a campanha eleitoral, e devem assistir também processo de votação.

A eleição para a presidência será realizada, segundo se espera, entre o antigo presidente Bosch, chefe do Partido Revolucionário Dominicano, da esquerda centro, e o professor Joaquín Boger, candidato do Partido formista, da direita do centro.

Bosch, eleito presidente em 1960, foi deposto sete meses mais tarde por uma junta militar. — R.

Conferências

Na Ordem dos Engenheiros

O Conselho Cultural da Especialidade de Engenharia Civil, da Secção Regional de Lisboa, da Ordem dos Engenheiros, com a colaboração do Instituto Nacional de Investigação Industrial e a Sociedade Portuguesa de Máquinas Bull, Lda., leva hoje a efeito pelas 18.30, na sede da Ordem, uma conferência subordinada ao tema: «Tratamento da Informação em Tempo Real», a qual será proferida, em língua francesa, pelo sr. René Denezoué, director-geral da filial portuguesa da Compagnie Bull-general Electric, de Paris.

FEIRA POPULAR de LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»

ABRE HOJE ÀS 19 HORAS

O ESPECTÁCULO DAS MARAVILHAS VOLTA AO CORAÇÃO DA GENTE PORTUGUESA EM ENTRECAMPOS

A CAPITAL VAI TER DE NOVO O SEU GRANDE PAI QUE DE DIVERTIMENTOS PARA PASSAR O VERÃO

CARROCEIS — PISTAS DE AUTOMÓVEIS — BARCOS — TI E MUITAS OUTRAS DIVERSÕES

STANDS E PAVILHÕES DAS MAIS CONCEITUADAS FIRES

Restaurantes — Bares — Cervejarias — Cafés e Adões Comidas e bebidas para todos os paladares, exóticas e pro

FEIRA POPULAR DE LISBOA

GRANDE CONJUNTO DE ATRACÇÕES NUM AMBIENTE DE ALEGRIA



Transportes fáceis e directos: AUTOCARROS, METROPOLITANO e COMBOIOS



I CICLO DE TEATRO AMADOR NA EMPRESA «POR UM FIO» DE COSTA FERREIRA

Pelo Teatro de Ensaio da FIMA-LEVER

O Grupo de Teatro de Ensaio da Fima-Lever levou à cena ontem, no palco do Tivoli, a farsa de Costa Ferreira «Por um fio», espectáculo integrado no I Ciclo de Teatro Amador na Empresa, que o grupo cénico da Companhia Nacional de Navegação organizou e tem decorrido normalmente naquele teatro.

Ainda recentemente, a propósito da representação da peça «Todos eram meus filhos», pelo grupo do Banco de Angola, nos referimos às dificuldades que ensonbram a acção dos conjuntos amadores de teatro. Nem sempre nos conjuntos logram transcendê-las e, por essa razão, acontece por vezes termos de assistir a uma dolorosa caminhada de vários actos como a que ontem presenciámos.

Se a primeira missão do teatro amador é, sem dúvida, o empenho que a deverá caracterizar em incluir-se um movimento de elevação (e divulgação) cultural nem sempre acessível ao teatro profissional (dados os compromissos e o circunstancialismo que manietam e envolvem este último), não se compreende muito bem, à luz deste critério, que uma peça como «Por um fio» possa catalizar as atenções de um grupo de amadores conscientes da importância do seu labor. Não que a peça seja melhor ou pior que muitas outras encenadas por muitos outros conjuntos (mesmo dentro deste ciclo há alguns exemplos de escolhas um pouco «gratuitas»), mas, francamente, não nos parece que esta farsa do autor de «Os desesperados» possa dizer grande coisa: e o pouco que diz, diz de uma forma tão titubeante, tão esquemática, tão rígida na sua estruturação, que não o consegue impor num plano verdadeiramente teatral.

Se em relação à peça de Costa Ferreira (e à sua escolha) estes «senões» temos de pôr, relativamente ao grupo da Fima-Lever, devemos dizer que a sua actuação tornou um texto sem grandes qualidades numa insupportável jornada que pouco teve que ver com o teatro.

Todos os actores, sem excepção, desconheciam o seu papel (no sentido não só de não o terem compreendido mas até de não haverem decorado...), a falta de um ensaiador era notória, a necessidade de um período muito maior de preparação saltava à vista, num espectáculo em que a única nota

positiva correspondeu ao cenário de Mário Alberto.

Esperemos que o grupo da Fima-Lever, que aliás demonstrou grande dignidade, nunca se deixando subjugar pela visível fraqueza própria, medite a sério nas suas responsabilidades e não torne a apresentar-se em público sem estar devidamente preparado para exhibir aquele mínimo de qualidade justamente exigível. Estamos certos que, com trabalho, todos os elementos do grupo, que demonstram muitas qualidades teatrais, poderão vir a encontrar o plano positivo que certamente ambicionam. — J. B.

12 GARRAFAS DE «BRANDY» KOPKE para serem vendidas a favor da campanha da Rotativa

O nosso querido e dedicado amigo sr. Carlos Galvão Dias, que tantas vezes tem patrocinado a sua devoção a «República», enviou-nos duas belas-casas de excelente e acreditado «Brandy Kopke», cada uma com seis garrafas, para serem vendidas a favor da nossa campanha Pro-Rotativa.

Trata-se de uma oferta de valor, dada a categoria do «Brandy Kopke» e aqui registamos os nossos agradecimentos a Carlos Galvão Dias.

As duas embalagens da apreciada bebida encontram-se na nossa Redacção e serão vendidas pela maior oferta.

CERCA DE 1200 PESSOAS TOMARÃO PARTE NO DESFILE DA FESTA DOS TABULEIROS QUE SE REALIZA EM TOMAR NO MÊS DE JULHO



A fim de tornar público o programa da Festa dos Tabuleiros, que se realizará nos dias 15, 16, 17 e 18 do próximo mês de Julho em Tomar, a Comissão de Turismo desta cidade, em íntima colaboração com o Comissariado de Turismo, promoveu esta manhã um encontro com os representantes da Imprensa e outros órgãos de informação.

A festa dos tabuleiros, que tantas tradições tem na região de Tomar, terá o seu início no dia 15 de Julho com uma alvarada em que colaboram os pitorescos galeiros e tamborileiros. No mesmo dia haverá uma prova internacional de pesca desportiva e a reconstrução da tradicional chegada à cidade do Marquês da Festa, representada pelos membros da Comissão, incluindo os bois que desfilam na Procissão dos Tabuleiros e cuja carne, juntamente com o pão dos típicos «Tabuleiros» e o vinho, constituirá a deliciosa conchada por «Peza». Esta será distribuída pela população da cidade e povoações das freguesias que participem na Festa.

No dia 16 verificar-se-á o desfile dos «tabuleiros», representando as diversas freguesias e à tarde, da Mata Nacional parte a grandiosa Procissão dos Tabuleiros, na qual participam todas as freguesias, num total de cerca de 500 tabuleiros, curvas e penhas, conduzidas pelas autoridades locais. Integram a procissão os carros do Bodo e os bois que simbolizam a carne que será distribuída, bandas de música, galeiros, fogueiros, tamborileiros, num total de cerca de 1200 pessoas. Entre outras festividades no mesmo dia, realizar-se-á, à noite, uma corrida de touros e

exibições de ranchos folclóricos nos arraiais populares dos antigos bairros da cidade.

As festas compreendem ainda uma prova de pesca desportiva interclubes europeus, o II Festival dos Jogos Populares das Freguesias, uma outra corrida de touros, arraiais populares, fogo de artifício, espectáculos de variedades, bailes e um festival de natação, saltos artísticos e humorísticos na Piscina Municipal.

O Bodo, com a referida distribuição da «Peza» verificar-se-á no dia 17.

O QUE O LISBOETA COME

- PEIXE E MARISCOS: 4.693.555 QUILOS
- CARNE E OUTROS PRODUTOS: 915.279

Os produtos verificados pelos médicos veterinários municipais, durante o mês de Abril, nos pontos de concentração, mercados e outros estabelecimentos da cidade foram os seguintes:

Aprovados carnes e produtos derivados, 915.297 quilos; peixe e mariscos, 4.693.555; ovos, 291.896; lacteícos, 330.667, e criação e caça, 151.244 peças.

Foram rejeitados e inutilizados, como impróprios para consumo: carnes e produtos derivados, 225 quilos; peixe e marisco, 360.525; ovos, 2.175; lacteícos, 7; diversos, 19; criação, 288 peças.

Fizeram-se 64 visitas a estabelecimentos e outros locais de venda, preparação, fabrico e depósito de produtos alimentares, para efeito de abertura, licenciamento e execução de obras, 2.204 a mercados e outros estabelecimentos para fiscalização e inspecção sanitária de produtos alimentares.

O número total de rejeição de ovos, desde que começou a funcionar o Centro de Inspeção (Abril de 1963), foi de 807.681 unidades, sendo 462.570 por putrefacção e 345.111 por contaminação.

No Matadouro Frigorífico registou-se o seguinte movimento: reses abatidas das espécies bovina adulta e adolescente, suínos, ovinos, caprinos e equinos, 34.799 cabeças, com 1.699.505 quilos. Foram apro-

UM CONCURSO HÍPICO REALIZOU-SE ESTA TARDE NA FEIRA NACIONAL DE AGRICULTURA

SANTAREM, 15 — Decorreu em ambiente de grande entusiasmo o concurso hípico que se efectuou hoje, ao princípio da tarde, na Feira Nacional de Agricultura, tendo muitas centenas de pessoas deslocado-se ao campo de obstáculos da Escola Prática de Cavalaria para assistir às provas.

Esta noite, com início às 21 horas, realizar-se-ão corridas pedestres, disputando-se o Grande Prémio da Feira do Ribatejo. Meia hora depois haverá um serão para trabalhadores, no pavilhão da F. N. A. T., com distribuição de prémios aos vencedores dos Campeonatos Corporativos.

O dia termina com um festival taurinómico, às 22.30 horas. — C.

• A representação italiana

No ano findo o intercâmbio entre a Itália e Portugal manteve o ritmo de aumento já verificado nos anos anteriores. Em 1965 foi, com efeito, de 1.084 milhões de contos, contra 1.426 milhões de contos em 1964.

As exportações portuguesas totalizaram, no ano de 1965, 743 milhões de contos, o que representa cerca de quatro por cento das exportações globais para os países estrangeiros, ao passo que o valor das mercadorias importadas da Itália passaram de 990 milhões de contos em 1964, para 1.331 milhões de contos em 1965, o que representa seis por cento da importação geral. Dos variados produtos fornecidos pela Itália a Portugal no campo da agricultura destacam-se, pelo seu maior volume, os seguintes: tractores, motocultivadores, colheitas-atareladas, debulhadoras, prensas-recolhedoras, aparelhos para rega, sãos, filtros, produtos anti-cryptogâmicos.

A produção italiana teve larga participação no plano do desenvolvimento económico de Portugal, cujos principais fins visam a expansão do processo de industrial-

zação do País, a mecanização da agricultura, o incremento dos transportes e das comunicações.

Assim se explica o interesse que os industriais italianos vão progressivamente manifestando pela Feira Nacional de Agricultura e se justifica o sempre crescente número dos seus participantes ao mais importante certame agrícola português.

O «Istituto Nazionale per il Commercio Estero — I. C. E.», de Roma, instalou um serviço de informações onde os interessados poderão obter os esclarecimentos de que possam necessitar sobre a produção italiana e sobre as formas expositivas, que este, no âmbito do sector.

O mesmo I. C. E. organiza uma exposição colectiva de construtores italianos e na qual são apresentadas as últimas novidades da indústria italiana neste sector.

Foi assaltado esta madrugada um «café» no Porto

PORTO, 15 (Pelo telefone) — Andarilhos gitanos assaltaram, por acanhamento, esta madrugada, as instalações do «Café Guanabara», situado na Rua Oliveira Monteiro, n.º 33.

Até à hora de fecharmos esta edição desconhecia-se ainda o montante do furto praticado, estando as investigações a cargo da Polícia Judiciária desta cidade. — (C.)

Conferências

Instituto Português de Reumatologia

Na sala de aulas do Instituto Português de Reumatologia, o sr. dr. Rivella, de Argentina, pronuncia esta noite, às 21.30, uma lição sobre colágenos.

E a segunda vez que o sr. dr. Rivella visita e profere conferências no Instituto Português de Reumatologia. Ainda estão na memória daqueles que tiveram o privilégio de o ouvir em 1958 as suas lições sobre «Lupus eritematoso sistémico», «Echovirusdermia generalizada», «Dermatomiosite» e «Peri-artrite nodosa», todas elas enriquecidas com uma documentação e experiência excepcionais neste campo da reumatologia.

SISMO no Pacífico

PASADENA (Califórnia), 15 — Um «grande» sismo, provavelmente alguns no Pacífico, foi registado a noite passada 1.12 horas (GMT) no Instituto de Tecnologia da Califórnia.

O dr. Charles Richter afirmou que o abalo telúrico tivera uma magnitude de, pelo menos, sete na escala Richter e se situara a cerca de 1100 quilómetros desta cidade. Acrescentou que sismos, talvez numa área diferente, ocorreram meia hora depois. — (R.)

Colhido por um automóvel

PORTO, 15 — Por ter sido colhido por um automóvel na localidade de onde reside, deu entrada hoje, ao princípio da tarde, no Hospital de Santo António, ficando ali internado em estado considerado grave, com traumatismos cranianos e outros ferimentos, o sr. Alexandre Ferreira Carneiro, de 58 anos, viúvo, trabalhador e morador em Pedrouços, Gaia. — C.

BARBOSA, ESTEVES & C.ª, LDA.
OURIVES-JOALHEIROS
293, Rua de Prata, 295
JOIAS, ORO, PRATAS E RELÓGIOS O QUE HA DE MELHOR NO GÊNERO
Dão-se todas as garantias
TELEPHONE 321722

PEÇAS Auto Monumental do Areeiro, Lda.
AGENCIA OFICIAL
VOLKSWAGEN
Carros novos e usados provenientes de trocas com garantia e facilidades de pagamento
PEÇAS — ASSISTENCIA — OFICINAS
— CARRO PRONTO - SOCORRO —
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
AVENIDA PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8
8C, 8D e 8B (Ao Areeiro) — Telef. 727654-727765

TOTOBOLA 1.856 CONTOS PARA CADA PRÉMIO

Para o totobola desta semana foram apurados 3.712.000\$00 para prémios, 1.856 contos para cada, o que significa um crescente interesse dos apostadores.

Com o próprio interesse que os competidores tomam semana a semana — dizem mesmo dia a dia — é de prever que o entusiasmo pelo concurso do Totobola aumenta também, tanto mais que



Uma notícia reveladora!

Princípios, no passado dia 20 do corrente, os exames de admissão ao Instituto Comercial do Porto.

A este respeito, lemos uma notícia, na imprensa da capital do Norte.

Com efeito, a notícia em referência revela, que, dos 850 candidatos admitidos a prestar provas de ingresso naquele Instituto, apenas pouco mais de 100 (!) terão possibilidades de admissão, dado o pequeno limite de vagas existentes!

Lembremo-nos de que, por exemplo, aqui há anos, se dava precisamente o mesmo caso na Escola do Magistério Primário de Évora e que este ano as coisas estão invertidas, pois apenas concorreram aos exames de admissão um ridículo número de candidatos, insuficiente para satisfazer o preenchimento das novas vagas no movimento do quadro geral do Ensino Primário Oficial, e também do Particular!

E lembremo-nos, igualmente, de que a Lei n.º 2128, de 15 de Dezembro do ano passado, resultando, nomeadamente, os art.ºs 15.º e 17.º, da mesma Lei, autoriza pelo art.º 15.º o Governo a inscrever no orçamento para 1966 dotações correspondentes a investimentos previstos na parte não prioritária do Plano Intersectorial, especialmente destinados ao respectivo das Universidades e escolas e ao acesso à cultura das classes menos favorecidas, através do reforço de verbas destinadas a bolsas de estudo, à função e redacção de propostas, etc. (alínea c e e do art.º 15.º)

Fim da rebelião no Katanga

(Continuação da 1.ª pág.)

piras na sua maioria portuguesas, gregas e sérvias, bem como alguns belgas, encontravam-se em Khasangui onde permaneceram, quando as tropas catanguesas se amotinaram e tomaram conta da cidade no dia 29 de Julho.

As tropas catanguesas em número 1000 tinham sido convidadas para Khasangui (antigo Stanleyville) no seu passado para ajudarem a combater um movimento rebelde chefiado por oficiais das esquadras que se encontram actualmente no exílio.

Finalmente, após uma série de aproximações com os seus próprios oficiais, os catanguesas conferiram-se de cidade deitando no entanto favorável a Administração (1-1) — R.

os programas semanais têm cada vez mais «atractivos».

Se não, reparar-se já no próximo concurso, em que os cinco jogos escolhidos na I Divisão são todos de «fazer dar de cabeça» em mais experimentados apostadores.

Mas, o programa escolhido «é» o melhor que quaisquer comentários...

3.º Concurso

- Atlético-Porto
- Vários-Benfica
- Leixões-Futebol
- Colmar-Belenenses
- Col-Beira-Mar
- Terras Novas-Leça
- Oliveirense-Espinho
- Famalicão-U. Tomar
- Ovarense-Feriz
- Leões-Sintrense
- Lous-Montijo
- Almada-Barcelos
- Almada-Torres

NOTÍCIAS DE BARCELOS

Um espectáculo pouco dignificante numa terra de turismo!

BARCELOS — Não compreendemos a razão por que ainda não se terminou de uma vez para sempre com o triste espectáculo dado por grande número de pessoas que à hora do almoço se vêm sentadas nos passeios e no alfo do templo do Senhor da Cruz, em pleno centro da cidade, a comerem.

Além do mau aspecto que apresentam ao local, estas pessoas não têm pejo algum em lançarem os restos da comida na via pública e nos canteiros dos jardins, o que torna por vezes esses locais bastante sujos.

Ora tal situação não se compreende tanto mais que no parque da cidade existem mesas e bancas onde podem servir-se, sem oferecerem a Barcelos esse quadro pouco condizente com zona de turismo que é e que os turistas aproveitam para fotografarem.

Esperamos que se tomem medidas no sentido de se acabar com tal espectáculo.

NOVO MERCADO — Devam-se iniciar as obras com vista à construção do novo mercado estando-se neste momento a proceder às necessárias escavações para as alceras.

Esta obra representa uma das velhas aspirações dos barcelenses, visto o actual não oferecer já o mínimo de condições e comodidades. A obra agora iniciada é, de certo modo grandiosa e quando ficar enquadrada na futura urbanização do local, muito concorrerá para o embelezamento da zona da cidade onde se situa.

LARGO DA PORTA NOVA — Continuam as obras que há perto de um ano se começaram e que, cremos, estão agora a chegar ao fim o que já não é sem tempo.

«CADERNOS DE ETNOGRAFIA» — Foi dado a lume o n.º 5 dos «CADERNOS DE ETNOGRAFIA», editados pelo Museu de Barcelos e que incluem Curtinas Informações Sobre Deus e Costumes nas Margens do Cávado em 1890, comitida com manuscrito inédito de Gaspar de

O Dr. Nuno Simões

«Cidadão Carioca»

Por proposta do deputado Gonçalo da Gama, a Assembleia Legislativa de Guanabara reconheceu, como «cidadão carioca», o nosso prezado amigo sr. dr. Nuno Simões, antigo Ministro do Conselho da República.

Acrescenta a informação em nosso poder que a razão deste reconhecimento foi baseada nos «relevantes serviços» que o ilustre jornalista, escritor e economista português vem prestando na divulgação do Rio de Janeiro, em Portugal e nas Províncias Ultramarinas.

O diário brasileiro «O Jornal», ao referir o acontecimento, chama ao sr. dr. Nuno Simões «homem de espírito», que, há quarenta anos figura entre os opoitores respeitáveis da sua terra.

Ainda que digno de nota, não é esta a primeira vez que ao antigo ministro da República se presta homenagem no Brasil. Entre muitas outras demonstrações de facto, está ainda na memória de todos a sua última visita aqui pelo amigo, onde, embora em missão particular, foi acolhido de forma verdadeiramente apoteósica, havendo até alguns que, então, o indicou como «primeiro cidadão do Comunidade Luso-Brasileira».

TEATRO

«ESTA LISBOA QUE EU AMO» NO MONUMENTAL

«Esta Lisboa que eu amo», o novo espectáculo de Vasco Morgado, que o público aguardava com certa expectativa, como o revela a lotação esgotada que se registou, subiu ontem à cena pela primeira vez, no Monumental. Socorrendo-se embora de alguns velhos temas e resvalando, por vezes, em planos de um mau gosto tradicional nas nossas revistas, a verdade é que não se lhe pode negar uma certa frescura, uma vontade de inovar e um nível de conjunto bastante superior ao que é normal verificar-se nos palcos nacionais. Combinando de uma forma doseada — que também não é vulgar — o estilo revestido tradicional, assente no diálogo e na rábula, e a concepção da revista como «féerie», em que predomina a parte coreográfica e a «parada de estrelas», «Esta Lisboa que eu amo» constitui, sem dúvida, um e espectáculo alegre, equilibrado, agradável, tentando agarrar o público da melhor maneira que o gosto deste permite.

O poema de Aníbal Nazaré, António Cruz e Fernando Avila não traz grandes novidades. Parceria experiente no género, limitou-se a reescrever aquilo que tantas vezes tem produzido, mais palavra, menos palavra. O mesmo pode dizer-se da música de Frederico Valério, que o público conhece bem e de que gosta e dos cenários e figurinos de Pinto de Campos, concebidos para uma exibição luxuosa, vistosa, mas sem transcender a vulgaridade e, por vezes mesmo, quedando-se num plano de gosto inferior.

Deixando de parte alguns números em que o riso é provocado de maneira grosseira e ultrapassada (o caso da «Noite de núpcias», mais deprimente que outra coisa, além de gasto e regasto) ou em que se fazem concessões perigosas a um estilo totalmente «démodé», que não é compatível com alguns momentos subtileza da revista (caso da «Última corrida em Salvaterra», onde o mau gosto chega ao rubro), diversos apontamentos merecem menção especial, sobretudo pela interpretação de bom nível, explorando sempre as possibilidades do texto (e aqui o mérito será do encenador, Paulo Renato).

Falando nos intérpretes, porém, justo é salientar o nome de um, precisamente dos maiores actores do nosso teatro cómico: José Viana. A sua maneira inteligente de compor as várias figuras que lhe couberam muito deve a revista do

seu êxito. Mordaz e beatífico no «Antiquário de Alfama», sóbrio e inteligente nos «Elegantes de 1900», desbragado sem cair no fácil em «O apaixonado do Dão» e verdadeiramente insuperável na cena do consultório oftalmológico (o melhor número da revista), José Viana mostra-se um actor de recursos inesgotáveis, senhor de uma expressividade originalíssima e rica de intenções e com uma invulgar capacidade de se desdobrar em vários personagens, sendo cada um deles sem deixar de ser o actor — que está sempre visível sob a máscara, sempre por detrás da figura, a accioná-la, a movê-la, a mostrá-la ao público, mas sem se incorporar todo nela.

Noutro estilo, bastante diverso, Camilo conseguiu ontem alguns bons momentos, de graça indiscutível. O «Hmler do campeonato do mundo» logrou o agrado do público, mas foi, talvez, em «Lavrador» que melhor aproveitou os seus dotes burlescos (e desta vez, diminuindo muito o número dos apartes que lhe são peculiares, só beneficiou a interpretação). Nicolau Breyner mostra-se um actor muito indicado para revista, na qual está perfeitamente à vontade. A sua imitação de Laura Alves merece realce. Carlos José Teixeira, compôs o fadista com saber e com estilo. Aida Baptista (por vezes um pouco exagerada (não saiu da sua maneira habitual, que o público aprecia e, nalgumas cenas, a sua vivacidade conquistou-nos. Com uma agradável presença e uma voz simpática Io Apoloni fez o que pôde de um papel que lhe proporcionava muito. Não deixou nunca, porém, de ter graça e a sua participação forneceu uma nota bem agradável. Maria Dulce, na «Cigana das Pragas», teve o melhor momento, já que o número era indicado para o seu modo, um pouco «espalha-brasas».

Simone de Oliveira e Calvário cantaram como sabem e foram muito aplaudidos. E pena que as suas vozes não estejam ao serviço de outras canções...

Uma palavra especial merecem também Linda Silva, Dora Ieal, Delfina Cruz e a estreante Anabela.

O conjunto angolano «Os Rocks» demonstrou ser um dos melhores do seu género a actuar entre nós e o corpo de baile teve momentos de bom nível.

Agueda Sena dirigiu a coreografia que, não sendo propriamente a habitual nas revistas, não é ainda aquela desejável e o maestro Fernando de Carvalho chefiou a orquestra.

A Paulo Renato, o encenador, deve-se certamente o que de bom, na montagem, na concepção dos números e no aproveitamento dos actores o espectáculo possui.

Louve-se a intenção de algumas piadas que se entroncam numa velha tradição satírica da revista portuguesa, a qual não se deve deixar perder. O riso, como Voltaire pensava, é um instrumento muito útil.

JOAQUIM BENITE

da margem sul

SESSÃO DE CINEMA na Soc. Democrática União Barreirense

Realizam-se ontem à tarde uma sessão de cinema dedicada aos idosos e familiares daquela colectividade recreativa. Foram projectados alguns filmes de curta metragem de documentarismo canadiano colidos pela Embaixada do Canadá. Estiveram presentes sócios que seguiram, atentos, a projecção.

A sessão constituiu uma oportuna e louvável iniciativa da voluntarosa comissão cultural da sociedade.

Sociedade Instrução e Recreio Barreirense

Deslocou-se ontem à noite a esta colectividade, a fim de apresentar três curtas comédias; o grupo juvenil de teatro de Lisboa «Os Académicos». Esperava-

mos francamente encontrar um agrupamento superior, capaz de tratar fazer teatro sério, mas enganamo-nos.

Chamamos a atenção da direcção da colectividade para a necessidade por se esforçar por apresentar quaisquer realizações construtivas e que não só tenham a acção dos associados como também sirvam de estímulo para o enriquecimento cultural da massa associativa.



VISITAS dos ministros do Interior e da Justiça

Os srs. ministros do Interior e da Justiça dedicaram-se hoje, respectivamente, ao concelho de Colares da Beira e ao distrito de Bragança, onde trataram de assuntos respeitantes aos departamentos ligados com os seus ministérios.

CONTAS NEGRAS

25 MORTOS E 110 FERIDOS em desastres de viação durante a semana

Não chega, afinal, o que se tem feito e continua a fazer, no sentido da fiscalização da estrada, para impedir ou fazer diminuir o número de vítimas de acidentes de viação nas estradas do País. As contas estão à vista e ainda no último apontamento, relativamente ao período de 23 a 29 de Outubro, registados 25 mortos e 110 feridos! O panorama é sempre o mesmo: estradas, desastres em carros, ciclistas e motociclistas contra outros veículos, choques em cruzamentos, atropelamentos, muitos atropelamentos, muitos atropelamentos, ciclistas colididos por automóveis, atropelamentos perigosos, etc., etc.

Pelo que se observa diariamente, confirma-se, não há dúvida, e já foi proclamado falta de civildade, o desrespeito de vencer todo e todos, especialmente os veículos, atropelados em momentos delicados para os seus condutores, em muitas vezes, por desobediência, sem sequer a linha de visões desviada.

do vido que passo

Dr. ALBERTO BROCHADO MARCO DE CANAVESES — Inesperadamente faleceu na sua casa da Fraga, freguesia de Alameda, desta comarca, o Sr. Dr. Alberto de Vasconcelos Cardoso Brochado, 1.º Conservador do Registo Civil desta comarca, cujo lugar estava cerca de um ano e meio à espera que ele concluísse a sua formação em Direito em Coimbra. Republicano, desde os tempos da Universidade, foi parte da Câmara Municipal, presidente a várias comissões oficiais e passou, neste conceito de grande autoridade e respeito.

AMALIA BASTO DIAS CORDEIRO

MORTIMATO, 5 — Para o cemitério desta cidade realinharam hoje, ao princípio da tarde com grande acanhamento, o funeral da Sr.ª D. Amália Basto Dias Cordeiro, de 68 anos, viúva do grande republicano e revolucionário figura de destaque que foi Jaime Dias Cordeiro.

O Niassa chegou hoje a Lisboa

Através esta madrugada no porto de Lisboa a grande navegação a vapor do qual passaram diversos passageiros e tripulação que se dirigiram a Matosinhos para se reunirem a um conselho de serviço no Estoril.

EXPOSIÇÃO Medalhística Olisiponense

No Palácio Galvães, no Campo F. Gomes, continua patente ao público todos os dias, das 10 às 19 horas, a Exposição de Medalhística Olisiponense, organizada pela Câmara Municipal de Lisboa.

DR. MATOS FERREIRA

Atingiu hoje o limite de idade para efeito de funções públicas, o Doutor Cirurgião Sr. Dr. Matos Ferreira, director do Serviço 4, Salas 1 e 2, do Hospital de S. José.

CORREIO DE ONTEM

METEUSE AS CHAMAS PARA SALVAR OS FILHITOS

Tudo isto é feito, segundo os filhos abrigados — a Genil, de 1 ano e o António, de 2 — após a mulher de «Vila Tomada», à Rua de Arco das Agulhas Livres, que se regressou de casa com as chamadas. A casa registava-se como um sítio de madeira, tendo de madeira, que, atingida pelas chamas, se desluciu em ruínas de madeiras. Foi assim mesmo, porém, que a pobre Maria Alves Ferreira entrou resolutamente no seu recinto de habitação e fim de salvar os pequenitos que ainda ali se encontravam. F. Salvatores.

BURBURIÑO NA PRACA DA LIBERDADE NO PORTO

É um pobre homem sendo há pouco da casa de saúde de Burburiño, o José Costa Falcão que entrou em fuga da «Praça da Liberdade» do Porto quando fugiu a um agente da P. S. F. que o prendeu no momento a uma fogueira de S. N. U. e à própria autoridade.

OS COMISSOS

Segundo uma nota publicada hoje pelo nosso colega «O Niassa», os comissos do Porto no dia 11 de Novembro foram a de-...

cular utilizando a tracção a vapor e a gasolina, descompondo o público que foi ainda obrigado a viajar em curtos percursos em velhas e incómodas carruagens. O «carrão» de Lisboa chegou com uma hora e trinta e sete minutos de atraso, coisa que há muito não acontecia. Espantoso que em stress era devido à falta de energia eléctrica. E o «carrão» português — transporta-se aquilo a que chamamos e complemento da abstracção da linha Santa Apolónia-Campesinã, sem haver material tractado que chegou um material circulante que basta e sobra para cima, sem haver electricidade suficiente para atender a todos os consumidores que lá havia, com o sacrifício da rede das «máquinas de ferro».

Vão hoje às urnas três milhões e meio de alemães

WIESBADEN (Alemanha Ocidental), 4 — Três milhões e meio de alemães vão hoje às urnas numa eleição que pode determinar todo o futuro do país.

Novos incidentes no Teatro de França

PARIS, 4 — Produziram-se ontem à noite novos incidentes no Teatro de França na penúltima representação de «Les Parvenues».

TEATRO NACIONAL «A MALUQUINHA DE ARROIOS» de André Brun no Gil Vicente, de Cascais

A Miguel Torga («Mar») seguiu-se, na programação do Teatro Experimental de Cascais, e agora para a abertura da nova época, um outro autor português: André Brun. Desta forma, Carlos Avilez, o director da Companhia, que já encenou para o T. E. P. António José da Silva e se prepara para encenar Bernardo Santareno, parece disposto a oferecer uma panorâmica do teatro nacional nalgumas das suas fases mais expressivas...

Se é certo que «A Maluquinha de Arroios», com a sua meia centena de anos, está já bastante deslocada em relação à dramaturgia da nossa época, também é verdade que esse factor, por si só, não é suficiente para desaconselhar a sua reencenação. Exemplo típico de um género de teatro que fez as delícias dos nossos avós e que, introduzido por Almeida Garrett teve precisamente em André Brun um dos seus últimos cultores de nomeada a peça levada à cena anteontem no Gil Vicente é uma enracada caricatura da sociedade portuguesa do princípio do século, quando, depois que a República trouxera uma nova ordem às coisas a burmesia ardia no desejo de substituir-se à aristocracia deposta no usufruto dos seus antigos privilégios. Caricatura, evidentemente, amena, a comédia quase não atinge a censura. Trata-se mais de uma recolha de «tipos» atirados para a tradicional teia de situações do que, propriamente, de uma crítica intencional e lúcida aos aspectos que caracterizavam uma classe, a qual, mau grado a distância e certas transformações em todo o caso visíveis, conserva ainda, nos

nossos dias, muitos dos hábitos que constituíram linhas de recurso burlesco ou dramático do teatro nacional do princípio do século, em que se salientaram nomes como André Brun ou Gervásio Lobato, Marcelino Mesquita, Eduardo Schwalback, D. João da Câmara, etc.

Se «A Maluquinha de Arroios» estava assim um pouco longe da crítica madura e consciente, mais longe ficou decerto na encenação de Avilez, que, aproximando a peça do estilo «vaudeville» e socorrendo-se de métodos normalmente empregados na revista, não podia deixar de a distanciar de qualquer interpretação que extraísse alguma riqueza do seu conteúdo. Entretanto e naquela primeira direcção, o encenador conseguiu de facto «revitalizar» a comédia e trazê-la até nós vestida de maneira inesperada, mercê de uma montagem e de uma movimentação cénicas dinâmicas, e dentro do seu estilo habitual.

Uma vez mais o T. E. C. fez «espectáculo» — espectáculo visual — preocupando-se mais com isso do que com qualquer outra coisa ou até preocupando-se com isso exclusivamente. Mas não há dúvida que o conseguiu e, tem de reconhecer-se, com gosto e com imaginação (se exceptuarmos um prólogo insólito e um final despropósito e longo).

Para a construção do espectáculo concebido por Carlos Avilez contribuíram decisivamente a coreografia de Agueda Sena e os cenários e figurinos de Jorge Marcel, perfeitamente adaptados ao tom da peça, ao contrário do que tem acontecido em algumas outras realizações do T. E. C.).

No campo da direcção de actores continuamos a observar em Carlos Avilez uma certa disparidade de critérios que prejudicam o nivelamento dos intérpretes e a homogeneidade da representação.

Nesta peça, porém, dadas as suas características, é menos notório o defeito.

As figuras umas a pender mais para o tom de comédia, outras a resvalar no campo da farsa, não apresentam, mesmo assim, grandes diferenças de construção.

Mirita Casimiro, Fernanda Coimbra e Santos Manuel (nos papéis de D. Perpétua D. Eulália e Esteves do Bacalhau) ofereceram-nos interpretações muito correctas, dentro de um estilo «natural», e o virtuosismo das duas primeiras serviu às maravilhas o ambiente criado por Avilez. Maria do Céu Guerra (a Viscondessa) compôs com inteligência a sua personagem caracterizando-a pelo sublinhado oportuno de certas falas e marcações. Glicínia Quartim e Zita Duarte desempenharam os papéis de D. Alzira Meneses (a Maluquinha de Arroios) e Conceição (a Criada), aquela criando a mulher «livre» e «madura» que a peça exigia, esta plenamente à vontade no papel de ingénua a que emprestou muita graça e um tom gaiato e picante que contribuíram decisivamente para o clima do espectáculo. Augusto Leal (Jerónimo Martins), João-Pedro Cascais (o visconde) e António Arsenio (o procurador) responderam ao que se lhes exigia, o último até conseguindo uma boa caricatura. Ruy de Matos e Lina Neto (Chiquinho e D. Capitulina) têm interpretações um pouco irregulares. João Vasco num pequeno papel (Borboleta o polícia) peca pelo exagero. Há ainda a referir os trabalhos aceitáveis de Mariília Costa, Ricardo Fragoso e José David em três pequenos apontamentos. — J. B.

«COMO SE FAZ UM DICIONÁRIO» UMA EXPOSIÇÃO PROIBIDA PELA MUNICIPALIDADE CONHECIDA LARGA EDITORA «LARISSA» EM COLABORAÇÃO COM O INSTITUTO FRANCÊS EM PORTUGAL Esta Exposição estará patente — pública de 4 a 11 de Novembro, das 10 às 19 h. no Salão de Exposições do Museu Nacional de Belas Artes Rua Barata Salgado

POBRE SAÚDE PÚBLICA!...

Numa comunidade humana, há bens que devem ser fruídos por toda a gente. Quando tal não acontece, muita coisa se altera; corre mal. A Saúde Pública, contudo, é daqueles bens que não devem ser apenas fruídos por todos. É mais que isso — é um bem inestimável, que deve recorrer de todos o maior respeito, atenção e cuidados, através da acção individual de cada um e dos organismos para o efeito criados. Todavia por este mundo fora, a Saúde Pública, continua à mercê de inúmeros factores, adversos, desconhecidos de todo um jogo de interesses. Alçada à importância da medicina ortodoxa, no domínio da extinção e prevenção contra a doença e aos tremendos erros acumulados por milhões de pessoas, cultas ou não, há a justa e condenável atitude de um sem número de traficantes e miseráveis. Portugal infelizmente não ficou immune a esta praga, como uma vez mais se pode verificar, através da discussão e vergonhoso caso do abate clandestino de burros e veados ao público da respectiva carne.

Em Portugal no domínio do abastecimento e consumo de produtos alimentares, ocorrem coisas que à força de tanto se repetirem, já deixaram de surpreender qualquer. O desprezo pelo consumidor, contudo, é mais de uma chama de intermedios, gananciosos e miseráveis sem escrúpulos. De toda esta balbúrdia de léses pelo dinheiro e pela subsistência, resulta deficiente organização do comércio de produtos alimentares.

As alterações deterioradas e desvalorizadas por uma forma ou outra, vão mais uma vez juntar-se à comercialização de carne de animais que crescem talvez sem os cuidados necessários na sua alimentação, se não fossem previamente de má origem.

Surgiu mais um caso de abate clandestino de burros e outras bestas domadas, em matadouros clandestinos, tão típico como habitual. Não é o primeiro na guerra e dele são protagonistas atores da saúde pública.

A opinião pública e a imprensa, insurgem-se contra a impotência das simples aplicações aos criminosos. Essa verdade a legislação jurídica actual, destinada a punir crimes contra a saúde pública, é ineficaz. A saúde do povo português, que tão precioso está para nós, não se salvaguarda com muitas de algumas dezenas de contos ou prigos de curta duração, aplicados aos criminosos.

Urge que quem de direito, crie e aplique uma nova legislação jurídica, que deve ser aplicada com todo o rigor. Não se julga que salvaguardamos a pena de morte para delitos económicos e atentados da saúde pública. Somos contra a pena de morte, por respeito ao inalienável bem que é o direito à vida. Há meios bem mais eficazes e humanos de neutralizar os infractores e impedir reincidências. O objectivo não deve ser uma cifra em dinheiro proveniente de multas que pode ir para os cofres dos organismos judiciais, mas sim por um seguro contra malfétores e saúde pública, algo de tão precioso e valioso, que dinheiro algum poderá comprar. O dinheiro deve apenas fazer parte do veredicto da Justiça, para indemnizar pessoas lesadas... A melhor maneira de castigar os criminosos e sobretudo de neutralizá-los, para sempre, será prendê-los durante certo tempo, como tributo primeiro a pagar à sociedade e teredente-lhe o exercício de qualquer profissão ou negócio que possa pô-los em contacto com a venda de produtos alimentares ou o seu manuseamento, por mais infimo que seja. Refugiados a simples cárceres, que devem ganhar com pesado trabalho de dia, o não que há-de comer à noite. Este não será apenas o melhor meio de evitar reincidências de por a saúde pública ao abrigo de tão honrada forma. Ela será também o melhor castigo para homens cujo único objectivo na vida, é sobreviver não a trabalhar ho-

nestamente, mas a cometer as piores tropelias contra tudo e todos contra o melhor do património de uma nação e no fim ficarem a rir-se da Justiça...

Mas o dever das autoridades, de velar pela saúde pública, não deve terminar aqui. É preciso abrir qualquer coisa de novo nos anos da capacidade cívica e cultural dos futuros e actuais comerciantes, seja de que ramo for. Actualmente ao comerciante, apenas se lhe exige que cumpra as suas obrigações com o fisco. E dos poucos a quem se não exigem certificados de habilitações literárias, provas de idoneidade moral e cívica, de respeito pelo semelhante, que não é submetido a testes culturais — razão por que existem tantos comerciantes que apenas e mal sabem avaliar o seu nome nas letras e rebolões.

Deveria exigir-se mais aos comerciantes no domínio do respeito pelo semelhante e no das habilitações literárias. Deveria criar uma ética comercial, destinada a enobrecer a profissão de comerciante e a dar-lhe o devido valor em face das responsabilidades que ela comporta. Com isto, não beneficiaria apenas a saúde pública; os próprios serviços públicos e demais organismos onde o comerciante dá muitas vezes da sua vida profissional, seriam beneficiados. Afirmamos-lo não que tenhamos bem quanto custa tratar e elucidar emalhechos, que spiram a ser ricos...

Salvo melhor opinião, é o que atrás se esboça que deve fazer-se. As coisas como actualmente estão é que não devem continuar, sob pena de ainda encontrarmos os apagueiros clandestinos a oferecer condado aos covetes dos comissários deste país... E teremos assim razão para continuar a gritar-lhes sobre saúde pública, que tão desprezada e mal conhecida está...

FERNANDO MARRAZES

Nomeado director de serviço de análises clínicas dos H. C. L. o dr. Sérgio Carvalhão Duarte

O «Diário do Governo» publicou hoje, o diploma que nomeia director de serviço de análises clínicas dos Hospitais Cívicos de Lisboa o sr. dr. Sérgio da Silva Carvalhão Duarte.

O ilustre médico accede por direito próprio e antiguidade, às referidas funções, após ter feito todo o internado geral, de graduação e assistência, mediante brilhantes provas em que foi sempre, o primeiro classificado.

Shell Portuguesa

O Conselho de Administração da Shell Portuguesa oferece hoje, às 18.30 horas, no Hotel Ritz, um «cocktail» em representação da Empresa, para a apresentação do sr. C. A. Passa de Sousa e despedida do sr. W. N. Meredith.

ACADEMIA DAS CIENCIAS DE LISBOA

Amanhã, às 17 horas, reúne-se a Classe de Letras da Academia, sob a presidência do sr. prof. Moses Amalal e com a seguinte ordem do dia: Comemoração do sr. prof. Damiano Faria, «Breves considerações sobre a evolução cultural de Portugal, nos séculos XIII e XVI».

OS PROBLEMAS DA CONSTRUÇÃO CIVIL TRATADOS EM DUAS CONFERÊNCIAS NA SEDE DO RESPECTIVO SINDICATO

Na sede do Sindicato Nacional dos Construtores Cívicos foram ontem realizadas duas importantes conferências que estiveram a cargo do sr. coronel José Ribeiro da Costa Junior e do sr. eng.º José Maria Nóbres dos Santos, os quais se ocuparam respectivamente dos temas «A Administração na Construção Civil» e «Fichas, na construção e tratamento das águas».

Presidiu o sr. eng.º coronel Gabriel Constante Junior que estava ajudado pelo sr. dr. Costa Real, director da Associação dos Proprietários e eng.º António de Magalhães.

O primeiro conferenciante do noite foi apresentado pelo sr.

Hermenegildo Correia da Costa e qual se referiu aos notáveis conhecimentos do sr. coronel José Ribeiro da Costa Junior sobre a matéria de sua conferência. Este começou por apresentar a importância política como ciência necessária à prática da Administração e ao desenvolver esta na sua modalidade e exigências para os desejados resultados, entre outras, na Administração na Construção Civil, expondo as suas dificuldades e transcorrências, concluiu, por se referir ao que o Estado do Trabalho Nacional convida para dar orientação legal à construção no sentido do bem da Nação.

A segunda conferência foi proferida pelo eng.º José Maria Nóbres dos Santos, cuja apresentação esteve a cargo do sr. Francisco Pego Branco. O conferenciante encareceu os vários aspectos que podem justificar a construção das águas, para, em seguida, analisar os meios que têm de ser considerados para a levar a efeito.

Face à complexidade dos problemas a resolver, que carecem da colaboração de várias especialidades: topógrafos, engenheiros civis, sanitários, mecânicos e eléctricos, além de médicos e desportistas.

Seguimentos, fez alusão à falta de uma legislação e regulamentação que permearada e actualizada, para, em seguida, tratar de aspectos relacionados com o aquecimento da água e do ar nos edifícios abertos, nas épocas mais frias.

A terminar, apresentou uma numerosa série de projectos portugueses.

TEATRO NACIONAL

«Tongatabu», de Orlando Vitorino no Monumental

De Orlando Vitorino, o autor dos «Teoremas do Teatro», que é também tradutor de Hegel e foi director do célebre jornal «57», estreou-se ontem no Monumental a peça «Tongatabu», numa realização que teve o alto patrocínio da Fundação Gulbenkian.

Assistência selecta, como era de esperar. Selecta e compenetrada, calorosa nos aplausos e certinha nas intervenções. O que é sempre consolador...

Que é «Tongatabu»? Aparentemente a ilustração das teses do autor sobre o que deve ser o teatro. Teses que ele tem exposto variadas vezes, sobretudo nos «Teoremas». Confessamos a nossa perplexidade ante esta espécie de teatro, que já foi, inclusivamente, apelidada de «vanguarda».

A peça circunscreve-se a um círculo isolado de duas figuras, uma delas atormentada, existencialmente, por problemas que não chegam bem a definir-se, envolvidos num manto de lirismo e de metafísica que chega e sobeja para encher uma sala tão grande como a do Monumental. Em «Tongatabu», ilha imaginária onde «...não há medo. Não há piratas, nem polícias, não há doenças nem prisões» nem «dinheiro nem ódio de ricos e inveja de pobres», em «Tongatabu», dizíamos, assistimos à corporalização de um sonho (será isto?). Sonho do que podia ser a vida, do que a vida não é, do que a vida foi, das diversas «nuances» da vida. Quer dizer: «Tongatabu» é uma espécie de Pátria da confusão, onde ganham o feal as tarefas mortas (ou que ficaram por nascer). E inegável que se consegue, com um tema que não chega bem, como dissemos a definir-se (parece que tudo diz respeito ao amor do protagonista pela irmã da mulher, mas há muito mais implicações tão importantes e complexas como aquela...), uma certa atmosfera poética, que poderia, noutras circunstâncias, conquistar a nossa atenção. Mas o imperdoável, o que não se tolera, é o «molho» filosofante, cheio de tiradas retóricas, enfatuadas, a tresandar para de-suso e aceitadas ainda, da pior maneira, elixires românticos que podem ser tudo — mas não podem ser «vanguarda».

«Tongatabu», onde não há problemas é a própria peça: um «Tongatabu» de primeira ordem, onde apenas se encontra um grande vazio: vazio de ideias e desnecessárias pompas de linguagem.

Vanguarda? De maneira alguma. A vanguarda pressupõe renovação, pressupõe vontade de inovar, pressupõe um novo método de viagem e uma preocupação nova por um

homem novo. Retaguarda, sim. Passadismo, sim. Pseudo-poesia e pseudo-filosofia, indubitavelmente sim.

Se a «peça» sofre de todos estes defeitos, mais eles se avolumam com a «intrigante» encenação a que tivemos a oportunidade de assistir. O encenador, cujo nome desconhecemos, pois nem sequer se anota no programa, conciliou várias coisas inconciliáveis: antes de mais (como isto dá vontade de rir e comê revela a «vanguarda»!) a tal atmosfera poética e profunda de «Tongatabu» com cenários de revista, anedóticos, que estariam certos nalgum quadro de teatro ligeiro. Para o qual, diga-se, Pinto de Campos, o autor das belas incriveis cortinas com florescenas verdes pintadas, banhadas de cores cruas e diluídas em transparências tecnicolorizadas, tem muito jeito.

Demos, porém, a César o que é de César. E a Pinto de Campos o que é de Pinto de Campos...

Quanto à interpretação: Augusto de Figueiredo acentua trágicamente o que há de enfatuado na peça. Socorrendo-se de um estilo declamatório, falacioso, altissonante o actor consegue agravar o que lhe competia atenuar. Raramente temos visto, em palcos profissionais, um actor de responsabilidade representar tão impiedosamente superior ao público.

Ainda aqui não houve vanguarda, mas um estilo de representação que faria escola há cem anos.

Palavras de aplauso merecem somente Ivone de Moura, que soube, apesar de tudo, e nalguns momentos, trair a peça.

Yola e Rui Jorge: muito bem disseram uma frase cada um.

No final, grande salva de palmas, com o autor, contente, a agradecer. — J. B.

ASSEMBLEIAS GERAIS

Associação dos Antigos Alunos da Escola Industrial Marquês de Pombal

Na Assembleia Geral ordinária da Associação dos Antigos Alunos da Escola Industrial Marquês de Pombal foi aprovado um voto de louvor e agradecimento a «República» e elitos os corpos gerentes para 1967, cuja constituição é a seguinte: Amalal, Gerol, Eng. António Alvarado Soares (presid.), Manuel Neves Baptista do Campo e Fernando da Costa Santos; Direcção, Prof. Ludgero Alves (pres.), Orlando Costa de Almeida, Joaquim Fomoso Trindade (secret.); Pedro Fernandes dos Santos, Joaquim Eduardo Barros da Silva Filho, Luís Álvaro Lopes e Fernando de Sá Alves e, suplentes, Fco. de Sá Franco e Natal da Fonseca Franco; Cons. Fiscal, João de Almeida e Silva, António da Trindade Ferreira e Carlos Alberto Marques Gomes.

Hockey Clube de Sintra

Realiza-se na próxima sexta-feira, pelas 20.30 horas a Assembleia Geral ordinária do Hockey Clube de Sintra, para apresentação e discussão do relatório e contas da gerência de 1966 e eleição de novos corpos gerentes para 1967.

Residências para estudantes do ensino secundário

Foi publicado um decreto-lei destinado a regular e observar a construção e equipamento de tais residências em Castelo Branco, Guarda e Bragança destinadas a estudantes do ensino secundário. Financiadas por fundo de doação de nove mil contos efectuada pela Fundação de Calisto Tanzi.

TOTOBOLA VATICINIOS «REPÚBLICA»

MORADA: Rua de Misericórdias 118-119 - LISBOA

CUP-Braga	1	1	1
Académico-Porto	1	1	1
Atlético-Santarem	1	1	1
Sport-Bragança	1	1	1
Lusitano-Belmonte	1	1	1
Vareziense	1	1	1
Guimarães, B. Mar	1	1	1
Ovarense-Trofa	1	1	1
T. Nova-Ponte de Lima	1	1	1
Oliveira, A. Viana	1	1	1
Lusit. -Lisboa	1	1	1
Luso-Burgalense	1	1	1
Almada-Terracina	1	1	1

O PROBLEMA DOS ESTIVADORES NÃO SINDICALIZADOS

Uma comissão de trabalhadores do Porto de Lisboa, representantes de um largo sector da classe, emitiu um presidente do Sindicato dos Estivadores do Distrito e Porto de Lisboa...

Não, abaixo-assinados, trabalhadores não sindicalizados do Porto de Lisboa, tendo em vista a regularização de situações jurídicas da nossa profissão...

A admção de actos no Sindicato a que V. Ex.ª preside é remota estranhamente pelo respectivo Estatuto para o Regulamento do Serviço de Colocação...

Orá, deste modo, geram-se situações de manifesta injustiça. Esta é, flagrantemente, a situação de indivíduos estranhos à profissão...

Os trabalhadores da «rua» são, simultaneamente, espoliados dos direitos sindicais que naturalmente lhes competiriam...

Portanto, e para que o Sindicato a que V. Ex.ª preside possa corresponder às legítimas aspirações da classe...

a) que todos os trabalhadores do Porto de Lisboa com mais de um ano de exercício da profissão...

GRANDE PRÉMIO TV na Canção Portuguesa

Nos estúdios da R. T. F. efectuam-se ontem à noite o 2.º eliminatório do Grande Prémio TV da Canção Portuguesa...

e com as necessárias condições de saúde, possam ser admitidos na categoria de suplentes...

b) que todos os trabalhadores após esse momento não se possam sindicalizar e exercer...

c) que esta sindicalização seja sempre possível quer se criem novos quadros...

d) que se forme uma escola profissional cuja frequência permita precisamente a transição do quadro eventual...

e) que, em qualquer caso, se aproveite a celebração do Contrato Colectivo para admitir nos Sindicatos todos os trabalhadores inscritos...

f) que se aproveite também esta oportunidade para conseguir a justa admção directa na categoria de suplente...

Solicita-se finalmente à Ex.ª Direcção a que V. Ex.ª preside que seja convocada uma Assembleia Geral para apreciação dos problemas levantados...

(Seguem as assinaturas)

ENTREGUE à Brigada da Intendência o caso da carne estragada na cidade da Guarda descoberto em Pinhel

A sessão da G. N. R. de Pinhel entregou o caso do contrabando de carnes impróprias para o consumo...

Além do sr. Luís Frases, encontra-se também detido o construtor civil Mário de Aguiar Barreto...

PRÓXIMA SOLUÇÃO DE ALGUNS PROBLEMAS de grande interesse para a classe médica

Teve reduzida assistência a assembleia regional de Lisboa da Ordem dos Médicos...

Entre outros intervieram na apreciação do relatório e contas do exercício findo os sr. drs. Almeida...

TEATRO

«O Camarada Miúsov» no Nacional

No Teatro Avenida, a companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro apresentou ontem o terceiro espectáculo da sua presente temporada...

seu reportório, a empresa mais não fez, afinal, que seguir o exemplo de quem organiza os festivais de teatro francês...

«Quero ver Miúsov» — título original da comédia que, há dois anos, se mantém em cena em Paris...

Valentin Katiev, autor do conto de que foi extraída a adaptação teatral. Kataiev, nascido em 1897 em Odena...

Se se tomar consideração algumas alusões brincalhonas ao conflito sino-soviético ou outras também brincalhonas a conflitos internos...

Teatralmente, como certamente já se compreendeu, a peça situa-se numa época já bastante ultrapassada...

Que dizer da perfeita encenação de Pedro Lemos? Estamos, sem dúvida, em presença de um bom trabalho...

A Pedro Lemos se deve também a melhor interpretação, por vezes atingindo elevado nível na construção do burocrata em transe...

Varela Silva cria, também, com muito espírito, habilidade e um somatório de qualidades (sobretudo mímicas) que o recomendam como um actor especialmente destinado à farsa...

Mariana Rey Monteiro tem oportunidade de demonstrar o seu talento numa criação onde o seu temperamento nervoso tem ocasião de se espriar...

Cenários dentro do gosto habitual de Lucien Donnat.

J. B.

Irada Franco, Manuel Sarmiento, Nunes da Costa, Estanico Louro, Francisco Martins, Max Kien e...

Depois de registadas várias oposições críticas feitas a sr. dr. António Galhardo...

Além do relatório e contas e do orçamento para o ano corrente, foi aprovada uma moção na qual é pedido que o Conselho Geral da Ordem...

TOTOBOLA 2.500 contos para cada prémio

No Totobola desta semana foram apostados 500 contos para prémios (250 para cada).

I Divisão — Col-Braga, Académica-Porto, Atlético-Saizomense, Sporting-Benfica, Varzim-Sentrol, Leixões-Belazemense, Guimarães-B. Mar.

II Divisão — Ovarense-Trojanos, T. Novas-Ferrol, Oliveirense-A. Viseu, Lusitano-Silvesense, Lousadense e Almada-Turicones.

O CASO DO CADÁVER DECAPITADO: Apenas conjecturas nas investigações em curso

Sob a designação de «denúncia» continua depositado no Instituto de Medicina Legal o cadáver decapitado arrojado pelo mar à praia de S. Pedro do Estoril...

As investigações efectuadas não forneceram, até agora, qualquer pista segura para aclarar o mistério, apenas se formulando hipóteses sobre hipóteses...

ção, os policiais, de modo a ser possível apurar-se quem seja. Entretanto, aguarda-se o relatório dos médicos que procederam à autópsia...

CAMPIONATO NACIONAL DA 1ª DIVISÃO Belenenses, 2 V. Guimarães, 1

No Estádio do Restelo efectuou-se esta manhã o jogo do Campeonato Nacional Belenenses-Vitória de Guimarães...

FOI DIMITIDO UM PROFESSOR DO TENNESSEE POR ENSINAR A TEORIA DA EVOLUÇÃO

JACKSBORO (Tennessee), 15 — Um jovem professor de ciência do ensino superior foi demitido nesta cidade por ensinar a teoria da evolução em vez de Adão e Eva...
...os termos de uma lei do Estado de Tennessee, aprovada em 1925, e inclui a qualquer pessoa que ensine em qualquer escola pública ou privada qualquer teoria que negue a história da criação do homem, como enunciada na Bíblia, e ensine, em vez disso, que o homem descendente de uma espécie inferior de animais.
Na verdade a lei está agora pronta a ser anulada. Contudo, o professor Gary L. Scott, de 24 anos, foi ainda demitido por causa desta lei, na escola secundária de Jacksboro, onde ganhava \$700 dólares (133.000 escudos) por ano.
Na quarta-feira desta semana a Câmara de Representantes do Estado anuiu a lei e ela aguarda agora ação do Senado do Tennessee.
A decisão de demitir Scott foi tomada pela junta escolar do condado numa sessão secreta que se efectuou ontem.
Scott declarou: «Ensina-se a teoria da evolução dentro dos limites da lei do Estado. Evitava mencionar a descendência do homem, falando somente acerca de outros organismos. De facto, a lei é a mácula e a disseminação enérgica para não se fazer perguntas acerca do homem».
Acrescentou, porém, que há algumas semanas, antes de estar completamente iniciado na lei, fora interrogado numa aula acerca dos princípios da evolução e foi

secreta uma descrição geral da teoria de Darwin.
A demissão de Scott trouxe recordações do caso de 1925 que se tornou conhecido como o «Juizamento do Macaco».
A lei foi desafiada deliberadamente em 1925 por John Scopes, então um professor de Biologia de 24 anos. O caso ocorreu em católicas da imprensa de todo o Mundo, que lhe deu o título de «Ataque ao Macaco», quando Scopes foi defendido por Clarence Darrow um advogado famoso e acusado por William Jennings Bryan, um orador e figura política proeminente.
Scopes perdeu o processo e foi multado em 100 dólares, mas devido a uma questão de ordem técnica nunca teve de pagar a multa. — R.

A assembleia da Cooperativa dos Trabalhadores de Portugal realiza-se hoje

Na Cooperativa dos Trabalhadores de Portugal, com sede na Cidade do Duque, realizou-se esta noite, às 21.30, a Assembleia Geral Ordinária para aprovação do relatório referente às actividades de 1966 e discussão de alguns problemas associados.

BAILE DE FINALISTAS NA FIGUEIRA DA FOZ

Os alunos finalistas da Escola Industrial e Comercial da Figueira da Foz organizam um baile, no Grande Casino Peninsular, hoje, pelas 22 horas.

correio de ontem

CONDENAÇÃO

Foram condenados, no Porto, António Teixeira da Mota, de 33 anos, casado, proprietário, e Henrique Pereira dos Santos Amador, de 43 anos, casado, escriturário, acusados de terem lesado a Cooperativa de Habitação Pátria e Família, de que foram, respectivamente presidente e secretário.
Atendendo, no entanto, ao seu comportamento de ambos, tal-lhes suscitou a pena por dois anos.

em a condicão de pagarem à Cooperativa, no prazo de quatro meses, o primeiro 25 contos e o segundo 15.200\$.

PRISAO DE UM ASSALTANTE

Foi preso pela P.S.P. do Alameda, Milton Riquelme Cambes, de 30 anos, casado, empregado de comércio e natural da Figueira da Foz, acusado de ter assaltado mais de 15 vezes num ano, uma farmácia em Casilhas de onde levava produtos diversos que depois vendia. O Milton vai ser julgado no Tribunal.

COMEÇOU NO INSTITUTO SUPERIOR DE ESTUDOS SOCIAIS DE ÉVORA UM CURSO DE DIREITO FISCAL

Começou, ontem, a noite, no Instituto Superior de Estudos Sociais de Évora, um Curso de Direito Fiscal regido pelo prof. dr. Pedro Soares Martins, catedrático de Finanças da Faculdade de Direito de Lisboa.

O curso abrange as seguintes disciplinas: o imposto nos quadros fiscais e económicos; teoria jurídica de impostos; princípios fundamentais do actual sistema tributário português; e, finalmente, a teoria de todos estes temas. Em 1.ª sessão das aulas, hoje, às 12 horas; segunda-feira, dia 17, às 12 horas; sexta-feira, dia 21, às 21 e 30; sábado, dia 22, às 12 horas; segunda-feira, dia 24, às 12 horas; sexta-feira, dia 28, às 21 e 30; sábado, dia 29, às 12 horas; sexta-feira, dia 12 de Maio, às 21 e 30.

IMPRESA

Comprou-se hoje mais um ano de publicação os livros «Diário de Notícias, de que é director o sr. António Luís Vaz, e «Notícias de Lourenço Marques», de que é director o sr. dr. António Manuel de Mascarenhas Gil, etc.

E POSIÇÕES

Expõe-se hoje, pelas 18 horas, na Galeria III, uma exposição de pinturas de Eugénio Pinto. A exposição encerra-se no próximo dia 20.

DE LANÇA EM RISTE

A mentalidade capitalista

Se queremos combater para uma sociedade fraterna moldada nos princípios do Cristianismo, temos de vencer desde já os monstros

híbridos e nocivos a influência decisiva da intervenção material egípcia.

Um mundo melhor, um mundo de justiça e de amor, eis o sonho de muitas almas que conseguem escapar ao chumbo e se tentam a pactuar com a grande e a viciosa. Mas, meus amigos, para conquistar esse mundo justo, fraterno e bom, há que tomar a decisão firme e audaz de vencer de dentro de nós e do meio ambiente este emaranhado social que levanta a virtude, que envenena as intenções, que inflama os costumes e acaba por ser o caos do mundo por pensarmos nos interesses e obras de subversão moral.

D. QUINOTE

MORREU Alberto Moreira

PUBRUA, 15 — Na sua residência de Santa Maria de Vilas, Vila do Conde, após prolongado sofrimento, faleceu esta manhã o nosso muito querido amigo e colaborador Alberto Moreira.

Alberto Moreira, que era um dedicado activista e que em todo o tempo se empenhou para a defesa de um ideal humanitário, foi vítima de uma doença prolongada que o levou a falecer às 11 horas, aos 55 anos de idade, em Vila do Conde. O seu funeral terá lugar amanhã, dia 16, pelas 11 horas, em a capela de Santa Maria de Vilas. — C.

II SEMANA DE ENGENHARIA QUIMICO-INDUSTRIAL

O eng. Manuel Morais Sarmento e o técnico Rui Duarte fizeram esta manhã uma palestra, integrada na II Semana de Engenharia Químico-Industrial, sobre «Aplicação de computadores à indústria química». Entretanto, a Exposição Industrial, a Exposição Documental e a Exposição de Materiais do Laboratório, continuam abertas ao público hoje, das 15 às 19 e das 21 às 23 horas; amanhã, das 14 às 23.

TEATRO

«MESTRE GIL» PELO GRUPO CÉNICO DE DIREITO DIRIGIDO POR LUÍS DE LIMA

«Mestre Gil», o espectáculo ontem apresentado no Villaret pelo Grupo Cénico da Faculdade de Direito é, além de um dos mais belos momentos teatrais que nos foi dado viver nos últimos tempos, o exemplo perfeito do que deve ser o chamado «teatro universitário». As possibilidades de aproveitamento do teatro como meio de transmissão e até de ensino — na linha de Piscator e de Brecht — ficam patentes neste excelente espectáculo dirigido e concebido por Luís de Lima. Aproveitando textos dos autos e farsas de Gil Vicente, do «Juiz de Paz da Roça» de Martins Pena, do «Auto da Compadecida» de Ariano Suassuna e do «Círculo de Giz Caucasiano» de Bertolt Brecht, Luís de Lima e Domingos Mascarenhas conceberam um espectáculo de divulgação, cujo fio condutor, muito bem imaginado, visa, sem tentar fazer erudição, explicar a importância da obra de Gil Vicente, à luz do progresso moderno, ilustrando a tese da permanência do teatro vicentino, já expressa por António José Saraiva. O propósito foi o de, comparando textos do iniciador do Teatro Português com outros extraídos de obras mais representativas dos dois dramaturgos brasileiros e do autor alemão, testemunhar a actualidade da obra de Gil Vicente e a identidade de muitas das suas figuras

com as dos mais modernos e importantes criadores de teatro. E o caso, por exemplo, da evidente semelhança, muito bem sublinhada, no palco, existente entre o «Juiz da Beira», o «Juiz de Paz da Roça», de Martins Pena, e o juiz de «Círculo de Giz Caucasiano» de Brecht. Os três personificam uma imagem corrupta da Justiça, que Gil Vicente verberava e descobria no quadro quinhentista português.

Este processo teatral de aproveitamento de textos de vários autores (que foi praticado já por Millor Fernandes na sua peça «Liberdade! Liberdade!») apresenta-se como um filão de extraordinária riqueza pelas variações que permite. A importância da crítica social na obra vicentina aos costumes que reflectiam o ciúme e a instabilidade de uma ordem determinada pela duvidosa moral autocrata, fica bem demonstrada através do «Monólogo do Vaqueiro» (na integra) dos fragmentos de «Auto da Barca do Inferno», «O Velho da Horta», «Súplica da Cananeia», «Iodo o Mundo e Ninguém», «Pranto de Maria Parda», «Juiz da Beira», «Auto da Alma», «Farsa de Inês Pereira» e ainda através da «Carta a D. João por ocasião do terramoto de 1531» (que Luís de Lima aproveitou num quadro de excepcional beleza plástica), na qual Gil Vicente se manifesta contra os padres que querem responsabilizar os judeus pela catástrofe.

Se o encenador é o verdadeiro artista do teatro, o seu grande salvador, como o queriam Craig e Appia, pode-se dizer, depois de se visto o espectáculo de ontem, que Luís de Lima é «um encenador». Em todos os momentos a sua presença se sente: no quadro estilizado do palco tudo conta, a luz, a expressão mimica, a marcação, o cenário constituído apenas (além de um ou outro eventual adereço) pelas próprias figuras dos actores, movimentando-se quase como no «ballet» e servindo-se do corpo para «desenhar» a cena.

Quanto ao Grupo Cénico de Direito, constituído pelos estudantes António Curvelo, António Dias, Cândido de Almeida, Carlos Gil, Eduarda Pimenta, Emília Neves, Fausto Monteiro, F. Santos Silva, Helder Costa, João N. João, Joaquim Portilheiro, José Coutinho, José Gomes, Luís Lobo, Manuel Sá, Manuel Valente, Manuela de Freitas, Margarida Vieira, Maria João Borges, Maria José Janeiro, Mário Barroso, Paula Valente, Pedro Borges, Sérgio Bento, Sidon de Sousa e Simão Santiago, é de tal maneira notória a sua homogeneidade que não fariamos sentido em salientar quaisquer nomes.

Esperamos que o Grupo Cénico de Direito tenha em Nancy — para onde vai no dia 17 — o êxito que merece e esperemos também vê-lo, após o regresso, apresentar-se nas sociedades de recreio, nas pequenas colectividades da provincia, em todos os locais onde a lição do seu espectáculo possa ter uma imediata utilidade. — J. B.



não importa o esforço mental

Fosforo Ferrero

ALIMENTO ESPECÍFICO DO CÉREBRO E DOS NERVOS

contém o pensamento aguçado, deserta e evita o cansaço cerebral, mantendo o organismo na plenitude das suas faculdades físicas e intelectuais.

À VENDA NAS FARMÁCIAS



TEATRO PORTUGUÊS «ANTÓNIO MARINHEIRO» DE BERNARDO SANTARENO PELA COMPANHIA PORTUGUESA DE COMEDIANTES

Vários factores contribuíram para tornar a estreia de «António Marinheiro, o Édipo de Alfama», ontem à noite, no S. Luiz, num assinalável êxito. A Companhia Portuguesa de Comediantes, onde continua a brilhar, com crescente fulgor, o talento de Eunice Muñoz, realizou mais um excelente trabalho, na linha dos que lhe tem sido proporcionado efectuar.

E se esse trabalho possui, indiscutivelmente, um mérito absoluto, importância maior ganha se apreciado no conjunto das realizações teatrais entre nós. De facto, apesar de certa actividade dignificante que ultimamente se tem verificado, nem sempre se torna fácil as companhias lisboetas igualar o nível atingido pela Cêpêcê. Pretender que esta se encontra livre de todas as enfermidades de que o nosso teatro se não curou ainda é, talvez, um pouco exagerado; mas ninguém poderá realmente, recusar-lhe o lugar de relevo a que tem indesmentível direito.

*

«António Marinheiro», publicada em 1960 (com 7 anos, portanto), é uma peça que possui as principais características da obra do seu autor, Bernardo Santareno, um dos mais sólidos dramaturgos modernos portugueses, que António Pedro considerou, quando da publicação de «A Promessa» (que este encenador dirigiu, aliás,

para o Teatro Experimental do Porto) «a maior revelação do teatro nacional». Desde o seu aparecimento, há dez anos, Bernardo Santareno não deixou de escrever para o teatro com verdadeira paixão, e várias das suas peças vieram já as luzes do palco (uma até, «O Crime de Aldeia Velha», serviu de argumento a um filme de Manuel Guimarães).

Em «António Marinheiro» parte o autor do tema base da tragédia de Sófocles, para localizar no ambiente de Alfama e na actualidade, as versões, em muitos pontos similares, noutros bastante diferenciados de Édipo e Jocasta, António e Amália, a mãe e o filho tocados pela fatalidade de um destino sombrio. «Ele matará seu pai. Ele desporá sua mãe»: tal como na tragédia do rei de Tebas, António Marinheiro (na peça de Santareno enfeitado por sua mãe e abandonado numa traineira) encontrará um dia o seu progenitor e matá-lo-á; e encontrará um dia sua mãe e dela se enamorará a ponto de a desposar. Onde Santareno se afasta da tragédia clássica é no desfecho da peça. Se naquela existe um lógico e trágico remate na morte e na cegueira, em «António Marinheiro» o epílogo é a afirmação do incontestável direito de viver apesar de tudo e através de tudo. Emenda-se assim, devido ao grito de vida com que Amália termina, que é também, claro está, um grito desesperado de vida (estamo-nos a lembrar de «O Equívoco», de Camus, onde a mesma atitude é defendida), a visão fatalista patenteada desde a primeira cena. Na peça de Santareno, mais do que a procura de uma temática existencial (de certa maneira explícita na tragédia clássica) existe uma refinada (embora caudalosa) análise psicológica, repleta de insinuações, de alusões a recônditas esferas do ser.

A encenação de Costa Ferreira soube harmonizar o que parecia inarmonizável e que existe em «António Marinheiro»: a mistura de um ambiente poético e lírico com um outro, descarnado e naturalista. Devia ser difícil, aliás, encontrar um encenador que tão bem servisse a obra (aliás, com a colaboração íntima de Santareno, que foi ao ponto de reescrever o terceiro acto). Costa Ferreira que só pecou na direcção de actores; foi felicíssimo na escolha de Carlos Paredes para o fundo musical a guitarra e certíssimo na severidade que imprimiu à encenação, nomeadamente nos cenários e figurinos (que Octávio Clérigo e Miguel Neves conceberam na nítida intenção de estabelecer um encontro entre a tragédia clássica e o drama de Santareno).

Quanto à interpretação é preciso, antes de mais, realçar o genial trabalho de Eunice Muñoz, sem o qual não teria sido possível o alto nível atingido pelo espectáculo. De Maria Lalande dir-se-á que, apesar de alguns momentos em que patenteou o seu grande talento, vestiu uma figura que não lhe cabia, que não é para si. Henriqueta Maya, que o público distinguiu merecidamente, tem um ótimo desempenho, o melhor da sua carreira, certamente. O mesmo sucede com João Perry, que foi brilhante, conseguindo manter uma linguagem poética e alta e dramática sem nunca cair no exagero. José de Castro foi, quanto a nós, o outro actor a que o papel se não ajustava. Dificilmente o seu tom muito declamatório poderia (apesar da peça ou mesmo por causa dela) admitir-se. Madalena Braga, Glória de Matos e Gilberto Gonçalves interpretaram os seus papéis de forma a não desparem no plano a que se elevou a companhia. — J. B.

Começa amanhã o 13.º Congresso e Exposição Internacionais de Pastelaria Confeitaria e Gelados

Com a presença de centenas de congressistas representando dezenas de países, começa amanhã, em Lisboa, o XIII Congresso e Exposição Internacionais de Pastelaria, Confeitaria e Gelados, sob a organização do Grémio Nacional dos Industriais de Confeitaria. Todos os trabalhos decorrerão no Hotel Ritz. A primeira sessão efectuar-se-á às 13h e a segunda às 14h30, as únicas de todo o Congresso em que participam alguns dos mais famosos industriais daquela especialidade e artistas que vêm apresentar, sem concurso, os seus trabalhos até ao dia 7 de Maio, verdadeiras maravilhas artísticas na arte da doçaria e gelados. Meia dúzia de sessões de interesse geral para os industriais de pastelaria, confeitaria e gelados serão tratadas em Lisboa.

Para a realização deste encontro também de grande interesse turístico para Portugal, decorre a sua colaboração o ministro das Corporações, Comissariado do Turismo, Câmara Municipal de Lisboa, Câmara Nacional de Saneamento, Sindicato Nacional do Pessoal da Indústria de Doçaria do Distrito de Lisboa e a fábrica Nacional e Imperial de Margarinas. Sendo esta a primeira exposição no género em Portugal, a comissão organizadora confia no seu êxito.

Da parte social constam uma recepção oferecida pela Câmara Municipal de Lisboa, visitas ao parque de Monsanto, e de Caspinha, almoço no Espalho de Água, visita ao Ribatejo e almoço

MEDALHA Conde da Cunha do Instituto Histórico e Geográfico de Guanabara

O sr. prof. Odório Pires Pinto, da Universidade do Rio de Janeiro entregou hoje, às 15 horas, em livro corado, em nome do Instituto Histórico e Geográfico de Guanabara, a medalha Conde da Cunha ao Arquivo Histórico Ultramarino, na pessoa do seu director, sr. prof. Alberto Iria.

empresário; visita à Arrábida, Sintra e Setúbal e ainda a Moura e praia do Guincho. A organização deste encontro internacional foi entregue à Congrega da direcção do sr. D. Inês Maria do Perier Legendre.

A inauguração oficial da exposição de doçaria, número alto deste congresso, realizou-se no sábado às 10 horas, no Hotel Ritz, com a presença do sr. ministro das Corporações.

Seis novos elementos dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses

Com a presença do Inspector geral das Escolas, coronel Rogério Ribeiro Cassado, e do presidente e comandante da corporação, respectivamente, dr. Manuel de Carvalho e tenente França do Sousa, realizou-se hoje, pelas 22 h, na sede dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses, a cerimónia da entrega dos machados e compromissos de honra, de seis novos bombeiros que pertencem à Escola de 1967.

correio de ontem

PAIXÃO E CRIME

Assomou na Herdade de Vale de Juncos, freguesia da Torre dos Coelhos, e o caso poderia servir de tema a uma novela romântica.

Analisa Berenguela, uma mulher que vive maritidamente com um trabalhador dali, tinha a seu cargo cozinhar os alimentos para a família. Assim, todos os dias recebia de um tal Miguel Camaral, tractorista, os mantimentos destinados às refeições dos trabalhadores. O contacto diário originou apaixonamento e não tardou que entrassem em intimidade.

A Berenguela, sabendo que a existência da mulher de Camaral, Cláudia Farinha, constituía um impedimento para os seus frequentes encontros com o apaixonado, arquitetou um plano para se livrar dela. E conseguiu apoderar-se de uma certa quantidade de um produto altamente tóxico, destinado à desinsecção da vinha, que misturou na comida destinada ao casal Co-

meirão. Não deixou, porém, de avisar este, de que a comida estava envenenada.

A Cláudia, logo que principiou a comer, notou um gosto amargo e deixou de comer. Este sabendo de que se passava, e talvez com receio de que tudo visasse a cobrir-se, no âmbito de um venho de curiosidade, impediu a mulher de continuar a comer.

Os alimentos foram, em seguida, lançados aos cães do monte, que hora e outra depois morreram envenenados. Os pobres animais já nada tinham a ver com o caso foram afinal os grandes vítimas destes amores entre Berenguela e Camaral.

A G. N. R., que procedeu depois a averiguações, não deslindou o caso, prendendo os amantes, os quais resultaram à cadeia comunal, onde agora aguardam julgamento.

DESASTRE NA FERROVIA

Soma e segue. Novo desastre ocorreu numa passagem de nível sem guarda, desta vez nas proximidades de Aljustrel.

A camioneta de transporte público Lisboa-Faro, numa passagem de nível de via rodoviária, de pequena visibilidade e sem guarda, embateu num comboio de transporte de minério. O pesado veículo, que transportava muitos passageiros, ficou com a frente destruída, e ficaram feridas seis pessoas.

MORTOS NO ULTRAMAR

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram em combate na provincia de Angola os soldados 19976, António Manuel Mendonça; 20076, Jorge Alberto Borges Cabral; 48176, António Manuel Queiroz; 101076, Salvador Esteves, e 101176, Armando do Carmo, e ainda, na provincia de Moçambique, junto à fronteira Norte, o soldado 82226, José Sousa Costa.

Obtém êxito a luta contra as pragas de gafanhotos

MERTOLA, 27 — Após a mobilização da luta contra as pragas de gafanhotos, que ontem foi reforçada com a chegada de aviões militares e aparelhos agrícolas, os resultados do combate foram satisfatórios. Nas 1.ª e 2.ª divisões de S. 2.ª e das Cartas, S. João Cabalvieira, S. Aniceta e S. Miguel os serviços de manutenção são os meios menos frequentes. Populares ajudam os brigades militares e a acção conjunta de todos parece estar a constituir um autêntico êxito.

NÃO HOUE CRIME no caso da senhora cujo funeral foi embargado pela Policia Judiciária

Os peritos do Instituto de Medicina Legal concluíram de nítida opinião ao corpo da senhora cujo funeral foi embargado pela Polícia Judiciária, em consequência de um telefonema anónimo recebido naquela corporação informando ter havido acto criminoso, desde que concluído hoje o exame ao cadáver, apurando-se que o fabricamento foi provocado por uma arteriosclerose generalizada a que sobreviu uma hemorragia cerebral e, como complicação terminal, uma embolia pulmonar. Não se verificaram quaisquer lesões de natureza de produto químico, sendo feita a necropsia de rotina.

Como se sabe, a causa directa respectiva à morte da sr. D. Clementina Ferreira, de 66 anos de idade, casada natural de Rio de Janeiro, Vila Nova de Poitiers, residente na Rua do Pat, n.º 26. Quando a Polícia interveio a morte estava já armada em cima da ardente na capela funerária do templo de Santo-o-Velho, donde o enterro deveria ter pouco depois para o cemitério da Ajuda.

O chefe Estaralido e o agente Sousa, da 3.ª Secção da Polícia Judiciária, continuam a diligências destinadas a identificar o autor do tempo dominado.

250 CONTOS para uma cantina escolar de Olíveiras

Os beneméritos sr. António Martins da Silva e sua irmã sr. D. Maria Augusta da Silva procederam à entrega, no Ministério da Educação, da importância de 250 contos para fundo de manutenção da Cantina Família Martins da Silva, anexa às escolas do nível 1.º de ensino da localidade de Olíveiras.

BARROSA, ESTEVES & C.ª LDA
QUINTAS DAS AREIAS
293, Rua de Prata, 295
JOÃO JOSÉ PRATAS
E RESPONSÁVEL O QUE HA
DE SER FEITO NO GRUPO
Lisboa, todos os dias
TELEFONO 121721

A 10.ª LOCOMOTIVA

Diesel-eléctrica inglesa de grande linha é amanhã apresentada, em Santa Apolónia, ao ministro das Comunicações

A décima locomotiva diesel-eléctrica de uma economia de 10 adquirentes pelo C. P. a uma importante firma inglesa, acaba de chegar a Portugal e será apresentada ao ministro das Comunicações, sr. eng.º Carlos Ribeiro, na presença dos membros do conselho de administração e do funcionamento superior da C. P., amanhã, pelas 10 horas na estação de Santa Apolónia.

Trata-se de locomotivas de grande linha, de 1400 H. P., de 44 toneladas, que estão sendo utilizadas, com excelentes resultados, no rebuque de comboios de passageiros e de mercadorias na rede da C. P. — as 10 primeiras procedentes directamente da Grã-Bretanha e as restantes 40 que serão de montagem nacional.

Esta entrega que marca um importante passo no incremento da dieselização e que paralelamente com a tracção eléctrica constitui o eixo fundamental da actual estratégia ferroviária — é feita na data precisa em que decorrem dez anos sobre a inauguração da electrificação das primeiras linhas da C. P. (Linha do Oeste e traço de Lisboa ao Cascaes).

Curso de Extensão Universitária no I. S. C. S. P. U.

No Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas Ultramarinas o escritor brasileiro Emil Fagundes proferiu hoje, às 18 horas, uma conferência que versará o tema «Problemas sociais do Brasil». Esta conferência está integrada no curso de extensão universitária, que o referido Instituto tem vindo a realizar.

ESPECTACULOS

TEATRO

«D. Quixote», de Yves Jamiaque pelo Teatro Experimental de Cascais

O Teatro Experimental de Cascais (Empresa Carlos Avilez) estreou ontem, no CII Vicente, um novo original: D. Quixote, de Yves Jamiaque, dramaturgo que é representado entre nós pela primeira vez.

Autor de várias peças muito conhecidas (entre as quais «Os porquinhos da Índia» — a tradução para Portugal), Jamiaque procura neste «D. Quixote» interpretar a figura imortal de Cervantes. E faz-o com a intenção de «justificar» o «cavaleiro da triste figura», identificando-o com um sonho de dignificação do homem e da sua condição. Quixote de La Mancha não é apenas um louco: a sua loucura existe para condenar a cruel realidade de um mundo hostil, onde existem ricos «Carnachos» que desmamam, à força e com as suas mãos de dinheiro, moças cheias de uma outra vida e plenas de outros interesses, «Duques» que se divertem nesciamente a cusar a grandeza que não compreendem, «Maritornas» que desenrolam nas cozinhas, junto aos caldeirões e às gorduras, o novelo triste da sua vida. Por todos estes humilhados e contra todos os desfrutadores luta D. Quixote com a força incomensurável da missão que se atribuiu: a de cavaleiro errante, correndo o mundo em busca de aventuras, mas de aventuras justas, onde o seu papel será sempre o de vingador. Papel que jamais se cumprirá, como é natural.

Jamiaque, ao reafirmar a dimensão acentuadamente humanis-

ta de D. Quixote, procura interpretar a figura à luz de valores que se inscrevem tanto nas estrelas da subjectividade intimista como nas da análise social. O conceito de nobreza do celebre cavaleiro nada tem que ver com a adesão a uma classe (de que, aliás foge) nem com a aspiração ao sucesso dentro dela. A nobreza de D. Quixote não distingue situações sociais, mas decorre apenas da ideia de que é nobre tudo o que é generoso e hum, e rufo e plebeu tudo o que é rasteiro e odioso. Nobre é o estalajadeiro que D. Quixote transforma em castelhão; tão nobre quanto plebeu é o duque desumano.

Há mais, porém, na peça de Jamiaque: a terrível ironia que usa, mesmo para com D. Quixote como se até ao cavaleiro a própria figura parecesse cómica. O mito é dissecado — o homem em todo o seu espectáculo, a um tempo grandioso e abjecto, aparece perante nossos olhos.

E se D. Quixote personifica o rebelde que sonha o idealista que arrebatava, Sancho Pança é o complemento contrário da sua figura: o homem sem sonhos nem rebeldia, a quem a ausência de privilégios outorga uma sabedoria particular — no fundo, a sabedoria do povo, dos despojados — o que se dá a arrebatado.

Toda a peça de Jamiaque nos leva a um fundo poético onde a dualidade Quixote-Sancho simbolicamente se encontra, em oposição ao mundo que os envolve e conde-

(Continua na 14.ª página)

DEZ ANOS DE CINEMA EUROPEU

O programa da evocação da 10.ª cinematográfica europeia nos últimos dez anos, que a Casa da Imprensa apresenta no S. Luis e se Alameda a partir da dia 19 de Junho, tem em consideração alguns dos aspectos mais relevantes produzidos em Itália, França, Espanha, Inglaterra, Alemanha Federal, União Soviética, Suécia, Dinamarca e Portugal.

Passaram largamente trinta e dois anos de que se pode ter uma visão de conjunto através de uma série de obras marcadas por autores tão representativos como Visconti, Antonioni, Resnais, Truffaut, Resnais, Valdez, Varda, Demme, Rappeneau, Frantz, Chabal, Bardes, Levent, Schlesinger, Kazan, Kautsky, Thomas ou Mardo.

As principais características desta evolução fazem-se sentir numa intensificação dos processos de narração realista, o que é complementado ilustrado com a selecção organizada pela Casa da Imprensa.

da nossa cadeira

No EDEN — «O Mistério dos Treze»

«O Mistério dos Treze», filme a que se deu assinalar no Cinema Eden, conta-nos uma história onde o mistério paira, onde se desenvolve um caso policial que anda em redor do determinado indivíduo que aparece ferido e morto depois de pronunciar algumas enigmáticas palavras que, de certo modo, podem levar a polícia à descoberta dos criminosos. É uma série de complicadas cenas que, de vez em quando, movimentam o filme e, por vezes também provocam o riso, bom trabalho do realizador Jean-Charles Dudrumet que foi de igual modo um dos adaptadores. Jean Marais a quem foi dado o

papel de protagonista e que tem de lutar contra inimigos perigosos conseguindo sempre sair-se sem dos episódios mais difíceis, representa como bom actor que é, prendendo, continuamente, a atenção da assistência. No papel feminino mais importante foi colocada Nadja Tiller cuja actuação é de acríta de categoria. E com eles contracenam vários outros artistas que contribuíram para o agrado com que o filme foi recebido. Trata-se de um filme que vale a pena ser visto porque entretém os espectadores.

Nos complementos, além de outros jornais de actualidade, um dos quais português, um documentário e uma película de desenhos animados, ambos coloridos que mais valorizam o espectáculo.

P.

cartaz dos teatros e cinemas

CINEMAS Grande sala — As 17.15, 19.30 e 21.30 (Máximo de 17 anos) As mais belas mulheres — As mais audaciosas provas, com o melhor elenco O MISTÉRIO DOS 13 JEAN MARAIS — NADJA TILLER	EDEN TELAFONE 4000 Grande sala — As 17.15, 19.30 e 21.30 (Máximo de 17 anos) As mais belas mulheres — As mais audaciosas provas, com o melhor elenco O MISTÉRIO DOS 13 JEAN MARAIS — NADJA TILLER	MUNDIAL Sala 1000 As 17.15, 19.15 e 21.30 (Adultos) «SUSPENSE» e AVENTURA ALTA BATOTA WARREN BEATTY SARAHAN YORKE
AVIS TELAFONE 4300 As 17.15, 19.30 e 21.45 (17 anos) 1.ª SEMANA DE SENSACAO Grande Marais, Laura Betti e New Tarron, as duas estrelas do momento Se tu não existisses... Uma história de amor Um filme extraordinário	EDEN TELAFONE 4000 Grande sala — As 17.15, 19.30 e 21.30 (Máximo de 17 anos) 1.ª SEMANA O grande actor RAPHAEL em QUANDO TU NÃO ESTÁS Uma história de amor Um filme extraordinário	SAO JORGE TELAFONE 3420 Sala 1000 As 17.15, 19.15 e 21.30 — (17 a.) em 1.ª SEMANA A MAIOR HISTÓRIA DE TODOS OS TEMPOS Com MAX YUN SYDOW
ODEON TELAFONE 4100 As 17.15, 19.15 e 21.30 (Máximo de 17 anos) 1.ª SEMANA O grande actor RAPHAEL em QUANDO TU NÃO ESTÁS Uma história de amor Um filme extraordinário	MOVIMENTAL Sala 1000 As 17.15, 19.15 e 21.30 (Adultos) Um amor muito forte que se tornou de guerra A 25.ª HORA ANTHONY QUINN — VERNA LEE	CONDES TELAFONE 4200 As 17.15, 19.15 e 21.30 — Grande Sala (Adultos) Um filme extraordinário Os Prazeres de Penelope NATALIE WOOD — SAN BANNER — PETER FALK
ROMA TELAFONE 3100 As 17.15, 19.30 e 21.45 (Adultos) Natalie Wood, San Banner e Peter Falk, com uma extraordinária interpretação Os Prazeres de Penelope Penelope — Natalie Wood A GRANDE COMEDIA DO ANO	POLITEAMA Sala 1000 As 17.15 e 19.15 e 21.30 EXITO SENSACIONAL Um filme extraordinário FRANCO FRANCHI CICCIO INGRASSIA na fabulosa farsa OS 2 FILHOS DE RINGO TECNICOPE — TECNICOLOM	444 Sala 1000 As 17.15 e 19.15 e 21.30 (Máximo de 17 anos) Gregory Mills, Gene Jones e Dorothy Frazee em um filme extraordinário O espão sai às nove Produção em Technicolor de WALL GUYTON
LEIA «BASTIDORES» às 4.ªs feiras	SAO LUIZ AVALADE As 17.15, 19.15 e 21.30 (Máximo de 17 anos) As 17.15, 19.15 e 21.30 (Máximo de 17 anos) Um extraordinário comédia GRÃO-LOBO CHAMA CARY GRAN — LENIE CARON	IMPERIO Sala 1000 As 17.15 e 19.15 e 21.30 (Máximo de 17 anos) 1.ª SEMANA O meu funeral em Berlim Um filme de Luis Bunuel, com Michael Caine e Eva Marie Saint
LIDO PRACA D. JOAQUIM 1.ª — Tel. 97791 AMADORA Dia 20 — Sábado, As 15.30 e 21.30 h. 17/17 anos O maior filme cinematográfico de ANTHONY QUINN na sua magistral interpretação ZORBA «O GREGO» Um filme que se vê sempre com satisfação	TIVOLI TELAFONE 4000 As 9.30 da noite (Máximo de 6 anos) XI Festival Gulbenkian de Música CONCERTO MOZART Maestro: Adolfo Bazzani — Solistas: Robert, Galy e José Casabrenca (Lisboa) Orquestra de Câmara Gulbenkian	ESTUDIO Sala 1000 As 17.15, 19.15 e 21.30 (Máximo de 17 anos) 1.ª SEMANA Um filme português de classe internacional MUDAR DE VIDA

Telefone 321001
LUIZ GODINHO LIMITADA
 ARTIGOS NAVAIS E PARA PESCA
 AVENIDA 24 DE JULHO, 140 TRAV. REMOLARES, 2 A 8 LISBOA

ECOS DO PALCO
 A Companhia do Teatro Alentejo, em parte brevemente para o Ultramar, actua no Lubão, em 14 d. Bandeira e em Nova Lisboa.
 — A Companhia do Teatro «Canta Sem Nome» voltou a ser convidada a deslocar-se ao Ultramar.
 — O «Conjunto Sem Nome» tem em perspectiva uma dedicação a Brasília, onde actuará.
 — Maria Candel, que actua, recentemente, na Madeira, parte brevemente para Espanha, onde completa vários contratos.
 — Madalena Iglesias está a preparar os números que apresentará na sua próxima giração comercial.

JOALHARIA MERGULHÃO
 Fundada em 1895
 AS MAIS LINDAS PRATAS
 Rua de S. Paulo, 162 Telefone 30013

LIDO PRACA D. JOAQUIM 1.ª — Tel. 97791 AMADORA
 Dia 20 — Sábado, As 15.30 e 21.30 h. 17/17 anos
 O maior filme cinematográfico de ANTHONY QUINN na sua magistral interpretação
ZORBA «O GREGO»
 Um filme que se vê sempre com satisfação

ESPECTACULOS

Teatro Experimental de Cascais

(Continuado da 3.ª página)

ma. E é curioso verificar que é precisamente no sonho que tal harmonia se torna possível, porque aqui reside um dos grandes factores de modernidade da imortal obra de Cervantes.

Creemos que Carlos Avilez, fiel à linha de encenação — se «linha» lhe podemos chamar — que usou nos seus trabalhos anteriores, conseguiu, de facto, encontrar os principais traços de força da peça de Jamsiaque. A ridicularização de certas figuras, dadas impiedosamente, ilustra uma das suas qualidades principais na direcção de actores, que é, precisamente, a facultade (nem sempre bem aproveitada, o que não é o caso desta vez) de «arrasar» pelo ridículo exagerado o corpo da fátua classe que se julga senhora do mundo.

Se muitos aspectos da encenação merecem o nosso aplauso, parece-nos, entretanto, não nos podermos identificar com o público que encheu o Gil Vicente, no que respeita à reacção suscitada pelo intencional deslumbramento que Avilez insistentemente procura através de quadros de grande efeito visual, conseguidos com o concurso de uma iluminação e de uma cenografia espectaculares. E isto porque esse deslumbramento, que a muita gente merece os mais rasgados elogios, fica, quanto a nós, afastado da verdadeira modernidade em Teatro. Trata-se, em Avilez, de uma falsa (só aparente) modernidade.

O teatro deve dirigir-se à inteligência do espectador, fazê-lo participar activamente da sua acção e mobilizá-lo de modo, precisamente, a não o deslumbrar, mas a deixar-lhe a possibilidade de digerir o que vê.

A principal preocupação de Avilez é conseguir, em cada quadro, um novo efeito, um novo espectáculo. É evidente que tal preocupação acaba por provocar cansaço: o texto e a própria movimentação dos actores são esmagados por uma cenografia grandiosa — e, muitas vezes, de mau gosto.

Tentando métodos que não têm razão de ser em teatro moderno, nomeadamente a vã tentativa de encontrar um «realismo» cénico — no sentido não filosófico daquele termo — através da construção dos ambientes com cavalos de massa, burros, etc., chegando mesmo a colocar no palco, em determinada cena, um grande espeto onde não falta a corpulenta rês (de papelão, claro está). Carlos Avilez reafirma a sua intenção de

continuar a construir, num sensacionalismo que descarta importantes valores do teatro, uma espécie de estilo de encenação, que já começa até a ter os seus discípulos...

Encenação que não foi capaz de criar uma linha contínua, estruturada, que sacrificou a unidade a um constante experiencialismo que se socorreu de métodos simbolistas, expressionistas e do mais crú realismo...

Quanto à interpretação, deve-se uma palavra de aplauso a Santos Manuel, que compôs o seu D. Quixote com bastante mérito, se exceptuarmos algumas hesitações no 1.º acto. Rui de Matos, em Sancho Pança construiu a sua figura com inspiração, mas gritou demasiado. Os restantes actores — cujo trabalho o espaço de que dispomos não nos permite analisar em pormenor — mantêm-se num nível bastante fraco, à excepção de alguns deles, como Norberto Barroca, Maria do Céu Guerra, Zita Duarte, Lia Gama, Laura Soveral e alguns mais.

Muito do que existe de bom no capítulo plástico deve-se à coreografia de Agueda Serra e à cenografia de João Vieira, na qual salientamos o quadro da fala de Quixote com os livros, onde se consegue expressar com imenso dramatismo a génese do cavaleiro imortal.

J. B.

NOTÍCIAS

EM EXIBIÇÃO

Jacinto Ramos numa nova faceta da sua carreira «Duas Pernas... 1 Milhão», no CAPITÓLIO

«Oscar de Imprensa de 1965», um dos melhores actores da nova geração, artista de excepção, categoria — Jacinto Ramos é encenador e intérprete de «Duas Pernas... 1 milhão», uma nova faceta na sua brilhante carreira artística. «Duas pernas... 1 milhão», o antigo espectáculo do Capitólio, uma autêntica revolução de grandes artistas, que nos dá duas horas de alegria, bem-estar, as mais lindas canções e os mais belos balados, com uma interpretação notável de Camilo de Oliveira, Aida Baptista, Jo Apoloni, Carlos José Teixeira, António Anjos, Alina Vaz, Maria Laurens, Delfina Cruz, Vasco Morgado Junior, Maria Gabriela Sara Rafael, Norberto de Sousa, Rogério de Brito, e ainda em colaboração especial de stardos Paulo e Jacinto Ramos, com António Calvário no protagonista. Coreografia de famosa bailarina espanhola Ricardo Ferrando, direcção musical de Fernando de Carvalho e montagem e figurino de Pinto de Campos. Hoje e todas as noites, espectáculo às 20h e 23 horas e amanhã, também às 18 horas.

A AGRICULTURA NO DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO

— Tema de um colóquio na Academia Almadense

Na Academia Almadense, realizou-se, ontem, um colóquio promovido pela Comissão Cultural da colectividade, no qual o eng.º Blasco Fernandes falou sobre «o papel da agricultura no desenvolvimento económico».

O eng.º Blasco Fernandes começou por fazer o problema da fome, numa perspectiva mundial, referindo-se à fome quantitativa e à fome qualitativa.

Depois abordou o problema da produção agrícola, nomeadamente nos países subdesenvolvidos, caracterizada pela baixa produtividade do trabalhador e pela grande percentagem da mão-de-obra nesse sector de actividade. Apontou, também, o tipo de estrutura agrícola característica dessa economia: processo de monocultura e produção dirigida para o exterior.

Seguiu-se um animado colóquio em que se procurou definir o conceito de empresário, através de sua reconstrução histórica, e se debatem o projecto de solução para as sociedades não desenvolvidas; falaram de cooperativas especialmente de cooperativas agrícolas.

BORDADOS MODERNOS PORTUGUESES

No Casino Estoril inaugura-se hoje, às 19 horas, uma Exposição de «Bordados Modernos Portugueses», que estará patente ao público até ao próximo dia 31.

VEDAÇÃO AO TRÁNSITO DE VEÍCULOS

A fim de se proceder à construção do arruamento junto à Avenida Infante Santo, vai ser vedado ao trânsito de veículos o espaço de acesso da Avenida Infante Santo à Rua da Cova da Moura, por um período de 40 dias, com início no próximo dia 22.

Pelo mesmo motivo, será também vedado ao trânsito de veículos a Estrada de Damas, por um período de 30 dias, com início igualmente no dia 22.

DUAS LETRAS, DOS CARRAS, AO SERVIÇO DO PAÍS

À EX.ª CLASSE MÉDICA
FARMOQUÍMICA BALDACCÍ S. A. R. L., tem o prazer de informar que iniciou a distribuição do X tomo da apreciada publicação «OMNIA MEDICAMENTA» que trata de Doenças de Microbiologia.

MÚSICA

RUBINSTEIN NO TIVOLI

Rubinstein, o extraordinário pianista que, ainda há poucos dias, no Coliseu, com a intuição esgotada, foi evocado quando se apresentava num concerto em que demonstrava a mesma execução, a mesma compreensiva maneira de interpretar as obras que escolhe para a sua exibição, dando-lhes o relevo preciso como o fazia na sua sociedade, voltou ontem a aparecer no Cinema Tivoli, num recital de piano. E aí, na sua anterior aparição foi admirável, de acordo com a orquestra que o acompanhava como se esta tratasse de emulgar em uma a figura singular do extraordinário escultor, não foi menos, agora, desenhando primeiramente no teclado as páginas musicais, todas elas salpicadas de dificuldades, se é que no piano para Rubinstein existem dificuldades, das alemãs Beethoven e Schumann, do francês Debussy, do brasileiro Villa Lobos ou do polaco Chopin. Estilos inteiramente diferentes que ele nunca esquece, de modo a dar à assistência uma tradução exacta do que os compositores tinham o intuito de transmitir aos auditórios. Citar Rubinstein é citar um mestre excepcional a quem as tuas obedecem constantemente. Evidentemente que, mesmo quando se trata de uma figura daquela envergadura, não falta quem nem sempre esteja de acordo com ela.

Assim, há pouco tempo ainda, num livro da autoria do determinado musicógrafo, escrevendo este acerca de pianistas, numa passagem desse livro encontramos as seguintes palavras:

«Um recital de Artur Rubinstein não é possível que aborça, pois tem este artista demasiada vitalidade, ainda que não afirmarei ser a sua execução mais perfeita do que a de Joseph Hofman (antes bem provavelmente, a é menos), resulta, contudo, muito mais agradável, porque nela existe maior emoção».

E que Rubinstein usa de especial sensibilidade quando descreve o que as suas mãos encontram nas partituras que cuidadosamente interpreta. Sente o que toca. Foi o que aconteceu ontem, à tarde, no Tivoli, quando entusiasmos mais uma vez os numerosos espectadores que o ouviram, como costuma suceder também em toda a

parte quando percorre o mundo e as suas mãos enfeitam os concertos. Após o delírio de aplausos encetou mais quatro «entras».

F. F. G.

O Trio Casadens no XI Festival Gulbenkian de Música

O célebre trio de pianistas Casadens (Robert, Gaby e Jean) apresentará-se à noite, sábado, no Tivoli, às 21.30 horas, num concerto com a Orquestra de Câmara Gulbenkian, dirigida pelo 11.º maestro titular, Adrian Boult.

O programa, inteiramente preenchido com música de Mozart, tem o seu ponto culminante na interpretação do «Concerto em Si maior, para 3 pianos e orquestra». Ouvir-se-ão também as seguintes obras: «Concerto em si bemol maior para dois pianos e orquestra», «Concerto em si bemol maior para piano e orquestra» e «Adiós a.º 25, em Si maior».

Exposições Monteverdi e Britten

Continuam patentes ao público as exposições dedicadas aos dois compositores homenageados no XI Festival Gulbenkian de Música: Claudio Monteverdi e Benjamin Britten.

Estas exposições podem ser visitadas, respectivamente, no Salão Nobre do Teatro Nacional de S. Carlos e na Galeria da Fundação Gulbenkian, em todas as dias úteis, das 15 às 19 horas, até 7 de Junho.

BEBÉ ENVENENADO COM AMONÍACO

Deu entrada no Hospital de S. Estefânia, em estado grave, um bebé de meses, de nome João Pedro da Silva Carneiro Costa, filho do advogado dr. Abel Gomes Costa, morador na Praça Pedro Américo, 2, 5.ª H., no Lameiros.

O bebé, ainda de mama, foi envenenado com amoníaco, após parecer, ministrado pela mãe de leite caseiro, com soro de vitelo.

A serviço encontra-se perto.



AGORA A NOVA SERIE UNIVAC 9000

EXIBIDOS HOJE os últimos filmes participantes no Festival do Filme Industrial

Deserveu ontem nas instalações do F. I. L., a quarta jornada do VIII Festival Internacional do Filme Industrial, organizado pela Associação Industrial Portuguesa com o patrocínio do Conselho das Federações Industriais da Europa.

De manhã, no auditório e na nave lateral da Feira, devidamente adaptada, foram exibidas três películas de diferentes países europeus, e durante a tarde, na galeria da nave lateral, efectuou-se a sessão «mesa redonda» coordenada ao tema «A função do filme industrial para o conhecimento da indústria nos seus aspectos técnicos, económicos e sociais no plano internacional».

Orientou os debates, nos quais intervieram numerosas individualidades portuguesas e estrangeiras, o sr. René Arnaud, secretário-geral do C. I. F. E., que, no começo da reunião, proferiu algumas palavras, analisando a vida e a evolução do cinema. Aparente alguns episódios da produção cinematográfica especializada, nomeadamente de carácter técnico, até atingir o nível revelado nos nossos dias.

Referiu o objectivo destes festivais, que se encontra bem definido no tema daquela sessão, e que se enquadra nas mais altas propósitos da moderna indústria, posta ao serviço do bem-estar social e económico dos povos. Seguidamente, enumerou alguns dos propósitos destas organizações, nos seus vários aspectos.

De entre os diversos oradores, salientou-se a intervenção do sr. eng. Silva Gil, que teve a oportunidade de apresentar a Direcção do filme industrial no nosso País, muito em especial junto do grande público. Teve ainda oportunidade de esclarecer em que medida é que o C. I. F. E. poderia contribuir para a melhoria da classificação dos filmes, circunstância que foi esclarecida pelo sr. René Arnaud.

Do mesmo modo, o secretário-geral do C. I. F. E. respondeu a algumas das interrogações formuladas pelas participantes acerca de vários problemas pertinentes e relacionados com o filme industrial. Esta sessão, que demorou cerca de

duas horas, revelou-se de muito interesse para o esclarecimento de relevantes temáticas relacionadas com o desenvolvimento do filme industrial.

O festival prossegue hoje no mesmo local, com exibição, de manhã e de tarde, de 27 filmes. Esta sessão termina no domingo, com a projecção dos filmes vencedores e respectiva exibição, às 14.15, no Cinema Império, em Lisboa.

AS V JORNADAS MÉDICAS

Encerraram-se hoje, as V Jornadas Médicas que, desde quarta-feira, têm estado a decorrer na Figueira da Foz. Esta manhã, realizou-se um colóquio sobre «Fisiologia da Empresa», tendo presidido à mesa o dr. Raul Caldeira, presidente da Associação Portuguesa de Directores e chefes de Pessoal e vice-presidente da Associação Europeia da Direcção de Pessoal. Foram abordados os seguintes sub-temas: «A estrutura e funcionamento da Empresa», por Carlos Faria Vicente (do Instituto de Estudos Sociais); «Princípios de gestão», por Álvaro de Azevedo Noronha (do Instituto de Estudos Sociais); «A importância do Status na psicologia do trabalhador», pelo dr. Alvaro Ribeiro (médico).

A tarde, e até às 18 horas, efectuou-se o último colóquio, este coordenado ao tema «Absentismo — doença». Preside o dr. Artur Ernesto Monteiro, vice-presidente da Sociedade Portuguesa de Medicina do Trabalho, sendo discutidos os seguintes assuntos: «A importância do absentismo — doença, respectiva definição e conceitos», pelo dr. José Correia da Silva; «Análise das taxas ou índices de avaliação», pelo dr. Florentino da Costa Ramos; «Alguns artificiais dos índices de avaliação», por Joaquim Alves Rosa (do Instituto de Estudos Sociais); «As tendências que se pretendem diagnosticar e tratar», pelo prof. Alberto Correia Vicente.

Após este colóquio, o dr. Artur

CATASTRÓFICAS inundações na Índia

NOVA DELHI, 9 — Helicópteros da Força Aérea Indiana transportaram hoje alimentos para 50 pessoas que se encontram isoladas das péssimas inundações no Estado de Rajasthan, entre Jodhpur e Barmer, onde as águas chegam a atingir metro e meio de altura.

Nos contrafortes do Himalaia, onde ontem uma barragem colou ao peso das águas, verificaram-se tremores grandes inundações mas não há conhecimento de vítimas.

Em inundações verificadas nos últimos tempos na União Indiana morreram já cerca de 300 pessoas. — R.

encerram-se hoje na Figueira da Foz

Ernesto Monteiro fez um resumo dos assuntos tratados durante as reuniões anteriores.

MELHORARAM os seis militares feridos no desastre ocorrido durante exercícios militares

Melhorou sensivelmente o estado dos 6 militares atingidos por uma granada, quando, próximo de Évora participavam em exercícios militares.

No Hospital Militar daquela cidade alentejana, continuam internados o aspirante militar Virgílio Lopes Ferreira, e o cabo militar Ramiro António Marques, e os soldados Manuel Carlos Gomes de Oliveira, Manuel Marques Coutinho e António José Gonçalves Figueira.

Em Lisboa, no Hospital de Estrela, para onde foi transportado numa ambulância do Exército, está o soldado Custódio Mochila.

Os feridos do 1.º cabo militar Álvaro Afonso Guardado Gonçalves e do soldado Mário Ferreira Oliveira, mortos em consequência do mesmo acidente, realizaram-se amanhã, para os cemitérios de, respectivamente, Souto e S.º Tiago.

TEATRO «FEDRA», DE RACINE pelo Teatro Experimental de Cascais

O Festival de Sintra encerrou-se ontem no Cine-Teatro Carlos Manuel, com a apresentação de «Fedra», de Racine, pelo Teatro Experimental de Cascais.

A companhia dirigida por Carlos Avilez apresentou-se agora com vários actores conhecidos: Amélia Rey Colaço, Eunice Muñoz, João Guedes e Mário Pereira, actores que não se esperaria, há algum tempo, ver integrar aquele agrupamento teatral.

Quaisquer considerações que se possam fazer acerca da inclusão daqueles intérpretes num elenco de teatro experimental, encontram-se ultrapassadas pelas palavras escritas pelo próprio encenador e inseridas no programa: «Se Teatro Experimental pressupõe teatro de experiência, o mesmo só é possível com a colaboração de actores que determinadas distribuições exigem. Para a Fedra, para os seus mais altos papéis femininos não sonhei outras que Eunice Muñoz e Amélia Rey Colaço». Se Carlos Avilez se sentiu na necessidade de dar esta «explicação» ao seu público é porque alguma coisa na escolha que fez sente merecedora de explicações...

Não compete, porém, ao espectador analisar as decisões do director de um espectáculo que foi feito no intuito de o servir — em outros intuitos, um dos quais deverá ser, e é, também, o de criar uma obra de arte no palco. Ao espectador, e consequentemente ao crítico, convém apreciar o que no palco se passa, o efeito final de todas as combinações, de todos os recursos que estão na base dessa magia que faz nascer o Teatro.

E é assim que não podemos deixar de louvar as muitas qualidades do espectáculo que o Teatro Experimental de Cascais ontem nos proporcionou, como não podemos deixar de apontar aquilo que aos nossos olhos aparece como defeitos.

Se uma das coisas em que mais insistimos quando aqui se tem escrito acerca do Teatro de Carlos Avilez é na condenação da estética que conduz a um culto do espectáculo encarado na sua forma exclusivamente visual, mister é reconhecer que desta vez aquele encenador ou encontrou na tragédia de Racine poucas oportunidades de lançar mão do seu poder imaginativo ou deliberadamente o controlou, de modo a não atenuar a força das palavras na tragédia raciniana. Prova a que o encenador se quis submeter? Acreditamos que sim. E é necessário dizer-se que em certa medida conseguiu uma realização que não trai Racine. Para os que estariam à espera de um espectáculo mais próximo da linha dos últimos levados à cena em Cascais, haverá talvez uma pequena desilusão. Os outros, que «malgré tout» acreditavam em Carlos Avilez e na sua devoção ao teatro terão a satisfação de ver justificadas as suas esperanças.

Não quer isto dizer que tenhamos assistido, em Sintra, a uma «Fedra» como aquela que a peça e o seu autor exigiriam.

Poucos dramaturgos haverá em quem, como em Racine, as palavras possuam uma tão grande importância, já que na ambiguidade delas, no círculo que elas constantemente formam, se encontram os verdadeiros elementos que alimentam a tragédia. Se se analisar esta peça do autor de Berenice, ver-se-á que é mais nas palavras que se dizem, no interminável monólogo de Fedra — toda a peça, no fundo, o é — que se encontra o equívoco que conduz ao desfecho. O mal-entendido existe nas palavras mais que na acção. A acção é quase inexistente. Daí que qualquer encenação teria de preocupar-se, fundamentalmente, com este aspecto primordial do teatro trágico raciniano. Daí que a interpretação seja nesta peça um factor básico, decisivo.

Dizer Racine exige bastante mais exercício e bastante maior técnica que aqueles que foram demonstrados pelo elenco de «Fedra». Se excluirmos o caso de Eunice Muñoz, em quem repousam, por vezes em desordem, todos os grandes dotes do actor, e o de Maria do Céu Guerra, que uma vez mais afirma o seu talento, já aqui várias vezes apontado, todos os restantes intérpretes ficam muito aquém do que seria exigível. Uma vez mais Avilez deixa ver o seu calcanhar de Aquiles: a direcção de actores. Cada um deles ficou entregue ao seu estilo. O tom excessivamente declamatório, em que a peça pode fazer cair os intérpretes, mas de que é necessário fugir, encontra em Mário Pereira e em João Vasco os seus melhores veículos.

Amélia Rey Colaço, no papel de Enone, aquele que na peça serve de apoio ao monólogo de «Fedra», representou recorrendo aos seus processos habituais, que revelam um grande «métier», uma grande experiência de palco. João Guedes teve uma interpretação hesitante, que nunca se permitiu profundidade. Zita Duarte e Lia Gama estão ainda muito pouco experientes para a peça de tanta responsabilidade. António Marques disse muito bem um pequeno papel.

A Eunice Muñoz ainda, uma palavra de aplauso. Ela conseguiu superar o que o seu trabalho lhe oferecia de mais espinhoso, em monólogos onde o confessionalismo atinge as margens do patético. Margens pelas quais Eunice felizmente se ficou, temperando sempre com «nuances» de voz da mais perfeita técnica as falas em que mais facilmente poderia descambar no melodramático. O mesmo pode dizer-se em relação a Céu Guerra.

A encenação de Carlos Avilez, tentando um compromisso entre o texto e a realização plástica, entre o clássico e o moderno, logrou, em grande medida, os seus objectivos, e constitui, apesar da deficiente direcção de actores, um dos seus melhores trabalhos. O cenário de Júlio Resende é sóbrio, segue o compromisso da linha geral da encenação, tem qualidade estética e só peca, quanto a nós, pelo fundo, que limita o espaço cénico e impede a criação do clima de ambiguidade absolutamente necessário à tragédia.

J. B.

EXTERNATO FERNÃO MENDES PINTO

ENSINO INFANTIL E PRIMÁRIO

- INICIAÇÃO A LINGUA FRANCESA NAS CLASSES PRIMARIAS
- SECÇÃO MASCULINA E FEMININA
- CURSOS DE INICIAÇÃO MUSICAL E DE INICIAÇÃO PLÁSTICA EM PEQUENOS GRUPOS

INSCRIÇÕES NO DECORRER DO MÊS DE SETEMBRO (DAS 10 AS 12 E DAS 13 AS 19 HORAS)

ESTRADA DE BENFICA, N.º 338
TELEF.: 78 01 88

TERMINOU OS SEUS DIAS na frota da TAP o último avião com hélice

Terminaram com honra e glória, na frota da TAP, os aviões com hélice, que fizeram milhares de quilómetros de voo, em circuitos regulares, sem que dessem qualquer dia a dia.

Dever cumprido, portanto, e bem! Terminou uma época. Outra surgiu — a do jacto.

O avião a hélice utilizado na linha Lisboa-Bissau-Lisboa, terminou ontem a sua actividade. A partir da próxima semana,

um moderno «Boeing-72», que passará a fazer o percurso em quase metade do tempo.

O Super-Constelation da frota da T. A. P., nos últimos dez anos, percorreu 11.800 mil quilómetros, em 11.800 voos, realizando cerca de 50.000 decolagens e aterragens em quarenta e três cidades de densas populações, sempre transportando milhares de passageiros e toneladas de carga e correio.

BARBOSA ESTEVES & C.ª, LDA
OURIVES-JOIAIS-RELOJOS
293, Rua do Prato 295
JOIAS, ORO PRATA E RELOJOS O QUE HA DE MELHOR NO GNERO
Olhe-se todos os dias
TELEPHONE 121122

ACTUALIDADE escolar

SEIS ANOS DE ESCOLARIDADE OBRIGATÓRIA

Várias foram no passado as tentativas de tornar obrigatória a escolaridade primária no nosso País. As boas intenções do legislador ficaram, porém, arquivadas nos documentos oficiais, pois na prática foram quase todos os resultados, devido a factores de diversa ordem. Nos últimos anos, porém, o Ministério da Educação Nacional tem vindo a este trabalho conseguindo-se não só tornar efectiva a obrigatoriedade como também ampliar os períodos da mesma escolaridade. Como se sabe, ainda não há muitas décadas, a nossa juventude era apenas obrigada à primeira classe do ensino primário. Posteriormente, essa obrigatoriedade passou a incluir a quarta classe e, por força de recente diploma legal, deu-se notável avanço com a introdução do curso complementar, abrangendo a 5.ª e 6.ª classes. Esta medida traduziu-se no expressivo acréscimo de 50 por cento, pois as classes passaram de 4 para 6. Por outro lado, e em consequência desta determinação, as crianças que, em média, permaneciam na escola até aos 12 anos, frequentam-na até cerca dos 14, aproveitando por isso dos ensinamentos ministrados com maior maturidade de espírito. Para a efectivação da extensão da escolaridade obrigatória apontavam-se como possíveis três caminhos. Entre os quais o legislador teve de escolher um, tendo em conta as actuais estruturas do nosso ensino: ou se tornava obrigatório o 1.º ciclo do ensino secundário (1.º ciclo do ensino liceal, ciclo preparatório do ensino técnico); ou se criava um ciclo complementar do ensino primário (5.ª e 6.ª classes) e se tornava esse ciclo obrigatório para todos, com a consequente extinção do 1.º ciclo do ensino secundário; ou se criava e referido ciclo complementar do ensino primário, como obrigatório, mas com manutenção do 1.º ciclo do ensino secundário e dispensa daquele para os que frequentem este até final. Optou-se por esta última solução, análoga, aliás, à que tem vigorado em vários outros países, como por exemplo a França e a Espanha.

Um aspecto que deve ser salientado nesta importante determinação é que a escolaridade das novas classes é inteiramente gratuita, como tem sido até agora para as primeiras quatro classes que constituem o ciclo elementar.

Também é de salientar que os indivíduos sujeitos ao regime de escolaridade obrigatória a partir do ano lectivo de 1968-69, deverão possuir, no o ciclo complementar do ensino primário ou o ciclo preparatório do ensino secundário, para todos os fins para que se exige presentemente a 4.ª classe da instrução primária.

O mesmo diploma legal prevê que o Ministério do Ultramar, em colaboração com o Ministério da Educação Nacional, estudará, quando for julgado oportuno a adaptação do novo regime às províncias ultramarinas.

O ciclo complementar foi criado, por portarias recentes, em 1169 lugares, iniciativa que ainda no presente ano lectivo, se processa a título facultativo e experimental.

Exames de aptidão à universidade

Termina hoje o prazo da entrega de documentos na secretaria

da universidade de Lisboa, relativos aos exames de aptidão, da época de Outubro, naquele estabelecimento de ensino superior. Depois desta data, e até ao dia 12, ainda serão aceites requerimentos, mas mediante o pagamento de 2000, salvo em casos especiais, quando o impedimento for motivado de força maior for devidamente comprovada.

Escola Técnica Elementar Pedro de Santarém

O director da Escola Técnica Elementar Pedro de Santarém, reuniu-se hoje com os encarregados de educação dos alunos, para, em conjunto, ser delineado o plano de trabalhos para o 1.º período lectivo, dada a conhecer a orgânica interna da Escola e a movimentação das actividades curriculares. A reunião efectuou-se no Salão Novo do Bairro das Furnas, em Sete Rios, e, ao final, foram prestados todos os esclarecimentos sobre a vida escolar, requeridos pelas pessoas presentes.

Antigos Alunos do Liceu Camões

Os antigos alunos do Liceu Camões, dos cursos de 1914-1921, 1925-27, 1936-37 e 1937-38, organizaram esta manhã uma romagem ao cemitério dos Franzen, onde prestarão homenagem ao seu antigo reitor, eng. Claro da Rica.

Escola Manuel da Maia

A reunião do director da Escola Manuel da Maia, com os encarregados, realizou-se hoje, às 17 horas, no ginásio daquele estabelecimento de ensino, com a seguinte ordem de trabalhos: «A escola e a casa»; «Deveres dos encarregados de educação»; «Orientação nos estudos»; e «Programa do 1.º período».

Começaram hoje as aulas na Academia de Amadores de Música

Na Academia dos Amadores de Música, começaram hoje as aulas de Iniciação Musical Infantil (segundo o método de Edgar Willms), Solfejo, Piano, Violino, Vi-

COMEÇARAM HOJE AS AULAS DA INSTRUÇÃO PRIMARIA

Cerca de um milhão de crianças iniciaram esta manhã as aulas, nas escolas primárias do Continente e Ilhas Adjacentes.

Para muitas delas, este é o primeiro dia de uma longa «etapa» decisiva.

Aproximadamente 2000 professores e regentes, terão a seu cargo uma tarefa difícil: a de ministrar os primeiros conhecimentos e abrir perspectivas, na vida de tantos jovens.

Por outro lado, é também hoje o primeiro dia de funcionamento da 6.ª classe, segundo ano do ensino primário complementar criado pelo Decreto 45418.

lucola, Canto, Instrumentos de Sopra, Harmonia, Actórica, História da Música, Composição, Flauta de Bocal e Guitarra Clássica. Entretanto, continuam abertas as inscrições, sendo prestados todos os esclarecimentos, das 10 às 18 horas, na Rua Nova da Trindade, 18, 2.ª, esq., ou pelo telefone n.º 32021.

Passo do novo reitor de Liceu Nacional de Bragança

Em consequência do sr. dr. Domingos dos Santos Rijo ter deixado o cargo de director do Liceu de Bragança, foi nomeado para o substituir o sr. dr. Francisco Álvares Feres, professor de Física-Química (7.º grupo), do mesmo estabelecimento de ensino.

O acto de posse deste novo reitor, realizou-se na biblioteca daquela Liceu, regendo a presença do governador civil do distrito, sr. dr. José Domingos de Campos e de outras entidades.

Após 24 horas de destruição foi extinto o maior incêndio que até hoje se registou em Ferreira do Zêzere

Ferreira do Zêzere, 7. — (Pelo telefone) — As três horas da madrugada de hoje, os bombeiros de Ferreira do Zêzere, de Tronco, de Alvalade e um pelotão do regimento de Infantaria 15, deram por extinto o incêndio que deflagrou no lugar da Mexilão, e que, em pouco tempo, se espalhou por uma área de dezenas de quilómetros, sendo em risco algumas povoações e causando muitas vítimas de contos de prejuizo.

Segundo o testemunho de António Ferreira da Graça, ajudante do Comando dos Voluntários de Ferreira do Zêzere, não há memória de um incêndio com tamanhas proporções: — O vento dificultava a tarefa

Atropelamento mortal

Atropelada perto da residência, por um automóvel, chegou morta ao Hospital de S. José e foi transportada para o Instituto de Medicina Legal, a sr.ª Inocência da Silva Horta, de 49 anos, moradora no Largo das Bases Pré-Fabricadas, Rua U, n.º 14-A, do Bairro da Encarnação.

Também chegou morto ao Hospital de S. José e foi transportado para o Instituto de Medicina Legal, um indivíduo cuja identidade se desconhece, que aparenta 30 anos e que foi chocar com um automóvel, nos Olivais, junto do Mata-douro, quando seguia na sua bicicleta.

COM A PARTICIPAÇÃO

de numerosos técnicos nacionais e estrangeiros iniciou-se hoje o IV Encontro Internacional de Mecanografia e Informática

Começou esta manhã, em Lisboa, o IV Encontro Internacional de Mecanografia e Informática, com a participação de numerosos técnicos portugueses e estrangeiros. Os trabalhos iniciam-se na segunda-feira, sendo o dia de hoje preenchido com a recepção dos participantes e o de amanhã com uma visita à região dos Três Castelos.

CONCURSO DE ARTE DRAMÁTICA «À Espera de Godot», de Beckett pelo Grupo Cénico do Banco de Angola

O Grupo Cénico do Banco de Angola apresentou no Trindade, para o Concurso de Arte Dramática promovido pelo S. N. I., a peça de Samuel Beckett «À espera de Godot», numa encenação de Jacinto Ramos.

Habituaados ao bom nível daquele agrupamento teatral, que, integrado, embora, no plano do simples amadorismo, tem dado provas de possuir qualidades que muitos conjuntos profissionais não desdenhariam, esperávamos presenciar um espectáculo honesto e positivo, dentro dos condicionamentos inerentes à natureza do Teatro amador.

Acontece, todavia, que a realização do Grupo Cénico do Banco de Angola transcendeu a nossa expectativa.

É evidente que o «métier» no teatro tem muita importância. A improvisação, mesmo quando ao nível do amadorismo, não pode nunca produzir resultados parecidos

com aqueles decorrentes de uma aturada experiência, do exaustivo estudo sem o qual não é possível levantar sobre um tablado uma obra digna e unitária. Se a regra é, precisamente, não haver regra — «As regras do teatro estão por inventar», como escreveu Gordon Craig — uma coisa é, no entanto, certa: não é possível, num curto espaço de tempo, num instante fugaz de «inspiração» — ainda que genial — encontrar toda a riqueza, todo um estilo de uma obra que se pretenda transpor do livro silencioso onde se encerra para esse «limiar da vida» que é um palco.

É o próprio Jacinto Ramos que nos informa — em algumas palavras que fez inserir no programa — que a ideia para a encenação de «A espera de Godot» lhe nasceu quando da primeira vez que leu a peça, em 1958. Decorreram, portanto, bastantes anos, durante os quais, certamente, o encenador teve oportunidade de meditar nalguns aspectos da obra de Beckett e nas suas exigências cénicas. Não terão os trabalhos de encenação, propriamente ditos, demorado os dois anos que Gordon Craig, ainda, exigia para um sério trabalho de realização teatral... O espectáculo revela, porém, um longo período de amadurecimento do estilo imposto à realização.

A sistematização, o simbolismo da peça mais conhecida de Beckett, as linhas abstractas de contacto com o grande problema da vida, o espaço entre esta e a morte, não podem senão conduzir a uma linear, descarnada, montagem cénica. Tal como a linguagem quase desconexa, quase absurda. Tudo se passa num plano de irreal — e no fim, o lugar, o cenário, o que se descreve, as próprias personagens, têm muito pouca importância. São ideias que se teatralizam, seres sem configuração, mensagens apenas, que se deslocam no palco. Jacinto Ramos exprimiu com toda a lucidez esta ideia que se encontra na base do teatro do absurdo, ao qual corresponde, como é óbvio, uma determinada estética.

E não se pode falar da encenação de Jacinto Ramos sem se referir os seus dois principais aspectos: a magnífica realização plástica de João Vieira, cuja grande capacidade de expressão, já demonstrada em «Dom Quixote», é desta vez policiada por uma direcção que faz o cenário integrar-se na linha da peça, e os apontamentos musicais de Nuno Barreiros, cujos sons desarticulados traduzem a angústia que existe no profundo essencial da obra.

A árvore construída com rodas de bicicleta e os figurinos intemporais das personagens são magníficas criações que reafirmam as grandes qualidades de João Vieira como cenógrafo — um dos poucos artistas plásticos portugueses que se revela capaz de desaprofundar, enquanto trabalhador de teatro, os hábitos adquiridos por uma experiência exclusivamente pictural.

As luzes, as marcações e o estilo interpretativo contribuem para a notável unidade do espectáculo.

Quanto à interpretação há que salientar o trabalho de Luís Mata, no papel de Estragon, em que revela qualidades que o impõem como um autêntico actor. Merecem aplausos também a interpretação de Norberto de Sousa, igualmente de excelente nível, e a de Fernando Correia Gomes de Moura, em «Pozzo», não conseguiu integrar-se perfeitamente no estilo da peça.

Resta cumprimentar o Grupo Cénico do Banco de Angola por este magnífico espectáculo, em tudo à altura de uma obra de dignificação teatral que começa a impor-se no nosso País.

J. B.



O que vimos e ouvimos

HISTÓRIA DA MÚSICA — Escrito será dizer que nos dias de hoje de Freitas Branco é por aí que se deve principiar o programa da televisão. Para quê? Ora para que há-de ser: para apresentar a nossa música de vitaminas que, como se sabe, tem a função de fortalecer a resistência do organismo às infecções.

Assim, que a música não vale unicamente por aquilo que nos ensina a respeito da música em si, mas, também, por aquilo que nos ensina a respeito da presença ou ausência de uma facilidade em compreender e apreciar a música. Vale também pelo que nos ensina a respeito da presença ou ausência de uma facilidade em compreender e apreciar a música. Vale também pelo que nos ensina a respeito da presença ou ausência de uma facilidade em compreender e apreciar a música.

Pela ó. Eu sei que quer que não se trate de uma música que se chama popular. Ali quer que se não hábito e hábito de música de improvisadores haja aí uma coisa que se chama música. Digo isto com a mesma certeza de posicionamento. Antes pela música. Que, depois de tudo, ainda não tenha desaparecido por completo a arte da música, digam lá, não é simplesmente reencantado?

KOROSHI — A primeira obra de ficção científica é terceira edição. Carta, que detém. Um território. Cada uma, uma aventura. O televidente deixava uma para pagar outra. E depois aquilo no Japão sempre tem outro saber, assim com um cheirinho a oriental.

Aqui para não: nunca me esqueço de ficção. Não perdoei a música clara e fria da história. O que me comovia é que tanto o realizador, como os actores também não pareciam muito bem. Qualquer coisa com as Nações Unidas... É um aparelho que detentava as convulsões das embriaguezas. É um tipo que praticavam tudo, eram umas forças brutas e o «Danger Man» (al. equivalente o nome dele!) parecia-se fora de contexto com uma simples história. Havia uma repetição juliana, mas de uma outra natureza Nakamura que era então é que era de trinta minutos típicos. O «danger man» ainda estava. Havia também tudo em equilíbrio das intenções americanas tentativas a dar a independência aos povos. E a parte de «Os dois piratas» é um todo contínuo e agora já podem pagar piratas é vontade, pra quê? Pra poderem exportá-la. Pra quê? Para terem dividas.

É se o «Corumbé» não se encontra, espera um boicote e terá os «filhos de Santa Cruz» com uma história ou seja: o Processo Maia Valde Para A Encampação Universal Sem Der.

A ficção estava morta. Quem a fez acordar?

OS BONS VELHOS TEMPOS — Os ingleses não perdem o sentido do humor. Lá se arrastam, lá pensam que se desvalorizam a vida mas não se desvalorizam a vida. O riso também pode ser uma truncheira. E quando esta se perde, pode então começar a pensar que verdadeiramente a guerra se perdeu. O humor dito «ingles» sempre muitas vezes este aspecto de re-

construir a boa disposição é muito dos casos da música longa partida. Pode acontecer que o período seguinte da grande obra nos tempos musicais seja de atingir a estrutura da gargalhada que é a música britânica. Porém, ao analisar os prazos que se a música já é, por aí, um espectáculo.

É que se inspirar não sabem fazer a fingir, tal a força do hábito. Ainda existem verificações. Não «Uma vez tempo não se tornou e foi em. E não foi, a música primitiva. Porque em música portuguesa das coisas do palco se telegrafaram portugueses fizeram a ver nunca.

Por outro lado, fanatismo e gigantismo tiveram-se entretidos um largo espaço. É a luz que a coroa nos deu de estar entre, como naquele tempo de corda bamba, foi tão valiosa, tão significativa, tão cheia de experiência e de sabedoria, que só para isso teria valido a pena sentir a mão este episódio experimental de «Os dois velhos tempos».

Quanto a Leonard Suth, já é entre nós uma figura popular. Morreu. — M. C.

HOJE PODE VER...

- **As 20 e 21: «O Corumbé Temporário»**
Representa, esta noite, no R. T. P., o 10.º episódio tirado da série «O Corumbé Temporário», iniciado há período de sábado, com interpretação dos actores Cos Robert, Eulálio, Joana Botto e Genoveva Cortes, sob a regência de Vassil André.
- **As 22 e 23: «Branco»**
Na série «Branco», é colado, hoje, mais um episódio de aventuras do Oeste-americano, com os actores Luce Green, Ferrel Roberts, Dan Black, Michael Landon e Henry Hall.

MADALENA: REGRESSO DE MADRID

Regressa a Lisboa a popular e simpática Madalena Iglésias, que se deslocou a Madrid, para gravar um programa para a Televisão Espanhola. Madalena, que interpretou as melodias tradicionais portuguesas, organizadas em modas modernas, voltará à capital espanhola dentro de breves dias, a fim de gravar um disco, e, depois, cumprir um contrato em Las Palmas.

«PAULINA VESTIDA DE AZUL»

na Estufa Fria

«Paulina vestida de azul», a peça de Joaquim Paço d'Arcos levada à cena ontem na Estufa Fria, pela denominada Companhia de Teatro Popular (empresa Augusto de Figueiredo) é uma daquelas realizações com localização precisa em data certa, fora da qual deixa de ter sentido. Se para a época em que foi estreada (16 de Abril de 1948, no Teatro Nacional) já a sua estrutura e a sua temática se encontravam bastante deslocadas relativamente à expressão teatral moderna, hoje mais se acentua o fosso que a separa da dramaturgia contemporânea. O tipo de teatro a que pertence «Paulina vestida de azul» foi, de facto, possível em Portugal, durante uma época de transição em que, por exemplo, a famosa «Recompensa», de Ramada Curto queimava os seus últimos cartuchos. Agora, que os passos estão ensaiados com alguma timidez não é possível, por muito boa vontade que haja, e não há, retomar com êxito um caminho que, felizmente, está definitivamente desacreditado.

«Paulina vestida de azul» conta a história de uma família que começa a desagregar-se a partir do momento em que um dos seus

membros descobre que um deles, o chefe, é autor de um crime grave: o afundamento do navio que comandava (de acordo com o respectivo armador) com o objectivo de conseguir, através do seguro, uma larga quantia. No afundamento do navio morreram catorze tripulantes.

Tema bastante parecido, como se vê, com o de Arthur Miller em «Todos eram meus filhos», com diferença de o papel desempenhado na peça portuguesa pelo navio pertencer na do autor de «Morte de um caixeiro-viajante», a um avião. Porém, se na obra do autor americano o crime praticado transcende o plano do mero pretexto do desencadeamento de conflitos psicológicos para constituir o fulcro da peça (em que se encontra implícita a vigorosa condenação desse crime, bem como das estruturas que a ele dão lugar) na comédia dramática de Paço d'Arcos passa-se precisamente o contrário: o autor faz tábua-rasa das causas e das consequências do delito, chega quase a justificá-lo (pela boca da personagem Daniel de Resende) e serve-se dele apenas para nos contar uma história que acaba por não ter sentido algum.

Expressão pobre de um natura-

lismo que não chega sequer a dar uma definição caracterológica dos personagens, a peça de Joaquim Paço d'Arcos limita-se somente a encher, sem interesse, uma estrutura esquemática e tradicional.

A Companhia de Teatro Popular (cujo repertório, de autores portugueses, inclui, a seguir a peça «Desaparecido», de Olga Alves Guerra, e outros originais de José Régio, Luís Francisco Rebelo, etc.) tratou «Paulina vestida de azul» com bastante dignidade, dentro das (reduzidas) possibilidades do elenco. Augusto de Figueiredo, o encenador, limitou-se a transpor o texto para o palco, com um mínimo de lógica e aceitando perfeitamente as intenções do autor, no que ajudou a compreendê-lo. Fazer da solenidade posta na interpretação do mau gosto dos cenários, do primarismo de algumas soluções cénicas, das diferenças de linhas de interpretação dos actores — com cegueira que não vale a pena.

Uma advertência: para que o Teatro oferecido pela Câmara ao povo de Lisboa seja mesmo popular, há uma coisa que se impõe — que os espectáculos possam, realmente, interessar ao povo de Lisboa. Pelo que talvez não seja de desaconselhar a escolha de um repertório mais actual e mais ligado às realidades do público a que se destina. — J. B.



a diferença está no OVO

Desde as 8 horas da noite até ao almoço do dia seguinte, muitos estudantes usam como alimento apenas uma fatia de pão e um copo de leite.

As períodos de maior dispêndio de energia, corresponde a menor alimentação. E afinal é tão fácil e económico **COMER OVOS PELA MANHÃ.** Em gemada, quentes, estrelados, mexidos, **OVOS PELA MANHÃ** ajudam a crescer, dão vigor e têm o fósforo necessário para quem estuda e se desenvolve intelectualmente. **LEMBRE-SE DOS OVOS**

a galinha põe e você dispõe

SARTINA

CABELEIREIRO

LIA e MARIA DO CARMO comunicam a todas as suas clientes e amigos que se encontram a trabalhar nas suas instalações com a colaboração de SILVIA CABELEIREIRA e ZURIDA MASSAGISTA onde aguardam a visita de V.º Ex.º.

Alameda D. Afonso Henriques, 64-r/c-Dt.º — LISBOA
Telef. 713611

PÁGINA 8

DIÁRIO DE LISBOA

14 MAIO 1968

TEATRO AMADOR NA EMPRESA

«A SOGRA DE LUÍS XIV» de FEYDEAU e «O MESTRE», DE IONESCO PELO GRUPO dos C. T. T.

«A sogra de Luís XIV» de Georges Feydeau, e «O Mestre», de Ionesco, constituíram o programa do espectáculo ontem apresentado no Villaret, pelo Centro de Desporto, Cultura e Recreio dos C. T. T. e integrado no III Ciclo de Teatro Amador na Empresa, que está a realizar-se naquela sala, numa organização da Sociedade Central de Cervejas.

A escolha de Feydeau para integrar o repertório de um grupo de amadores compreende-se apenas pela necessidade de familiarizar este género de actores com um estilo de representação que requer algumas qualidades fundamentais, como sejam o óbvio, a naturalidade e o ritmo. Quanto ao interesse

se propriamente teatral de peças como «A sogra de Luís XIV» há muito tempo que se sabe ser reduzido. O «vaudeville» de Feydeau, ainda quando possui alguns vislumbres de ténue crítica social ou alguma ligeira intencionalidade no seu humor, quase sempre brejeiro e gratuito, teve a sua época, respondeu às solicitações do estilo de vida, despreocupado de uma classe e encontra-se vinculado pela sua natureza a tudo o que no teatro já foi ultrapassado, negado e combatido activamente. A ideia de uma arte teatral baseada em jogos frívolos de situações, em equívocos de comicidade superficial, está já, felizmente, posta de parte. O teatro voltou a ser um meio de intervir, um campo de equação de problemas de meditação ou de sátira. Não quer dizer que Feydeau não tenha o seu lugar e que não possa ser visto; convém, no entanto, ter bem presente a posição que lhe compete. A ele e aos seus afins, entre os quais, se contam, em Portugal, um Gervásio Lobato ou um André Brun — ainda representados, apesar de tudo.

Se os directores do grupo dos C. T. T., Maria Schulze e António Sarmiento procuraram realizar uma experiência de interpretação, pode dizer-se, em certa medida, que foram felizes. Evidentemente que o Feydeau exigia muito mais ritmo, muito mais maleabilidade dos seus intérpretes, muito mais facilidade na exploração das muitas situações cómicas. Mas valerá a pena insistir demasiado?

Quanto à segunda peça apresentada, «O Mestre», de Ionesco (já levada à cena neste ciclo pelo grupo da Phillips, numa encenação de Rui Mendes), constitui, talvez, a melhor das realizações dedicadas, até agora, pelos grupos que tomam parte no concurso, no autor de «A cantora careca». Acentuando deliberadamente o carácter social da peça, a encenação de Maria Schulze procurou, e conseguiu, traduzir com propositado excesso o

entusiasmo da multidão pelo mestre acéfalo, depois a sua desilusão, ao verificar que o idolo não tem cabeça, e finalmente, o reconhecimento da própria acefalia: se ninguém sabe o nome da grande personagem, não nos admiremos, porque, no fim de contas, ninguém sabe o seu próprio nome. A encenação acentuou a sátira que a peça constitui ao imprimir à interpretação enorme velocidade, de modo a conseguir, mais que uma simples farsa, um clima patético de choque. A interpretação de Viriato Tavares, Maria de Lurdes Branco, João Franco Pereira, Maria Helena Antunes, Anibal Gomes e Domingos Coelho foi de muito bom plano, especialmente no que respeita às duas senhoras e ao primeiro, que tem um desempenho demonstrativo não só de perfeita compreensão da simbologia da peça como de uma preparação técnica metódica e adiantada. O cenário, de Melo Frazão, a sugerir as praças públicas engalanadas em dias de recepção aos «mestres» que andam por este mundo, integrava-se na linha da encenação. A excelente tradução de Luisa Neto Jorge foi, também, um dos factores que serviram a boa qualidade do espectáculo.

Coube, desta vez, a Luís de Oliveira Guimarães a apresentação de Feydeau e Ionesco. Do último ficámos a saber que entrou no teatro já bastante tarde e que começou a escrever as suas peças inspirado nos manuais por que aprendia... «a língua de Churchill».

JOAQUIM BENITE



Esther e Abi Ofarim

As grandes vedetas do disco: Esther e Abi Ofarim («Cinderella-Rockefella»)

«Cinderella-Rockefella» é o título de uma canção, dinâmica e graciosa, que invade as antenas musicais de Europa e América. Os criadores da composição vieram de um país atualizado por acontecimentos de índole bélica, mas que possui um clima milenário: Israel. Esther foi descoberta pela actriz alemã Elizabeth Bergner, que a

apresentou como protagonista de um espectáculo musical levado à cena em Hamburgo. A cançonete límbica, então, apenas três anos. Por seu lado, Abi Ofarim frequenta uma academia de dança, onde conheceu Esther; de um sentimental nasceu o duo artístico, que hoje ocupa as primeiras páginas de grandes jornais dedicados ao espectáculo. Como prova irrefutável do êxito do duplo, basta uma breve citação das suas primeiras discografias.

Em Hamburgo (na castela de Transilvânia), durante o ano de 1965, Esther e Abi Ofarim receberam os «Dons de Ouro» da televisão israelita. Nessa temporada, vieram a ocupar o primeiro lugar em Espanha e a seguir, o segundo, em França e Áustria (1967), que culminaram com o regresso à terra natal, em Janeiro do ano corrente, data do triunfo dos Ofarim no Circuito Teatral de Tel Aviv e no Teatro Nacional de Haifa.

Outros sucessos que merecem referência: primeiro prêmio no Festival da Canção israelita (1963), melhor interpretação no certame de Zappan (Polónia) em 1962, segundo lugar no Festival de Eurovisão de 1963 (em Londres, os Ofarim apresentaram-se com «Uma noite», «Uma do Povo» (Montreal, 1964) e Grande Prémio Internacional de Dança, alcançado em Paris no decorrer de 1965.

Agora, «Cinderella-Rockefella», que permanecerá largo período de tempo como número um dos «charts» ingleses, suíços e mais recentes, é esta dupla artística, um casal feliz na vida real.

A festa de consagração a Carlos Ramos

Solicita-se o artista Carlos Ramos que o «Diário de Lisboa» se faça eco do seu reconhecimento e todos os que tornarem possível a festa que, em sua homenagem, decorrerá no Monumental. Expressa neste agradecimento o empresário Vasco Morgado, que está generosamente a sala. Fernando Pires, que dirige o espectáculo, artistas, músicos, jornalistas, pessoal de sala e palco e acrometistas do teatro e ainda, a Casa Valente do Corralho e todos os pessoas que se envolverem ténuegras de assistência.

NOS PALCOS DO MUNDO

Nina Mouskouri, Pierre-Jean Van, José, Roger Mathis, Wyl e Myrta de compõem o elenco de todo o espectáculo que a «Fria de Faria» irá de estrear em Paris.

Apresentado na cidade de Florença em 1947, inicialmente durante três dias, a peça de Eduardo de Filippo «O Herói», sob a direção de Luigi Pirandello, em Roma.

NOTÍCIAS DOS ESTÚDIOS

Inspirado no romance de Natan Rybak «O Erro de Balzac», o realizador Timolei Leutchook está a concluir, nos estúdios de Kiev, a película «A Vida». Trata-se da história dos amores do escritor francês com a condessa polaca Evelynne Hanska.

O documentarista François Reichenbach vai realizar o seu primeiro filme com argumento, que será uma história de amor passada no mar, a bordo de um transatlântico francês. Intérpretes: Kim Cochet e Sylvie Daes.

Sob o pseudónimo de Glenn Vincent Davis, Vincenzo Musolino tenciona estreiar-se na realização cinematográfica com um «western» intitulado «Não Peças Perdão a Mim».

Luciana Turina, cançonete de 22 anos que o concurso «Vozes Novas» tornou conhecida, vai estreiar-se como actriz de cinema no filme que Pietro Germi se prepara para rodar, «Serafino».

Advertisement for 'Mercado de Abril' restaurant. It features a fish logo and text: 'VISITE a casa da menina pescadinha NO ESPELHO DE ÁGUA (JUNTO AO MERCADO DE ABRIL) TODOS OS DIAS DAS 16 ÀS 24 H. UM PRÉMIO PARA CADA VISITANTE. Várias atracções: Veja-se na TV; prove o peixe frito; habilite-se às conservas, às loiças e copos da Menina Pescadinha. NO RESTAURANTE: Os já famosos jantares de peixe e marisco. EMENTA DE HOJE: CREME DE MARISCOS, CARABINEIROS NA CHAPA, PALMAS A BELA MOLEIRA, FARÓFIAS «MENINA PESCADINHA», FRUTAS FRESCAS, PAO E VINHO. Preço 50\$00. Reserva de mesas pelo telefone 610494 das 10 às 19 horas.

Advertisement for 'mercado de Abril ZONA DE BELÉM'. It lists various products and services: 'Abril em Portugal', 'CENTRO DE VENDA DE ARTESANATO', 'FRAGATA DO TEJO', 'CALDEIRADA A FRAGATEIRA', 'PROVA DE VINHOS DE MARCA', 'CEIA COM SERVIÇO DE VINHOS DE MARCA', 'RESTAURANTE DO MERCADO (COM SERVIÇO DE BAR)', 'HOJE JANTAR', 'AMANHÃ ALMOÇO', 'VINHOS', 'GARRAFERA IMPERIAL', 'CANTANHEIROS - COLHEITA DE 1962', 'SERRADAYRES (semest) - Carvalho, Ribeiro & Pereira', 'POMBAL (sem) - Soc. Com. Turismo Pombal', 'CASALEIRO (sem) - João F. Barbas'. It also includes contact information and opening hours.

TEATRO AMADOR NA EMPRESA

«Doze homens em fúria», de Reginald Rose e «Cena a quatro», de Ionesco pelo Grupo do Banco de Angola

O 5.º espectáculo do III Ciclo de Teatro Amador na Empresa, que se está a realizar no Villaret, numa organização da Sociedade Central de Cervejas, foi ontem preenchido com a representação, pelo Grupo de Teatro do Banco de Angola, das peças «Doze homens em fúria», de Reginald Rose, e «Cena a quatro», de Ionesco.

O grupo do Banco de Angola, dirigido pelo actor Jacinto Ramos, tem dado, ao longo dos seus três anos de existência, algumas provas cabais de valor. Uma delas foi a representação da peça «Todos eram meus filhos», de Arthur Miller (que teve o mérito de revelar um grande actor, Ernesto Costa), a outra, mais recente, foi a notável encenação de «A espera de Godot», que Jacinto Ramos e João Vieira, este na parte cenográfica, elevaram a um plano que excedia em muito o habitual do teatro amador.

Com «Doze homens em fúria», peça já bastante representada entre nós, uma das vezes pela companhia de Ribeirinho, no Trindade, e suficientemente conhecida através do filme que dela foi extraído, o grupo do Banco de Angola não se afasta da linha de exigência e dignidade das suas realizações, mas, é forçoso reconhecer-se, não chega, desta vez, ao excelente plano anteriormente atingido.

O texto de Reginald Rose é o de mais difícil interpretação de todos os que até agora foram apresentados neste Ciclo de Teatro. Construído em moldes tradicionais, a peça descreve a reunião de um júri de doze pessoas que tem de decidir da sorte de um jovem de dezanove anos, acusado de matar o seu pai.

Da votação inicial de onze contra um a favor da condenação á cadeira eléctrica, passa-se, no final, á unânime absolvição do réu. Entretanto, desfibraram-se todas as obscuras razões de natureza individual que fazem cada um dos jurados assumir, perante o problema, diferentes atitudes. A obra diz-nos, com clareza, que é difícil julgar, que é impossível saber, de «ciência exacta», se e quando se é culpado ou inocente. Mais propriamente uma crítica ao processo normal de Justiça nos Estados Unidos que análise social de largo alcance ou meditação acerca da noção de culpa em determinadas sociedades, o êxito da peça deve-se, sem dúvida, á tensão dramática que se mantém durante toda a discussão do júri. A não se conseguir esse clima, tão típico de certo teatro americano, como o de uma Lillian Hellman, de um Clifford Odets ou sobretudo de um Arthur Miller, a representação corre o risco de cair na monotonia. Não foi isto, precisamente, que ontem aconteceu, mas a verdade é que os intérpretes de «Doze homens em fúria» não estão ainda suficientemente seguros dos seus papéis. Quando o estiverem, de certeza que o seu espectáculo será um êxito, pois os elementos da encenação, como seria de esperar de uma realização do actor experiente que é Jacinto Ramos, se harmonizam com os objectivos da peça e exploram completamente todas as possibilidades dramáticas do texto. Um dos intérpretes, Luís Mata, que revela grandes qualidades, conseguiu erguer no palco a figura do jurado n.º 3, o frustrado desejoso de impor a sua opinião e de esconder a verdadeira personalidade atrás de uma capa de severidade e de intransigência. Os outros, Gomes de Moura, António Teixeira, Baptista Fialho, Mário Coelho, Pedro Pita, Rogério Bento, Manuel Campos, Delgado Luís, Eduardo Domingues, Vitor Salles, Costa Carvalho e João Ventura, mantêm-se num plano de certa insegurança.

A segunda peça apresentada, o curto «sketch» de Ionesco intitulado «Cena a quatro», é uma das mais desconcertantes composições do autor de «O Rinoceronte». O seu quase exclusivo objectivo é chocar a assis-

tência. Entretanto, não deixam de existir nele todas as insinuações e todas as agudas «alfinetadas» características do humor peculiar do dramaturgo romeno-francês. A realização plástica da peça, para a qual contribuiu João Vieira, e a vivacidade da movimentação são os factores mais positivos do espectáculo.

O dramaturgo Luís Stau Monteiro, que deveria fazer a habitual apresentação de Ionesco, não pôde, por motivos estranhos á sua vontade, desempenhar-se dessa tarefa, o que não pode deixar de lamentar-se, por se tratar de uma das primeiras personalidades do nosso teatro, cujas palavras são sempre, e justamente, recebidas com o maior interesse.

JOAQUIM BENITE

O 2.º ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS DIRECTORES E CHEFES DE PESSOAL

Terminou o 2.º Encontro Anual organizado pela Associação Portuguesa dos Directores e Chefes de Pessoal (A.P.D.C.P.) e que decorreu no Hotel de México.

O tema escolhido foi «A Formação do Homem de Pessoal», justificando-se a preferência que lhe foi dada pelo seu teor de actualidade, entre outros que são igualmente preocupações da A.P.D.C.P.

No primeiro dia, foi coligada uma «Pareceres Actuais», cujo texto de trabalho foi coordenado pelo dr. Manuel Vitor e animado pelos drs. Cláudio Teixeira e Gonçalo Monteiro, e aprovado o programa de «Formação de Bases», tendo sido coordenado o trabalho o dr. Francisco Perry Coelho e animado os debates o dr. Carlos Augusto Fernandes de Almeida.

A noite foram projectadas curtas-metragens sobre temas inerentes á realidade do Encontro.

No segundo dia foram tratados os problemas inerentes á «Formação Especializada». O eng.º António Braz Frade coordenou a actividade dos participantes, tendo animado a sessão o dr. Manuel Tavares da Silva. Seguidamente, o curso iniciou os trabalhos apresentados, houve uma sessão para apreciar as «Especializações do problema», no sentido de se agruparem as respectivas conclusões. Coordenou esta sessão o sr. António Sérgio Davis, vice-presidente da A.P.D.C.P., tendo animado os debates o dr. Manuel Vitor, Carlos Augusto Fernandes de Almeida, Manuel Tavares da Silva e eng.º António Braz Frade.

No final dos trabalhos foram votadas as conclusões deste Encontro, que a A.P.D.C.P. publicará oportunamente.

A terminar, houve um jantar de encerramento, que reuniu todos os participantes deste 2.º Encontro Anual.



Concerto de guitarra clássica

Realizar-se-á, às 21 e 22, no sala de Actuación de Música de Santa Cecilia, um concerto de guitarra clássica, por Javier Quervain, que foi assistente dos Cursos Internacionais de Guitarra e Violonchelo, em Lérida, e dos Cursos Especiais de Conservatório Nacional de Lisboa, todos sob a direcção do eminente mestre Estilho Fajal.

Executará obras de Villa-Lobos, Torroes e Albeniz. A entrada é livre.

Advertisement for CAPITÓLIO, featuring 'AS TRÊS PERFITAS CASADAS' and listing the cast including Mariana Rey Monteiro.

«O DIÁRIO DE UM LOUCO» AMANHÃ E DEPOIS NO TIVOLI

«Amanhã e depois, no Tivoli, às 19 e 21, que Jacinta Estoril apresenta a sua famosa e emocionante obra de teatro para Angola e Moçambique, onde apresentará o repertório de T. N. Y. Esta peça, que é crítica satírica com o humor amarelo, será vista pela primeira vez. O Diário de um Louco tem muitas originais de Jorge Pezados, cenário e figurino de Sá Nogueira e encenação de Jorge Linsag. Os espectadores beneficiam do desconto de 50 %.

Real estate advertisement for 'LOTES PARA PRÉDIOS DE RENDIMENTO EM CASCAIS' and 'LOTES PARA MORADIA DE 1 E 2 FOGOS EM: Cascais; S. João do Estoril; Parede, Estoril, Tires, etc.'

na conservação de fábricas as mais variadas agências destrutivas submetem as tintas SOTINCO a constante prova de qualidade. a experiência acumulada em mais de dez anos, quer na fabrica, quer na aplicação, é colocada agora ao serviço do público. SOTINCO dará ainda a cada problema de pintura a solução técnico-económica mais adequada.



PRESTÍGIO E QUALIDADE SOTINCO - SOCIEDADE FABRIL DE TINTAS DE CONSTRUÇÃO - TINTCO S.A.R.L. FABRICA NO BARCELON - BOULEVARD CARLOS LINAER - LISBOA 2

Advertisement for 'pronto AUTORÁDIOS' and 'AUTOVOX - EKCO' services, including 'Assistência oficial às marcas' and 'MONTAGEM E REPARAÇÕES DE AUTORÁDIOS DE TODAS AS MARCAS'.

PÁGINA 8

DIÁRIO DE LISBOA

26 MAIO 1968

TEATRO AMADOR NA EMPRESA

«RINOCERONTE», DE IONESCO PELO «PROSCENIUM»

O III Ciclo de Teatro Amador na Empresa, organizado este ano pela Sociedade Central de Cervejas, teve ontem um dia grande, com a representação, no Villaret, da peça «Rinoceronte», de Ionesco, pelo «Proscenium», grupo do Sindicato dos Empregados de Escritório do Distrito de Lisboa.

Todo o espectáculo, de facto, foi uma clara demonstração do valor e da dignidade que o teatro amador pode alcançar. Ionesco, a quem este ciclo foi dedicado, teria ficado satisfeito, certamente, se pudesse verificar como uma das suas peças principais — senão a principal — encontrou num punhado de amadores tanta compreensão, tanta devoção, tanta força comunicativa.

Representada em Portugal pela primeira vez há oito anos pelo Teatro Experimental do Porto, numa encenação de António Pedro, «Rinoceronte» pertence à fase mais adiantada da obra de Ionesco (foi escrita em 1958). Se em toda a produção teatral do autor de «A cantora careca» se encontra bem patente a crítica de estruturas convencionais e a consequente exaltação de um tipo de moralidade individual que escapa aos quadros de comportamento vulgares, em nenhuma peça, como em «Rinoceronte» o grito de alarme contra a manietação total do indivíduo é tão lícido e tão pungente. A acção desmistificadora de Ionesco visa sempre a falsa realidade que envolve o homem, construída num dia-a-dia banal e laboriosamente esvaziado de sentido. Na «Cantora careca», na «Lição», no «Mestre», na «Menina casadoira», é o que se encontra: uma sátira impietosa,

hábil, aos costumes, às grandes linhas da organização social, à vida do nosso tempo. A primeira vista tudo parece muito superficial, quase gratuito, uma laracha bem engendrada — no fundo, nada de mais sério, de mais profético, de mais claramente demolidor. Em «Rinoceronte» Ionesco vai às origens: já não se trata de uma crítica a este ou àquele sector, a este ou àquele reflexo da doença; mas à própria doença. A «rinocerite». A essa espantosa arregimentação de indivíduos a uma causa aparentemente impossível.

Os habitantes de uma cidade transformam-se, aos poucos, em rinocerontes. Progressivamente, toda a população vai aderindo à manada. Em breve, um só homem, Bé ranger, um misto de boémio, de poeta, de pobre diabo e de ingénio, resistirá à epidemia. Só nele a humanidade encontrará um defensor e um amante, enquanto, no largo fronteiro à sua casa, os rinocerontes mugem e cantam, contentes da força bestial.

Um indivíduo sozinho pode — quer Ionesco dizer — defender o que pertence ao homem, na altura em que esse património corre perigo: rodeado de rinocerontes (tipos de mugem e cantam, vestidos de verde). Bé ranger resistirá: «Sou o único homem sobre a terra e continuarei a sê-lo até ao fim. Não capitulo!»

Antes de mais, deve agradecer-se a Pedro Lemos a seriedade da sua encenação, a perfeita compreensão da peça, patente no magnífico trabalho que apresentou. Suficientemente, sobretudo, as braçadeiras ostentadas pelos rinocerontes, idênticas às que ainda hoje se podem ver nalguns filmes evocativos, e os cantos (seriam cantos?) dos perissodáctilos.

É claro que a encenação poderia ter tirado maior partido (sobretudo no campo plástico) das possibilidades da peça. Pedro Lemos preferiu, no entanto, uma linha sóbria, eficiente e sem grandes aventuras. Alguns bons efeitos (como as máscaras dos rinocerontes e a sua entrada pela sala) precisam de ser salientados. Do mesmo modo um ou outro pormenor nos merece reprovação (o mais flagrante é o pó de talco lançado sobre o palco para imitar a poeira provocada pelas corridas dos rinocerontes, artifício naturalista completamente desnecessário). Basta que o texto diga que há poeira para que o espectador fique penetrado disso, uma vez que o teatro, depois de Craig e particularmente de Brecht é muito mais uma forma de explicação que de ilusão.

Alás, o critério seguido por Pedro Lemos neste caso foi diferen-

te do que seguiu quanto à cena, do primeiro acto, em que Bé ranger entorna dois cálices de conhaque que, como está certo, não tinham conhaque. Para lá destes pequenos senões (a que há a acrescentar a qualidade um pouco inferior dos cenários, demasiadamente convencionais, especialmente no que se refere ao quadro do escritório) o trabalho de Pedro Lemos merece, no entanto, os maiores elogios, sobretudo pela excelente direcção de actores, devida à sua grande experiência e aos seus profundos conhecimentos.

Muitas vezes, durante a representação de «Rinoceronte», tivemos a impressão de estar a assistir a trabalho de profissionais. Isto porque o «Proscenium» conta com elementos tão bons como Jorge Guimarães, que nos deu a figura frágil e generosa de Bé ranger com verdadeiro talento, especialmente no último quadro, em que a sua interpretação atingiu excepção plano; Carlos Baleia, o «Jean» pedante e brutal que a peça requeria, também correctíssimo e demonstrando grandes qualidades teatrais; Carlos Feteira (uma magnífica caricatura na figura do «merceeiro»); Esperança Monteiro, Maria da Nazaré, Maria Manuela, João Godinho, Reis Leite, Carlos Paniagua, Maria do Céu (perfeita na criação de uma personagem hesitante, reciosa de comportamento típico de um sector social), Carlos Ricardo, Cardoso (o idealista truculento, muito bem dado), José Capela, Lurdes Miguel, Mário António, José Monteiro e Maria Santiago.

No final, uma grande salva de palmas premiou o «Proscenium» pelo seu magnífico espectáculo, um importante exemplo — terminemos como começámos — do que é possível fazer no âmbito do teatro amador, que deve merecer o carinho de todos os que se interessam pelo desenvolvimento teatral no nosso País.

JOAQUIM BENITE

VIDA MUSICAL

Concerto coral-sinfónico no Coliseu

No âmbito do Festival Galbenkian, é já uma tradição — e excelente, aliás — a inclusão de um concerto coral-sinfónico preenchido com uma obra fundamental, ou, raramente dada entre nós, de repertório do género. Este ano, e ao certo de comum acordo, no Coliseu desfilaram os Galbenkian Simphonie Orchestra, sob a batuta de João de Barros (conhecido por «Musa de Lisboa») e a «Cantata de Desobediência», de Dostoiévski, sob a batuta de João de Barros. A «Cantata de Desobediência» é de Dostoiévski e a «Cantata de Desobediência» é de Dostoiévski. A «Cantata de Desobediência» é de Dostoiévski e a «Cantata de Desobediência» é de Dostoiévski.

«O resurreito» tem que a conquista se distingue pela firmeza rítmica e só pela equilíbrio de sonoridade, e os trechos finais («Agnus Dei» e «Uma nobre presença», em que o coro cria o ambiente religioso). Destacamos para o fim a referência ao «Kyrie», mais propriamente, para mostrar, sem dúvida, uma das páginas mais bonitas da obra.

No que diz respeito aos solistas, há que salientar a grande voz de soprano Lúcia Rosalino — linda voz, límbria e também cheia e estrema, extremamente empolada e indiferente sempre ao nível e expressiva. A mezzo-soprano Ana Herculano possui uma voz quente e bonita. O tenor Gerardo Magalhães evidenciou boa vocalização, e é uma, porventura, a sua principal qualidade. Quanto ao baixo Fátima Robinson, tem uma voz potente e segura, que procura manter a abstração intencional, interpretativa.

Em resumo: um concerto que não destina de elevado nível em que está a decorrer o XII Festival Galbenkian.

NUNO BARREIRO

HOMENAGEM PÓSTUMA A JOAQUIM AMÂNCIO SALGUEIRO JÚNIOR

Promovida pelo 2º Grupo dos Escritores de Portugal, efectuou-se hoje uma homenagem à memória do falecido jornalista-escritor Joaquim Amâncio Salgueiro Júnior, que também desempenhou diversas funções na Associação dos Escritores de Portugal e no Fraternidade dos Antigos Escritores de Portugal.

Foi a concentração junto do porta do cemitério de Amadora, os oradores e cargos directivos dirigiram-se para junto da campa do escritor, onde decorreram flores e proferiram um discurso de alusão em sua memória.

DUAS NOVAS PEÇAS SOBEM À CENA DURANTE A SEMANA

A semana que agora entra vai ficar animada com duas novas peças.

Nesta Lisboa, já quarta de teatro, a Companhia Teatro Estádio estreia, na quinta-feira, «A Louca de Chatelet».

No dia seguinte, é mais, o Teatro Experimental de Lisboa estreia «O Tempo e a Ira», de João Cabral, numa encenação de Artur Ramos. Trata-se de um espectáculo que estreia esteve por ser incluído no Festival Internacional de Teatro, que se devia ter efectuado em Lisboa.

A interpretação será a cargo, entre outros, de José de Castro, Luís de Norberto e Ana Paula. O Teatro Experimental de Lisboa, sob a direcção de Carlos Avillez, que é o gestor, apresenta «A Louca de Chatelet», de Gerardo Lemos, para se seguir no teatro a «O Tempo e a Ira».

TEATRO «ABC» TELEF. 264745 JOSE MIGUEL apresenta A REVISTA DO EXITO HOJE às 11 e 13 horas EM ÚLTIMOS DIAS ARROZ DE MIÚDAS TONY DE MATOS ESPECTACULAR TRIUNFO DE UM ELENCO DE VEGETARIANOS Coreografia de CHARLES

CAPITÓLIO TARF 228279 HOJE às 21:45 H 12/13 anos «O CAMARADA MIUSSOV» de V. KATAEV com Mariana Eva Machado, Justino Silva, Carlos Guimarães, Glória de Matos, Glória Queiroz, Carlos Marques, Pedro Lopes, Vânia Silva, Natália Fernandes, Manuel Correia e Jorge Vello ENCERRAMENTO DA TEMPORADA A 31 DE MAIO

O FAMOSO ROMANCE DE AMOR DE WILLIAM FAULKNER, REVIVE NUM FILME IMORTAL! TIVOLI Apresenta AMANHÃ Paixões que Escandam The Long, Hot Summer PAUL NEWMAN - JOANNE WOODWARD - ANTHONY FRANCOSA ORSON WELLES - LEE REMICK - ANGELA LANSBURY LEIA O ROMANCE DO MESMO TÍTULO, EDITADO PELA PORTUGALIA EDITORA

ATLANTIC Alteração de telefones A Fábrica Lusitana de Tintas e Vernizes, L.ª comunica que os telefones do seu Depósito de Vendas e Retalho dos Anjos, na Avenida Almirante Reis, 48-A e B passaram a ter os seguintes números 560011/2/3

DIVERSÕES

TEATRO • CINEMA • CIRCO • VARIEDADES • ÓPERA • BAILADO • TV • RÁDIO

«A LOUCA DE CHAILLOT», de Giraudoux no Teatro Vasco Santana

A Companhia Teatro Estúdio de Lisboa, que tem sido um digno exemplo de devotamento à divulgação de obras sérias, deu mais um passo no caminho prestigioso que tem sido o seu. Depois de textos tão importantes como «Tomas More», de Robert Bolt, «Pobre Bitô», de Anouilh, «O Pomar das Cerejeiras», de Tchekov, «A Nossa Cidade», de Thornton Wilder e sobretudo depois dessa histórica experiência de teatro narrativo português que foi «Bocage, Alma Sem Mundo», da autoria da grande animadora da companhia, Luzia Maria Martins, divulga-se uma farsa de um dos mais importantes dramaturgos franceses da primeira metade deste século: Jean Giraudoux.

Por uma daquelas razões que explicam muitas lacunas da nossa cultura, Giraudoux era conhecido do público português apenas pela representação de «Electra», numa encenação de Francisco Ribeiro, há muitos anos já. A montagem de «A Louca de Chailot» reveste, assim, um significado especial, na medida que marca, nos palcos de Lisboa (na altura em que se anunciavam textos de John Osborne e Luís de Stau Monteiro e em que outro, de Samuel Beckett, «Os Dias Felizes» continua a merecer o

máior interesse do público) a salutar presença de um autor, cuja obra ocupa uma posição de inegável relevo no teatro moderno.

«La Folle de Chailot», sátira burlesca plena de fantasia, é considerada uma das mais importantes obras de Giraudoux.

Ao descrever a acção de uma sub-humanidade constituída por figuras excêntricas de damas arruinadas (as «loucas» de Chailot, Pasy, Saint-Sulpice ou La Concorde, ruas típicas de Paris, trapeiros, floristas, empregadas de cafés) contra um grupo de cavalheiros de indústria, organizados com o fim de montarem grandes empresas, Giraudoux pretende atingir aqueles para quem «o dinheiro é o rei do mundo». A oposição entre os dois sectores é-nos dada de maneira alegórica: de um lado os grandes oportunistas, ávidos de lucros, de outro os despojados, os humildes, «clochards» e almas simples, sem outro futuro que as suas caves abandonadas, os seus mitos, as suas invenções fantasiosas. A batalha trava-se, desencadeada pela «louca» de Chailot. Os «sanguessugas» acabam por ser encerrados num compartimento subterrâneo. O mundo fica salvo da «invasão». Torna-se então urgente amar, aproveitar todo o tempo da vida — o beijo de Pierre e Mirna simboliza este sentido de realização humana que a louca de Chailot advoga.

Tudo se passa como numa fábula de La Fontaine, com quem Giraudoux é indubitavelmente aparentado.

Luzia Maria Martins compreendeu e sentiu a «Louca de Chailot». Toda a beleza espiritual da peça, tudo o que implica um tratamento cuidado da palavra, foi traduzido cénicamente com o sóbrio sentido plástico da encenadora. Mas a mensagem urgente e actual que o texto contém foi salientada de maneira a aproveitar toda a riqueza ideológica que poderia perder-se numa encenação de outro tipo. Colocando muito bem a interpretação no pla-

no da farsa, mas não deixando de conceder às figuras tonalidades mais largas de composição psicológica, de modo a conseguir um estilo que servisse melhor as suas intenções, Luzia Martins provavelmente valorizou muito a peça. Ao mesmo tempo evitou que transparecessem demasiadamente certas diferenças de estilo existentes nos actores da sua companhia, o que não deixaria de acontecer numa representação de um burlesco mais extremo.

A excelente direcção de actores possibilitou uma interpretação homogénea, de muito bom plano, superior, parece-nos, ao de alguns espectáculos anteriores. Helena Félix compôs a sua «louca de Chailot» com o sentido do que lhe exigia o papel, disciplinadamente, não se deixando nunca resvalar para um tipo de representação fácil. A sua personagem teve a necessária dose de interioridade psicológica, humor e fantasia poética; Mário Jacques foi primoroso, como sempre sucede, na criação do «corretor», personagem que serviu caricaturalmente com técnica exímia; Joaquim Rosa pôde empregar, na figura do «Trapeiro» e na do «enfermeiro Jardim» os seus bons dotes de actor, compondo a primeira figura com sensibilidade e obtendo, na segunda, um bom apontamento; Vasco Lima Couto e Jorge de Sousa Costa criaram, com autenticidade, as figuras do «prospector» e do «presidente»; Adelaide João, Lurdes Cabral e Manuel Cassola, as três «loucas» da peça, desempenharam-se bem da sua tarefa, a primeira servindo-se de uma excelente dicção; Graça Lobo, que se estreou na companhia, compôs uma «Mirna» cheia de humanidade e de poesia; José Carvalho, no «Barão Tomar» e Armando Venâncio, em duas figuras, integraram-se bem no conjunto; o jovem Diamantino Matos, chamado a fazer um papel difícil, teve uma interpretação correcta, demonstrando quali-

«O Barão» sobe em breve à cena do Variedades?

Atingiram a fase final os ensaios da peça «O Barão», adaptada por Sttau Monteiro da novela homónima de Branquinho da Fonseca.

A nova peça tem estado a ser apurada no Teatro Variedades. A encenação é de Luís Sttau Monteiro, estando os principais papéis confiados a Rogério Paulo, no protagonista, Rui de Carvalho e Eunice Muñoz.

(Continua na 9.ª página)

SANTARÉM

GRANDE CORRIDA DE TOIROS PORTUGUESA

Organizada da Sociedade Campo Pequeno L.º e Torre de Santa Cruz de Montalvão, a que se dágo apoio aos Escoteiros e Presidente da República

DOMINGO, 2 DE JUNHO DE 1968

Poras 17.30 horas colinas e vau de arde

Inauguração da V Feira Nacional da Agricultura XV Feira do Ribatejo

Corrida de despedida do grande cavaleiro português Dr. FERNANDO SALGUEIRO que dará alternativa a seu filho FERNANDO ANDRADE SALGUEIRO

O PAI que sempre a tirou a um filho FERNANDO SALGUEIRO despedindo-se do público português na arena da Praça de Santa Casa de Montalvão de Santarém, que se apresentaram integros

4 - CAVALHEIROS - 4

DR. FERNANDO SALGUEIRO | LUIS M. DA VEIGA
DAVID | FERNANDO ANDRADE
R. TELLES | SALGUEIRO

Bandarilhas — Augusto Gomes, Manuel Rodrigues, Leoberto Brito, Jorge Marques, António Rodrigues, César Martins, António Sacramento e Alberto Brito

6 - Soberbos Toiros (Urquijo puro)

encabeçada e encerrada no sábado passada do Ex.º Sr.ª D. MARIA MANUELA ANDRADE SALGUEIRA, que serão pagados pelo grande

Grupo de Forcados Amadores de Santarém

comandado pelo Ex.º Sr. RICARDO RIBOES VERGIO

Durante o intervalo a Banda da Marinha dos Estados Unidos da América — 6.ª Esquadra — dará um pequeno concerto de música ligada

PREÇOS — SOL, desde 20\$, SOMBRA-SOL, desde 20\$, SOMBRA desde 10\$, bilhete à venda a partir do dia 20 de Maio.

Em LISBOA: Na ANEP, Praça dos Restauradores, Telef. 238123
Em SANTARÉM: R. Guilherme de Arce nº 15, Telef. 403 e na Agência turística — (M 6 ANOS)

CHUKA ERA DO MELHOR NO SEU TIPO DE HOMEM! NA LUTA... NO AMOR... E, QUANDO NECESSÁRIO, ...A MATAR!

RELE TAYLOR
ERESI BORGNINE
JOHN MILLS

o seu nome é Chuka e não é fácil derrotá-lo

HOJE EMOCIONANTE ESTREIA NO EDEN

TEATRO «ABC»

TELEF. 260740

JOSÉ NEGREI apresenta

A REVISTA DO EXITO SO ATE DOMINGO

HOJE: às 11 e 20 horas
DOMINGO: matutinos às 10 h.

ARROZ DE MIÚDAS

FONY DE MATOS

Hoje, espetáculo no Montijo

- Dia 4, AMADORA (Luzim)
- Dia 5, LISBOA • Dia 6, COIMBRA
- Dia 7, PORTO, cidade do Teatro, 10.000 0000

CAPITÓLIO

HOJE, às 21.45 h.

último espectáculo de

«O CAMARADA MIUSSOV»

PARA ENCERRAMENTO DA TEMPORADA

com Mariana Ray Martins, Justino Silva, Cláudia Guimarães, Cláudia de Matos, Glória Quintas, Carrié Martins, Pedro Lemos, Vanda Silva, Manuel Correia, Bettina Fernandes e Jorge Vello

PANORAMA DE SONHO!

PASSEIO NO BARCO

ESTORIL SOL

UMA HORA NO TEJO

VEJA LISBOA DO RIO

E DESFRUTE UM PANORAMA DE SONHO

TODOS OS DIAS EXCEPTO AS SEGUNDAS-FEIRAS, COM PREÇOS AS 10.00-11.20-12.20-13.20-17.00

60 TERREIRO DO PAÇO (Montalvão de Santarém) PREÇO 25.00

INFORMAÇÕES NO CASINO ESTORIL TEL. 260730

RESTAURANTE «O GUIZO»

PRAÇA DE TOUROS CASCAIS

O BOM GOSTO E A BOA COZINHA PORTUGUESA A SUA DISPOSIÇÃO

Todos os dias: JANTARES

Sábados, Domingos e Feriados: ALMOÇOS

Música ambiente

Salas próprias para serviços de Banquetes

Informações: Telefones: 28 22 48/25 24 24

ONTEM, NA CINEMATECA

«A LOUCA DE CHAILOT»

(Continuação da 6.ª página)

TÍTULO — «Nanook, o Esquimó I: Nanook of the North». **REALIZADOR** — Robert J. Flaherty, 1922. **INTERPRETES** — Nanook, sua mulher Nyla e os filhos.

Na antepenúltima sessão da ciclo: Os Filmes da Cinemateca, exibiu-se ontem na sala de cinema do Palácio Foz a obra-prima do documentarista: «Nanook, o Esquimó», uma realização de Robert Flaherty, que foi também o autor de outras películas de igual importância e projecção, como «O Homem do Arco» (datada de 1904 e que a R. T. P. exibiu num dos seus últimos programas da Noite de Cinema), «Hiena ou Louisiana Story».

De «Nanook, o Esquimó» e de Flaherty, disse Marcel Martin (em «Amanhã» da Cinemateca, 1968): «Robert Flaherty é uma das figuras mais nobres e mais puras do cinema mundial. Tem-se o direito de pensar que a sua reputação é tão universal como a de Chaplin porque «Nanook» é um dos filmes mais célebres da história do cinema».

Foi Flaherty que deu as suas ideias de natureza documental, juntamente com «Nanook»; foi precisamente ele que criou esse género cinematográfico, e a propósito dele que se temia: foi empregado pela primeira vez no sentido que hoje tem; através desta obra-prima que veio «Nanook, o Esquimó», «Mentes e Almas» de Archa, impulsiona ele contribuiu para a criação dum género muito pouco subestimado.

Nos seus filmes mostra um homem do Mundo inteiro a contemplar a beleza da natureza e a ver viver as suas contemporâneas, as suas realizações; mas é também, uma certa imagem de homem digno que ele lhe deu a vida.

Mais directamente sobre a obra que ontem se viu na Cinemateca, afirmou Carl Vincent (na «História Cinematográfica», 1929):

«Com «Nanook» e este transporte foram, verdadeiramente, os primeiros gestos criados entre a sala de Hudson e a estrada de Estima».

Nada como esta verdade, pode provocar um tão grande entusiasmo.

Para nos interessar mais seguramente pela obra (uma «História do Cinema», romancemos. Estabelece uma história alonga entre a

Alredés esse drama de homem em luta com a natureza, Flaherty realizou um hábil técnico e um grande artista. A sua obra contém cheios de uma imensidade de belas imagens dum grande sensibilidade e duma profunda poesia natural.

Em suplemento projectou-se uma comédia de Harold Lloyd que é

igualmente, uma verdadeira obra-prima do burlesco americano dos anos 20. Vimos Harold, Neto Amado (Grandma's Boy), uma realização de Fred Newmeyer, também de 1922.

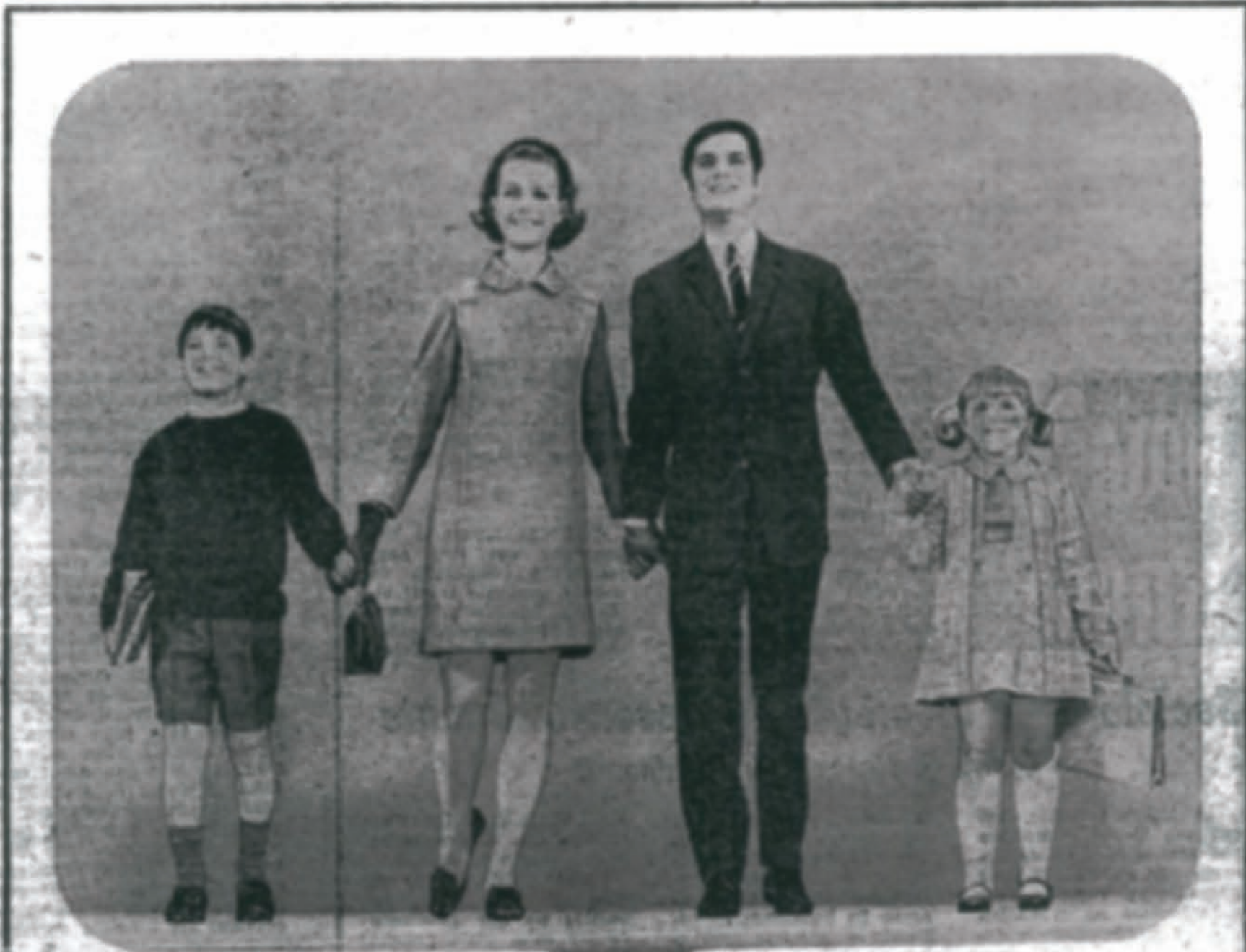
Nas próximas sessões seguintes, dia 6 de Junho, de nove às 18 h. e de 21 e 26, exibem-se «O Terceiro Homem», uma película de Carol Reed. — L. A.

dades promissoras; Vítor Ribeiro, melhorou muito desde a última peça que representou e conseguiu duas boas composições; Mário Sargedas teve um bom apontamento no papel de surdo-mudo; Luís Alberto não destoou dos seus companheiros, e Cristina Cassola, também estreante pôde, num pequeno papel, dar uma nota discreta mas cheia de graciosidade. Os cenários

de Maria Helena Reis revelam assimilação do sentido da peça e noção do lugar do elemento cenográfico no espectáculo. A tradução de Fernando Luso Soares, cuidada e de boa qualidade literária, é um contributo para o alto nível da realização.

No final toda a companhia esgotou, da assistência que esgotou a lotação da sala, uma prolongada salva de palmas.

JOAQUIM BENITE



O cinema para Robert Flaherty

«Estes certos que se pode descobrir uma graça, uma dignidade, uma cultura, um refinamento, que ignoramos, nestes povos colocados pelas circunstâncias fora das condições habituais».

Todas as vezes que compreendo um filme sem pelo que se sabe qual, procuro ter pelas suas grandes simplicidade e o desejo de trazer delas uma pintura exacta e favorável. A natureza é um super-herói que capta todos os matizes das emoções e do movimento. Graças a ela, o cinema consegue apresentar-se como que uma verdadeira composição musical».

ROBERT FLAHERTY

documentária pitoresca e o romance filmado. E de maneira muito simples e muito inteligente. Afirma toda a vida de esquimó impessoal».

Desde as primeiras imagens feitas para conhecer Nanook e a sua família, aprendeu ao seu lado de novo, como compunha a sua terra. Ele familiarizou-nos com todos estes costumes; depois misturou-nos em esforços quotidianos da vida pela vida nas repetidas das novas filmagens.

Um super-herói poderoso de grandes poderes animou toda a obra. Nanook e os seus demonstraram um emocionante espírito na construção de um esquimó, com as suas palavras de neve e a sua família de gelo. Vimos, em seguida, os seus pacientes esforços para apressar o animal que lhe daria a carne de que precisava.

Ferpada pela fome, toda a família avançou para longe do esquimó, sobre a imensidade gelada. Nanook capturou uma foca. E era logo uma multidão de homens e de cães que saíram sobre sua carne gorda. Um feriado desconhecido, subitamente. Toda a família, aprendida num frenê, fugiu, sob o vento e a neve. O frio tornava-se tão intenso que era preciso, por fim, procurar um refúgio num esquimó abandonado. E o filme mostrou-nos a vida das cães, e a foca, pouco a pouco transformadas em verdadeiras esculturas de neve e gelo.

Ponha-nos todos os seus problemas.

Estudaremos um seguro especialmente para si.



PLANO DE SEGURO DE VIDA IMPÉRIO

uma nova forma de pensar, traz 50 anos de progresso em seguros de vida

Ponha-nos todos os seus problemas:

- projectos sobre educação dos filhos
- responsabilidades do casal
- garantias em relação ao I.R.
- responsabilidades para com ascendentes
- outros projectos a longo prazo

Cada Plano de Seguro de Vida Império inclui uma análise das necessidades do cliente. E não há um caso igual a outro! Estudamos cada caso e temos sempre uma solução, mesmo para as economias familiares mais modestas.

UM SEGURO CASO A CASO E NÃO UM SEGURO AO ACASO

Esta nova forma de encarar o seguro de vida oferece-lhe uma ocasião nova e diferente para rever os seus riscos, examinar os seus projectos e lançar bases sólidas no futuro. Através dos novos Planos de Seguro de Vida Império podemos oferecer-lhe um máximo de possibilidades.

UM SEGURO TOTALMENTE ESTUDADO PARA SI.

A Companhia de Seguros Império
Rua Garrett, 62 Lisboa 2

PLANO DE SEGURO DE VIDA IMPÉRIO
Escolha os seus termos — com qualquer compromisso de ajuda para — para um período de seus Planos de Seguro de Vida Império.

Nome: _____
Morada: _____

AO SEU SERVIÇO

IMPERIO
a sua seguradora

TEATRO AMADOR NA EMPRESA

«A Lacuna» e «A Lição», de Ionesco pelo Grupo da Sociedade Central de Cervejas

Com a representação, pelo Grupo da Sociedade Central de Cervejas, de mais duas curtas peças de Ionesco, terminou, ontem, no Villaret, o III Ciclo de Teatro Amador na Empresa, que se iniciou no dia 6 do mês passado e levou àquela casa de espectáculos oito agrupamentos de diversas empresas da capital.

O ciclo, organizado este ano pelo grupo que ontem se apresentou, constituiu magnífica demonstração das possibilidades do teatro amador e indicou um caminho válido de divulgação de textos teatrais: a sua consagração a Ionesco possibilitou a um público interessado no teatro moderno (e mesmo a outro pouco interessado) o estudo de um dos mais fecundos e discutidos autores contemporâneos, cuja obra foi decisiva para a revolução operada nas convenções e convicções da dramaturgia tradicional. Se nem todos gostam de Ionesco (como é legítimo), ninguém, hoje, deixará de lhe conceder um lugar de relevo na história do teatro deste século. Por outro lado, de todos os grandes autores a quem seria justo e necessário consagrar um festival deste tipo, Ionesco é daqueles que melhor se adaptam às nossas circunstâncias históricas (pelo significado da sua temática mais do que pelos aspectos formais da sua expressão plástica) e também daqueles cuja representação, por vários motivos, se encontra mais facilitada.

Ao longo da série de crónicas que acompanharam as actuações dos diversos grupos amadores que participaram neste ciclo de teatro, esforçamo-nos por combater a ideia tradicionalmente aceite (e expressa até numa das comunicações que acompanharam os primeiros espectáculos) da apolitidade do autor de «As cadeiras», e até a do reaccionarismo que muitos pretendem ver na sua obra.

Ora para lá da declaração do próprio Ionesco em relação a «Rinoceronte», que considerou uma peça antinazi (como Urbano Tavares Rodrigues lembrou na crítica à representação desta obra publicada no «Século»), todos os textos de Ionesco, de uma maneira ou de outra, se dirigem a aspectos muito concretos da sociedade ocidental. Directa

ou indirectamente, as suas peças procuram atingir, pela sátira, alvos facilmente reconhecíveis, cuja natureza tentámos evidenciar. Uma interpretação da obra de Ionesco, nos seus aspectos ideológicos, exige, é evidente, familiarização com a sua linguagem alegórica e com a decifração de símbolos tão frequentes na arte moderna. Poder-se-á dizer que outros autores empregaram formas e estilos mais acessíveis para condenar e denunciar idênticos erros — e dir-se-á uma verdade. O que importa, no entanto, é saber encontrar esta mesma intenção em Eugene Ionesco, cujo teatro se encontra entre aquele que nos é acessível.

«A Lacuna», a primeira peça apresentada ontem pelo Grupo da Sociedade Central de Cervejas, foi traduzida por Américo Martins e Jorge Guimarães e apresentada pela primeira vez em Portugal. Construída como os restantes actos curtos de Ionesco, a peça relata-nos a aventura de um académico, doutor «honoris causa» por várias universidades, que, submetendo-se ao exame do segundo ciclo do liceu, fica reprovado. «A Lacuna» que existia no seu «currículum vitae», aquele mesquinho exame, nunca será preenchida; e o académico não pode esconder o seu desespero.

A sátira, tão saudável, á academia e aos seus títulos foi bem compreendida pelo encenador, Virgílio Macieira, que não perdeu oportunidades para evidenciar os aspectos mais ridículos da situação. João Gomes, Olga Oliveira, Joaquim Gomes e Georgina Henriques desempenharam os quatro papéis, sem terem conseguido a articulação necessária.

Na segunda peça apresentada, «A Lição», que Luís de Lima encenou e interpretou em Lisboa em 1959, Jorge Guimarães teve um bom desempenho no papel do «professor», acentuando o infantilismo e o autoritarismo da personagem, e dando a atmosfera do medo que Ionesco recria oniricamente, mantendo-a sempre no plano da farsa. Isabel Ferreira, a «aluna» deu-lhe uma boa réplica, explorando o diálogo, difícil de modo a provocar os efeitos burlescos que o texto requeria. A «governante», Fernanda Costa, re-

presentou bem, mas numa linha completamente errada, como se estivesse a interpretar um papel convencional numa peça naturalista. Defeito da encenação.

Os cenários de ambas as peças são sóbrios mas expressivos e os efeitos musicais da segunda contribuem para a criação do ambiente «surreal» em que se move o estranho professor que apunhala, no fim das lições, as suas alunas candidatas ao «doutoramento completo»... E que acabam por ficar não «completamente doutoradas», mas «completamente mortas»...

JOAQUIM BENITE

CONFERÊNCIAS

No Sociedade Portuguesa de Ciências Veterinárias

Na quinta-feira, às 21 e 20, o dr. Luís Beato Rodrigues, secretário-geral da Sociedade Portuguesa de Ciências Veterinárias, na colaboração com a Sociedade Portuguesa de Psicologia Animal, abordará o tema «A higiene e psicologia em matéria de produção animal». Nesta sessão, o dr. Augusto Miller, antigo director do Instituto de França e director do serviço científico do Instituto de Investimentos do retrato do estado de saúde prof. Abel Brás, faz da sessão completa a galeria de retratos dos actos de honra da Sociedade Portuguesa de Ciências Veterinárias.

Instituto de França e director do serviço científico do Instituto de Investimentos do retrato do estado de saúde prof. Abel Brás, faz da sessão completa a galeria de retratos dos actos de honra da Sociedade Portuguesa de Ciências Veterinárias.

VIDA RELIGIOSA

Visita pastoral e Vila Nova de Poiares

VILA NOVA DE POIARES, 5 — O bispado de Coimbra visita esta localidade, no domingo, celebrando missas, às 10 e 20, ministrando a eucaristia, o crisma e participando, também, como sempre no centésimo. As 21 horas, será homenageado com um jantar.

Problemas de Sesimbra

Nesta demonstração de interesse pela vida de um pequeno centro, representantes dos mais diversos sectores de actividade de Sesimbra, solicitaram uma audição ao ministro do Interior. Franco em Lisboa, procederá ao

O TRÂNSITO EM COIMBRA

Exatamente, segundo o que se mandou ao P. S. P., o general Fernando de Oliveira, a seguinte comunicação de esclarecimento:

«1 — O jornal que V. superiormente dirige, no seu número de 14 de este mês, publica uma notícia com o título «Abandona-se o trânsito (na cidade de Coimbra) que impõe condições inaceitáveis e ineficientes, na qual se fazem várias alusões a problemas de trânsito naquela cidade.

«2 — Pelas as circunstâncias verificadas, é possível agora prestar a V. para esclarecimento dos leitores do mencionado jornal de que é digno director, os seguintes esclarecimentos:

«3 — Tem sido um elevado número de casos de transgressões levantadas e participações elaboradas por infrações respeitantes às regras de trânsito verificadas na Praça da Mãe Adília, se, no entanto, ter consciência que alguns condutores de veículos deixam as suas velocidades por pouco tempo e se restringem aos limites legais das placas, devido à extensão do giro à polícia.

«4 — Na Rua Visconde de Lousal, denominada «Rua Anjo» existem duas placas de sinalização, uma de proibição absoluta de estacionamento de veículos das 9 às 15 horas e outra com a indicação de «Zona Azul» para um estacionamento de veículos, publicada com o actual carácter, publicada no Diário do Governo, 1.ª série, n.º 88, de 12-4-61, permite o estacionamento de veículos, desde que o seu condutor possua um documento que, em qualquer hipótese pelo Município.

«5 — Não se estipula, neste caso, especificar, que o espaço de tempo que os veículos podem ali permanecer. Assim, conclui-se que a prerrogativa abrange um período de três dias consecutivos, em conformidade com o parágrafo 6.º do

artigo 1.º do actual regulamento, pelo que a P. S. P. está impedida de emitir qualquer via transição não for «clarada».

«6 — Quanto ao parque destinado à Imprensa é conhecido, nos dias de festival, um agente para controlar a sua utilização, e, por isso, tendo o estacionamento de veículos sido condutor de veículos e não nenhum cidade.

«7 — No que respecta ao estacionamento em frente à Igreja de Santa Cruz, está determinado pelo n.º 2 do artigo 1.º do Regulamento de Trânsito da Cidade que podem ali estacionar quatro veículos por período de tempo não superior a uma hora.

«8 — A P. S. P. de Coimbra tem actividade todas as semanas na sede, de impedir o cumprimento de infrações de regras de trânsito dentro da área de sua jurisdição, procedendo sempre em conformidade com as leis e regulamentações em vigor de trânsito e legislação.

«9 — O estacionamento «de giro» de qualquer veículo que lhe permita parar onde quiser ou estacionar onde mais lhe aprouver de o fazer, sobre as consequências correspondentes é transposto por si praticado.»

O 20.º aniversário do Desportivo Operário de Campolide

Nesta no domingo o 20.º aniversário da Fundação do Desportivo Operário de Campolide, motivo por que decorrerá, no dia 16, às 10 horas, uma sessão solene, seguida de um banquete. A noite, haverá baile.

Bom dia!



eu sou **BIC** Cristal a esferográfica «antiderrapante» mais económica do mundo!

€ mantenho o preço de

3.50



NOVA ESFERA ANTIDERRAPANTE

LAFORST, LDA - Lisboa

PÁGINA 8

DIÁRIO DE LISBOA

9 AGOSTO 1968

«HIPÓLITO», DE EURÍPEDES PELO PIRAIKON THEATRON

A apresentação, no Tivoli, ontem à noite, do Pirakon Theatron, a companhia de teatro grego que vem ao nosso País pela segunda vez, graças à iniciativa da Fundação Gulbenkian, constitui, para lá de todas as posições que possam assumir-se perante o seu trabalho, um pretexto para um espectáculo indiscutivelmente digno, com um nível de realização, uma unidade, que não estão, naturalmente, ao alcance dos nossos agrupamentos.

É claro que a barreira da língua impede o público de apreender na sua totalidade a beleza e o sentido profundo da tragédia euripéidiana, representada por verdadeiros especialistas. É natural que, assentando a tragédia, fundamentalmente, no poder da palavra, a qual é o seu principal elemento plástico, a parte mais importante do espectáculo se perca para uma plateia que, na sua grande maioria, não sabe grego. É pena que assim suceda, pois dificilmente nos será dado ver representar Eurípedes com a perfeição técnica que a companhia dirigida por Dimitrios Rondiris possui.

O Pirakon Theatron, criado em 1957, especializou-se, precisamente na interpretação dos trágicos Helenos, cujas obras tem apresentado em todo o mundo. Concebidas com o objectivo de permitir a divulgação da tragédia entre as camadas

populares, as suas encenações procuram, em certa medida, acompanhar esta intenção introduzindo no espectáculo certos elementos modernos de realização que se não alteram completamente o estilo hierático do teatro tradicional grego, indispensável, aliás, ao clima da tragédia, conseguem contudo aproximar mais o público actual de uma forma de expressão artística que se confunde com as próprias raízes do teatro.

«Hipólito», a tragédia de Eurípedes ontem apresentada, uma das 17 obras do autor que chegaram até ao nosso tempo, é também uma das de maior audiência mundial e uma das que inspiraram profundamente os trágicos modernos, entre os quais avulta Racine. A intemporalidade do tema — que permitiu até uma adaptação cinematográfica — justifica o interesse com que a sua representação é sempre acolhida por vastas camadas de público.

Perdido, como se disse, para as plateias portuguesas o principal elemento de força (o conhecimento da intriga não chega para a identificação do espectador com a obra) o espectáculo não possui, por outro lado, suficiente dose de factores plásticos que nos possam compensar daquela perda. Existe, é claro, o coro, que é excepcional, como a assistência compreendeu pela ova-

ção que lhe dispensou. Em muitos aspectos, a interpretação constitui também um modelo de técnica, com a rapidez das réplicas e a perfeita colocação das vozes.

A encenação de Dimitrios Rondiris reflecte sobretudo, a preocupação de fazer muito bem mas os processos utilizados, desde a coreografia à distribuição simétrica do espaço cénico não introduzem qualquer inovação que permita classificar de profundamente renovador o trabalho do experimentado encenador, antigo discípulo de Max Reinhardt. A função do coro, que na tragédia humanizada de Eurípedes não corresponde precisamente à que desempenhava nas dos seus antecessores Esquilo e Sófocles, não foi também aproveitada em todas as possibilidades que sugeria de grande material plástico de expressão coral e corporal.

Quanto à interpretação somos forçados a julgar apenas pelo gesto, pela máscara e pela inflexão dramática o poder de criação dos actores. Salientem-se, principalmente os papéis de Elsa Vergi, Kostis Galanakis e Antonis Xenakis, mais pela importância das suas figuras — Pedra, Hipólito e Teseu — que pelo valor relativo das suas interpretações num conjunto que se adivinha de rara homogeneidade. A música de Dimitris Mitropoulos pareceu-nos um pouco cinematográfica. A coreografia de Loukia, com esquemas harmónicos, integra-se, no entanto, na linha tradicional da encenação. A tradução da peça para grego moderno deve-se a Dimitrios Sarro.

JOAQUIM MENITE

*
Ao espectáculo assistiram o Chefe do Estado, sua esposa e filha, e vários membros do Governo.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO AVIS

TÍTULO — «O Carrasco de Venézia» (Il Boia di Venezia).
REALIZADOR — Luigi Capuano, 1966.

INTERPRETES — Leo Bortoluzzi, Alessandro Fossati, Guy Mazzoni, Maria Pizzi, etc.

«O Carrasco de Venézia», obra de Luigi Capuano, apresentada em 1966, é um dos melhores trabalhos realizados no âmbito da «Cultura de Venézia», através do Cinema Aviz.

Na obra há uma das aventuras de Venézia, filme baseado de um livro de Venézia e das histórias de corte em que este se viu envolvido, sobretudo pela parte do «Carrasco de Venézia».

Mãe, afinal também, sobre o legado de Venézia, não é filho do Doge, mas de um povo que, acidentalmente, desenvolveu uma raça e criou as funções de carrasco. E assim, perante a realidade da sua vida, desenvolveu, também, um progresso superior, a todo o desenvolvimento da história que, também, não pode deixar de ser considerado como um momento de raro drama humano e, por isso, de grande importância para o estudo da história da arte.

«O Carrasco de Venézia», obra de Luigi Capuano, apresentada em 1966, é um dos melhores trabalhos realizados no âmbito da «Cultura de Venézia», através do Cinema Aviz.

teria sido enganada por muito tempo.

— Fugues justifiq., grta. est. arrependendo deliberadamente por a figura do mesmo vilão, que lá é grta. tendo o Grande Império.

— Filho tem muito mais valor.

Dito, dilo, fazer — em 5 s. de um palácio a apóio. Digo esta linha de perfis e altura e corvida no comitad. represento a perista, ordeno. le. O que fizem são são são a figurante mais conhecida grta. para a câmara estupefacta.

— É um clássico (grta. que a) dizer dos diálogos, acho não substituir, exmp. fendo: — É uma tragédia grega?

É pronta. Serrata um com muito quantos, devendo na 2.ª grta. amarelecidas da 1.ª grta. quando Luigi Capuano se lembrou de acordar para dentro de um momento. Esperamos que se lição proveja.

LAURO ANTÓNIO

SERRATA

ACTUA HOJE

NA FIGUEIRA DA FOZ

FIGUEIRA DA FOZ, 9 — O 1.º comitad. católio Juan Manuel B. ra. apresenta-se hoje na Casa desta cidade, com o Duo Diaboli e o pianista Pete Montolio.

Como é natural, a actuação de Serrata tem sido esperada com expectativa.

Pete Montolio é um artista le. qual de extraordinário reces sendo considerada um dos grand. expoentes do jazz na Europa.

Agências de publicidade ajudam Teatro-Estúdio

Tem as tradições das mais grandes firmas e tem período de várias semanas, o grupo denominado a Companhia Teatro-Estúdio de Lisboa, durante a recente crise atravessada pelo agrupamento, a qual não tem a sua própria estrutura. Uma nova e significativa atitude de apoio pela companhia e de compreensão pela importância do seu trabalho em Lisboa — onde actuam em grupos de teatro vivo — foi tomada pelas agências de publicidade. Estas e outras, as quais fizeram afetar ontem, por toda a cidade, numerosas cartazes de propaganda à peça que actualmente se apresenta em casa do T. E. L., «A Louca de Chalcis», de Giraudoux.

agências privadas com actor que é dito que maior importância reveste, tem na vida da companhia — a publicidade — a para cujo desenvolvimento se conduziu a aquisição do T. E. L. não possuem uma contribuição significativa.

Estreando a semana a noite seguinte e após ao Teatro Vasco Santana, hoje, indica que o grupo de actores dirigido por Lucia Maria Martins encenará, no teatro de Feira Popular, a sua actividade dedicada à divulgação de bom teatro.



BEJA

AMANHÃ, ÀS 18 HORAS (MAIORES DE 6 ANOS)

GRANDIOSA CORRIDA DE TOIROS

Cavaleiros
MESTRE BAPTISTA
LUÍS M. VEIGA

Espodas
JOSÉ JÚLIO
e o espanhol
CURRO LUCENA

Ferocidade Amadores de Lisboa de **NUNO SALVAÇÃO BARRETO**

4.ª feira de **JULIO BORBA** e 4.ª de **JOSÉ FALEIA**

Preços: Sombra 60000; Sol 30000



MASSIEL SOFRE DE SINUSITE

MADRID, 9 — (A. N. 1) — Massiel, a concertista espanhola vencedora do concurso de Euzviado, em Londres, com a canção «A. L. A. L.», suspendeu temporariamente as suas actividades artísticas, devido a um ataque de sinusite.

«Terei que submeter-me a um rigoroso tratamento, para evitar uma intervenção cirúrgica, pois que não voltarei a cantar até Setembro» — disse a concertista.

Sociedade «ESTORIL»
VENDA DE SÉRIES DE 20 BILHETES SEM DATA
Todas as dias e em todas as estações
VENDA DE BILHETES PARA OS DOMINGOS

Ata sábados na estação de Casa do Dótré das 15 às 22 horas.

PIRAIKON THEATRON

ESPECTÁCULOS PROMOVIDOS PELA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN COM O ALTO PATROCÍNIO DE SUA EXCELENCIA O EMBAIXADOR DA GRÉCIA

PARQUE DO ESTORIL

em colaboração com a SOCIEDADE ESTORIL-SOL

AMANHÃ, SABADO, 10 DE AGOSTO, ÀS 21.30 H.

HIPÓLITO de Eurípedes

2.ª-FEIRA, 12 DE AGOSTO, ÀS 21.30 H.

IFIGÉNIA EM ÁULIDA de Eurípedes

Lugares à venda até hoje na bilheteira do Cinema Tivoli, em Lisboa; na Junta de Turismo da Costa do Sol, no Estoril; no Posto de Turismo do Cascais; e nas bilheteiras do Casino Estoril. A partir de sábado nas bilheteiras do recinto e nas do Casino Estoril. Preços: 30000, 20000 e 10000

OS ESTUDANTES BENEFICIAM DA REDUÇÃO DE 50 %

M/ 17 ANOS

DEFENDO O TEATRO POPULAR

— DIZ-NOS EUGÉNIO SALVADOR (UM ACTOR QUE FALA COM O CORPO)

As pernas agitam-se constantemente, num vai-vem nervoso. O actor está sentado numa poltrona. As mãos mudam de posição, agarram-se aos braços da cadeira, descrevem figuras no ar. O prazer de falar impulsiona o actor. O pequeno gabinete está na obscuridade. Do palco, vizinho da sala, chegam rumores do ensaio. Coristas estão sempre a passar. Eugénio Salvador, mergulhado pequenino no grande «maple» constitui ele próprio uma prova do que afirma: «não estou cansado».

Cheira a teatro. O actor (quarenta anos de actividade que agora se comemoram) evoca um dia longínquo de 1928 em que pela primeira vez como profissional, pisou um palco:

— Foi aqui, no Maria Vitória. A primeira vez. Tinha vinte anos. O processo de entrada foi normal: curso do Conservatório e agarrar pelos cabelos a primeira oportunidade. Representara já várias vezes, nos exames do Conservatório e em pequenos papéis no Nacional. Mas foi aqui que comecei.

Mil novecentos e vinte oito. O Parque Mayer era um recinto bastante diferente quando o pano do Maria Vitória se abriu para a representação de uma comédia de «vaudeville» intitulada «Grão-de-bico». Na companhia, dirigida por Hortense Luz e Alberto Barrosa, aparecia o nome de Eugénio Salvador. Em letras pequeninas. As senhoras de vestido comprido e os cavalheiros que, á saída, ainda com as faces risonhas, lhes davam o braço, haviam esquecido já a sua presença. Um ou outro sujeito teria dito: «Tem jeito, aquele moço». Nada mais.

Quarenta anos depois (não se trata de coincidência...) Eugénio Salvador é uma das figuras mais conhecidas e mais respeitadas do teatro popular.

— Defendo o teatro popular. A revista, na boa tradição portuguesa. As condições, muitas condições, não permitem o desenvolvimento da revista. A revista vicentina. O «compère», a figura em

que eu me especializei, foi morrendo aos poucos. Antigamente, a sua função era essencial. Dependia, muitas vezes, o êxito de outros actores, com quem contracenava. Hoje, as vedetas querem aparecer sôzinhas. O «music-hall» invadiu a revista.

Viver para o trabalho

Mil novecentos e trinta. Um paquete afastava-se lentamente do cais. Lenços dizem adeus para bordo. Um jovem de vinte e dois anos, Eugénio Salvador, parte para a sua primeira grande viagem: Brasil. Outros jovens haviam partido antes dele com objectivos diferentes. Partir era uma ânsia dos que nada encontravam. Salvador encontrara uma vida — o teatro. Partir para ele era uma circunstância. Uma forma de trabalho. Assim se cumpriu, com êxito, a sua primeira digressão artística.

Dois anos mais tarde, Lourenço Marques. — Foi em Lourenço Marques que traí o Benfica. Jogava futebol no Benfica, no primeiro «team». Mas o Ferroviários pediu-me que fizesse uma perninha. Joguei e ganhámos.

Um sorriso, uma piada (expon-tânea: o actor passou ao palco): «Não foi por eu ter jogado...»

Mil novecentos e cinquenta e dois, Eugénio Salvador, já com um grande nome, torna-se empresário. Mais êxitos: revistas («Mulheres de Sonho», «Cantigas ó Rosa», «Fonte Luminosa», etc.).

— Também fiz comédia. E opereta. Gostei muito de fazer «O marido solteiro», com Laura Alves e Santos Carvalho, «O diabo é um anjinho» e «Loucuras de papá e mamã». Mas a revista foi o que sempre me interessou.

Mil novecentos e sessenta e um. O empresário deixa que a sua cara mude de expressão, uma vez que seja. O publico não está presente, para ver. Eugénio Salvador não ri: os seus olhos saltitantes, perdem a alegria.

— Foi um momento difícil. O teatro onde representávamos, na Covilhã, ardeu. Perdemos quase tudo. Tivemos um prejuízo enorme. Depois ainda fizemos uma revista: «Forrobodó». Mas a minha carreira de empresário terminara.

No ano seguinte, Salvador estava no seu posto de actor. Presente. — De tudo o que fiz, se fiz alguma coisa, isso é o que mais me importa: nunca deixei de ter trabalho. Nunca tive outra profissão. Vivo do teatro. Vivi do teatro. Dele continuarei a viver.

A linguagem do corpo

O actor precisa de se libertar. A cadeira esmaga-o. Eugénio Salvador é dos que fala com o corpo. Um corpo espatosamente ágil (sé de eu ter sido desportista e ter praticado muita ginástica). O actor liberta-se. O ambiente é agora é do palco. Carpinteiros serram, martelam. O palco. O teatro que vai nascer uma vez mais, para o seu milagre, a sua aparição, o seu mágico encontro com todos. Meus senhores venham ver! Venham ver o espectáculo. Venham senti-lo. É no teatro que se sentem as correntes eléctricas vertiginosas. Aqui levantam-se arcos. Casas. Rios. Florestas. Dominam-se luzes. Transformam-se trapos vulgares em grandes trajes. O chumbo em ouro — a alquimia tem uma palavra a dizer. O actor que entra, no seu corpo pequeno, veloz, sacudido, é só apenas um veículo do fogo sagrado.

Enquanto o actor caminha, pequenas chamas vão consumindo seus pés. O actor como que se eleva. Um ritual antigo, uma pulsação interior do mundo toma conta do seu corpo e define o seu tempo.

Olhar para Eugénio Salvador é como olhar para Charlot: há neles a presença de um outro, essa personagem inquieta, enorme, que todos possuímos guardada no nosso ser

profundo, e que só em alguns se mostra, exteriorizada, audaz.

— Falo com o corpo — diz Eugénio Salvador.

«Eu sou gente nova»

Diz que fez cinema. Dezassete filmes. Diz que tem um sonho: ver seu filho (2.º ano de Matemática) formado. Diz que Viana é um grande actor e um autor teatral muito inteligente. Fala da sua actividade de bailarino:

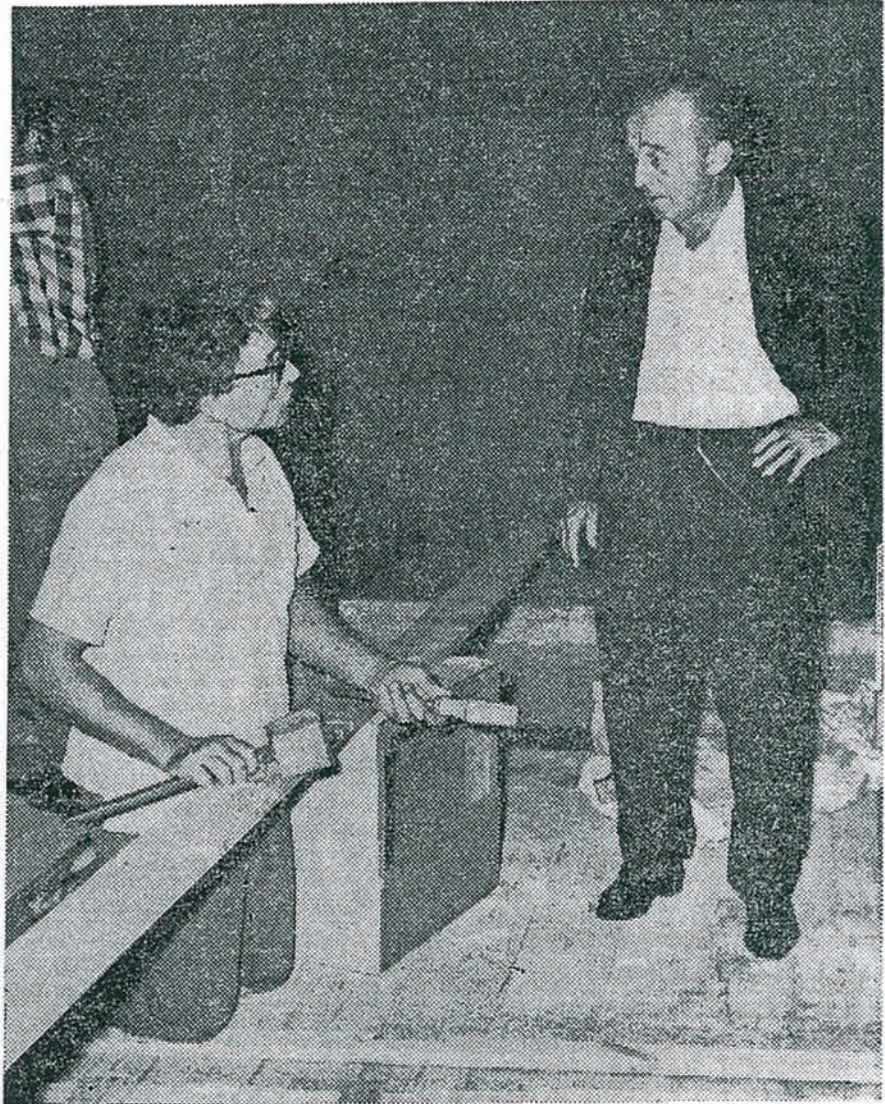
— Acabou há vinte anos. Fazíamos um par, eu e minha mulher: «Lina e Salvador», era como éramos conhecidos. Sei que deixámos de trabalhar juntos há vinte anos, porque foi há vinte anos que o meu filho nasceu e desde essa época a minha mulher abandonou o teatro. Fala das suas relações com gente nova:

— Aprecio a gente nova. De resto, não me venham com cantigas: eu sou gente nova. É claro, quando aparece algum lá muito extravagante, a querer transformar a revista num espectáculo de fé-é, lá nisso também não vou. Mas dou-me bem com a rapaziada: e quando assim não fosse deva-lhes já uma «chapada»...

O gesto da «chapada». O corpo desmoronase. O actor volta ao palco.

Salvador fala ainda de antigos revisteiros: Amadeu do Vale, Nelson de Barros. Evoca os seus quarenta anos de teatro:

— Dantes a revista fazia-se com meia dúzia de coristas muito gordas, que vinham umas vestidas de couve-flor, outras de nabiça, outras de nabo. Tudo mudou, claro. Hoje as mulheres despem-se mais. Só é pena que não se tenha mantido completamente a tradição de sátira, de crítica, da velha revista. O «compère» era sempre o verdadeiro representante do Povo: veja que se



Salvador prepara o seu reaparecimento: «Sou gente nova» — diz o actor

chama habitualmente «Zé Povinho». Através dele ouviam-se suas queixas.

Eugénio Salvador fala ainda de muito mais coisas: daquele dia, no Uruguai, em que ele e o grupo de fadistas com quem partira á conquista do êxito se encontraram sem um tostão no bolso e para voltarem ao Rio de Janeiro tiveram de pedir fundos a uma sociedade portuguesa, depois de tentativas falhadas junto de uma série de entidades.

Dentro de alguns dias o pano do Maria Vitória subirá para mais uma revista em que Salvador será «compère». O grande cómico, com o seu jeito de quem se desconjunta, sua técnica exímia, fará coisas que pa-

recerão fáceis. O espectador rir-se-á, baterá palmas e esquecer-se-á, talvez, de pensar em muitas questões importantes. Esta por exemplo: o homem pequenino que o divertiu durante a noite é um dos poucos actores portugueses que ainda sabe sapatear. Tem pouca importância? Salvador sabe bem que não «foi talvez da minha actividade de atleta e de desportista». É talvez porque Salvador intuiu ou aprendeu (tanto faz) que o corpo de um actor também diz coisas. E é sobretudo o corpo de Eugénio Salvador que afirma exuberantemente, ao fim de quarenta anos de trabalho: «não estou cansado».

JOAQUIM BENITE

OS SOBERANOS DA PÉRSIA PARTIRAM PARA AS ZONAS DEVASTADAS PELOS SISMOS

TENERAF, 4 — (R.) — O xá da Pérsia e a imperatriz partiram hoje de avião para Surjan, uma das cidades mais atingidas pelos sismos registados no sábado e no domingo.

Os soberanos serão ali recebidos pelo primeiro-ministro e outros membros do Governo que vão estar a dirigir pessoalmente as operações de auxílio às populações atingidas.

O xá permanecerá várias semanas devastadas antes de regressar a Teherã.

Aviões da Força Aérea estão estacionados a leste de Teherã para ajudar a evacuar os feridos e para transportar-lhes para as aldeias mais atingidas.

Até agora há confirmação oficial de 1200 mortos, mas as estimativas não oficiais elevam a 2000 o número de mortos e a 3000 o de feridos.

Enquanto o Governo e organizações de auxílio de todo o Mundo elaboram planos de auxílio e manifestavam as suas condolências, o xá ordenou a evacuação de um campo geral de assistência. Uma coluna de Força Aérea iriana para levar de pára-quedas víveres e medicamentos às cidades e vilas ainda inacessíveis e pediu ao primeiro ministro Abdo Abbas Hovida e a cinco outros ministros que se encontraram na área para estabelecerem as suas condições de trabalho de reconstrução.

Ordens, também, são hoje dadas ao serviço de emergência do Gushad, a fim de apressar a chegada dos socorros. Pelo menos 500 pessoas permaneceram em Gushad e nas vilas próximas de Dehli-Bayat e Ghayen.

TRES DIAS ENTRE AS VITIMAS DA CATASTROFE

Esperam-se que os soberanos partem hoje ou três dias antes as vítimas da catástrofe, que perderam famílias, bens e meios de subsistência quando os sismos sacudiram a província remota de Khorasan.

Os sobreviventes encontram agora a zona de desolação quando se desmoronam ainda cadáveres inteiros e a fome, a não ser que a rede de canais de irrigação da área seja reparada.

Notícias recebidas nesta capital apenas falam com êxito de socorro em Khorasan, mas prometem ao valor de 20000 contos Irani já enviados. Contudo, muitos ainda dizem que as brigadas de socorro não con-

seguiram alcançar, isoladas, pelo menos, 15 vilas e aldeias. A sua sorte continua a ser uma incógnita.

Entretanto, registou-se ontem um sismo na Turquia, a vizinha ocidental do Irã.

Notícias de Istambul indicavam que morreram 10 pessoas e mais 100 ficaram feridas na cidade de Bartin, no Mar Negro, que tem uma população de 12000 almas.

Mais quatro pessoas morreram em Amara, nas proximidades.

A medalha de ouro da cidade de Viseu atribuída ao dr. Azeredo Perdigão

VISEU, 4 — Na sua última reunião, a que presidiu o sr. eng. Cunha Milos, e Câmara Municipal deliberou distinguir com a medalha de ouro da cidade o presidente do conselho de administração da Fundação Calouste Gulbenkian, sr. dr. Azeredo Perdigão.

Nascido em Viseu, onde estudou até ao curso de Engenharia, o sr. dr. Azeredo Perdigão foi sempre um devoto amigo da sua terra e de uma «cívica» actividade. A «distinção» da Câmara foi, por isso, bem recebida por toda a cidade.

«PÉROLA ANDINA»
Impressão com as melhores técnicas em São Paulo, SP, 174 para venda directa ao público com um completo e variado serviço de assistência técnica e peças de reposição.

DINHEIRO
S/ AUTOMÓVEIS
Empresta-se em boas condições. Transacções rápidas e seguras.

SONIPAL
R. DOSE REDONDO 14-20
TELEF. 52248 55650

EXCURSÃO A MADRID
Companhia S. P. de que vai organizar uma excursão a Madrid, em parte de Lisboa no dia 11 de Setembro, e regresso a Lisboa no dia 19 de Setembro, através de Lisboa-Expresso TSM e a Lusa. Preço: 12000.

PÁGINA 8

DIÁRIO DE LISBOA

15 SETEMBRO 1968

«BODAS DE SANGUE» DE GARCIA LORCA NO TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS

O Teatro Experimental de Cascais inaugurou a nova temporada com mais uma encenação de Carlos Avilez. A juntar-se ao variado repertório da companhia, o T. E. C. oferece-nos agora a sua versão das «Bodas de Sangue», de Garcia Lorca, já levada à cena, aliás, pelo mesmo encenador no C. I. T. A. C., de Coimbra.

Filado numa linha que tem alimentado esteticamente a sua obra teatral, o novo trabalho de Carlos Avilez não traz quaisquer elementos novos. Se num ou noutro aspecto é possível detectar uma evolução em relação a realizações anteriores (entenda-se evolução no sentido da procura de uma maior responsabilidade na interpretação global da obra apresentada), a verdade é que, no conjunto, a encenação das «Bodas de Sangue» denuncia a mesma intenção já exaustivamente manifestada, de levantar um teatro de «choque» (um teatro de «gritos», se se preferir) a partir de um texto, de um conjunto de valores que funcionam, para o encenador, como um mero incidente pretéxual. Dir-se-ia que em Carlos Avilez as leis do teatro se resumem à obtenção de uma série de efeitos plásticos mais destinados a deslumbrar o espectador (e a adormecer, portanto, sua capacidade de discernimento) do que a servirem o todo estético que um espectáculo de teatro tem de constituir. Uma posição deste tipo não deve nem pode confundir-se com a outra, aliás defendível, somente de certo ponto de vista, que preconiza um teatro de emoção, isto é, um teatro que procure atingir o espectador por vias que não são, propriamente, as da decifração ou do entendimento racional. E as duas posições não podem confundir-se porque o processo que dinamiza a primeira (a de Avilez) é primariamente desencadeado. Quer dizer: o deslumbramento que se procura provocar no espectador não corresponde a nenhuma forma de comunicação activa e profunda. Trata-se apenas de um bonito papel com que se embrulha um género cujo fabrico não foi cuidadosamente vigiado.

E a verdade é que as deficiências desse fabrico estão à vista, mal nos esqueçamos do primeiro surpreendente efeito causado pelas sucessivas construções plásticas a que Avilez recorre. O importante não é, quanto a nós, conseguir prender o espectador, no início de cada cena, graças à conjugação de elementos visuais ou auditivos (a luz, o cenário, a música); o importante é manter o espectador preso ao espectáculo no decorrer de toda a cena, quando a palavra se torna (não pode deixar de acontecer) o elemento preponderante. Se assim não sucede temo uma realização constituída por numerosos apontamentos de construção plástica (aliás de gosto discutível) separados entre si pelo próprio texto que a eles dá origem e dele, em grande parte, completamente desligados.

Não fora esta maneira anárquica de entender o teatro, de julgar a sua função, não teria Avilez recorrido, uma vez mais, a factores e a elementos que de modo algum se enquadram no clima da peça (nem podem ser determinados por uma visão errada, embora unívoca, porque se apresentam contraditórios entre si). De facto, só muito dificilmente poderemos aceitar que os cenários de Francisco Relógio (um pintor que não deixa de o ser quando trabalha para o teatro) ou os figurinos de Pinto de Campos tenham alguma coisa que ver com o ambiente (poético mas realista) da obra de Lorca. Dificilmente poderemos aceitar que a expressão da poesia dramática do autor de «Yerma» seja encontrada, no palco, com factos que, se nas mulheres acentuam certo hieratismo, certa solenidade grata a Lorca, fazem, ao contrário, dos elementos masculinos figuras perfeitamente divorciadas daquele ambiente.

Uma vez mais Avilez procurou encenar uma obra cuja riqueza maior é a linguagem. Se se retirar a «Bodas de Sangue» o vocabulário poético do autor do «Canciones» (a carne assombrada por navalhas, a verde rama, os pássaros arremessados, o rio rumoroso, o

ramo de oliveira», etc.), a peça resume-se a um tema velho e gasto, estruturado em moldes tradicionais: no dia do casamento a noiva resolve deixar seu marido e fugir com o antigo apaixonado, a quem ama, ainda, acabando a peça com a morte, em luta, dos dois rivais. Este tema, entretido, desde o início do primeiro acto, com presságios, com alusões a um passado que se adivinha vir a repetir-se (numa atmosfera de tragédia, portanto) está, porém, suficientemente radicado numa pretensa realidade espanhola, numa estereotipada visão da «alma» do país, com constantes alusões ao sangue, à honra, à valentia, à virilidade, aos cavalos e aos seus cavaleiros, às lutas, às navalhas, à Lua, à necessidade da vingança, ao culto dos mortos — numa palavra, à lenda. Por isso que, e como «Bodas de Sangue» não é, de maneira nenhuma, apenas isso, o trabalho mais importante da encenação deveria ser procurar extrair da obra toda a sua força. A sua força poética antes de tudo, de maneira a salvar a peça do que nela própria já não pode ser visto com olhos indulgentes. Em vez do aproveitamento do conflito para a criação de um espectáculo plástico impune (e isso serviria muito melhor Garcia Lorca) levanta-la como poema rebelde que ela é, reflexo da luta anímica do homem com as suas próprias inclinações, do eterno desajustamento entre o ser e o seu meio.

O político dá-o Avilez sempre da mesma forma: através de uma profunda afectação do modo de representar (menos sentida desta vez, se se exceptuar a interpretação de João Vasco), do frequente isolamento dos actores com o auxílio de luzes, de uma movimentação quase balética, de elementos cenográficos insólitos. Esta última palavra — insólito — pode resumir, de resto, todas as «inovações» de Avilez. Trata-se de um teatro «pour épaters», um teatro que pode ter, que tem, entre nós, existência fácil...

Se, porém, no seu todo, na sua direcção, a nova realização do T. E. C. nos desagradou, alguns aspectos há, no sector da interpretação que, pelo contrário, nos pareceram altamente positivos. Falar dos actores da companhia de Carlos Avilez não se torna muito fácil. Isto porque entre eles se encontram nomes muito conhecidos ao lado de nomes ignorados, actores de uma escola antiquada (e condenada), que usam métodos declamatórios próprios de um teatro académico ao lado de outros em que se adivinha vontade de dominar uma técnica de representação correspondente ao teatro do nosso tempo e às suas conquistas. Por outro lado, a direcção de actores de Carlos Avilez, continua a desprezar certas arestas muito importantes do trabalho de composição das figuras. Cada um dos intérpretes emprega o seu estilo, e as diferenças de planos de inserção das personagens são notórias (exemplo, de um lado, Brunilde Judice, Fernanda Coimbra, Mirita Casimiro; de outro, João Vasco, Marta Ribeiro, Rui de Matos).

Duas ou três grandes interpretações saltam à vista e constituem, todavia, um bom prémio para o espectador. Desde já saliente-se a daquela actriz que mais nos surpreendeu pela forma segura, sóbria, com que encarnou a sua personagem e pela dimensão que lhe deu: Zita Duarte. Mantendo-se a suficiente distancia da figura que lhe coube (a «mulher de Leonardo») para se não meter inteiramente nela, mas também para não a perder de vista, teve os momentos altos do espectáculo na dicção dos textos mais poéticos da peça, mantendo sempre um equilíbrio de voz, e um comedimento de expressão que, longe de diminuir a força e o dramatismo do texto, os acentuavam de forma electrizante. Foi também ela, quanto a nós, que melhor entendeu as «Bodas de Sangue». Ela retirou à peça essa silenciosa angustia que inunda a obra de Garcia Lorca, e que faz dos seres fragmentos torturados da própria natureza. Soube ser natural nas cenas que o exigiam (aquela no primeiro acto em que oferece um refresco ao marido),

soube acompanhar as suas palavras de um jogo fisionómico perfeito, serenamente comandado Zita Duarte tem, certamente, nesta peça, a melhor interpretação da sua ainda curta carreira — e uma das melhores do espectáculo.

A outra grande interpretação de «Bodas de Sangue», de que o público de Cascais justamente se apercebeu, é a de Maria do Céu Guerra. O seu trabalho é um modelo de composição, cuidada nos últimos e mais pequenos pormenores, servindo-se de uma sempre correcta articulação. A personagem que interpretou, a «noiva», apareceu, de facto no palco: esse misto de fragilidade e fortaleza, numa mulher que simultaneamente se prende à terra e dela foge, essa «jovem tocada pelo fogo», Maria do Céu Guerra dá-a com a singularidade de um temperamento de actriz e de uma educação teatral em franca ascensão.

Das restantes interpretações saliente-se o trabalho de Santos Manuel (na figura do «pai» da noiva), Brunilde Judice, Mário Pereira, Mirita Casimiro, têm trabalho aceitável, Fernanda Coimbra está absolutamente alheia à peça, João Vasco tem uma interpretação de muito má qualidade. Tal como Maria Ribeiro, bastante inexperiente. Nuno Fernandes diz mal (talvez não por culpa própria) um pequeno poema.

Uma última referência: a música de Carlos Paredes, que constitui um dos mais belos elementos do espectáculo.

JOAQUIM BENITE



A velha mãe de «Bodas de Sangue» e a sua trágica autoridade estão brilhantemente expressas nesta atuação de Brunilde Judice, que pela primeira vez trabalha, sob a direcção de Carlos Avilez, para o Teatro Experimental de Cascais.

A ELEIÇÃO DO «REI DA RÁDIO PORTUGUESA»

CALVÁRIO AUMENTA A VANTAGEM APÓS A 2.ª CONTAGEM DE VOTOS

• SUBIDA ESPECTACULAR DO DR. JOSÉ AFONSO E DE ARTUR GARCIA

Confirmação da preferência de António Calvário, há-de esperar-se a partir do Dr. José Afonso e de Artur Garcia: estes últimos dois, entretanto, opõem-se aos seus (ambos) em longa feição de adversários. Apreciação de Manuel Dias entre os dois nomes. Trazendo destaque de um lado ao Dr. José Afonso, e de outro ao Dr. José Afonso. Há de esperar-se a partir do Dr. José Afonso e de Artur Garcia: estes últimos dois, entretanto, opõem-se aos seus (ambos) em longa feição de adversários. Apreciação de Manuel Dias entre os dois nomes. Trazendo destaque de um lado ao Dr. José Afonso, e de outro ao Dr. José Afonso.

• Sem um disco comercial lançado no mercado...

O horizonte da classificação, no primeiro actual, reflecte a tendência manifestada desde o primeiro levantamento: a política, e por de cima os critérios que regem os nomes concorrentes, começa a mostrar sinais de uma mudança, embora não seja ainda de uma mudança que se possa falar. Há de esperar-se a partir do Dr. José Afonso e de Artur Garcia: estes últimos dois, entretanto, opõem-se aos seus (ambos) em longa feição de adversários.

Mercado impresso com o seu cast... Entretanto, divergências entre os dois nomes da votação, após a segunda contagem, estão breves e claras. E, simultaneamente, reconstrução da classificação: as votações podem ser remetidas à secretaria do concurso (Rua das Flores, 44, Lisboa) em qualquer dia útil, dentro de 24 horas após a publicação do resultado. E, no caso de remessa em separado, serão por fora dezoito unidades de indicação de que se desconta em concurso do «Rei da Rádio Portuguesa».

Os dez mais votados

António Calvário	112
Dr. José Afonso	85
Artur Garcia	82
Manuel Dias	75
Sírgio Borges	65
Filipe de Freitas	57
Dr. José Afonso	55
Luís Botelho	55
Manuel Mar	55
Nelson Carmo	54

Outros nomes votados

Miguel Maia, 51; Joaquim Manuel, 50; Mário Lúis, 50; Fernando de Albuquerque, 50; Carlos Sima, 50; António Mourão, 50; Joaquim Coimbra, 48; Tony de Almeida, 48; Tony de Mattos, 48; Daniel, 48; Mário de Almeida, 48; Fernando Sima, 48; Rui de Mascarenhas, 47; Domingos Rodrigues, 46; António França, 46; Fernando Pereira, 46; José Carlos, 46; José João, 46; Tony Valente, 46; João Fernandes, 46; Artur Ribeiro, 46; Marco Paulo, 46; Fernando Madeira, 46; Carlos Vitor, 46; Guilherme Krieger, 46; António Perry, 46; Gabriel Cordeiro, 46; Helder António, 46; Vitor Teixeira, 46; António Reis, 46; Rui Duarte, 46; Valério Silva, 46; Carlos Pereira, 46; António Sousa, 46; Lourenço de Oliveira, 46; Humberto de Castro, 46; Nuno Freire, 46; Alex, 46; Norberto Martins, 46; Nuno de Aguiar, 46; Fernando Coimbra, 46; Carlos Nascimento, 46; e Carlos do Carmo, 46.

COLISEU

HOJE, AS 21.30
(Máxima de 12 anos)

OS GRANDES FILMES
AS ESPINGARDAS
DA DESFORRA
E
BRINCADEIRAS
DE VERÃO
PREÇOS POPULARES

NOVA LÂMPADA FLUORESCENTE
"CONFORTO DE LUXO" (cor 27)

PHILIPS

PARA ILUMINAÇÃO DE RESIDÊNCIAS



PHILIPS
TL 40W/27



PARA UMA COMBINAÇÃO
PERFEITA COM A ILUMINAÇÃO
INCANDESCENTE

Mercê de persistentes investigações que incidiram principalmente no complexo domínio da ciência da cor, a PHILIPS lança no mercado uma lâmpada fluorescente de 2800°K, notável pela sua tonalidade original, suave, repousante, cuja composição espectral é, PELA PRIMEIRA VEZ, semelhante à das lâmpadas de incandescência normais.



Aconselhadas também para:
HOTÉIS • RESTAURANTES • SALÕES DE CHÁ • CABELEIREIROS • SALÕES DE BELEZA • BIBLIOTECAS • SALAS DE CONFERÊNCIAS • CINEMAS

Todos os pormenores sobre a aplicação destas novas lâmpadas podem ser solicitados ao Departamento de Iluminação da

PHILIPS PORTUGUESA, S.A.R.L.

RUA JOAQUIM ANTÓNIO DE AGUIAR, 86 — LISBOA • RUA FERNANDES TOMÁS, 798 — PORTO

**ROGÉRIO PAULO
VOLTA AO NACIONAL**

(Continuação da página central)

actores profissionais e onde se faz teatro de grande nível.

**O REALISMO-SOCIALISTA
ULTRAPASSADO**

— Qual é, presentemente, a situação estética do teatro soviético?

— Tanto quanto me foi dado observar, o teatro soviético evoluiu muito em relação à sua fase de há uma dezena de anos atrás, de que tínhamos conhecimento por testemunhos e noticiário. A primeira impressão com que fica quem assiste a espectáculos teatrais na União Soviética é a de que o realismo socialista foi chão que deu uvas. A estética realista-socialista pode ainda observar-se nalgumas óperas que se encontram há muitos anos no cartaz e que mantêm as encenações antigas. No teatro e no «ballet», porém, são visíveis as grandes inovações introduzidas. A histórica oposição entre o Teatro de Arte de Moscovo, de Stanislavsky, e o Teatro Estúdio, de Meyerhold, está a ser superada por uma tentativa de aproveitamento do que de positivo existe nas duas escolas e nas visões que as determinam. Os problemas estéticos e ideológicos decorrentes desse aproveitamento são estudados seriamente nos Institutos superiores, e vários intelectuais publicam sobre eles cuidadosos tratados.

«Entre os muitos espectáculos a que assisti — continua Rogério Paulo — vi alguns cujas encenações são verdadeiramente vanguardistas. No Teatro Taganka, por exemplo, pude ver uma excepcional realização de «Galileu Galilei», de Brechet, com música de Chostakovsky e colaboração de vários poetas, entre os quais Levuchenko, numa encenação de Liubimov. Do grande director Zavatsky vi, no Mossoviete, uma espantosa realização modernista de «As alegres comadres de Windsor», de Shakespeare. O único espectáculo que me desagradou foi uma peça levada à cena no Teatro Pushkine, intitulada «Respeita o teu pai», de um moralismo piegas e esquemático.

Durante a sua permanência na União Soviética, Rogério Paulo avistou-se, ainda, com Helen Weigel, a viúva de Brecht, actual directora do Berliner Ensemble, o famoso teatro alemão, cuja companhia se encontrava em regressão pela União Soviética. Outro contacto de que Rogério Paulo afirmou guardar impressão indelével foi o que teve com a grande bailarina Galina Ulanova, actualmente coreógrafa e professora de dança. Na Casa dos Artistas Veteranos, associação destinada aos velhos actores retirados, Rogério Paulo foi alvo de uma homenagem, durante a qual o fizeram sócio honorário da instituição.

**A PRÓXIMA ÉPOCA
TEATRAL: «TUDO
MUITO TREMIDO»**

No início de uma nova época teatral (e com o ingresso já assente de Rogério Paulo na companhia que deveria ser a primeira do País) torna-se natural interrogar o actor acerca das perspectivas que se abrem para a cena portuguesa, na próxima temporada. A resposta de Rogério Paulo não foi muito diferente da que esperávamos ouvir e da que, em boa verdade, pode dar quem se mantenha atento às condições de vida do teatro português (como é o caso deste elemento destacado do saudoso Teatro Moderno de Lisboa):

— Vejo tudo muito tremido. De uma maneira geral, a preparação das temporadas continua a ser feita um pouco improvisadamente, e, no início da época, não há ainda reportórios definitivos. Só a companhia do Nacional e a de Francisco Ribeiro parecem ter um programa estabelecido.

— Não lhe parece que se trata, precisamente, das duas companhias que fazem o teatro mais académico?...

— Não me parece que possam ser considerados académicos espectáculos com «Feliz Aniversário», de Pinter ou «Equilíbrio Instável», de Albee, apresentados o ano passado pelo Nacional em encenações de Artur Ramos e Amélia Rey Colaço.

J. B.

HERMES
BOLEX
Precisa
maillard

INGEN. SIDA...
PREÇO ECONOMICO
FAZEM A REPARAÇÃO MANUAIS
DOS PRODUTOS HERMES

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS EM PORTUGAL
ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S.A.R.L.
570E, RUA DA CONCEIÇÃO 46 — TEL. 361545 — LISBOA
E SUAS FILIAIS, ASSOCIADAS E AGENTES EM TODO O PAÍS

**COMBOIOS DO CAIS
DO SODRÉ
VENDA DE BILHETES**

Atas sábadas no edifício do Cais do Sodré das 15 às 22 horas.

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Beirrada, Corvalhos, Corvalhada, Botelho da Beirrada, Praça Margalida de Foz, Rua de Costa Cabral, Camitação, Praça da República, Bomfim e Antas, a partir das 17 e 28, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Salbas, a partir das 28 horas.

NORMA
Associação de Estudos para o Desenvolvimento do Trabalho, S.A.S.
Av. D. João de Castro, 17, 1140-4
DEP. PSICOLOGIA APLICADA

**SELECCIONAMOS
PARA
EMPRESA INDUSTRIAL DE TINTAS
VENDEDORES**

TIPO DE TRABALHO:
Desenvolvimento das vendas e promoção.

QUALIFICAÇÕES PEDIDAS:
17 anos (sem experiência); Serviço militar concluído; Maturidade entre 25 e 30 anos; Carta de condução e automóvel (como vantagem); Experiência de vendas, de preferência.

CONDIÇÕES OFERECIDAS:
Formação técnica e comercial específica; Estabilidade de emprego; Regime social; Férias sobre o ordinário legal.

Resposta para a NORMA, com curriculum vitae pessoalmente redigido e outras comunicações rigorosamente confidenciais, indicar referência T/C/27.



DIA A DIA

O que vimos e ouvimos

JOGOS OLIMPICOS

Não há dúvidas. Focaram-se nos jogos olímpicos e esqueceram-se os jogos olímpicos...

A televisão iniciou em 1954. Começa com 100 milhões de euros...

Como funciona a televisão? De acordo com o regulamento dos programas...

De repente, lá, não de repente como é mantido, como é feito...

De repente, lá, não de repente como é mantido, como é feito...

Como funciona a televisão? De acordo com o regulamento dos programas...

Como funciona a televisão? De acordo com o regulamento dos programas...

Como funciona a televisão? De acordo com o regulamento dos programas...

HOJE PODE VER...

As 21 e 26: Oh, Que Bom Velho Tempo

No programa de televisão, a R.T.P. apresenta hoje mais um programa de variedades...

As 22 e 26: Jogos Olímpicos de México

Por intermédio da televisão a R.T.P. apresenta hoje mais um programa de variedades...

O FUGITIVO

A memória de um português não é curta. Deve ainda ter presente aquela série de filmes...

No primeiro episódio, quando se vê a cidade de que se fala no "Chaparral, recordamos"...

MARIO CASTRIM

FESTIVAL RICARDO BANDEIRA NO VILLARET

Ricardo Bandeira apresentou-se no Villaret, para o primeiro da série de quatro espectáculos...

Propondo-se ser uma consciência aberta ao Mundo («Mec maior prazer e ao mesmo tempo infelicidade, é observar as pessoas que me rodeiam...

«Brasil em ritmo de alegria» se chama o primeiro «show» deste actor de 30 anos...

Do ponto de vista ideológico são discutíveis algumas interpretações de Ricardo Bandeira...

Na cena «Bonifácio vai à Igreja», do mesmo modo, o ataque a certos aspectos de organização...

AS BORBULHAS FORAM-SE ELIMINAR A CAUSA EM 3 DIAS

Logo a primeira aplicação de Nixoderm elimina a causa em 3 dias...

JOAQUIM BENITE

Licenças de publicidade e de ocupação da via pública

Informa a Câmara Municipal de Lisboa que as licenciaturas de licença de publicidade e de ocupação da via pública...

Advertisement for Julie Andrews and Millie in the film 'Rapariga Moderna'. Includes text: 'BREVEMENTE A INCOMPARÁVEL JULIE ANDREWS em MILLIE RAPARIGA MODERNA' and 'terrivelmente endiabrada... num filme de estonteante alegria!'.

Advertisement for the play 'Oh, que delícia de COISA' by Raul Solnado. Includes text: 'EM ÚLTIMOS DIAS • «Oh, que delícia de COISA» • com RAUL SOLNADO' and 'APÓS 5 RISONHOS MESES — HOJE, «MATINEE» ÀS 16 HORAS — NOITE, ÀS 21:45 HORAS — ADULTOS — NÃO PERCA ESTE GRANDE ESPECTÁCULO'.

DIÁRIO DE LISBOA 18 DEZEMBRO 1968

CONCURSO DE ARTE DRAMÁTICA

«João Gabriel Borkman», de Ibsen pelo grupo «22 de Novembro» (Barreiro)

O «Clube 22 de Novembro», do Barreiro, trouxe, ontem, ao Trindade, com a sua participação no concurso de Arte Dramática promovido pelo S. N. I. e patrocinado pela F. N. A. T., a afirmação inequívoca de um amadurecimento teatral pouco comum. «João Gabriel Borkman», a peça de Ibsen, cuja representação constitui a prova do grupo barreirense na fase final do concurso (que todos os anos interessa dezenas de agrupamentos de amadores), foi oferecida à assistência com tal dignidade, com uma tão profunda (e comumente, para um grupo de amadores) compreensão da densidade da obra, dos seus labirintos, que não é possível deixar de pôr o maior entusiasmo na saudação devida ao punhado de trabalhadores que a levantaram no palco. Com o «Clube 22 de Novembro» aconteceu verdadeiro teatro no Trindade. Por isso nos sentimos (nós que este ano temos assistido a tanta coisa tão má) na obrigação de envolver todos os elementos desse conjunto (sem esquecer o seu encenador) no mais caloroso aplauso.

que seleccionam uma obra de Henrik Ibsen para o seu reportório. Se não é possível, nesses textos finamente depurados de toda a palavra inútil, profundos e ricos de significado, utilizar processos cénicos que frequentemente se empregam para disfarçar incapacidades, a verdade é que também não é possível, sem uma direcção de pulso, mantê-los num plano teatral ao mesmo tempo elevado e atraente. Essa direcção de pulso existiu no trabalho do encenador Graçiano Simões. A peça do célebre dramaturgo norueguês, uma das mais representativas da última fase da sua obra (a que pertencem também Hedda Gabler, Casa da Boneca, Espectros ou A dama do mar) é um compromisso entre a análise social e a indagação psicológica típica da literatura nórdica.

Ao mesmo tempo em que se faz o processo de uma estrutura social de fim de século, que serve, digamos assim, de fundo ao conflito, modelam-se os caracteres onde a sordidez e a pureza se dão as mãos, o amor e o ódio se confundem, o egoísmo se torna sinónimo de um delirante

altruísmo. Na história de Borkman, o ambicioso banqueiro que sacrifica à ânsia do Poder a sua vida e não hesita em sacrificar a dos outros, ressaltá, clara, límpida, intensa, a mensagem de Ibsen: o amor é o melhor que temos, não há crime maior do que matá-lo. Essa mensagem, porém, não emerge de uma estrutura esquemática em que as figuras se encontram divididas nas duas frentes da moralidade tradicional, o mal e o bem. Pelo contrário, tudo se joga num labiríntico entrecocar de sentimentos, em que as relações do homem com a sociedade e com a natureza

(Continua na 22.ª página)

ESTREIA DE «A PREGUIÇA» AMANHÃ NO VILLARET

Apresentada por Vasco Morgado, estreia amanhã, no lindíssimo e confortável teatro Villaret, a peça de Ricardo Talesnik «A Preguiça», comédia argentina de grande sucesso em toda a América do Sul e que em Lisboa fez a sua estreia no Barroca.

«A Preguiça», onde se fala de um homem que se recusa a trabalhar por se sentir insatisfeito para se retirar para o mundo exterior que não tem tempo para com ele a preocupação que lhe fez na infância, foi encenada por Maria Helena Matos, atriz, cenário de Paulo Guilherme, e é interpretada por Fernanda Borsatti, Alina Vaz, Mário Jacques, António Montez e David Silva.

«A Preguiça», uma comédia pararir e para pensar, será a partir de amanhã, o teatro do Villaret.

BILHETES A VENDA
TELEF. 53 85 86
ADULTOS

APRESENTADO POR VASCO MORGADO

ESTREIA AMANHÃ

2 SESSÕES
às 21 e às 23 horas

RAUL SOLNADO



A PREGUIÇA

COMEDIA DE RICARDO TALESNIK
DIRIGIDA POR MARIA HELENA MATOS
EM CENARIO DE PAULO-GUILHERME
COM
FERNANDA BORSATTI • ALINA VAZ • MARIO JACQUES • ANTONIO MONTEZ • DAVID SILVA

SENSACIONAL!

A primeira aventura em cinema de grande herói da juventude!



6.ª-FEIRA ESTREIA O MAIOR BRINDE DAS FESTAS!

A NOITE AS 21h 15. S.ª SEMANA



O AMOR-68

UMA FANTASTICA COMEDIA DE HENRIQUE SANTANA
UM ESPECTACULO DE VASCO MORGADO
NOVO EXITO DA C.º TEATRO ALEGRE

VARIEDADES

HENRIQUE • IRENE • COSTINHA • SEMEDO • LIA • ANABELA • ADRIANO REYS

Sábados 2 sessões às 20.45 e 23 horas. Dir. artística de F. BILGADO. Encenação de MARIA HELENA.

ESTA SEMANA (ADULTOS) SENSACIONAL REAPARIÇÃO

NO TEATRO MONUMENTAL

DO EXTRAORDINARIO NOME DE FAMA MUNDIAL

ALFREDO ALÁRIA

UM NOME DO POVO PARA UM TEATRO NOVO

BREVEAMENTE INAUGURAÇÃO



O NOVO MENTIROSO

COM BRUNILDE JÚDICE RUI DE CARVALHO
MANUELA MARIA CELIA DE SOUSA FERNANDA FIGUEIREDO BENJAMIM FALCÃO

ENCENADA POR VASCO MORGADO JR.

A HISTORIA DE UM JOVEM E O SEU MUNDO DE FANTASIA...

COZINHA VELHA

QUELUZ—TELEFONE 95 02 32

Informamos os nossos Ex.ºs Clientes que amanhã, quinta-feira, dia 18, a nossa «SALA», «COZINHA VELHA» e o «TERRAÇO», se encontram reservados para um LANCHE DE CASAMENTO, convidando ao almoço os «SALA DE BANQUETES» os nossos habituais Almoços, Chás e Zestares.

DIAS DE NATAL E ANO NOVO

ALMOÇOS E JANTARES COM EMENTA ESPECIAL
Lembramos aos nossos Ex.ºs Clientes a cordialidade do restaurante BIRMA.

A DIRECÇÃO

MENINAS E MENINOS DÊM

A MÃO AOS SEUS PAPÁS E LEVEM-NOS AO CINEMA!



Super-Festival TOM & JERRY

CINEMASCOPE

PARA TODOS!

HOJE ESTREIA NO

estudio METROCOLOR

«O NATAL VISTO PELAS CRIANÇAS»

(Continuação da 1.ª página)

riativa, que só em 23 de Novembro se anunciou, o número de trabalhos apresentados ascende a cerca de trinta mil — cifra que, de facto, fala por si e dispensa quaisquer comentários.

«O grande número de trabalhos vai obrigar — já em 1969 — os júris das escolas artísticas a livrar-se a um labor intenso e a não valer de se multiplicar os seus trabalhos».

Ontem efectuaram-se as primeiras reuniões, e hoje elas continuarão, em ritmo cada vez mais acelerado.

Entretanto, o interesse despertado por «O Natal visto pelas crianças» nos mais diversos meios continua a manifestar-se de múltiplas formas. Hoje, por exemplo, uma equipa da Televisão espanhola filmará os trabalhos dos júris, e revelará para os telespectadores algumas das obras que já começam a sobressair.

O CONCURSO DE ARTE DRAMÁTICA

(Continuação da 7.ª página)

se conjugam para desenhar o seu drama: essa angustiante perplexidade, essa pesquisa incessante de um sentido que o teatro do nosso tempo, ora de uma maneira directa (Sartre, Camus, Albee), ora de uma maneira indirecta (Ionesco, Beckett, Arrabal, o teatro do absurdo) continua, tão pungentemente, a explorar.

O difícil, em «João Ga-

riel Borkman» é traduzir esse diálogo de figuras num plano tal que dele fique apenas um monólogo. A tentativa de tomar partido, de eleger uma ou outra personagem, uma outra moralidade, poderia levar, levaria ao empobrecimento da meditação expressa por Ibsen em termos artísticos. Graciano Simões guardou-se dessa tentação, com sensatez e maturidade. Todas as figuras estão colocadas no mesmo pla-

no. Porque em cada uma delas há um problema, que a cada uma diz respeito, nada na peça se resolve, ou tudo se resolve na continuidade, no tempo que é preciso não desperdiçar. A solução de Ibsen, o amor, é o que fica de tudo.

Por outro lado, o encenador soube exactamente reflectir em cena o universo denso de Ibsen, através de um estilo evocativo e sombrio, alimentado não só pelo

cenário de altas cortinas negras, pelos móveis austeros cobertos de pano branco (o cenário, como Craig queria, deve ser um elemento interpretativo da peça, um dado para a decifração do sentido do espectáculo e não apenas o revestimento, o fundo de um texto), mas também pela marcação sóbria e pela interpretação a que os actores deram uma austeridade que nem um só momento se confundiu com a monotonia.

João Gabriel Borkman, o banqueiro falido, empenhado numa luta perdida com o tempo, teve em Eduardo Galhós um intérprete seguro, extremamente expressivo, ainda que prejudicado uma ou outra vez por pequenos defeitos de dicção. Gunild, a mulher de Borkman, presa do seu destino e frustrada nele, perdeu, talvez, na interpretação de Elisabeth Silva, um pouco da sua complexidade. Raquel Maria desempenhou a figura de Helga, a cunhada de Borkman, que ele amara e decidira perder no interesse dos seus planos, com a compreensão necessária das suas «nuances» psicológicas. Maria Manuela (uma excelente voz) compôs com segurança e presença a sr.ª Wilton. Manuel Correia, em Guilherme Follidal, o amigo fiel de Borkman, soube traduzir admiravelmente um temperamento torturado na certeza da frustração e, no entanto, ainda atento à vida e à sua desconcertante simplicidade. José Manuel, um excelente actor, foi o Erhart Borkman saturado de um condicionalismo que se recusava a aceitar e pleno da ansia de uma vida nova. Piedade Torres, em Frida, a filha de Follidal, traduziu muito bem a mesma branda necessidade de um futuro diferente. Arlete Freire, em Malene, compôs, em breves traços, a figura, sem grande responsabilidade, da criada.

No conjunto: um magnífico espectáculo.

JOAQUIM BENITE

Calorífero, a gás, fatalitico *

Ridli



* O mais moderno e perfeito sistema de aquecimento: a gás: sem chama, sem cheiro e sem fumo

SEGURO-CONFORTÁVEL-ECONÓMICO

S. R.
Ministério da Economia
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA
Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos
EDITOS

Fazer público que, nos termos e para os efeitos do art. 12.º do Regulamento de Serviço para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 822, de 26 de Julho de 1956, está presente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sito em Lisboa, na Rua de S. Domingos do Príncipe, 27, um caderno de editos, dentro do termo de edito-público, pelo preço de quatrocentos, e cinco de publicação deste edito no «Diário da República», o seguinte apresentado pela Companhia Eléctrica de Alentejo e Alentejo para a substituição do sistema existente na Vila de Sines, de um sistema de tração aérea, compreendido entre os pontos n.ºs 8 e 11 do tipo n.º 10 de linha mista e 15 kV de alimentação, do ponto de transformação do tipo de Sines, com implantação de um sistema de tração aérea de tração aérea a 15 kV, com 20 metros de comprimento, do tipo n.º 10 de linha mista, para permitir ao ponto de transformação das C. Eléctricas de S. Inês.

Todas as informações sobre a aprovação deste projecto deverão ser prestadas ao referido Direcção-Geral, ou ao Director daquele C. Eléctrico Municipal, dentro do prazo acima.

República de Lânciamiento, em 19 de Dezembro de 1968.
O Engenheiro Chefe GUILHERME MARTINS

DIÁRIO DE LISBOA

31 DEZEMBRO 1968

«CLICK! JÁ ESTÁ» NO TEATRO MONUMENTAL

No Monumental estreou-se ontem a nova revista «Click, já está», que há muito tempo se encontrava anunciada. Com poema de Badaró e música de José Mesquita, o novo espectáculo musical tem o seu principal motivo de atracção no «ballet» de Alfredo Alária, um agrupamento que o público português já conhecia da sua exibição no mesmo teatro, há alguns anos e da recente actuação no Cas. no Estoril.

De um modo geral, «Click, já está» constitui um espectáculo desequilibrado e realmente pobre, com um poema descolorido, sem graça e quase sempre enfadonho. Não basta a boa vontade de Badaró, que se multiplica, sem vivacidade, em vários números da revista, nem pequenos apontamentos de alguns intérpretes (Carlos Gonçalves e António Anjos em «Conversas de Jardim», por exemplo), nem sequer a voz de Simone de Oliveira, cuja qualidade continua ao serviço de músicas e letras vulgares, de um romantismo primário e fora de moda. Não chega mesmo o talento, uma vez mais desperdiçado, da que pensamos poder vir a ser uma das melhores actrizes do nosso teatro ligeiro: Delfina Cruz. O «ballet» de Alária, que pode facilmente colocar-se ao nível do teatro que é usual apresentar-se nestes espectáculos, peca, algumas vezes, por tentar ir além das suas possibilidades: isso aconteceu sobretudo em «Cinderela», um arremedo de «ballet» clássico muito mal dançado. Em «História da minha vida», Alária recorre a um fácil e espectacular jogo de luzes e efeitos

visuais, de resultado truculento e de êxito assegurado junto de um certo público. «A dama das Camélias» dançado por Alária com a colaboração de Nina Bracco, é realmente um exemplo de mau gosto. O último bailado do artista argentino, que repete um tema já antigo, de erotismo demasiado gritado e superficial, é no entanto, a melhor realização do «ballet», pela coreografia cuidada e pela agradável movimentação.

O que mais impressiona no espectáculo é a falta de unidade: de modo nenhum o poema de Badaró consegue alguma vez encontrar um pretexto de ligação com as intervenções de Alfredo Alária, que exigiriam números de estilo muito mais vivo e com muito mais ritmo.

Além dos actores já citados colaboram ainda nesta nova

produção de Vasco Morgado (com direcção de Badaró e montagem de Pinto de Campos) alguns nomes mais ou menos conhecidos no nosso teatro ligeiro: Africa Prats (cujo único atractivo continua a ser a sua perturbante beleza), Carlos José Teixeira, Linda Silva, Marília Gama, Maria Tavares, Maria Antónia e Costa Vaz.

Uma equipa de seis artistas, encabeçada por Mário Alberto, encarregou-se das maquetas dos cenários, concebidos no plano habitual, sem grandes preocupações, mas com alguma elegância.

JOAQUIM BENITE

Atrás do Reposteiro

- O actor-empresário Ignazio Casero presta homenagem a um actor teatro ao português João de Alarcão. A primeira actriz convidada passou por João de Alarcão, dependendo agora da sua vontade a escolha da peça de teatro.
- E muito provável que a companhia do teatro Maria Vieira parte para o Porto, no fim de próximo mês, a fim de apresentar no 24 de Dezembro a revista «Grande Porto & Cia».
- Secretário-geral do 25 de Abril, da terra natal «Mito & Gênesis», por deve estar a casa no alentejo de Alentejo.
- Está definitivamente marcado para o dia 10 de Janeiro a estreia do teatro ABC.
- Fim da residência em Lisboa a actriz Nina Bracco.

● ● HOJE, 2 SESSOES, 20.45 e 23 H. ● ●

4.º MÊS **RIA COM GOSTO**
O AMOR-68

UMA FANTÁSTICA COMÉDIA DE HENRIQUE SANTANA
UM ESPETÁCULO DE VASCO MORGADO
NOVO CENÁRIO DE C. TEATRO ALEGRE

VARIEDADES

HENRIQUE ● IRENE ● COSTINHA ● SEMEDO ● LIA ● ANABELA ● ADRIANO REYS

Da planta de F. RELOGIO
Escrita de MARIA HELENA

AMANHÃ, AS 18 e 20.45 e 23 H.

VASCO MORGADO apresenta

HOJE, às 21 e às 23 h.
AMANHÃ MATINE às 16 horas
ADUATOS

TEATRO VILLARET

DIÁLOGO A CRÍTICA!
Sobretudo este um grande papel, das melhores de sua carreira, e encontra-se como actor de uma dimensão que não é igual a que teve a sua apresentação.

DIÁLOGO POPULAR

RAUL SOLNADO



NA COMÉDIA

A PREGUIÇA

Dirigida por M. HELENA MATOS

FERNANDA BORSARI - ALENA VAZ - MARIO JACQUES - ANTONIO MONTEZ - DAVID SILVA

UM ESPETÁCULO QUE DIA A DIA SE TORNA MAIS POPULAR

CAPITÓLIO

Tel. 32 83 79
HOJE, às 21.30 h. e às 23.15 h.

TANGO

de Slavimir Strask
Tradução de Fernando Fragoso
AMANHÃ - TARDE AS 18 HORAS
Sábado e Domingo - Tarde às 18 horas

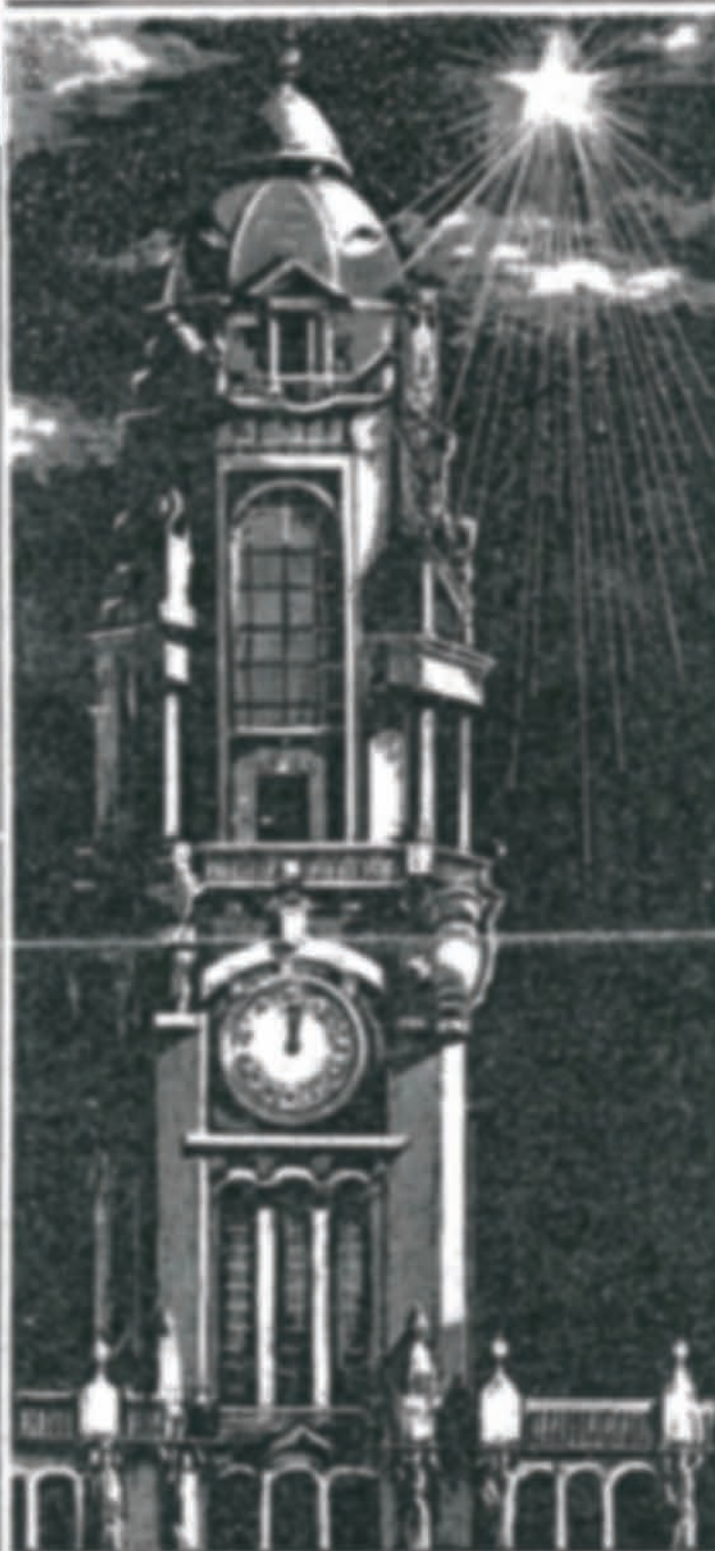


O SENSO DO BOM GOSTO

PORTO GONZALEZ BYASS

DISTRIBUIDORES PARA O CENTRO E SUL DO PAIS:
REPRESENTAÇÕES MADRUGAL

R. DE S. PAULO, 162-16
TELEF. 32 42 85 - 32 34 86
LISBOA



1969

ESPERANÇA E CONFIANÇA

Esperamos e confiamos que a primeira badalada de 1969 marque o início dum futuro progressivo cheio de prosperidades para todos os portugueses.



ORGANIZAÇÃO BANCÁRIA

PINTO DE MAGALHAES

COM TODAS AS SUAS AGÊNCIAS, DEPENDÊNCIAS E CORRESPONDENTES

UM ANO DE TEATRO

NÃO FOI, infelizmente, no ano agora terminado, que o teatro português encontrou qualquer, ainda que ligeiro, remédio para os males que há longo tempo o afligem. Pelo contrário: 1968 foi um ano que, neste sector, não deixa grandes saudades.

Conhecem-se, de um modo geral, as principais razões determinantes da chamada «crise» com que o teatro habitualmente se debate entre nós. A escolha de textos, a falta de uma verdadeira escola de teatro (o Conservatório, todos o reconhecem, não cumprem nem pode cumprir essa missão), a consequente formação de actores e técnicos ao nível do improvisado e (muitas vezes) de tristes necessidades de consumo, a inexistência de um público relativamente interessado e, o que é mais grave, a ausência de condições efectivas de uma sua possível formação, constituem algumas das raízes do mal que impede o desenvolvimento do teatro num sentido moderno, participante, útil. A estrutura económica na qual e pela qual o teatro sobrevive, subordinada ao princípio do lucro empresarial, asfixia-o e manietando, assim, aqueles profissionais que tentam, às vezes desesperadamente, superar o actual estado de coisas, empenhando-se em iniciativas que não che-



José Viana

gam a transcender os limites da aventura bem intencionada — e que logo morrem, vítimas da falta de apoio e do clima de divórcio entre o teatro e o povo, que há tantos anos e tão dramáticamente se verifica.

Foi num meio caracterizado por estas insuficiências que decorreu o descolorido ano teatral que hoje tem o seu epílogo.

«Os dias felizes» e a interpretação de Glicínia Quartín

Poucos das dezenas de espectáculos apresentados merecem uma referência especial. Entre os que justificam tal menção figura, certamente, a peça de Samuel Beckett «Os Dias Felizes», que a Casa da Comédia levou à cena, numa magnífica encenação de Artur Ramos, para a qual colaborou uma equipa notável constituída por Glicínia Quartín e Rui Furtado (os intérpretes), Jaime Salazar Sampaio (que traduziu a peça) e João

Abel Manta, que criou o cenário, adaptado ao angustiante clima da obra do célebre autor irlandês. Na interpretação de «Os Dias Felizes» teve Glicínia Quartín a oportunidade de demonstrar invulgares qualidades de actriz, apuradas num conhecimento técnico e numa inteligência que lhe permitiram situar a sua personagem no plano intelectual que a peça exigia. «Os Dias Felizes» constituiu, certamente, um dos melhores espectáculos do ano em Lisboa, e pena foi que a pequena sala onde se realizou não oferecesse as condições de comunicação com um público mais vasto, de que beneficiaram outras realizações como, por exemplo, «O Porteiro», de Pinter, que a companhia «Teatro do Nosso Tempo» fez estreitar, em Janeiro, no Tivoli e que é outro dos espectáculos que merecem ser salientados. Encenada de maneira discutível, por Jorge Listopad, a peça do autor de «O Montu-Cargas» teve em Augusto de Figueiredo e Jacinto Ramos dois intérpretes que a ela deram o melhor do seu esforço: o primeiro, numa linha que se adaptava admiravelmente à sua figura, embora talvez se não harmonizasse com o texto; o segundo, num plano menos espectacular mas mais penetrado das intenções do autor e das propostas presentes no seu teatro. O cenário de João Vieira (um pintor que se tem vindo a afirmar como cenógrafo desde «Don Quixote», a peça do T. E. C. de 1967, e que este ano conquistou o primeiro prémio no Festival de Teatro Latino de Barcelona) contribuiu decisivamente para o êxito deste espectáculo, que Urbano Tavares Rodrigues disse marcar «uma data no progresso do teatro entre nós».

Para lá destas duas iniciativas, devidas a grupos de actores que não se encontravam ligados regularmente a uma empresa ou teatro, os restantes espectáculos inscreveram-se, na sua maioria, na actividade normal das várias companhias. A empresa Amélia Rey Colaço iniciou o ano no Parque Mayer, instalada no Capitólio para onde a enviou o Incêndio do Avenida, em 1967. Depois da reposição de «Equilíbrio Instável», de Albee, a companhia concessionária do Teatro Nacional iniciou as comemorações, entre nós, do centenário de Pirandello com a representação de uma das peças daquele autor: «A Volúpia da Honra». Pedro Lemos foi o responsável pela encenação, vincadamente naturalista, e da interpretação encarregaram-se os actores da companhia e ainda Adriano Reis, um elemento contratado. Este espectáculo do Teatro Nacional repetiu um estilo de teatro francamente ultrapassado, de que aquela companhia não consegue libertar-se. Ao centenário de Pirandello associaram-se ainda

a companhia do T. N. P., dirigida por R. Beltrino, que apresentou no Trindade «Não se Sabe Como» e «Cautela, Libertino» e Norberto Barroca que na Casa da Comédia, levantou um espectáculo de homenagem ao dramaturgo de «Seis Personagens à Procura de Autor» intitolado «A Procura da Verdade» e constituído por passos biográficos e trechos de Pirandello.

«Tango» e o Nacional

A escolha de uma peça de André Roussin («A Locomotiva») para o repertório do Nacional, em Abril, veio acentuar o desequilíbrio manifestado pela companhia. A peça, uma comédia sem valor, conquanto bem construída, teve o único mérito de introduzir uma pequena inovação no estilo interpretativo habitual daquele agrupamento, com a participação de Costi-

a linguagem de Mrozek cedendo à tentação de criar psicologicamente (João Perry) figuras conformadas por uma visível tipicidade. Não obstante, o carácter polémico da peça salva-se e o espectáculo merece ser visto.

Desfeita a Companhia Portuguesa de Comediantes, que nos anos anteriores nos deu alguns bons espectáculos nas companhias do TNP, de Ribeira, subsidiada pela FNAT e no Teatro Experimental de Cascais, de Carlos Avilez. Quanto à primeira não cabe no carácter necessariamente sumário deste balanço, uma referência desenvolvida à peça de Vitorino Calvino «A Torre e o Galinheiro», a sua última realização. Mas pode adiantar-se que se trata de um dos mais vazios e negativos acontecimentos teatrais do ano. No que

por Joaquim Benite

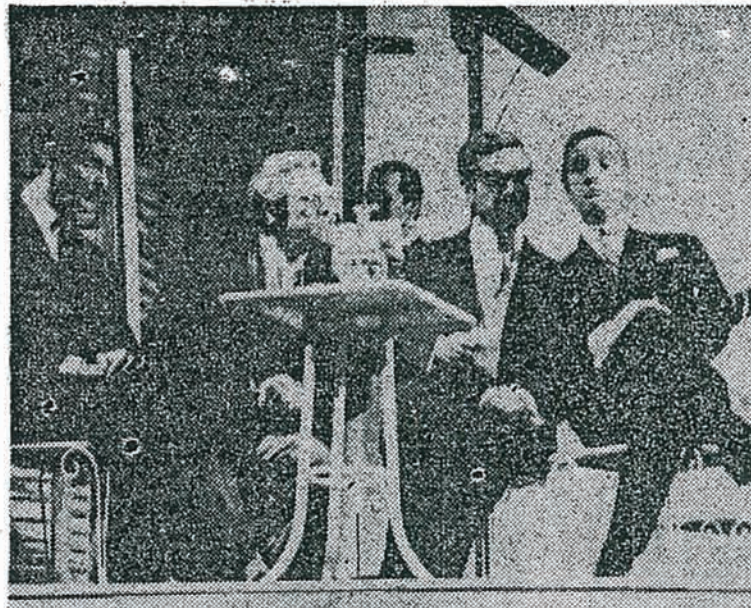
nha, torna-se difícil aceitar que este género de teatro possa encontrar-se entre aquele que é legítimo exigir a uma empresa que tem as responsabilidades de companhia do Estado.

O autor escolhido para o novo espectáculo do Nacional, Casona, com «As Três Perfeitas Casadas» (encenação de Luca de Tena), não permitiu, também, a afirmação de responsabilidades que desejariamos ver na empresa Rey Colaço. A peça, na linha de «As Arvores Morrem de Pé», um dos grandes êxitos de Palmira Bastos, limita-se a aflorar alguns problemas importantes, sem nunca verdadeiramente os penetrar. Teatro burguês na acepção total da expressão, o seu único aspecto positivo foi o bom nível das interpretações de Baptista Fernandes e Glória de Matos.

Depois da reposição de uma lamentável tradução de Olavo d'Eça Leal da peça de Valentin Kataev (várias vezes prémio «Estaline»), «O Camarada Miussov» com um elenco reforçado por Glicínia Quartín, a empresa Rey Colaço teve, finalmente, já próximo do fim do ano, a oportunidade de oferecer bom teatro ao público de Lisboa, apresentando a peça do dramaturgo polaco Sławomir Mrozek «Tango». No elenco da companhia integraram-se agora novos elementos: Rogério Paulo, João Perry, Maria Dulce, Rui Pedro, Laura Bríngel, etc. Os dois primeiros fazem parte da equipa que representa «Tango».

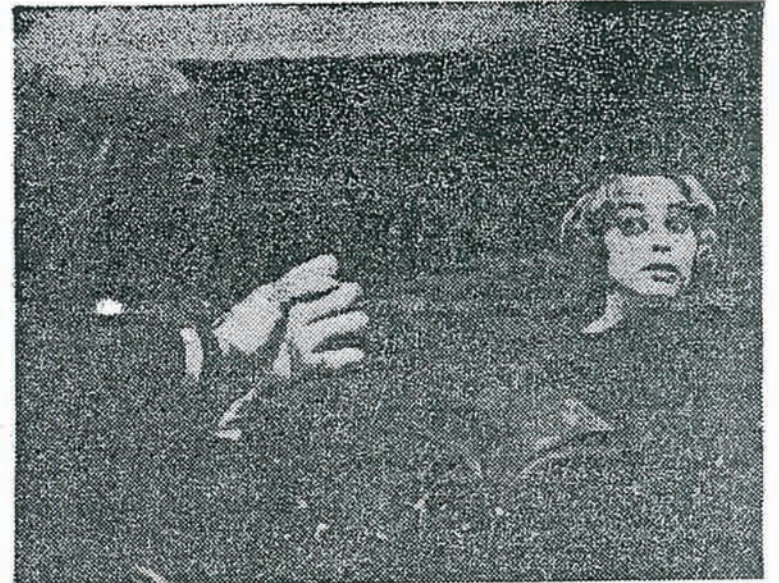
A peça, inscrevendo-se numa linha que denuncia pelo menos a influência do chamado «teatro do absurdo» é uma sátira que extrai da ambígua crítica de conceitos o seu principal fundamento. A encenação de Varela Silva não conseguiu, quanto a nós traduzir cénicamente

respeita à companhia de Avilez, há a notar duas peças: «O Comissário de Polícia», de Gervásio Lobato, estreada em Cascais, em Fevereiro, e «As Bodas de Sangue» de Garcia Lorca, apresentada primeiro em Sintra, em Setembro, no encerramento do festival anual daquela vila, e estreada dias depois no Gil Vicente. Em «O Comissário de Polícia», Avilez repetiu a receita que já tinha aplicado a «Maluquinha de Arroios»: uma encenação de sabor revistário (nos seus aspectos exteriores), com plumas, música e muito ritmo. Na peça de Lorca, Mário Pereira, Maria do Céu Guerra, Santos Manuel e Zita Duarte, Avilez fez o que se pode chamar uma encenação corajosa: infelizmente distanciada do teatro poético autor de «Yerma», pela sua concepção anárquica e pela gratuita intencionalidade de alguns defeitos. Uma boa



Uma cena da «Louca de Chailbot»

interpretação de Céu Guerra e uma verdadeira revelação: Zita Duarte, que brilhou a grande altura, captando e transmitindo, com espantosa intensidade, o dramatismo da linguagem lorcaína. Um pormenor insólito que em nada ajudou



«Os dias felizes», de Beckett, com Glicínia e Rui Furtado

o encenador: os figurinos de Pinto de Campos, tão desligados da peça como os cenários de Francisco Relógio.

Em Junho o Teatro Experimental de Cascais apresentou também a peça «O Tempo e a Ira», de John Osborne, com um grupo de actores que se anunciou ficarem a fazer parte do elenco do T. E. C.: Lurdes Norberto, José de Castro, Ana Paula, Canto e Castro e Luis Santos. A encenação desta peça (que o Teatro Experimental do Porto levará à cena ainda em 1967, com direcção de Fernando Gusmão) esteve a cargo de Artur Ramos. Salientaram-se as interpretações de Lurdes Norberto e José de Castro, mas a encenação faltou uma expressão cénica adequada à explosiva temática do teatro de Osborne.

Teatro Estúdio: uma crise vencida

A companhia Teatro Estúdio de Lisboa, dirigida por Luzia Martins e Helena Félix, manteve em 1968 a situação económica difícil que, mais ou menos, sempre tem conhecido desde a sua criação. Apesar de tudo a companhia estreou em Maio «A Louca de Chailbot», de Jean Giraudoux, numa tradução de Fernando Luso Soares, com direcção de Luzia Maria Martins. Exemplo de uma perseverança invulgar no nosso meio, a companhia teve de vencer uma grave crise financeira, e foi obrigada no início da nova temporada, a prescindir do concurso de alguns dos seus elementos, como Mário Jacques, Adelaide João, José de Car-

Joaquim Rosa, Jorge Sousa Costa e Vasco Lima Couto, (que nesta peça tem uma boa criação) continuam a ser os pilares do T. E. L., tal como Luzia Martins continua a ser a sua grande animadora.

A companhia de Augusto Figueiredo (subsidiada pela Câmara Municipal), continuou a actuar na Estufa Fria e a representar como é obrigação sua, assumida por contrato, autores portugueses. Das cinco peças levadas à cena «O Desaparecido», de Olga Alves Guerra; «Jacob e o Anjo» de José Régio; «Um Homem Só», de Costa Ferreira; «O Leão da Estrela», de Félix Bermudes, e «Urgente o Amor», de Luís Francisco Rebelo), nenhuma logrou atingir um plano salientável. Merece uma referência negativa a encenação de Orlando Vitorino para «Jacob e o Anjo», a qual demonstrou evidente incompreensão do texto.

Teatro ligeiro

No capítulo do teatro ligeiro, o ano abriu com o original de Janos Vaszari «Um Anjo de Chapéu de Palha», pela companhia de Teatro Alegre, com Henrique Santana, Florbela e Artur Semedo. A mesma companhia levou à cena «Agarra que é Milionário», de Barillet e Gredy (os autores de «A Flor do Cacto») e «Amor-68». As duas últimas peças foram encenadas por Maria Helena Matos e o «Amor-68» uma extravagante meditação sobre o amor, recheada de insuportáveis lugares comuns, é da autoria do próprio Henrique Santana. O menos que se pode dizer deste Teatro Alegre é que é um teatro... muito triste.

No sector da revista tivemos «Arroz de Mudas», logo nos primeiros dias de Fevereiro, no ABC. Um poema com bastante graça, e as presenças de Delfina Cruz (a grande revelação da revista do ano passado) Carlos Coelho e Áida Baptista estiveram na base deste autêntico êxito popular. A companhia argentina de Ethel Rojo, com a exuberância dos seus bailados, não trouxe qualquer inovação: a sua concepção de revista «show» musical não se harmoniza com a peculiar tradição revistista portuguesa. «Lisboa é Sempre Mulher», com poema de Paulo da Fonseca César de Oliveira e Rogério Bracinha, levada à cena no Monumental, foi a mais fraca de todas as revistas no ano passado apresentadas. Renun-

(Continua na 15.ª página)

O ANO TEATRAL

(Continuação da 11.ª página)

quando á linha tradicional (a mais rica de expressão artística pela sátira e pela crítica mordaz) os autores não souberam, entretanto, compensar com originalidade essa falta. Assim, o espectáculo foi quase só um festival de luxo e de peças já muito ouvidas e repetidas. Camilo de Oliveira, Nicolau Breyner e Florbeia foram os seus intérpretes principais, o primeiro utilizando aqueles processos cómicos que o desligaram de toda a responsabilidade em relação ao teatro.

A revista do ano foi, sem dúvida, «Grande Poeta é o Zé», no Maria Vitória. Dirigida, inteligentemente, por Aníbal Nazaré, Salvador e José Viana, ela retoma um fio tradicional que não pode perder-se: o fio satírico, da graça intencional e dirigida, a galeria de tipos e caricatura que é verdadeira herança vicentina da nossa revista e que constitui ainda a sua característica mais popular. Um grande actor — talvez o maior do nosso teatro ligeiro — José Viana e um cómico fora de série, Eugénio Salvador, constituem o principal atractivo deste espectáculo, onde até a

música foi renovada (contrariamente ao habitual).

Solnado, depois de ter feito também uma revista («Pois, Pois») voltou ao Villaret para interpretar uma comédia de Gilla «Oh, que Delícia de Coisa», com encenação de Carlos Avilez. A piada deste «disparate cómico», como o próprio autor lhe chamou, está muito longe da de uma curiosa comédia em dois actos de Ricardo Telesnik, um autor argentino, estreada há dias no Villaret: «A Preguiça». Exemplo de um teatro ligeiro digno e útil, a peça permite a Solnado um autêntico papel de actor. É justo salientar a interpretação dos restantes elementos da companhia: Fernanda Borsati, Alina Vaz, David Silva, António Monteiro e Mário Jacques. Os dois últimos revelam uma capacidade técnica que deve merecer a maior atenção. Mário Jacques aproveitou a oportunidade para compor, com recursos de expressão pouco vulgares no nosso teatro, uma caricatura exemplar.

Estrangeiros em visita

Algumas companhias estrangeiras nos visita-

ram em 1968. No S. Luiz realizaram-se vários espectáculos integrados nos já tradicionais festivais de teatro francês, este ano excepcionalmente pobres: «Adorable Julia», com Jean Marais; «Une fois par semaine» («A rapariga do apartamento»), com Fernand Gravey; e «Fleur de Cactus», com Sophie Desmarests.

De um projectado Festival de Teatro de Lisboa, apenas uma das companhias, cuja actuação estava prevista, se deslocou ao nosso País, com o patrocínio da Casa da Imprensa: a companhia de Jean Davy, que representou «O barbeiro de Sevilha», de Beaumarchais. Foi uma ótima noite de teatro, com um texto clássico servido por uma excelente interpretação e uma encenação inteligente.

A Gulbenkian trouxe-nos o Pirakon Theatron, para representar duas tragédias de Eurípides: «Hípólito» e «Efigénia em Aulida». Os espectáculos, encenados por Dimitrios Rondiris, tinham um grave senão: a barreira intransponível da língua.

Do Brasil vieram Ricardo Bandeira — um inconcebível e pretensioso

pseudo-actor — e um grupo de «vedetas» trazidas por Jacy Campos para apresentarem o que denominaram um «show» de folclore brasileiro: «Tropicíssima» — afinal uma tristíssima desonestidade.

Teatro amador: «João Gabriel Borkman»

Os melhores textos, como quase sempre sucede, foram apresentados por amadores. Entre os grupos não-profissionais que mais se salientaram em 1968 merece uma muito especial referência o «Clube 22 de Novembro», do Barreiro, que venceu o concurso de Arte Dramática do S.N.I. com a peça de Henrik Ibsen «João Gabriel Borkman». O espectáculo, encenado por Graciano Simões e interpretado por Eduardo Galhós, constituiu um dos principais acontecimentos teatrais do ano que finda. No mesmo concurso deve notar-se a participação do Grupo Teatral Freamundense, com a peça de Alfredo Cortés «Os Gladiadores», sabrosa sátira que não se representava há 35 anos.

Não se deve esquecer também o III Ciclo de Teatro Amador na Empresa (este ano dedicado a Ionesco), que nos deu uma esplêndida interpretação de «Rinoceronte», pelo «Proscenium», numa encenação de Pedro Lemos; uma peça inédita de Ionesco, a «Cena a Quatro», pelo grupo do Banco de Angola dirigido por Jacinto Ramos; e «O mestre», também de Ionesco, pelo grupo dos C.T.T., que Maria Schulze orienta com invulgar êxito. No mesmo ciclo foram apresentados textos de autores tão importantes como Synge, Reginald Rose, Gil Vicente e Tchekov.

Ainda dentro do teatro não profissional, importa recordar o IV Encontro Europeu de Universitários organizado pelo Colégio Universitário Plo XII, que nos deu uma ótima encenação da peça «Cólera» de Filipe Hotz, de Max Frisch, pelos estudantes do Colégio del Amo, de Madrid, e a primeira representação da peça de Miguel Barbosa «O piquentaque», numa original encenação de Mário Pinho, com a assistência de Jorge Listopad.

UM «BALANÇO» DIFERENTE

Continuação da 1.ª página

Lisboa veio outra paralisada: «A Brasília terá luz e energia dentro de seis meses (1 de Agosto). Importante pelas suas implicações futuras — e até pelas possibilidades que levanta — foi a aprovação (19 de Dezembro) de plano parcial de urbanização de Chelas.

8 Entre 29 de Janeiro e 21 de Fevereiro o abstracto Américo Thomas visitou Cabo Verde e a Guiné. É uma notícia que devemos registar pelo que tem de significativo. Entretanto foi anunciado que o prof. Marcello Caetano se deslocará a África, na sequência de reuniões que haviam sido também feitas ao seu regresso. Recordem-se, ainda, os estudos dos governadores de Guiné, Angola e Moçambique em Lisboa, já depois do intermédio do Professor Salazar.

9 Em 10 de Abril, identificadas as autoras do assalto à agência do Banco de Portugal na Pimenta da Fora, encontraram-se a detenção (pela Polícia Judiciária) de uma das viúvas e tal indicativo. Quatro meses e meio depois (23 de Agosto) era apreendido um grupo armado que visitava as autoridades. Grupo esse ligado a uma organização denominada L. U. A. R.

10 Dois temas de relevo para a Igreja católica no ano de inauguração da sua Universidade: o pedido de demissão do reitor, vicarário e cinco professores do seminário das Olivais (dez meses, a 12 de Outubro, eram nomeados para a respectiva direcção e logo de Toledo e o vicário episcopal de Setúbal), e a suspensão a título do padre José da Felicidade Alves, pároco de Belim.

11 Como em 1968 não foi apenas a imprensa desportiva, de qualquer modo e jornalista recorda estas notícias. Importantes como o aniversário do Instituto Superior Técnico (8 de Dezembro).

Apenas curiosas: como os desfilas em Carnide pela vitória do balneio no concurso de marchas populares (1 de Julho). Os familiares como o casamento de filha do futebolista internacional Eusébio (14 de Março).

Derritido o Benfica pelo Manchester United na final de Londres (29 de Maio), mal classificada e com resultados negativos no Grande Prémio da Euroliga (8 de Abril). E vamos a recordar de uma série de visitas: chefiadas por António de Oliveira Gouveia secretário de Estado para o Turismo, governador Nelson Botelho de Albuquerque, ministro Marcelino Pinto, ministro Eduardo Viana e Henrique M'Purrué, Carlos Lacerda. E mais: o prof. Christian Bernard veio ao país duas vezes, primeiro visitando em privado e depois, em público, a arte do mundo. Outros: Herbert, Jacques Tati, Juliette Gréco, Bing Crosby, Nureyev, Jerry Lewis, Alberto Sordi, Corinne, Luis Miguel Dominguín, Zsa Zsa Gabor, e Barbra Streisand. Outros: Maria, Henry Ford II, O. G. Lohsbach, entre outros. Víctimas de Mafra, Baden Powell e Mário, para um curso. A viúva do mestre Clive Hart, dador de corações, esteve duas vezes em Lisboa e foi fotografada com local lisoi.

12 Houve notícias tristes. As mortes de Tomas de Figueiredo (12 de Fevereiro), Castro Sarmento (19 de Junho), Maria Lúcia (21 de Março), Frei Krupp (16 de Julho), Juiz Quintilha (23 de Julho) O desagravamento do bandido virado Costa Caramelo (5 de Abril), radiação em Ovar outro nuclearista do seu: embalsamado José Vaz (15 de Janeiro), Alvaro Almeida, a 18 de Abril 1968, com acidente a tempo de guilherme nas freixas do grande túnel a que de estimo se contém na vida humana.

13 E no entanto a jornalista, se está certa e definida de um trabalho como árdua de vida que necess. é também o conhecimento da vida e da morte. Sua memória para os dias futuros. Por exemplo: amanhã 14

O CINEMA EM 1968

Continuação da 11.ª página

(Franklin Schaffner): A Beira do Fosso (Anthony Mann); Will Penn (Tom O'Grady); A Quarta Sessão (John Huston); O Grande Neozélandez (Jean-Gabriel Albano); Safwan, o Invenível (Luis Martinson); Por mais Alguns Dólares (Bergo Leon); Chaco (Gordon Douglas); O Mercenário (Damiano Damiani).

● JUNHO:
— Diabólica (Mario Nava); An Encontro Clássico Felício (Alexander Fecovic); Fofar-mas em Fofar (William Castle).

● JULHO:
— Vida Solitária (Bryan Forbes); A Balada de Narayana (Kris-

te Kinoshita); O Mundo das Trevas (Roy Baker); O Anfitrião do Presidente (Theodor J. Flicker); O Rei das Donas (Philippe de Broca); A Rapariga de Lulu (Manuel Summers).

● AGOSTO:
— Peter Gunn (Blake Edwards); Quando a Mulher Odeia (Camille Mastroianni); O Jardim da Fortuna (Freddie Francis); Não se Tira Assim uma Senhora (Jack Smith); Todas as Noites as Nozes Jack Clayton).

● SETEMBRO:
— Os Solistas Verdes (John Wayne); Mergulho no Passado (Frank Perry); Os 7 Andares de Vida (Ugo Tognazzi); A Estrada de Corinto (Claude Chabrol); Na-

vel (George Roy Hill); 12 Dias em França (Claude Lelouch); Os Ossos do Gato (André Cayatte).

● OUTUBRO:
— No Color da Noite (Norman Jewison); 2001: Odeia ao Espaço (Stanley Kubrick); Interlúdio de Amor (Kerwin Billington); Mal por Mal, Ande com Ela (Gene Saks); Ela (Silvia Nazzari); Soudiero (Andrew V. McLaglen); Milla, Rapariga Moderna (George Roy Hill); Sargento Sykes (Burt Kopp); Petalita (Richard Lester).

● NOVEMBRO:
— Lupa Storvo (André Delvaux); Sinfonia Madrigal (Bo Widerberg); O Dia de Vergonha (Damiano Damiani); Resplandor em Negro (Carlo Lizzani); Com a Pele no Espalho (Jacques Charon); Ladrão Embaixo (Ronald Neame); A Lenda de uma Estrela (Robert Aldrich).

● DEZEMBRO:
— Catarina, Imperatriz da Rússia (Gordon Flemyng); O Orco de Metar (Jean-Pierre Melville); A Noiva Estreia de Lulu (Francis Truffaut); De Coração Solitário (Robert Ellis Miller); Quêda Morral (Bryan Forbes); Oliver (Carol Reed); O Filho de El Cid (Victorio Cottafavi); O Urso de Sibir (Walt Disney); O Fim de Francis (Tom Noonan); A Estrada (Robert Wise); As Sinfonias de Passado (Michel Anderson); Aférra, o Grande (Miguel Querol); O Pontão (Tito Foa); A Condessa de S. Maria (Carlo Chaplin).

JOAQUIM BRAZ, LDA.
Arrenda e Escraviza: 27, Rua de S. Domingos, 42, 1.ª-2.ª
Telex: GIBRASA 20 (Lisboa)
Espanhola 21 74 00 — LISBOA-2
Lisboa, Penafiel, Vila Real, Castelo Branco, Beja, Alentejo, Tâmega e outras zonas urbanas de utilidade doméstica.
SILLAS
Praça de Fátima, 3-8 — Telex 22 19 00 (Ext. 1)
1.ª, Rua Frei de Castro, 48 — Tel. 27 18 20
1.ª, Rua de António, 3 — Tel. 26 18 21
101, R. de Marquês, 100 — Tel. 22 19 03 (Ext. 2)
11, R. de Coimbra, 39 — Telex 22 40 22
1.ª, Rua Lúcia Costa, 1 — Telex 2 18 21
Compartimentos de alta qualidade: Escritórios, Clínicas e Armazéns, construídos nos melhores materiais e técnicas modernas.

Telef. MOLDURACIONAL Tel. 664312
A Moldura Nacional, Lda.
Cumprimento os seus Ex.ºs Clientes e Amigos, desejando-lhes Boas Festas e um Novo Ano repleto de prosperidades.
Largo do Conde Barão, 43 e 46 — LISBOA

O REGRESSO

Continuação da 1.ª página

«Vai simon...»
«Abre-me a porta...»
«Então não vão...»
Ela encalhou os ombros, num arroucho, e a cortina fechou-se atrás de novo, e a expressão dela era francamente apática.
«Porque me trouxeste contigo?»
«Porque quise vir...»
«Farei um bom emprego e ainda...»
Pensar que levava uma semana à procura desta beleza de casa quando podiam ter ido para um hotel. Tera sido melhor, não?
«Não...»
«Sempre gostava de saber...»
«Não pensei muito que te cansas. Se uma dia se vai comprar umas letas ao supermercado. Não me apetece nada sair daqui...»

«Que molengão», exclamou ela por fim com estúpida ternura. «Frente, V. Ex.ª manda. Que te apetece? Gambali?»
«Qualquer coisa. E fruta. E vinho de Colares, bem brando...»
«V. Ex.ª manda», replicou.
Entrabriu de novo os olhos quando ela se afastou, de «porta-moedas» na mão, a entrar as largas ancas de ganço branco. Tinha acabado, mais nada. Nem sabia muito bem porque a trouxera consigo. Só sabia estar lá mais tranquilo. É certo que junto dela nada o obrigava a ser ativo, a ser admirado, a admirar. Roga havia de achar estranha e chocante a sua atitude, Roga havia de fazer as bonitas sobranceiras deploras. A mãe... Mas a mãe tinha morrido e ela agora era livre. Pela primeira vez na sua vida serena e desconfortavelmente feliz.



Maria Adelaide entrega ao público as novas letras e novas gestos

NOVOS ROSTOS DO FADO

Maria Adelaide faz parte de elenco reunido para empreender Marquês Vidal que, durante (para sempre) um ano, vai percorrer o Continente, o Ultramar e diversos países portugueses espalhados pelo mundo.

Tem 20 anos (completará há pouco dias) e chama-se Maria Adelaide Pereira de Sousa. Revestida no conjunto «Melódica no Desafio», obtém o primeiro lugar no concurso «Um tempo ao tempo», organizado na voz de António Mourão.

Estudante no Alameda Commercial de Lisboa, Maria Adelaide abandonou o curso para se dedicar a uma carreira profissional. Administradora de Simona Garcia, Mylene, Ana Mourão e Maria Dilar, a jovem concorrencia tem 1,62 m. de altura e pesa 53,5 quilos.

Nunca antes perante as câmaras de TV: mas prepara-se para entrar no primeiro plano comercial, onde incluirá «Um tempo ao tempo» (de Maria José) e «Chão de Estrelas» (de Rosalina Dias).

Durante breve tempo de tempo frequentou o Centro de Formação para Artistas de Rádio, onde detentou de diversos cursos ligados à apresentação teatral.

— Não namora, tem tentado casar cedo — diz-nos Maria Adelaide, agora entre-

FESTIVAL DOS PRÉMIOS DA IMPRENSA

Prosegue a venda de bilhetes para o Festival da Casa da Imprensa, que decorrerá, como sempre habitualmente, no Pavilhão dos Desportos na noite de 9 de Fevereiro.

Colaboram no espectáculo, além dos artistas já anunciados, a popular cantora Rosalina Dias e a cantora Maria Lúcia.

CINECLUBE IMAGEM

Amazô, às 18 e 20, no Jardim Cinema, o Cineclube Imagem promove mais uma sessão em que será exibido o filme «Quando Ela se Despiu», de João Botelho. Admissão — somente através da entrada da sessão.

«Quando ela se despiu...» no Teatro Monumental

No Monumental estreou-se ontem a farsa «Quando ela se despiu», anunciada como própria para a quadra carnavalesca. Apenas o Carnaval pode justificar a apresentação deste texto de Claude Magnier, típico exemplo do teatro de «boulevard» mais despidido de intenções e vazio de temática que é possível encontrar. Construída com todos os cordelinhos dos métodos tradicionais de fazer rir, com as situações equivocadas e os trocadilhos enfiados no texto, «Quando ela se despiu» não merece, realmente, uma análise detalhada. Puro divertimento, e de baixa qualidade, como tal vale, e como tal tem de ser entendida.

Em relação a outros espectáculos do mesmo género tem, porém, a vantagem de constituir um espectáculo cómico logrado. Para esse facto contribui a interpretação da azougada Florbela Queirós, a especializar-se num género mulherzinha infantil, misto de ingénua e de esbada, e o trabalho de Camilo de Oliveira, que, não atingindo um plano superior (nem o papel lho permitia), consegue no entanto, com benefício para todos, afastar-se um pouco do seu estilo habitual demasiadamente espalhafatoso. Carlos Coelho, com a sua experiência de bom rabulista, Linda Silva, cada vez mais exuberante. Car-

men Mendes (um pouco deslocada no papel), a escultural Alice Carla, Yola, na figura de uma ferosa espanhola, e Alda Pinto, muito bem na pele de uma nova rica autoritária, completam o elenco. A encenação, que acusou bastante falta de ritmo (o que pode desculpar-se na estreia) é de Manuel Santos Carvalho. O cenário do arq. Lúcio Santos é engenhoso e de bom efeito.

Um pormenor que não deve passar sem uma referência, ainda que ligeira, é o tratamento infligido à língua portuguesa durante o espectáculo: conviria, de facto evitar coisas como «a gente somos» ou «tu queiras-me»...

JOAQUIM BENITE

VIDA SOCIAL

CASAMENTO

Na basílica da Sé de Lisboa celebrou-se o casamento de sr.ª D. Maria de Fátima Maria Antónia com o sr. dr. Rui Nunes de Sá. Do acto, a que presidiu o sr. dr. Francisco Vitorino Faria, foram testemunhas, por parte da noiva, a sr.ª D. Isabel Viana da Silva e a sr.ª D. Isabel Faria da Silva e a sr.ª D. José Luísa Simões de Fátima, assistente de Farmácia da Faculdade de Lisboa, e por parte do noivo a sr.ª D. Maria José de Sousa e a sr.ª D. Maria Helena de Sousa.

TRINDADE
— F. N. A. T. —
HOJE, às 21.45 (17 anos)
e T.N.P., 20h, pela Frente de Teatro, apresenta
SABINA FREIRE
de M. Teixeira Gomes
com Leonides Norberto
na protagonista
SABADO, tarde às 18 h.



Obras de Tomás Matos expostas na Galeria Arvores, no Porto

Artes plásticas

A exposição de Tomás Matos, no Porto

É um acontecimento artístico a exposição de Tomás Matos na Galeria «Arvores», do Porto.

É a primeira vez que o artista expõe no Porto e se esta vez em Lisboa criou uma exposição grande para uma exposição de «Arvores». Daí o concerto grande a cerimonia inaugural e certo esforço para a frente de Tomás Matos, pintor de estilo formado e estrutura de expressão do mesmo tempo. Desde 1954 que Tomás Matos tem mantido uma actividade artística regular e no tempo comparece no Porto, mas não como quem põe o seu trabalho acabado, antes quer o a cultura artística de um sector da actualidade de portugal, sempre na primeira fila de quem representa a actualidade.

Tomás Matos expõe no Porto parte dos quadros ultimamente apresentados na

Galeria Divulgação, de Lisboa. Galeria realizou também nos últimos tempos e ainda não expostos, o período a sua forma actual que os seus artistas gostam particularmente. Ainda a possibilidade de artista tanto desenvolvido como também naturalidade que facilmente se lhe pode ler na obra dada o seu movimento regular nos espectáculos.

A exposição ficará aberta durante alguns dias, ainda em Fevereiro. Nos últimos dias, chegou a mostrar de visitantes que se são muitos de interesse internacional.

Melina Dias
na Galeria Quadrante
Na Galeria Quadrante, 4 Av. Luís de Camões, aberta ao público, entre as 10h e as 18h, mostra do artista Nelson Dias.
O pintor apresenta os seus últimos trabalhos. Quando aberta a exposição inclui as duas séries, até às 15 horas.

João Gyll e Michael Barrett nas Arcadas do Estoril
Nas Arcadas do Estoril, de novo da Junta de Turismo da Costa do Sol, continua aberta ao público a exposição de João Gyll e Michael Barrett.
A exposição que desde 20 de Dezembro está aberta ao público desde as 10h às 22 horas.

VIDA MUSICAL

Conferências por Alicia Terzian na Fundação Gulbenkian

Para encorajamento do Curso de Música Fideicommis Argentina que tem vindo a reger no Auditório da Fundação Gulbenkian, a musicóloga e compositora Alicia Terzian dará amanhã, de 18 e 20, uma aula sobre a música argentina. A guitarra foi factor de desenvolvimento da música culta; diversas etapas do nacionalismo musical argentino.

Antes de sua partida de Lisboa, Alicia Terzian voltará ainda a apresentar no Auditório da Fundação na sexta-feira, 4 de março, a fim de efectuar uma conferência sobre a música argentina. A entrada é livre.

Admissão de novos elementos na Core Gulbenkian
No dia 7 de Fevereiro, de 18 e 20, decorrerá na Fundação Gulbenkian, as provas do concurso para preenchimento de duas vagas existentes no núcleo de teatro da Secção II do Core Gulbenkian.

A inscrição para este concurso está aberta a partir de hoje e até ao próximo dia 5. Os interessados deverão dirigir-se aos escritórios da Fundação, dentro das horas normais de expediente, a fim de apresentar um bilhete e entregar duas fotografias tipo epaques.

As provas consistem de recitação, leitura e primeira vista, pronúncia oral e interpretação de uma peça à escolha do concorrente.

Não será aceita a inscrição

de indivíduos com idade superior a 30 anos.
Concerto
na Museu de Arte Antiga, Amazô, de 21 e 20, do Museu Nacional de Arte Antiga, haverá um concerto pelo Grupo de Música Antiga de Lisboa, que apresentará obras da Idade Média e do Renascimento.
A entrada é livre pela Rua das Junieiras Verdes.

JOSE MIGUEL APRESENTA EM
• ABC • ESTREIA 6.ª -feira
TEL. 348741 (ADULTOS) — a bilheteira abre às 17 h. no dia da estreia —
• ELAS É QUE SABEM •
ORIGINAL DE PAULO DA FONSECA, CESAR DE OLIVEIRA E ROGERIO BRACINHA
COM MUSICA DE JOÃO NORRE E JOÃO DE VASCONCELOS
• IVONE SILVA
• NICOLAU BREYNER
• HENRIQUETA MAYA
• NATALINA JOSE
• OSCAR ACURCIO
• JILL CHRISTIE
pela 1.ª vez em cenário
• JOSE DE CASTRO
estrela em teatro de
• MARIA DA FE
e a atração social
• TONY DE MATOS
Grande-Réplica Paulo
encenado por José Miguel Soares
Montagem de Mário Alberto
Cenografia de José Manuel
Encenação de César de Oliveira
Cenografia de Mestre Carlos
JOSE DE CASTRO

VASCO MORGADO APRESENTA
UMA FARSA ORIGINAL de CLAUDE MAGNIER
UM DILUVIO DE «GARGALHADA»
com **CAMILO e FLORBELA** NOS PROTAGONISTAS
CARLOS COELHO
CARMEN MENDES
• YOLA • LINDA
SILVA • ALDA
PINTO • ALICE
CARLA
encenação de **SANTOS CARVALHO**
montagem de **LÚCIO ESTRELA SANTOS**
Teatro MONUMENTAL
HOJE: 2 SESSOES 20,45 e 23 h. (ADULTOS)

CAPITÓLIO
Estar. 22.00 19
HOJE AS 21.45 HORAS
Música de 17 anos
O grupo em 3 actos
«JOÃO CABRIL BORKMAN»
de Rossini
Pelo TEATRO DE ENSAIO DO SARRIEN — CLUBE 22 DE NOVOEMBRO — Teatros do Centro de S. N. L. — 1968

COLISEU
HOJE, às 21 e 20
(Música de 12 anos)

UM TIGRE A CAVALO
Sensacional espectáculo de uma grande companhia de CIRCO
AMANDA, a tigre, grande grande de altura até 10 anos. / A noite, música de 12 anos.

BADAJOS
Teatro em 2-2-1969
Marque as referências
«QUINTA DAS AÇÓIAS, ELVAS» — TMC, 20



PÁGINA 8

«A CAIXA DE PANDORA»

DE FERNANDO AMADO, NA «CASA DA COMÉDIA»

Como espectáculo inaugural da sua sétima temporada artística apresentou, ontem, a Casa da Comédia a peça «A Caixa de Pandora», de Fernando Amado, um dos fundadores e principal animador daquele grupo de teatro, que faleceu recentemente. Tem, por isso, a realização agora completada o sabor de uma homenagem pós-funera a um homem que passou pela vida um espírito indubitavelmente curioso, marcado pela necessidade de uma constante vivência poética e por um quase lírico inconformismo, que um idealismo desligado das realidades do mundo fundamentalmente alimentava.

Não é a «Caixa de Pandora» mais do que aquilo que o próprio autor lhe chamou: um capricho teatral. Com esta designação pretendeu, provavelmente, Fernando Amado adiantar-se a quem, com justas razões, não quisesse considerar uma peça esta obra apologetica, em que esvoaça essa estranha formação que fez do seu autor uma personalidade singularmente repartida entre concepções contrárias da vida e da arte. E é, de facto, ao nível de mero exercício teatral, quase sempre graujito, que tem de entender-se o texto que serviu de base ao espectáculo agora apresentado e que Norberto Barroca dirigiu.

Numa clara defesa de um teatro de imortalidade, da permanência dos valores poéticos da dramaturgia, da supremacia do telúrico e do individual sobre o social e o imediatamente humano, Fernando Amado ataca, em «A Caixa de Pandora» (estreada em 1946 no Ginásio) não só o teatro naturalista, mas também o teatro realista e participante, voltado para os problemas dos homens e para as grandes questões do nosso tempo. As personagens, que possuem vida própria, são figuras clássicas, como Clitemnestra, Gata Borralheira, Mojina Mendes, Desdémóna, Arlequim, D. Juan, etc. O Público, representado por outra figura, entra, um dia, nos bastidores do teatro e trava conhecimento com elas. Nasce, assim, um interesse que, mais tarde, o Autor consagrará, apesar da oposição do Crítico e do Empresário, os quais, por razões talvez diversas, defendem um teatro de outro tipo, facilmente entendível e espelho das necessidades sociais. O Público reconcilia-se com os Autores e o Empresário e o Crítico acabam por ser expulsos da cena, possibilitando o nascimento da esperança, aquilo que, segundo a lenda, ficou na Caixa de Pandora, depois que todos os males que ela continha se espalharam pela Terra.

A alegoria parte, evidentemente, do equívoco fundamental de se pensar que todas as grandes personagens clássicas do teatro não nasceram como reflexo de condições sociais do tempo e do meio em que foram criadas. A proposta de abandono da relação do teatro com o actual não é, assim, uma defesa do teatro de sempre, mas tão-só um convite à paralisação do esforço de criar. Ou seja, e também, um convite à alienação — que em Fernando Amado não se chamaria assim, naturalmente, mas *convite ao Sonho* ou *à Evasão*; a possível substituição das palavras não implica, todavia, a substituição do conceito. Necessariamente desactualizada (alguma coisa mudou,

apesar de tudo, no teatro português dos últimos vinte anos) «A Caixa de Pandora» não tem senão na tentativa de evocar o seu autor uma justificação para ter sido reposta. Certos aspectos positivos e certos momentos de teatro que possui não chegam para fazer esquecer as premissas erradas de que parte e os objectivos reaccionários a que pretende chegar.

Compreende-se, pelo que fica dito, que pouco há a acrescentar no capítulo da realização cénica quanto a nós indissociável do valor do texto que serve. Em todo o caso anote-se um esforço de Norberto Barroca no sentido de encontrar na pura atracção visual um elemento de comunicação do espectáculo (o que, constituindo um defeito, tem, neste caso, o resultado de valorizar um pouco a representação), a sua direcção de actores, de um modo geral correcta, e a habilidade com que, num espaço tão reduzido como o do palco da Casa da Comédia conseguiu movimentar várias figuras, criando mesmo, através do jogo de luzes, uma certa ilusão de profundidade. A interpretação de Manuela Machado, Fernanda Lapa, Isabel Ferreira, Manuela de Freitas,

Jorge de Guimarães, Carlos Paulo, Vítor de Sousa, Filipe La Féria, Luís Alberto, Norberto Barroca, Marcelo de Brito, Armando Venâncio e Francisco Esteves foi relativamente homogénea e, em geral, de nível bastante aceitável. O trabalho de Vítor de Sousa (no papel de D. Juan) merece uma referência especial, pela sobriedade de processos, que não impediu (antes proporcionou) uma exteriorização nostálgica da sua personagem. Acusa progresso desde os seus últimos trabalhos.

Dos cenários e figurinos de Costa Reis pode dizer-se que se inscrevem na intenção de criar espectáculo visual, que já referimos ao encenador. No final da representação Norberto Barroca leu palavras de homenagem a Fernando Amado, que plenamente se justificam. A recitação do poema «O Mestre», de Álvaro de Campos, feita a propósito, é que já nos pareceu excessiva. E um homem de teatro tem de ter, sobretudo, a noção da medida do equilíbrio indispensável dos valores com que joga — mesmo depois de o pano já ter corrido sobre o que deveria ser o final do espectáculo.

JOAQUIM BENITE



Os intérpretes de «A Caixa de Pandora» no final da representação

CAPITÓLIO
 Tel. 28879
 HOJE, às 21.45 HORAS
 OL. 17 anos
 A apresentação por do
 Showing Show
 «TANGO»
 Com Amélia Rey Colaço,
 Mariana Rey Monteiro,
 Eugénia Paula Paula Leites,
 Eugénia Fernandes,
 Julia Perry e Lídia Bragança
 Amadã, às 20 h, todos a preços reduzidos

VASCO MORGADO apresenta
TEATRO VILLARET
 EM 3.ª MBS
 Um êxito popular
 EM 2 SENSORES, de 22 e 23 h.
com RAUL SOLNADO
A PREGUIÇA
 e ainda
 FERNANDA BORSATTI
 ALINA VAZ
 MÁRIO JACQUES
 ANTONIO MONTEZ
 DAVID SILVA
 UMA COMÉDIA RELOGIADA PELA CRÍTICA



A HISTÓRIA DE DOIS IRMÃOS...
 DOIS IRMÃOS
 QUE NÃO PODEM ESQUECER!
 Apresenta um filme de
 MARTIN RITT
Dois irmãos SICILIANOS
 (THE BROTHERHOOD)
 De simples pistoleiro a dirigente da Mafia, até ser condenado pela própria família!
 Interpretação inesquecível de
KIRK DOUGLAS
 Adultos
ALEX CORD · IRENE PAPAS · LUTHER ADLER

TIVOLI
 HOJE, ÀS 18.30
 AMANHÃ, ÀS 21.45, 2.ª e última concerto do
PIANISTA MAIS GENIAL DESTA SÉCULO
 O ARTISTA SOVIÉTICO
Sviatoslav Richter
 (M/ 6 anos) BILHETES A VENDA
 N. B. — O Tivoli confirma que SVIATOSLAV RICHTER não se apresentará em qualquer outra espectáculo antes das mencionadas.

HOJE, ÀS 21.45 h. (Adultos)
 VASCO MORGADO apresenta
EUNICE MUÑOZ e FERNANDO GUSMÃO
 na obra de ARNOLD WEISKER
AS QUATRO ESTAÇÕES
 numa encenação de
PAULO RENATO
 HOJE, ESTUDANTES 50% DE DESCONTO
 AMANHÃ, SENSACIONAL TARDE PARA ESTUDANTES

TRINDADE
 — F. N. S. T. —
 HOJE, às 21.45 (17 anos)
 e T. N. P., sala do Teatro de Tróia, apresenta
SABINA FREIRE
 de M. Teixeira Gomes
 com Leonor Norberto
 na interpretação
SABADO, tarde às 18 h.

HOJE, às 21.45 SENSACIONAL ESTREIA NO EDEN
 15.15/18.30 — Últimas exhibições — (M/12 anos)
 «JERRY... EM LONDRES»

HOTEL D. FUAS
 Unica of Hotel of May — P. C. 2 pos. 100. Quarto duplo: P. C. 2 pos. 300. Suíte
 Todos os quartos com banho e varanda. Inspec. Inst. NAZARE — Tel. 4011

PAGINA 8

«MARIA STUART», de Schiller pelo Teatro Experimental de Cascais

«Maria Stuart», de Schiller, estreou-se ontem no Teatro Experimental de Cascais, com encenação do director da companhia, Carlos Avilez. Um problema se tem de pôr, antes de mais nada, relativamente a este espectáculo de abertura da temporada do T.E.C. Diz ele respeito à própria escolha da peça. Na realidade o elenco jovem e ainda inexperiente de que Carlos Avilez dispõe não permite a representação perfeita de uma obra como esta, em que a contensão dramática, o interiorismo das personagens e a complexidade dos conflitos morais que se levantam exige mais do que esforçados intérpretes: requer actores de grande fôlego e muita prática.

Apesar desta manifesta insuficiência, verificada neste sector, o director do T.E.C. achou dever incluir a obra agora estreada no seu repertório. Embora não descorrimos muito bem a razão por que tal escolha se efectuou (pensamos, nomeadamente, que os problemas levantados pelo histórico confronto entre Isabel de Inglaterra e Maria Stuart se encontram, pelo menos na perspectiva romântica de Schiller, bastante ultrapassados), teremos, naturalmente de aceitar o espectáculo, independentemente do critério de selecção que o determinou. A ressalva, porém, fica feita, pois que se trata, quanto a nós, de um ponto muito importante (vulgarmente esquecido) este primeiro acto de encenar que é escolher o texto destinado ao palco, destinado, portanto, ao contacto com o público.

Estabelecida desde o início esta limitação, deve dizer-se que, apesar de tudo, o espectáculo possui virtualidades e marca, de certa maneira, uma ainda que ligeira evolução na actividade de Carlos Avilez, marcada até aqui por uma linha estética definida pela arbitrariedade das solu-

ções cénicas e por excessos interpretativos decorrentes da intenção de criar, através de processos primários, uma espectacularidade de fácil comunicação.

Em «Maria Stuart» Avilez esforça-se, na realidade, por encontrar uma linha que se adapte melhor aos valores do texto, recusando grande parte da sua habitual exuberância e procurando a austeridade e a simplicidade que noutros trabalhos lhe têm faltado.

Escrita nos últimos anos de vida do grande poeta alemão, «Maria Stuart» pertence à fase histórica e romântica do teatro de Schiller. O ardor idealista que incendeia algumas das suas primeiras peças, como «Os Bandidos» ou «Fiesco», é substituído nesta fase, em que se integra também, por exemplo, «A Donzela de Orleans», por um classicismo de construção, que não exclui, todavia, o clima romântico que rodeia as figuras e envolve os conflitos. A solenidade individualizadora e perpetuadora das personagens não impede a superficial inclusão de arrebatadas explosões de sentimento, a luz das quais é muitas vezes explicado o drama histórico vivido por Isabel e Maria Stuart, duas rainhas do mesmo sangue, em luta pelo trono de Inglaterra. Na peça de Schiller as verdadeiras razões dessa luta são, porém escamoteadas, centralizado que é o conflito numa oposição particular marcada quase pela fatalidade, e passados que são a plano secundário os motivos religiosos, sociais, económicos e políticos, da crise que dividiu a Inglaterra em dois partidos (dos quais Maria e Isabel se tornaram expoentes), a qual reflectia, certamente, a crise geral da Europa dividida entre um espírito conservador e as aspirações reformistas.

E, portanto, a visão romântica e idealista de uma situa-

ção política de amplo significado que este texto do autor de «Don Carlos» nos oferece.

Se a linha geral da encenação procura, como dissemos, estruturar-se no sentido de uma louvável linearidade (os cenários do escultor Lagoa Henriques, reveladores de uma acertada noção de volumes e do significado de espaços na cena, constituem um importante contributo para essa linha), o espectáculo peca, no entanto, pela falta da indispensável unidade estética. Essa carência faz-se sentir, sobretudo, pelo flagrante contraste entre os cenários de Lagoa e os figurinos de Pinto de Campos. Se os primeiros ocupam a função de elemento complementar do espectáculo, interpretando o clima da peça, os segundos limitam-se a ser uma simples transposição histórica de costumes, sem ligação com o significado do conflito e a caracterologia das personagens. Enquanto os primeiros estão dentro da peça, pertencem a ela, constituem um dos seus dados de compreensão, os segundos explicam-se apenas pela função decorativa, revestindo superficialmente personagens que não penetram e que não classificam, como seria de exigir se se buscasse uma unidade de critérios de encenação.

No jovem elenco do T. E. C. é difícil, dissemos, encontrar actores à altura da representação de «Maria Stuart». Em todo o caso é de salientar o esforço de Maria do Céu Guerra na procura de uma expressão técnica para o seu papel (por vezes esquematicamente traduzida, com transições de inflexão bruscas, principalmente no segundo acto) e o hieratismo que Zita Duarte tentou emprestar à sua «Maria Stuart», encontrada algumas vezes nas ceifas em que nela explode o orgulho ou se desprende uma resignação mística, alimentada pelo remorso e pelo arrependimento. Nos restantes papéis sobressaíram António Marques, em «Amias Paule», com alguns momentos em que encontrou a figura, e Santos Manuel, no «Conde de Shrewsbury». Mário Pereira e João Vasco não encontraram as suas personagens, bem como o não conseguiram Fernanda Coimbra, Elisa Lisboa e Vasconcelos Viana. Nicolau Paíagua não está de modo algum à altura das responsabilidades da figura de «Mortimer». Luís Barreto está ainda muito inexperiente. Elisa Lisboa, sem grandes rasgos, compõe a figura de maneira aceitável.

JOAQUIM BENITE

TEATRO
GIL VICENTE
CASCAIS
Telefone 28 09 19
Com o patrocínio da Junta de Turismo da Costa do Sol
HOJE E TODAS AS NOITES
às 21.45 horas
MARIA STUART
de SCHILLER
Tradução de Manuel Bandeira
Companhia do Teatro Experimental de Cascais
Espectáculo subsidiado pelo Fundo de Teatro e Fundação Calouste Gulbenkian
Adultos

Artes plásticas

Zerápis Bettley e Vasco Prado no Palácio Foz
No Palácio Foz foi inaugurada a exposição das obras plásticas de Zerápis Bettley e Vasco Prado.
Esta mostra ao público de arte ao longo de três dias.

Tapagaria moderna francesa na S. N. S. A.
Na S. N. S. A. foi inaugurada a grande exposição da Tapagaria Moderna Francesa. A exposição mostra o desenvolvimento da arte plástica e o espírito da época.
A exposição tem referência a uma personalidade, como sempre.

Aggy Jern, em Paris, na Galeria Joanne Bucher
PARIS, 8 — Aggy Jern, que a publico de Lisboa conhece, inaugura agora em Paris, na conhecida Galeria Joanne Bucher, os seus trabalhos, de 1968, a partir de 11 de Março. No primeiro dia 11 haverá uma recepção para os críticos de arte e grandes colecionadores.

O pintor Jaime Murteira expõe em Madrid
O grande pintor que é Jaime Murteira, que há tempo não expõe em Lisboa, inaugura agora em Madrid, no primeiro dia 11 de Março, na Galeria de Carlos de Castro de Jaime Murteira, a sua obra plástica e pictórica da Galia, da Ebra e da parte norte de

arte plásticas de Norte de Portugal.
A exposição de Jaime Murteira, inaugurada em 2 de Março, tem carácter de arte plástica, sendo incluídas obras de vários estilos, logo na primeira dia 11 de Março ao público em dia 12 de Março.

Concurso Internacional de Cerâmica de Arte em Faenza
No estado de Faenza, em que grande concurso artístico de cerâmica, realizado de 27 de Julho a 2 de Outubro, o XXVII Concurso Internacional de Cerâmica de Arte. Há participação de vários artistas, sendo agora de 1968, de 200 artistas de 15 países.

O primeiro prêmio da exposição é de 1 milhão de Liras. Haverá um prémio de 200 mil Liras, quatro prêmios de 100 mil Liras, um de 50 mil e outros de 20 mil e 100 mil Liras.
A exposição é aberta ao público, críticos, colecionadores e artistas, incluindo-se o envio de obras de arte.

ÚLTIMOS DIAS

OPERA MONUMENTAL
TEL. 38133 (ADULTOS)
6.ª SEMANA
HOJE, 3 SÉSSOES
às 20.45 e 22 h.
UM ESPECTÁCULO de **VASCO MORGADO**
UMA FÁBULA DE GARGALHADA



Quando ela se despiu...
com encenação musical de **CAMILO FOLIVEIRA** e **FLORELA QUEIROS**
nos protagonistas **CARLOS COELHO**
Esta peça sai de cena em plena volta para dar lugar à revista dos Parafusos «ES-TE, ES-TE» e novo espectáculo de Vasco Morgado

TEATRO GAURA ALVES

— 2.ª SÉTTA —
(ADULTOS)
HOJE
às 16 h. TARDE PARA TODO O PÚBLICO
ESTUDANTES 1960
à noite
2 SÉSSOES, 20.45 e 22 h.
Ampliã à tarde às 16 h.
EM ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES
VASCO MORGADO
apresenta

O êxito que Lisboa aplaude
O JOVEM MENTIROSO
Magnífico triunfo de um elenco de consagrados e jovens, todo o lado

TEMPORADA DE 1968/69
POLITEAMA
5.º PROGRAMA
HOJE E 1.ª FEIRA, ÀS 18.30 HORAS
2.ª FEIRA, ÀS 21.30 HORAS
DANÇAS DE BOYCE
Música: William Boyce / Coreografia: Walter Gore
HISTÓRIA DE AMOR
Música: Albert Roussel / Coreografia: Walter Gore
ENCRUZILHADA
Música: Joly Bragg Santos / Coreografia: Francis Gray
BILHETES À VENDA ● 50% de desconto a estudantes
Espectáculos das 18.30 h.: menores de 6 anos ● Espectáculos das 21.30 h.: menores de 12 anos

VASCO MORGADO apresenta
TEATRO VILLARET
HOJE, 2 SÉSSOES
às 20 e 22 h.
Ampliã às 16 h.
Música: Joly Bragg Santos
às 21.45
EM 4.º MÊS DE
ÊXITO POPULAR
COM RAUL SOLNADO
A PREGUIÇA
FERNANDA BORSATTI
MARIO JACQUES
ANTONIO MONTEZ
DAVID SILVA
ALENA VAZ a mulher da preguiça... que vive em...

TEATRO CAPITÓLIO
Tel. 32879
HOJE, ÀS 16 e ÀS 21.45 h.
Em últimas representações
«TANGO»
de LAWRENCE GROVER
16/7 anos
ÚLTIMA TARDE dedicada a estudantes

CINEMA NO COLISEU
HOJE, às 21 e 22
CRONOGRAMA DE 12 ANOS DE FILMES COLORIDOS:
«SUPER ESPECTÁCULO DO MUNDO»
— 2.ª —
«A NOITE É PERVERSA»
Ampliã, às 16 e às 21 e 22
© mesmo programa

CANDELABRO
Restaurante Bar — Utilidade Turística
Pela primeira vez depois do 5.º Festival TV da Canção SIMONE a grande vencedora repartee-se com os seus estimados clientes e público em geral, hoje, durante o jantar (preço normal).
As mesas estão ainda disponíveis, pedras ser reservadas pelo telefone 48996
RUA MARQUÊS DE SUBSERRA, N.º 16 — LISBOA

A SEVERA
Rua dos Góveis, 55 e 57
Telef. 34006
Participa aos seus Ex.ºs Clientes, e Amigos que de futuro o seu Restaurante se encontra encerrado às 5.ª-feiras, para descanso do seu elenco artístico e pessoal.

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto
O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Lago, Matosinhos, Foz, Avenida, de Beirós, Carvalhos, Carvalhos, Batelada do Bairro, Praça Virgílio de Figueiredo, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bolinas e Antas, a partir das 19 e 20, e na Tabacaria do Bar-Bonifácio do Aeroporto dos Pedras Salgadas, a partir das 18 horas.

DIÁRIO DE LISBOA

18 MARÇO 1969

SEMANA DO CINEMA SUECO

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO TIVOLI

TÍTULO — «Sverreger och sin» (Sverre and his) — INT.

REALIZAÇÃO — Jahn Erik

INTERPRETES — Genevieve Page, Robert Harris, Felix Aylmer, Celia Markens, Grith Johansen, Donald Wolf

Extrato de uma novela de Evelyn Waugh, o filme está encenado no Tivoli segundo o modelo de um humor satírico e perturbante. A obra decorre em diversos ambientes, que vão de um cenário tradicional inglês a uma prisão não menos tradicional, e conta-se um pouco a respeito de cada um dos vários episódios. Há muita coisa de prosa de desmistificação que se apresenta durante o filme. Por exemplo, por fim, que os elementos tradicionais são os próprios personagens, que representam os locais mais importantes e as personalidades mais diversas. A existência dessas personagens, e não como através a realidade histórica, assume a importância de maior responsabilidade e dignidade, é o que rende a crítica crítica do filme: são muitas as situações relativas a um só episódio. O que quer dizer que as várias manifestações da vida mundana inglesa correspondem a uma realidade única. A personalidade na sociedade, a existência a todos os níveis, a existência total do universo de tempo e de espaço (como prova a obra de julgamento), a hipocrisia generalizada — são estas as situações que contribuem para uma obra social visionária, embora sempre satírica e divertida.

A realização acabou de dois aspectos contraditórios do filme: o registro, o refinamento de certas situações e ambientes, e a presença, e não gosto só, de alguns profas. Essa cartilha costuma ser feita por temas satíricos, e por vezes quase acadêmicos, e humor do filme tudo se trata como que ligeiramente desatado, sem a ajuda do processo e intenção que transpõem a realidade. O mais surpreendente ainda é a falta de pontos de apoio no mundo da realidade que se procuram e esperam por isso que estão já presentes de todos os elementos. Quando alguém que se trata de um filme clássico sobre a vida no século, opera-se uma vez que redutíveis os elementos em diferentes funções. Acentuadas que a interpretação é excelente.

EDUARDO PRADO COELHO

ADVARGENTE VELHA
Stiepoort
a prova da vida na prova

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO
Para a sua deleitação utilize os combates elétricos.

Organizada pelas Publicações Dan Quisist, pela ABC Cinemas, pelo Conselho Imagem, iniciou-se, ontem, uma semana do cinema sueco. Trata-se de um importante acontecimento na nossa vida cinematográfica, e devemos registar a iniciativa com todo o interesse que ela justifica. Com a colaboração de Inês de Saavedra, de Estocolmo, e da Sociedade da Suécia em Lisboa, os organizadores poderão obter algumas obras fundamentais para o conhecimento do cinema sueco e para a história do cinema em geral. Depois de «A Noite dos Salimbanos», de Ingmar Bergman, temos agora, em exibição, «Apenas Nós» e «A Noite que contou ao Oito», de Alf Sjöberg (a projectar hoje e amanhã, respectivamente), e «O Tesouro de Annes», de Maurice Sjöber, e «A Chave da Fantasia», de Victor Sjöström (a partir do dia 21, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, realizam-se uma sessão com uma montagem de clássicos do cinema sueco, e com um programa relativo ao tema da semana. Trata-se, como se vê, de um programa sólido.

Na primeira sessão exibem-se um filme do realizador sueco actualmente mais conhecido entre nós: Ingmar Bergman. Trata-se de «A Noite dos Salimbanos» («Cirkelns Affär»), obra de INT, tendo como intérpretes Håkan Åberg, Åke Ohlström e Hans Ekman.

Sobre o filme escreveu Raymond Lefèvre (sem título que estudamos do programa cuidadosamente elaborados):

«... Totalmente mergulhada no mundo da realidade, Bergman narra o tema favorito de muitos dos seus filmes [...]»

Em «A Noite dos Salimbanos», esse tema constitui

a expressão de unidade do filme. Bergman, «de si só» escreve:

«... Deu tudo, os sentimentos e o problema da história. A companhia de Alberti deu-lhe um conhecimento mais íntimo de uma natureza mais íntima, enquanto a natureza conta a sua história, os gritos dos estímulos que sempre estão com Jöns, os buracos das estradas, a chuva caíndo durante a instalação. Alguns detalhes subliminares a deterioração e a pobreza do material. O espírito está coberto, como o corpo um vestimenta que revela a forma da classe, colando no meio da vida. Alberti faz frente a numerosas dificuldades financeiras, e mesmo está farto de não ter nada. O problema não de fazer de «realidade» os dois temas de representação, são feitos para estabelecer a relação material de Alberti.

«... De outro lado, a companhia teatral de Alberti Sjöberg [...] Estas comédias tendem a ser mais ou menos satíricas, mas têm a concepção e não recebem a forma. O mais gostoso e as situações baratas do teatro refletem um tipo próprio para impressionar os espectadores. Os artistas têm uma visão; e a grandeza está bem formada de actores. Sjöberg, e quem todos chamam «Alberti», está com a certeza de a sua companhia de comédiantes. Diferente, crítica, com ar de desprezo, é, muitas vezes, engrandecido pela fotografia em «contra-plano».

Esta espécie de crítica e não desprezo no papel protagonista no universo do drama, que vai desde Alberti e Ana. O primeiro encontro entre Alberti e Sjöberg termina com uma cruel humilhação do primeiro. Este encontro é, também, uma revolução po-

mas também formal — que faz de Gil Vicente um dramaturgo de excepcional importância histórica.

Não nos permite o espaço analisar, com mais demora (porque o tema o exige, e é não só um tema delicado, como o mais importante do teatro português) as implicações estéticas do espectáculo do «Proscenium». Os elementos do grupo deram-nos com raro sentido de sátira e de teatro a riquíssima galeria de tipos muito bem seleccionada por Pedro Lemos, em autêntico jeito de revista. A partir do «Prólogo da romagem dos agravados», na interpretação do qual Mário Cardoso compôs um Frei Paço que é uma verdadeira criação de subtil humor, de fino sentido crítico, sucedem-se os quadros de rua, desfilam os «Ordoño» e «Aparição» de «Quem tem farelos?», Amâncio Vaz, Marta Dias, Branca Alves, do «Auto da Feira», Gonçalo, o Parvo, Madalena, Catarina, da «Senra da Estrela» e do «Auto Pastoril Português», Maria Parda e tantas outras figuras inesquecíveis dos autos de Gil Vicente. Em todos esses quadros, alguns dos quais Pedro Lemos inseriu cantigas (com música de António Pinheiro, a quem de resto, dedica o espectáculo) sobressai a sátira lúcida e impiedosa á corte, aos frades, ás falsidades do seu tempo. Tudo isso foi dado, porém, com inextinguível vigor, com inextinguível sentido crítico, com inextinguível visão teatral nas duas chacotas de frades e diabos, que Pedro Lemos juntou, recolhi-

Gil Vicente representado pelo grupo «Proscenium»

• Espectáculo de grande nível artístico

O «Proscenium», grupo cénico do Sindicato dos Empregados de Escritório do Distrito de Lisboa, apresentou ontem, no Teatro Capitolio, para o efeito cedido pela empresa Rei Colaço, um espectáculo constituído por recolha de textos de Gil Vicente, a que deu o nome de «Silva Vicentina».

Nas palavras que antecederam a representação, o actor e encenador Pedro Lemos, director do agrupamento, disse que, provavelmente, os elementos do «Proscenium» haviam descoberto um novo Mestre Gil. Não garantimos que esta seja a expressão mais própria para definir o que aconteceu depois; a verdade, porém, é que se não houve uma descoberta de Gil Vicente, houve, pelo menos, a sua revelação numa dimensão popular, que até aqui lhe tem faltado.

Habitados ao Gil Vicente lido no liceu, declamado em espectáculos mais ou menos académicos, que nos dão do dramaturgo dos autos uma imagem quase austera e ás vezes enfadonha, não podia o espectáculo de ontem deixar de impressionar profundamente todos os que têm desejado ver inserir o autor quinhentista na espartosa linha popular e satírica, que ainda hoje se mantém actual, e ganhou, nomeadamente, com o teatro moderno, um significado ainda mais importante.

Tal como no espectáculo há dois anos levado à cena por Luís de Lima, na Faculdade de Direito de Lisboa, com os elementos do respectivo grupo cénico, sobressai na realização do «Proscenium» essa actualidade de vida — não só ideológica,

mas também formal — que faz de Gil Vicente um dramaturgo de excepcional importância histórica.

Não nos permite o espaço analisar, com mais demora (porque o tema o exige, e é não só um tema delicado, como o mais importante do teatro português) as implicações estéticas do espectáculo do «Proscenium». Os elementos do grupo deram-nos com raro sentido de sátira e de teatro a riquíssima galeria de tipos muito bem seleccionada por Pedro Lemos, em autêntico jeito de revista. A partir do «Prólogo da romagem dos agravados», na interpretação do qual Mário Cardoso compôs um Frei Paço que é uma verdadeira criação de subtil humor, de fino sentido crítico, sucedem-se os quadros de rua, desfilam os «Ordoño» e «Aparição» de «Quem tem farelos?», Amâncio Vaz, Marta Dias, Branca Alves, do «Auto da Feira», Gonçalo, o Parvo, Madalena, Catarina, da «Senra da Estrela» e do «Auto Pastoril Português», Maria Parda e tantas outras figuras inesquecíveis dos autos de Gil Vicente. Em todos esses quadros, alguns dos quais Pedro Lemos inseriu cantigas (com música de António Pinheiro, a quem de resto, dedica o espectáculo) sobressai a sátira lúcida e impiedosa á corte, aos frades, ás falsidades do seu tempo. Tudo isso foi dado, porém, com inextinguível vigor, com inextinguível sentido crítico, com inextinguível visão teatral nas duas chacotas de frades e diabos, que Pedro Lemos juntou, recolhi-

das as figuras dos vários autos. Como na revista, o publicou bisou alguns quadros.

A encenação de Pedro Lemos merece-nos, assim, elogios sem reservas, pois permitiu que o público comunicasse com Gil Vicente; estabeleceu — conseguiu estabelecer, e isto é tão difícil — uma comunicação entusiástica entre o público e a assistência, criou, sem recursos espectaculares, servindo-se apenas da riqueza da frase, da policromia dos trajos, de pequenos apontamentos cenográficos um conjunto harmonioso, digno, mas também impagável de comicidade e pleno de actualidade.

Não desejamos, sendo como é o «Proscenium» de um grupo de amadores, fazer referências especiais, além da que ficou feita (porque se trata, de facto, da parte de Mário Cardoso, de uma excepcional composição). Registe-se só os nomes de todos os actores do conjunto, porque todos eles são merecedores de uma palavra de louvor: Mário Cardoso, Fernando Louro, Ramos Carlinhas, Reis Leite, José Capela, Milly Sousa, Lurdes Miguel, Ivone Paraíso, João Godinho, Gonçalves Amaro, Jorge Guimarães, Maria Santiago, Mário Antão, Maria do Céu, Alice Guimarães, Carlos Ricardo, Duarte Miguel, Esperança Monteiro.

Em suma: um espectáculo muito importante e de grande nível artístico, pelo qual cumprimentamos calorosamente o «Proscenium» e o seu director.

JOAQUIM BENITE

VIDA MUSICAL

Concerto de guitarra clássica na Procuradoria dos Estudantes Ultramarinos

Amanhã, às 21 e 30, decorre, na Procuradoria dos Estudantes Ultramarinos (Avenida da República, 24, 6.º) um concerto de guitarra clássica, por elementos da Academia de Amadores de Música (Domínio de Morais, José Adalino de Sousa e Costa, Alexandre Ferreira, Cláudio de Bourgois e Javier Hinojosa) que executarão obras de Gaspar Sanz, J. S. Bach,

A. Modarra, L. Narváez, John Dowland, S. de Murcia, F. Campion, Sylvius L. Weiss, A. de Cabezón, A. Vivaldi e Gaspar Othmayr.

Maurice Suzan num concerto no Tivoli

Amanhã, às 18 e 30, decorre no Tivoli o oitavo concerto programado para a segunda série de manifestações musicais da temporada da Orquestra de Câmara Gulbenkian, que desta vez, será dirigida pelo maestro Maurice Suzan.

TEMPORADA DE 1968/69
15.º CONCERTO

ORQUESTRA DE CÂMARA GULBENKIAN

TIVOLI • AMANHÃ ÀS 18,30 HORAS

Maestro: MAURICE SUZAN
Solista: KJELL BÄCKRELUND, piano

PROGRAMA

Sinfonia n.º 14 em dó maior — Mozart
Concerto em si menor p.º piano e org. — J. S. Bach
Concerto n.º 2 op. 21 p.º piano e org. — Klaus Egg
Divertimento para orquestra de cordas — Béla Bartók

BILHETES A VENDA
50% de desconto a estudantes
Espectáculos para maiores de 16 anos

ISABEL WOLMAR TEVE ALTA ESTA TARDE

Foi na manhã do passado dia 28 de Fevereiro: nas proximidades da Avenida da República, uma viatura tentou embater no automóvel que Isabel Wolmar conduzia. A popular locutora bateu com a cabeça no para-brisas e ficou bastante abalada. Retomou, porém, o seu caminho: esteve toda a manhã em casa de praia e só perto da hora do almoço se sentiu nitidamente perturbada. Chamado o seu médico assistente (dr. Vieira de Castro) ele ordenou o pronto internamento de Isabel Wolmar. E o artista resultou a casa de saúde da C. V. P.

Uma comédia cerebral, mas ainda mal podendo andar (a perna direita tem dificuldade em pisar bem) Isabel Wolmar saiu da casa de saúde.

A recuperação vai prolongar-se por mais de um mês, período de tempo que os serviços estabeleceram como mínimo para o repouso da locutora, na sua residência, da Rua Cervantes. Depois, talvez seja necessária a intervenção de um ortopedista. O que, em termos de tempo, pode significar que a locutora estará afastada do pequeno «crânio» até meados de Maio.

«CARTAS NA MESA» NO VARIEDADES

No Teatro Variedades estreou-se ontem o segundo espectáculo da companhia que ali está a actuar. A peça levada à cena, «Cartas na mesa», de Buero Vallejo, é uma obra de indiscutível qualidade apesar da problemática aparentemente ultrapassada e da própria estrutura formal, concebida em moldes convencionais. Essa qualidade foi, aliás, servida com grande brilho pela lúcida encenação de Fernando Gusmão e pelo magnífico nível interpretativo de toda a companhia.

Em «Las cartas boca abajo» pode encontrar-se o mesmo clima dramático e os processos de análise que se observam, por exemplo, num Edward Albee, ou mesmo, em certa medida, num Tennessee Williams. Tal como grande parte do teatro norte-americano, a peça de Buero Vallejo, assentando em formas naturalistas, procura, através da investigação psicológica, ou melhor, da explanação de sentimentos, fixar uma realidade facilmente reconhecível. Não estamos, evidentemente, em face de um teatro social, em que as motivações e as consequências dos actos individuais apareçam, com toda a clareza, referidos a situações históricas precisas. Mas é visível que, por trás das relações entre as figuras que constituem os elementos do conflito, por trás do próprio conflito, estão sempre presentes as estruturas de uma organização social que pelos seus resultados a si própria se denuncia. Ou não terá o sentimento de frustração in-

dividual, à volta do qual gira toda a peça, implícito em si a condenação de um clima dilacerador que aos poucos vai transformando os seres em criaturas falhadas, sem sentido?

É, de facto, numa problemática da frustração que se desenham as figuras de Adélia e João (Eunice-Renato), um casal ligado por laços que excluem toda a autenticidade, as de «Anita» (Fernanda Alves), a mulher voluntariamente votada ao mutismo, presa com algum prazer e alguma crueldade à sua situação de vítima, ou do topa-a-tudo Mário, a quem um sentido talvez demasiado idealista e poético da vida arrastou para a decadência física e moral. Nesta decadência, que é de todas as personagens, muito embora tentem duas delas desesperadamente agarrar-se à vida, encontram-se, afinal, os estigmas de uma grande razão: as da falta de sentido de um tipo de existência em que os valores entraram completamente em crise e em que a esperança não é mais que um esforço quotidiano de sobrevivência. Como não sentir neste clima (a peça foi escrita em 1957) uma motivação histórica? Como não referir ao próprio Buero Vallejo, o antigo idealista, combatente da guerra civil, as feridas de um jogo demasiadamente dilacerante para poder ser considerado meramente gratuito, meramente dramático (no sentido burguês do termo)?

De qualquer modo, algum sentido simbólico existe na oposição entre este mundo cansado, vencido, e a juventude de «Vasco» (Morais e Castro), o filho do casal, que intenta libertar-se de problemas que já não são os seus, de causas mortas que deviam estar definitivamente enterradas. Tudo o que nos outros é um sonho sem esperança nele é um anseio legítimo, uma recusa viril. E aqui temos a dose de esperança, e de crença num mundo diferente, sem a qual quase se não justificaria a exposição do conflito.

Buero Vallejo um trabalho que se insere na linha das suas realizações anteriores, pela qualidade estética, pela lucidez dos processos utilizados, pelo sentido, raro entre nós, de uma linguagem teatral depurada e amadurecida. Recusando todos os excessos, procurando o rigoroso e o significativo, Gusmão encontra um estilo sem o qual a representação de «Cartas na Mesa» nunca poderia ter tido o sentido ideológico e o peso plástico que avultam no espectáculo.

Servindo-se de excelentes intérpretes, Gusmão diri-

giu-os com o cuidado de procurar um nivelamento, a inserção de todos no mesmo plano de interpretação, de forma a criar, assim, a unidade de intenções e de soluções sem a qual não existe obra válida em teatro. Eunice Muñoz tem, talvez, uma das maiores interpretações da sua grande carreira; Fernanda Alves compõe, de modo notável, servindo-se apenas de recursos de expressão corporal, uma personagem que não diz uma palavra, mas a quem se exige uma interioridade muito dificilmente traduzível; Paulo Renato

consegue dar à sua figura a dimensão humana e psicológica que ela requer, atingindo, especialmente no segundo acto, um plano de grande nível; Morais e Castro, num papel difícil, integra-se no conjunto, à altura dos seus colegas, compondo som sobriedade a figura do jovem; Fernando Gusmão, num papel que faz lembrar as suas interpretações em «João Gabriel Borkman» ou no «Tinteiro», oferece-nos uma bela composição.

O cenário de João Vieira serve o clima da peça.

JOAQUIM BENITE

Marques Gastão delegado em Portugal da Academia da Mediterrâneo

O prof. Giovanni Alfano de Montecarlo, presidente da Academia da Mediterrâneo, nomeou a 1.ª de Junho a senhor Marques Gastão, delegado nacional para Portugal desta Academia, com a missão de organizar a delegação nacional portuguesa, a fim de que seja criada o Instituto Português para a Mediterrâneo, com delegações regionais em províncias portuguesas, incluindo as de Ultramar.

A Academia da Mediterrâneo, com o título de Instituto Internacional de Alta Cultura, está actualmente reconhecida pelo UNESCO.

VILA FRANCA DE XIRA

Domingo, 11, às 16 horas

GRANDIOSA GARRAÍADA DOS ESTUDANTES DE MEDICINA VETERINÁRIA

esta África e também a nossa. Visite-a!

Inscruva-se nas excursões dos organizadores:

LISBOA

SEU CONDOMÍNIO, LINDO, 12.121, Rua do Casal de São João, 24. Telef. 339.625-339.410.

SEU CONDOMÍNIO, BELLO, 12.121, Praça Duque de Terceira, 4. Telef. 332.771-332.550.

SEU CONDOMÍNIO, BELLO, 12.121, Praça Duque de Terceira, 20-26. Telef. 361.551-361.552.

PORTO

SEU CONDOMÍNIO, BELLO, 12.121, Rua Infante D. Henrique, 19. Telef. 218.027-218.028.

SEU CONDOMÍNIO, BELLO, 12.121, Rua Infante D. Henrique, 23-17. Telef. 218.028-218.029.

ou na sua Agência de Viagens



CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EMISSÃO DE OBRIGAÇÕES 5 3/4%

para empréstimo de 200.000\$000

200.000 OBRIGAÇÕES DO VALOR NOMINAL DE 1000\$00

Decreto-Lei n.º 48.885 de 1 de Março de 1969. Despacho ministerial de 20 de Março de 1969. Deliberação da C. M. L. de 1 de Abril de 1969

Preço de subscrição	1000\$00
Vida máxima	12 anos
Vida média	8 anos aproximadamente
Vantagens fiscais	Isenção total do imposto de capitais e do imposto complementar
Juro líquido	5,5 % aproximadamente
Vencimento de juros	15 de Abril e 15 de Outubro
Pagamento do 1.º cupão	15 de Outubro de 1969
Amortizações	Ano por ano em 20 sorteios semestrais a/ início em 15 de Outubro de 1971

Estas obrigações estão equiparadas a títulos da Dívida Pública Portuguesa para as Companhias de Seguros e a sua admissão à cotação nas Bolsas de Lisboa e Porto será requerida até à data do pagamento do 1.º cupão.

Subscrição pública, sujeita a rateio, de 7 a 15 de Abril nos seguintes estabelecimentos de crédito que a tomarão firme

- | | |
|---|--------------------------------------|
| Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência | Banco Nacional Ultramarino |
| Montepio Geral | Banco Pinto & Sotto Mayor |
| Banco da Agricultura | Banco Português de Atlântico |
| Banco do Alentejo | Banco Totta-Allança |
| Banco de Angola | Bank of London & South America, Ltd. |
| Banco Borges & Irmão | Credit Franco-Portugais |
| Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa | Augustine Belo & C.º |
| Banco Figueiras & Burnay | Françada, Neresis & C.º |
| Banco Lisboa & Açores | Pinto de Magalhães — Banqueiros |

«MÃOS À OBRA», no Maria Vitória

Na linha de «Pão, pão, queijo, queijo» e de «Grande poeta é o Zé», a revista estreada ontem, com grande êxito, no Maria Vitória, é uma realização em que sobressai a crítica social, expressa em moldes satíricos que constituem o próprio fulcro da melhor tradição revisteira. Não quer isto dizer, porém, e ainda bem que assim é, que «Mãos à obra» se limite a um texto com graça e com a (possível) força de intervenção irreverente e crítica. Na verdade, ela possui também os elementos auditivos e visuais que são necessários para a criação de um espectáculo. Uma montagem plásticamente atraente não perturba um «poema», antes o serve e sublinha, desde que sejam respeitadas, como acontece na nova realização de Giuseppe Bastos e Vasco Morgado, as doses em que os diversos recursos do espectáculo devem ser utilizados e a oportunidade do seu uso.

Não estão criadas — todos o sabem — as condições ideais para a autêntica revitalização da revista portuguesa, in d i s s o l u v e l e ligada à própria revitalização das suas estruturas internas e, sobretudo, das estruturas exteriores, onde se radicam as suas mais objectivas e legítimas motivações. Desde as primeiras revistas de que há notícia, as de Manuel Ronsado, representadas em Lisboa, em meados do século XIX (não consideremos, porque isso nos levaria muito longe, o «Auto da Barca do Inferno», o «Auto da Feira», ou outras obras de

Gil Vicente, onde a revista portuguesa mergulha, provavelmente, o que hoje podemos designar pela sua tradição erudita...) muita coisa de bom e de mau se foi amontoando no espectáculo revisteiro. Uma recondução desta forma muito particular e sem dúvida nacional de teatro (porque a revista é, potencialmente, bom teatro) ao seu plano mais válido e significante reclamaria, é evidente, a depuração de tudo o que, ao longo dos tempos a abastardou e a falseou, transformando-a, de espectáculo popular influente e positivo que foi, num produto de baixa extracção, fabricado ao sabor do gosto mais grosseiro e mais alienado.

Tal empresa é, para já, impossível. Assim, quando se diz que uma revista feita em 1969 se integra na melhor tradição portuguesa, não significa, tal afirmação, que essa tradição esteja finalmente salva. Quer dizer-se, isso sim, que a linha estrutural do espectáculo aponta esse caminho e que, no relativismo em que temos forçosamente de situar, para sermos justos e realistas, os acontecimentos artísticos portugueses, essa revista se diferencia substancialmente de outras realizações em que o abastardamento (o maior de todos, que ultimamente está a ser saudavelmente combatido, é o «show» musical, com que se tentou suprir a impossibilidade de conduzir a revista ao plano do teatro válido) era mais notório e violento.

Para se elogiar uma revista pelo facto de ela insistir numa fórmula que nos parece correcta é necessário, naturalmente, esquecer alguns defeitos graves e algumas concessões ao mau gosto que ela ainda comporte. Mas seria asneira pretensiosa aplicar um critério judicativo absoluto a um fenómeno que se desenrola dentro de um espaço limitado por coordenadas que definem todos os sectores que solicitam a nossa análise e o nosso estudo.

E posta assim a questão — há que pô-la com a clareza possível — devemos dizer que «Mãos à obra» é uma boa revista, que intenta, louvavelmente, reintegrar-se numa linha quase perdida. José Viana, Anibal Nazaré e Eugénio Salvador — os autores do poema — não perderam oportunidade de aproveitar satíricamente algum material que é susceptível desse aproveitamento. Numeros como o do «Consultório», em que José Viana interpreta magistralmente a figura do Zé Povinho, apresentando as suas queixas ao médico no qual apenas finge depositar algumas esperanças, revelam toda uma preocupação e impõem o espectáculo. Ao longo de todo o «poema», aliás, sucedem-se as alusões bem humoradas, as frases de visível intencionalidade, as críticas superficiais que são o reflexo de um sentir amargo e mais profundo.

A oportuna referência a acontecimentos que suscitaram um grande interesse popular está patente, igualmente, no numero dos «Apaixonados do Festival», em que se comentam, saborosamente, as peripécias dos festivais televisivos,

com um tal poder de comunicação que o publico exigiu a repetição do «sketch» por duas vezes. A sátira e a crítica sociais aparecem também nalguns casos mais veladamente que noutros, em numeros como «O moiro», «O realizador de TV», «Brandoa», «Cégada», «Turismo», etc. É verdade que não são muitos os sectores atingidos pela crítica (a Televisão, como habitualmente, é a mais maltratada) mas não nos esqueçamos do relativismo de que falámos atrás.

Evidentemente que nem todos os numeros revestem o mesmo interesse. «Os pauliteiros», que Mariema tenta defender da maneira possível, ou «Todo o mundo dança o vira», cujo mau gosto afecta Helena Cardinali, a sua intérprete, são exemplos de um estilo ultrapassado, gratuito, e falsamente espectacular que conviria esquecer.

José Viana e Eugénio Salvador — dois actores totalmente diferentes nos processos usados, e que, por isso mesmo se completam — são dois artistas fora de série, a quem é devido em indiscutível primeiro lugar o êxito da interpretação. A forma como José Viana compõe, com matizes subtils que vão do sorriso maroto ao quelxume quase violento, a figura do «Zé Povinho», a maneira como cria o «Moiro», o modo tão pessoal que imprime a todas as suas intervenções, impõe-no como um grande actor, que de trabalho para trabalho, mais se vai definindo e formando. Salvador, inimitável «compère», dominando uma técnica de representação «clownesca» na qual não tem rivais, é um verdadeiro inventor de ritmos, de movimento, de alegria, com as suas expressões maliciosas ou ingénuas, a sua vida que enche todo o palco e se comunica aos outros intérpretes e ao publico.

Mariema, com um estilo tão pessoal, empresta uma grande vivacidade a vários numeros, impondo-se sobretudo na «Apaixonada do Festival», que interpreta com graça e malícia. Max e Anita Guerreiro insistem num estilo popular, que o publico recebe sempre da melhor forma. Anita tem, em «Viuva» e na «Desfolhada» duas interpretações de muito bom nível. Dora Leal continua a acusar os progressos que lhe vimos notando de espectáculo para espectáculo. Merecem referência especial as suas intervenções na «Criada», um numero feito com muito espirito e com perfeita identificação do tipo da personagem, e em «Viuva». Vitor Mendes, aproveitando bem o seu fisico, provoca o riso facilmente. Helena Cardinali, uma estreada, revela algumas qualidades, mas não esconde ainda a sua incipiência. Vitor Espadinha saiu-se muito bem nesta estreia que tanto a ajudou, mostrando verdadeiras qualidades revisteiras, sobretudo no pequeno mas bem delineado apontamento do «groom» do hotel. Ainda uma referência para Sara Rafael, que dentro de algum tempo — parece-nos — será um novo valor da revista. Mariano Franco cumpre, com sobriedade, o que lhe foi exigido.

Os cenários de Mário

Alberto (de quem são também os figurinos, fantasiosos e de bonito efeito), Hernani, Rui Martins e Hernani Lopes são do melhor que temos visto nos ultimos tempos nos palcos da revista, sobretudo os do final do 1.º acto, exuberantes, quase faustosos, o do final do 2.º acto, ou o do pequeno apontamento de «Candida e Jeremias», um saboroso episódio que Salvador e Tania Mota interpretam com muita frescura.

May Avril, com Alberto Graziano, tem uma presença agradável que não quebra a linha do espectáculo.

JOAQUIM BENITE



RICARD SALVAT

Ricard Salvat e o C. I. T. A. C. apresentam no dia 21 em Lisboa «Castelao e a sua época»

COIMBRA, 14 — É já no próximo sábado, em Santiago, que o Grupo de Investigações Teatrais da Academia de Coimbra, agora dirigido pelo jovem e talentado mestre de teatro Ricardo Salvat, estreia a sua produção «Castelao e a sua época». No domingo, o C. I. T. A. C. apresentará um espectáculo de teatro em Santiago de Compostela, a 20 e 21, e o C. I. T. A. C. actuará em Coimbra, no dia seguinte, pelo mesmo teatro.

Na realização de «Castelao e a sua época» participaram todos os elementos do C. I. T. A. C., muitos dos quais actuaram, aliás, em uma obra de teatro para que a estreia se pudesse fazer apressada, após breves ensaios, num modesto trabalho interno, textos de Brecht. A produção desta obra importante para o momento do C. I. T. A. C.

T. A. C., Genova um dos seus responsáveis.

— A directiva que preside e programação da nossa actividade para este ano lectivo foi a de implementar um amplo trabalho interno, de carácter formativo, que abrangesse não só a nossa actividade do C. I. T. A. C., mas também as actividades em geral, e a de levar ao conhecimento da nossa actividade interna.

— O conselho de Ricardo Salvat foi variado e muito animado.

— Com a ajuda de Salvat, os nossos objectivos começaram a ser alcançados. Assim, organizamos um curso de teatro aberto a todos os estudantes e a todos os elementos do grupo de teatro amador de Coimbra. Foi uma realização que obteve grande êxito na Academia, pela sua variedade, variedade e nível de trabalho e o interesse e a afectividade com que fomos capazes de nos dedicar a este curso em vista de duas ideias principais, que incidiram sobre a obra «Castelao e a sua época», a qual é o núcleo do teatro desde 1920 até aos nossos dias e se prolongaram por quatro meses.

— E Salvat, não ficou por aí.

— Salvat dirige ainda, dentro da mesma linha, a produção de «Castelao e a sua época» para os elementos do C. I. T. A. C. Para a realização da obra «Teatro e época», durante

Desafio amigável da Académica de Coimbra em Macedo de Cavaleiros

MACEDO DE CAVALEIROS, 14 — No campo de futebol desta vila, efectuou-se ontem um desafio amigável que atraiu muito publico e de interesse de maior interesse.

A Associação Académica de Coimbra derrotou o Sport Clube de Miranda. O resultado foi de 0-2. O desafio deu-se no meio da melhor correcção desportiva.

As estreias de hoje

No Tivoli

Tivoli em Portugal — «A Pátria»

Tivoli Original — «La Fátima»

Produção — Franco

Realização — Jacques Desprez

Intérpretes — Alain Delon, Nancy Sussman, Maurice Birbaud e Jane Birkin

Género — Aventura

Distribuição — Excelsior Triplex

Preços — Ordinários

Classificação — 17 anos

ABC

As 24h + 23 horas + 1 ano

7 ANOS

TEL. 24 47 45

DOMINGOS

ADULTOS de 10 h.



Henriqueta Moraes

Elas é que sabem

REVISTA com Irene Mira, Nuno Espírito, Margarida Mota, José de Castro, Natália José, M. Chaves, Carlos Gonçalves e Tony de Menezes

BAILADO EM S. CARLOS

Terminada a série de apresentações de Ballet da Opera Nacional de Hannover, que foi grande êxito alcançado, a temporada de bailado do Teatro Nacional de S. Carlos prossegue na segunda-feira, de 21 e 22, com o primeiro espectáculo de já famoso companhia moderna francesa, o Ballet Théâtre Contemporain, companhia recentemente formada na Maison de la Culture de Amiens, uma que se insere como uma das mais grandes expressões da cultura coreográfica europeia.

Desta companhia fazem parte grandes nomes de prestigio internacional, como Jean Sablès, Jean Guillemin, Colette Marchand, Martine Farnain, James Urca e ainda, como coreógrafa, a grande bailarina francesa Madeline Papi e Amalia Chacón, que acabam de chegar. Kreslina, Koldanova, Lina Latorre, etc.

A bilheteira do S. Carlos continua aberta até ao dia seguinte, das 10 às 12 horas.

BAILADO EM S. CARLOS

Terminada a série de apresentações de Ballet da Opera Nacional de Hannover, que foi grande êxito alcançado, a temporada de bailado do Teatro Nacional de S. Carlos prossegue na segunda-feira, de 21 e 22, com o primeiro espectáculo de já famoso companhia moderna francesa, o Ballet Théâtre Contemporain, companhia recentemente formada na Maison de la Culture de Amiens, uma que se insere como uma das mais grandes expressões da cultura coreográfica europeia.

Desta companhia fazem parte grandes nomes de prestigio internacional, como Jean Sablès, Jean Guillemin, Colette Marchand, Martine Farnain, James Urca e ainda, como coreógrafa, a grande bailarina francesa Madeline Papi e Amalia Chacón, que acabam de chegar. Kreslina, Koldanova, Lina Latorre, etc.

A bilheteira do S. Carlos continua aberta até ao dia seguinte, das 10 às 12 horas.

Expansão do uso dos cartões de crédito

Está em plena expansão, em todo o mundo, o uso de cartões de crédito que permite a qualquer pessoa em qualquer lugar comprar e pagar de todos os gêneros e pagar um mês ou três meses mais tarde, com o que se ganha também não feitos os no estrangeiro. O cliente apenas precisa de um cartão e uma linha de crédito, que lhe dá o acesso a todos os estabelecimentos que aceitam o cartão.

A mais importante organização da Europa (Banca Internacional), cuja sede é em Bruxelas e que é representada em Portugal pela Fininvest (Sociedade de Financiamentos, S. A. S. L.), fez recentemente um acordo com a organização americana de cartões de crédito, a Interbank, segundo a qual os dois

Está em plena expansão, em todo o mundo, o uso de cartões de crédito que permite a qualquer pessoa em qualquer lugar comprar e pagar de todos os gêneros e pagar um mês ou três meses mais tarde, com o que se ganha também não feitos os no estrangeiro. O cliente apenas precisa de um cartão e uma linha de crédito, que lhe dá o acesso a todos os estabelecimentos que aceitam o cartão.

A mais importante organização da Europa (Banca Internacional), cuja sede é em Bruxelas e que é representada em Portugal pela Fininvest (Sociedade de Financiamentos, S. A. S. L.), fez recentemente um acordo com a organização americana de cartões de crédito, a Interbank, segundo a qual os dois

DIÁRIO DE LISBOA 18 ABRIL 1969

«ANATOMIA DE UMA HISTÓRIA DE AMOR» NO VASCO SANTANA

Pelas coordenadas ideológicas que de certo modo o definem, o espectáculo estreado ontem no Vasco Santana, pela Companhia Teatro Estúdio de Lisboa, merece algumas considerações preliminares, fora do que se convencionou chamar crítica — isto é, fora da mera apreciação dos valores cénicos de forma e conteúdo.

«Anatomia de uma história de amor» chamou Luzia Maria Martins ao segundo original seu que o T. E. L. apresenta. Em «Bocage, alma sem mundo», a encenadora deixava perceber as suas afinidades com o teatro narrativo — de que se reclama expressamente, desta vez, no texto que escreveu para o programa. Esta nova realização segue, na realidade, a linha de construção de «Bocage, alma sem mundo». Servindo-se de textos de William Shakespeare, a directora do T. E. L. concebeu um espectáculo no qual se conta sumariamente o drama «Romeu e Julieta», referindo-o a situações históricas presentes e tentando extrair dele um significado útil no sentido ético e imediato. Com esse fim são exibidos, antes dos actores darem entrada no palco, filmes que documentam diversos aspectos da guerra do Vietnam e manifestações de jovens contra essa guerra. Fica desde o início patente a condenação do belicismo, como forma de resolução das questões humanas. É claro que esta alusão está directamente relacionada com a luta mortal que opõe «Montéquios» e «Capuletos», a qual está na origem do drama dos dois apaixonados de Shakespeare. Sumariamente, portanto, Luzia Maria Martins quer-nos dizer que o amor é preferível à guerra: «Make love, not war», como se diz num «slogan» bastante em voga.

O sistema adoptado por Luzia Martins não é novo, evidentemente, e tem dado mesmo origem a diversos espectáculos de grande eficácia. Um deles, por exemplo, entre os que recentemente têm sido feitas,

a peça «Liberdade, liberdade», de Flávio Rangel e Millor Fernandes, a qual, reunindo também textos de vários grandes dramaturgos, constituiu no Brasil um grande êxito de comunicação com um vasto público. Teatro deste tipo está, aliás, a ser praticado na Europa por companhias experimentais e influencia até profundamente dramaturgos como Peter Weiss ou Armand Gatti.

Seria preciso remontar a 1930 para encontrar no Teatro Piscator de Berlim as origens deste processo de aproveitamento de um dispositivo cénico e das suas possibilidades para uma acção pedagógica directa sobre um grande público popular. Esse processo (para o qual, aliás, o autor de «Um homem é um homem» deu também, com o seu «teatro épico», um contributo decisivo) justifica-se, assim, não em face da necessidade de criar novas fórmulas estéticas para o serviço do teatro, mas em função das necessidades de consumo de uma poderosa parcela da sociedade para o serviço da qual, e com prejuízo até da sua marcha no plano artístico, o teatro deveria passar. Justifica-se assim o teatro didáctico piscatoriano pelo objectivo indiscutível de chegar mais directamente e mais eficientemente ao público que o grande encenador queria atingir.

Ora, que se passa com «Anatomia de uma história de amor», de Luzia Martins? É inegável que o espectáculo possui muitas qualidades, no capítulo da temática que aborda. A sua realização cénica não lhe permitirá, porém, atingir a totalidade dos seus objectivos.

É isto porque Luzia Martins só aparentemente construiu um espectáculo de

divulgação. Aproveitando as linhas mestras de um processo que, tomado apenas na sua estrutura, nenhum significado tem, Luzia não as soube encher dos efeitos necessários à compreensão da sua mensagem por um público popular. Para lá de certos deslizes literários (uma das personagens, por exemplo, diz a certa altura «voltarei a renová-las») o texto possui ainda um tom grandiloquente que em nada se coaduna com os objectivos do teatro ao qual Luzia Martins se liga: quem esperaria encontrar numa realização destas palavras como «empatia»?

Depois, o espectáculo está cheio de tempos mortos, de grandes silêncios que o tornam monótono e arrastado, quase penoso de seguir. Contrariamente ao que esperávamos, após as imagens cinematográficas da guerra, não é na luta entre as duas famílias rivais de Verona, de que certamente se extrairá um valor simbólico actual, que recai o peso da encenação, mas sim na tradicional ligação romântica de Romeu e Julieta.

É claro que as constantes intervenções de comentário de crítica ao acontecimento, algumas delas situando até personagens no seu contexto histórico, compõem, muitas vezes a falta de audácia manifestada na narração, própria, aliás, do drama de Shakespeare.

As boas intenções, porém, não bastam para construir um espectáculo de teatro. E no resto, falha a encenação. Não se compreende, por exemplo, como utilizando Luzia Martins elementos cenográficos não naturalistas tivesse tido a preocupação naturalista de dar com toda a fidelidade a dança durante a festa em

casa dos Capuletos. É uma cena lentíssima, que podia facilmente, e sem prejuízo nenhum da narrativa, ser substituída por um ritmo mais rápido e menos demorado. O tempo que demoram essa cena e a outra em que os vagabundos dançam ao som de palmas é, aliás, demasiadamente longo em relação ao seu significado no espectáculo. E se em teatro as significações se medem por espaço e tempo, estar atento a essa medida para salvar o indispensável equilíbrio estético, deverá ser uma das primeiras funções do encenador.

O nível interpretativo da companhia é, no geral, bastante baixo. Além de Helena Félix, Joaquim Rosa, Jorge Sousa Costa, Vasco Lima Couto e Luís Alberto, o T. E. L. conta agora com novos elementos: Isabel de Castro, uma actriz já com muitas provas dadas; Margarida Mauperrin, que faz uma «Julieta» que nem sequer perpassou no palco; Filipe La Féria, um «Romeu», em todo o caso mais aceitável; e José Manuel Osório, um estreado, que mostrou ter uma boa voz, utilizada, embora, numa má dicção.

Os cenários de Helena Reis são simples apontamentos que poderiam estar certos integrados num outro conjunto. Assim, enchem quase completamente o palco (sempre limitado pelo ciclorama, o que não permite a criação de zonas diversas de luz, outro factor que não pode deixar de contribuir para a linearidade do espectáculo), perdendo muito, portanto, da sua funcionalidade estética.

Apesar das grandes reservas que pomos à nova realização do T. E. L., devemos dizer que, ideologicamente, se trata de um espectáculo digno, que merece, por essa razão, atendo ao momento actual do teatro no nosso País, os nossos aplausos.

JOAQUIM BENITE



Com o caso de barbearias, Jarkko Antikainen é finlandês nascido em Helsínquia, a 3 de Agosto de 1936. Com sete anos de idade, Jarkko tocava violão, flauta e piano. Pertence a um caso de cantores infantis e, já no adolescência, começou a desenhá-los para o teatro e, simultaneamente, a escrever guilões radiotelevisivos. Por um lado, Laura Montale (nascida a 21 de Agosto de 1947) estudou música e actuação como concertista. Em 1964, Jarkko e Laura reencontram-se e sucederam-se pelo campo da música. Com sete discos gravados, a duo esteve um dia do lado em Paris, no Eurofestival da canção.

«ÇA C'EST L'AMOUR» COM MADALENA IGLÉSIAS NO CASINO ESTORIL

No intervalo de uma década, as melhores vozes da música portuguesa em Portugal, Madalena Iglésias arrastou a todos para se dedicar à modalidade artística que a distinguiu: cantar pessoalmente em público. Desta vez a levou consigo para o Casino Estoril, onde a sua popular concubina aparece como solista de um «show» em que o grupo francês é uma produção de Pierre Franck, já apresentada na Broadway com um título que, aqui, poderia aplicar-se a toda a espectáculo — «Ça c'est l'amour», que assim se cria com Madalena.

Sua bonita voz começa a soar, na voz de concertista portuguesa, um pouco impetuosa. Não é «Tu de quem és, «Querer é vencer», «Nas acoradas», «Eu vou contigo», «Machos e «Eu vou contigo», estas duas últimas cantadas, respectivamente, em espanhol e em italiano. Tudo singelo e Madalena Iglésias é simpática, mas haverá

de dizeres que as qualidades vocais da artista, já de modo conhecido, são, igualmente, reconhecidas pelas interpretações que todas as noites frequentam o Casino.

Por sua vez, «Ça c'est l'amour» não demorou de nível artístico e que os habituais o Casino Estoril, onde a sua popular concubina aparece como solista de um «show» em que o grupo francês é uma produção de Pierre Franck, já apresentada na Broadway com um título que, aqui, poderia aplicar-se a toda a espectáculo — «Ça c'est l'amour», que assim se cria com Madalena.

Tudo o espectáculo é muito bem acompanhado pela Orquestra de Pierre Franck, que pela noite fora tem muitos para dizer, reconhecidos em o conjunto de Margarida Gouveia e o Jarkko Antikainen.

Para os frequentadores do «Wonder-Bar», que podem ver estas as cantoras de 22 anos, há ainda a presença da cantora Nadja Nadava.

Festival de Folclore da Primavera

Por iniciativa da empresa Via Seráfico Gonçalves, realizou-se, depois de amanhã à noite, no Colégio dos Boveres, o II Festival de Folclore da Primavera.

Actuaram os ranchos folclóricos de Pevidém (Guimarães); Santa Marta da Regenda (Santo Tirce); Tipico de Pombal; Cantarilhas de Barra (Matos); Casa do Povo de Alentejo; de Alentejo; Cantarilhas de Cacia; de Cortes; de Alentejo; e o Grupo Infantil de Vila Franca de Xira.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua celebração em Sintra os comboios eléctricos.

O CITROËN ID20 DE SÉRIE CONDUZIDO POR ROMÃOZINHO-CANAS VENCEDORES ABSOLUTOS DA

XX VOLTA A PORTUGAL EM AUTOMÓVEL



ESTAVA EQUIPADO COM UM

AUTO-RADIO PHILIPS

A MARCA QUE A CITROËN ESCOLHEU PARA EQUIPAR OS SEUS AUTOMÓVEIS

«VOLPONE», DE BEN JONSON PELOS ESTUDANTES DE DIREITO

• Um espectáculo de elevado nível

Aguardado com grande expectativa, estreou-se ontem no Politeama o espectáculo deste ano do Grupo Cénico da Associação de Estudantes da Faculdade de Direito de Lisboa: «Volpone», a comédia de Ben Jonson que Adolfo Gutkin, o encenador argentino que actualmente dirige aquele Grupo, adaptou numa original realização.

Seria pouco dizer que se trata de um bom trabalho. Estamos, de facto, em presença de um óptimo espectáculo, cujo nível artístico denuncia, constantemente, a capacidade criativa do seu realizador.

Abandonando as linhas tradicionais de construção da comédia de caracteres típicos do teatro elisabetino, Gutkin engendrou, com base no texto de Ben Jonson, uma montagem cénica que se define pela utilização total dos recursos do teatro. Homem de teatro integral (actor, encenador, autor, cenógrafo), como o queria Gordon Craig e como o foram Brecht ou Piscator, Adolfo Gutkin deixa perceber claramente a linha fundamental de inserção das suas propostas ideológicas e estéticas em relação ao espectáculo. Essa linha é a que, reclamando para o encenador uma liberdade só limitada pelo rigor na própria definição do seu sentido, supõe a utilização do texto como suporte de uma visão criadora e imaginativa, que interpretando-o e mantendo-se fiel aos seus valores primordiais, o faz através do aproveitamento integral das suas possibilidades de tradução cénica.

Para que esta posição estética-ideológica, próxima de algumas outras em relação às quais se acendem constantes polémicas, chegasse a ser discutível, seria preciso que ela tivesse, no trabalho de Adolfo Gutkin, os sinais do radicalismo que alimenta as correntes artísticas anti-realistas. Tal, porém, não sucede. «Volpone» é na realidade um espectáculo em que se encontram diversas tendências estéticas modernas, desde o expressionismo ao realismo crítico de raiz brechtiana. Contrariamente ao que é hábito, esse encontro não se verifica aqui gratuitamente nem o seu resultado é a confusão formal e conceptual que tantas vezes se observa. Todos esses contributos estéticos estão, de facto, sistematizados num conjunto de efeitos plásticos cujo objectivo é evidente: uma linguagem que actue directamente sobre o espectador, despertando-o para a acção que se desenrola no palco e solicitando-o para o estabelecimento das relações existentes com a sua época, a sua vida, a sua sociedade. Formam essa linguagem, isso sim, todos os recursos de expressão ao alcance do

teatro, desde os que visam o violento choque ou a exaltada adesão do espectador áqueles que apelam para a sua compreensão ao nível do racional.

A recriação do texto de Ben Jonson serviu a Gutkin para acentuar, utilizando um formulário moderno, os valores que, menos trululentamente embora, estavam já contidos na obra do autor de «O alquimista».



Uma cena de «Volpone»

Não se serviu, portanto, o encenador de um texto como mera plataforma de construção de um espectáculo plásticamente belo, atraente ou chocante. Ao contrário, todos os efeitos plásticos utilizados foram concebidos no sentido de servir o texto, isto é, de se extrair dele e de comunicar com eficácia as suas principais linhas de força. Cénicamente este objectivo foi servido por vários processos, como a criação de um coro que actua de forma dialéctica em relação à intriga, comentando criticamente (sempre de modo satírico) o procedimento das personagens, o tom «distanciado» imposto à interpretação, a utilização do material humano como facto integrante da cena, definindo limites de zonas, ou como símbolos interpretativos da situação das personagens (o caso dos cães que vigiam «Célia» e impedem que alguém dela se aproxime), a riqueza da expressão corporal e de efeitos histrionicos que robustecem o tom da farsa, as irreverentes falas claramente dirigidas ao público ou ainda os apontamentos cenográficos, que funcionam como elementos complementares significativos e não como simples indicadores de local, no estilo naturalista.

A lúcida parábola sobre o sentido do dinheiro numa

sociedade baseada no individualismo ganha, assim, uma força e uma actualidade que não poderiam ser dadas por uma encenação tradicional. O tom de farsa serve maravilhosamente a este tipo de comédia de caracteres que floresceu no século XVII e que tem, nomeadamente, em Molière, um dos seus grandes cultores. Nesse tom, o intemporal diálogo «Volpone»

dos os elementos do Grupo Cénico da Associação de Estudantes de Direito que nele colaboraram. António Curvelo e Santos Silva compõem muito bem o par central da intriga famosa: o primeiro é o velho «Volpone», astucioso e lascivo, o orador do dinheiro, tocado por uma filosofia da vida que contém em si uma intuição profunda do sentido da orgia, acompanhada por um visível desprezo das regras humanas; o segundo é o subserviente, miserável, parasita «Mosca», que espreita apenas a sua oportunidade para ascender à posição d'aquele que se vê obrigado a lisonjear e contra o qual, subtilmente, vai tecendo também a sua intriga. Luís F. Rocha cria um «Corvino» hediondo e ridículo a um tempo, servindo-se de uma surpreendente gama de recursos de expressão. José Gomes e F. Brás interpretam caricaturalmente o velho «Corbaccio» e o blandicioso advogado «Vulture», caracterizando muito bem as personagens. Eduarda Pimenta é uma espantosa «Célia», cheia de primitivismo, de pânico perante a dura prova a que seu marido a entrega, mas também excepcionalmente expressiva na forma como traduz o humor mordaz que constitui o contraponto da sua figura. António Ramalho é um ardente capitão «Bonnario», juvenil e apaixonado, dado em inimitável tom grandiloquente. Luís Filipe Coelho e Aires Amaral são dois membros do Senado, de voz pastosa e artificial, vigilantes na recolha de fundos e curvando-se sempre às pessoas de qualidade que perante eles comparecem. Alexandre Caldas, Alexandrino Rainha, António Dias, Dina Nunes, João Magalhães, José Abrantes, José Rodrigues, Luís Gamito, Luís Varela, Perpétua Gonçalves, Proença de Magalhães e Jordão são os restantes elementos de um elenco muito homogéneo, inteligente e verdadeiramente talentoso.

Uma referência ainda para a luz crua, utilizada com rigor, e para os cenários de Gutkin, que Mário Alberto executou com o sentido de valores plásticos que o tornaram um dos nossos melhores cenógrafos.

Em suma: um espectáculo invulgar que o leitor não deve perder.

JOAQUIM BENITE

«QUANDO ELA SE DESPIU...» em últimas representações

«Quando ela se despiu...» tem origem de Claude Maglier, que continua a registar grande êxito, agora que se encontra em última representação. A fidelidade do público junto das bilheteiras do Monumental é enorme, pois não querem perder uma hora da sua disposição.

De facto, trata-se de um espectáculo engrandecido, com situações perigosas de

crítica e de audácia que mantém o espectador em permanente gargalhada.

São responsáveis pelo grande êxito, Claude e Flávia, nas personagens, ao lado de Carlos Coelho e, ainda, Carmem Mendes, Teta, Linda Silva, Aida Pinto e Alice Carla.

A encenação pertence a Manuel Santos Corvelo e as cenas são do artista português Lúcio Botelho Santos.

«VIAJE CONNOSCO»



VAI VIAJAR?

AO SEU SERVIÇO

A EXPERIÊNCIA DOS

NOSSOS SERVIÇOS

Queremos dar-lhe todo o apoio na sua viagem.

Assim, criámos para si um serviço especializado em informações bancárias e comerciais:

E mais: esse apoio acompanhá-lo-á mesmo no estrangeiro.

EXISTIMOS PARA O SERVIR E AGRADECIMOS A SUA VISITA!

BANCO FONSECAS & BURNAY
AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 4 - LISBOA

CASAMENTO

Senhora viúva de mais idade algum rendimento sem filhos, casa posta des. cavalheiro culto. Dá e pede informações. Res. poste o este jornal ao n.º 263.

DIÁRIO DE LISBOA 25 ABRIL 1969

«A ESFERA FACETADA» NO TEATRO CAPITÓLIO

Inclassificável: único termo que encontramos para sinteticamente definir o espectáculo ontem estreado no teatro Capitólio pela companhia Rey Colaço. Nem o texto, destituído de qualquer sentido ou significado — destituído mesmo de qualquer parentesco com o teatro — nem qualquer factor marginal á qualidade da obra justificam uma alusão extensa a uma das mais dolorosas experiências por que nos últimos tempos temos passado.

Lamentavelmente encontram-se implicados na montagem de «A esfera facetada», uma «peça» de Nuno Moniz Pereira, coronel do

Estado-Maior, como informa o programa, nomes com bastante responsabilidade no panorama do teatro português. Lamentavelmente é esse original falho de toda a qualidade levado á cena pela principal companhia de teatro nacional. Como é isto possível? Como é possível que, estando por representar tantos textos de tantos autores portugueses modernos se consinta na realização de um espectáculo tão absolutamente confrangedor e irresponsável? Acaço é desta forma que o agrupamento que beneficia no nosso País dos maiores subsídios pensa defender o teatro português? Merecerá o nosso público, vingança tão medonha e tão cruel?

guagem precisa dos relatórios do Exército, de que Nuno Moniz Pereira se afirma ter servido para a construção da peça, deve querer dizer (pois não pode ser defendido de qualquer maneira, em alguma altura. A encenação de Rogério Paulo é, também muito lamentavelmente, impotente para transformar o mau em bom. Nem os cenários de João Vieira, nem as luzes, nem todos os efeitos visuais utilizados arbitrariamente com o fim de mascarar a ausência total de conteúdo desta singular «obra teatral» podiam ter qualquer eficiência. É doloroso verificar que um encenador de qualidade como Rogério Paulo foi utilizado nesta absurda empresa de inventar um «dramaturgo» que «nada percebe de teatro».

«FOGO DE VISTA» NA ESTUFA FRIA

Para os espectáculos na Estufa Fria, com a peça «Fogo de Vista», de Ramada Curto, que se prolongam até ao fim do mês, a distribuição gratuita de bilhetes faz-se nos Restauradores, das 18 às 20 horas, e á entrada daquele recinto, a partir das 21 horas.

As representações estão incluídas na temporada cultural de iniciativa do Município e a cargo da Companhia Popular de Teatro, sob a direcção do actor Augusto de Figueiredo. A peça é para maiores de 12 anos.

Porque não costumamos falar de um espectáculo neste tom, e porque pensamos que todas as obras são passíveis de uma análise, sentim-nos no dever de explicar esta posição: é que, de facto, nada do que se passou no Capitólio tem de ver com teatro. Trata-se de uma grande, uma descarada mistificação.

O coronel Moniz Pereira afirmou numa entrevista que nada percebia de teatro: é verdade. Só é pena que, então, tenha ousado tratar de coisas de que nada percebe. Nada da pobreza desta «Esfera facetada» (que na lin-

Nem vale a pena referir o esforço de todos os intérpretes: o seu trabalho foi vão, o que diziam era insuportável.

Saudavelmente, grande parte do público pateou o espectáculo e vaiou o «autor». Mas não faltou quem ainda encontrasse alento para condenar esta atitude. Gente que, evidentemente, e apesar do seu aspecto ordeiro, higiénico e bem conservado, precisava urgentemente de ser proibida de pôr os pés num teatro...

JOAQUIM BENITE

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO VOX

TÍTULO — «Jogos Perigosos» (1967) — 1967.
REALIZAÇÃO — Carlos Barral.
INTERPRETES — Simões Silveira, João Carr, Katherine Bell.

Em primeiro lugar, uma palavra para Vox, o cinema. Partindo do princípio inclassificávelmente justificável, mas

sem sempre sustentado, de que a crítica pretende colaborar com os cinemas, é com grande alegria, com um entusiasmo cómplice, com uma enorme simpatia que assistamos ao aparecimento de uma nova sala de exibição. No caso presente, que é o de Vox, a nossa especial satisfação encontra-se numa razão de ser, dada a ser acolherem desta sala cinema, as suas excelentes condições de projecção, o bom gosto da decoração e a comodidade da plateia. Não há aqui reuniões de artistas que poderão transformar Vox numa das salas preferidas pelo público. Esperamos que a programação correspondente efectivamente a uma programação constante em o valor cultural do cinema. Esperamos que venham até nós os grandes filmes de cinema de jovens realizadores que permitam

uma descoberta. Esperamos que cada vez estejam mais certas outras condições para encorajarem a exibição de uma enorme variedade de filmes, fitas e fitas de mais baixa qualidade. Esperamos que Vox, com as suas invulgares possibilidades venha a cumprir a sua função. Que cada um de nós compare a sala, e o cinema ganhe com isso.

El agora, «Jogos Perigosos». Foi bom, conseguiu e aprendeu a lição, primeiro desde «Jogos Perigosos» e depois do «Memory's Deity»; na América, depois mesmo eficiente e lubrificada, mesmo racionalizada universo da produção e de técnicas, na América, aquilo está mas é cheio de bruses e bruses. Acordem, leitores, e todo desastrosa evi-

(Continua na 2.ª página)

1969

VILAMOURA

O empreendimento Turístico de maior envergadura jamais planeado na Europa

INAUGURA

as suas primeiras realizações

- Golf
- Centro Hípico
- Hotel
- Bungalows
- Tenis
- Club de Praia



Rede Viária de 30 km
Rede de Águas
Esgotos e Electricidade para os 400 Hectares já urbanizados

Visite VILAMOURA. Verifique por si mesmo... e aproveite já esta ocasião excepcional para adquirir o seu lote a preços ainda promocionais.

3 e 4 de Maio
CENTRO HIPICO DE VILAMOURA
PROVAS DE ENSINO
COM PARTICIPAÇÃO DOS MELHORES CAVALEIROS PORTUGUESES

3 de Maio às 15 horas
4 de Maio às 10 horas
PROVA DE ENSINO ACADÉMICO

4 de Maio às 15 horas
PROVA LIVRE COM APRESENTAÇÃO DAS FIGURAS AS MAIS DIVERSAS DE ALTA ESCOLA

3 de Maio - 21.30 horas
Grande jantar dançante em honra dos concorrentes (traje de gala).



Para informações mais detalhadas, por favor contactar:

LUSOTUR S.A.R.L.
Rua Tomas Ribeiro, 50 - LISBOA - Tel. 871 87/8
Belgim - ALGARVE - Tel. Guaratá 63 e 69

MARIA PEREIRA

E O SEU ESPECTÁCULO

NA TELA E NO PALCO PARA APRESENTAÇÃO DE NOVOS NÚMEROS DE MÚSICA PORTUGUESA

Uma oferta de **VITON**

A NOVA TINTA DA **ROBBIALAC** PARA AUTOMÓVEIS

Amanhã às 21.30 no Teatro Cino S. Pedro — ABRANTES

Dia 29 no Cino Teatro — VILA FRANCA DE XIRA

A fim de dar cumprimento a obrigações contratuais já assumidas, em Portugal e no estrangeiro, MARIA PEREIRA termina com estes, e série de espectáculos promovidos pela ROBBIALAC para divulgação da música portuguesa.

A artista MARIA PEREIRA e os componentes do seu espectáculo viajam nos aviões do TAP.

MAIORES DE 12 ANOS

«Anfitrião», de António José da Silva, pelo Grupo Cénico da Faculdade de Letras

«Anfitrião», a peça de António José da Silva apresentada ontem pelo grupo cénico da Faculdade de Letras de Lisboa constitui uma das mais importantes experiências levadas a efeito no âmbito do teatro universitário. E constitui também um dos espectáculos mais belos a que me foi dada assistir nos últimos tempos. Com esta realização o Grupo Cénico da Faculdade de Letras prova que é possível aos estudantes universitários aproveitar as condições especiais da sua localização num sentido corajoso e dinâmico. Rompendo com (ou dispensando a) engrenagem em que normalmente se insere a actividade teatral estudantil (espectáculos caros, subsídios etc.) aquele agrupamento prova que é possível apenas com 7500\$00 desenvolver um trabalho sério e francamente positivo. Fosse a quantia de um subsídio (se o houvesse) empregado, por exemplo, no aluguer de uma sala, e aí teríamos a possibilidade de apresentar ao grande público uma série de espectáculos quase grátis...

A PEÇA — Representada em Maio de 1736 (três anos antes da morte de António José da Silva nas fogueiras da Inquisição) no teatro do Bairro Alto, «Anfitrião» faz parte do conjunto de peças denominadas *óperas do judeu*. Nela se incluem, veladamente, certas evidentes alusões a alguns mitos em virtude dos quais o Judeu viria a perder a vida. Na abusiva introdução do deus Júpiter na casa de Anfitrião, nos seus amores divinos com a mulher deste, no nascimento de Hércules proveniente da bizarra ligação, não poderá deixar de entender-se uma sátira escondida à natividade e às relações do homem impotente com o seu mítico senhor. Foi precisamente nesta peça que António José da Silva começou a ser atacado como dramaturgo por aqueles que o haviam de levar à sua morte trágica.

Construída no estilo da comédia picaresca com o violento poder satírico do teatro do autor das «Guerras do Alecrim e Manjerona», «Anfitrião» constitui uma das mais importantes obras de António José da Silva, uma das maiores senão a maior personalidade de todo o nosso teatro.

A ENCENAÇÃO — Um encenador, Luís Miguel Cintra, encontrou-se e identificou-se com o teatro do Judeu. A «Anfitrião» deu ele essa actualidade espantosa que a todo o momento ressalta da concepção do espectáculo. Aproveitando o fio épico da peça, fazendo-o percorrer toda a farsa, Luís Miguel Cintra ofereceu a António José da Silva uma expressão cénica que o torna um grande autor actual. E de tal modo se deu a identificação que a própria sugestão dos bonifrates para os quais o judeu escreveu algumas obras, se encontra patente nos figurinos propositadamente

disformes e iguais, nos gestos das personagens no modo como se movem. Encenação de impressionante coerência, não se encontra nela um ponto que comprometa a unidade estética, a intencionalidade proposicional.

Violentamente voltado

mente voltado contra o teatro barroco, Luís Miguel Cintra renuncia aos efeitos luminosos, ao simples preto e branco, inundando o palco de uma recuperada luz unitária. Violentamente voltado contra o teatro convencional, o jovem director (revelando um

entre os actores e o espectador, válida apenas para aquele espectáculo e para aquele lugar. A palavra e a sua interpretação física devolve o encenador todo o peso e todo o significado que algum teatro recente lhe tem contestado.

A INTERPRETAÇÃO — Não podia a interpretação deixar de reflectir o estilo de uma encenação que tudo controlou e estruturou. Uma técnica de dicção adoptada para captar ritmos e para traduzir criticamente o texto acompanhada por um fácil mas imaginoso sistema de marcações, propositadamente esquematizado, projectou o espectáculo para a esfera da comunicação nacional com o espectador. Luís Miguel Cintra (o verdadeiro «Saramago»), prodigioso de destreza física, de capacidade de tradução corporal das situações; António José Miranda (o «Anfitrião»), espantoso de sentido crítico e satírico; Jorge Silva Melo («Jupiter») e Eduarda Dionísio («Alcmena»), salientaram-se num conjunto onde Eduardo Paiva Raposo, Ermelinda Duarte, José Ventura, José Manuel Judice, Maria de Fátima Pinto, Maria Luísa Matos e Ivone de Oliveira se integraram também com óptimas interpretações.

JOAQUIM BENITE



Uma cena de «Anfitrião» pelo Grupo Cénico da Faculdade de Letras

contra o teatro ilusionista, Luís Miguel Cintra cria um teatro desmistificado e racional, em que tudo se passa à vista do público, em que tudo lhe é explicado completamente. Violenta-

amadurecimento vulgar) altera a concepção naturalista de espaço cénico, criando, através de um código estabelecido pela repetição constante da sua chave, uma nova convenção



O maestro Jean Périsson, que dirige «A Danação de Fausto», de Berlioz, no Coliseu

Festival Gulbenkian de música O MAESTRO JEAN PÉRISSON (QUE CHEGA AMANHÃ) DIRIGIRÁ «A DANAÇÃO DE FAUSTO»

Para encerrar no XIII Festival Gulbenkian de Música, chegará amanhã a Lisboa o grande maestro francês Jean Périsson, que dirigirá este espectáculo de ópera, precedido com a ópera dramática *A Danação de Fausto*, de Berlioz, no Coliseu das Artes, nos noites de 11 de Maio e 1 de Junho (este último espectáculo fora de assinatura).

Sendo uma das obras mais belas e dramaticamente mais conhecidas de Hector Berlioz, *A Danação de Fausto* é, contudo, extremamente rara de se ver em palco. Revela-se assim de um interesse

especial e sua próxima representação no Festival Gulbenkian. Com efeito, a *Danação de Fausto* será levada à cena no Coliseu com a mesma importância encenada por Louisa Erle apresentada no Teatro da Ópera de Lyon. Colaboram na interpretação os cantores Jean Blaudin, Guy Chauvet, Ernest Blum e Álvaro Malta, o Coro Gulbenkian, o Coro Infantil Gulbenkian, a Orquestra Sinfónica da Estância Nacional e o Grupo Gulbenkian de Bailado (que dançará em coreografia de Carlos Tróvão).

A categorizada direcção musical de Jean Périsson constitui mais uma garantia do alto nível artístico. Director de Igor Markevitch e Jean Fournel, Périsson é, actualmente, deputado pela mais importante festiva de ópera da Europa e Estado Unidos. Actua em grande sucesso em Varsóvia, Bucareste, Belgrado, Leningrado, Moscovo, Viena, Copenhaga, Brastov, Bonn, San Francisco e Los Angeles.

NOTÍCIAS DOS ESTÚDIOS

■ Os actores Paul Newman, Sidney Poitier e Barbara Hershey estão a organizar uma nova sociedade produtora que se iniciará «The Artists Company». Faltou que se três desajustes financeiros, proibiu a realizar os seus próprios filmes, as intenções de controlarem todos os seus

de vida cinematográfica, comprovação a distribuição. ■ Realizou-se, em Milão, a sessão das manifestações de «Mito» (Mercado Internacional de Filmes, TV-Films e Documentários), e II Encontro Internacional de Instituto de Crédito, especializadas no sector cinematográfico.

VASCO MORGADO APRESENTA



LAURA ALVES

ANTES DA SUA PARTIDA PARA O
• ULTRAMAR •
NUM DOS SEUS MAIORES EXITOS

(ADULTOS)

A RAINHA DO FERRO-VELHO

10 ÚNICOS A PARTIR DE
DIAS 3.ª FEIRA **VARIEDADES**

com RUI DE CARVALHO A FRENTE DUM NOTÁVEL ELENCO

(Por ordem de entrada em cena)

RUI DE CARVALHO • ANGELA RIBEIRO • CARLOS JOSÉ TEIXEIRA • TOMAZ DE MACEDO • JOÃO MOTA
LAURA ALVES • CANTO E CASTRO • VASCO MORGADO JR. • ALDA PINTO • JOAQUIM MIRANDA
MANUELA MARIA • no progonista TAMAZ DE MACEDO

UM ESPECTÁCULO CÓMICO... HUMANO... e BRUTAL!

DIÁRIO DE LISBOA

5 JUNHO 1969



Maria nasceu a 25 de Maio de 1912 em Lisboa. Aos 11 anos entrou para o Teatro Brevete, representando sucessivamente peças por Jeronimo...

«BLACK-OUT», de FREDERICK KNOTT NO TEATRO VILLARET

Marca o reaparecimento da actriz Jo Alvarenga a peça de Frederick Knott «Black-Out», ontem estreada no Teatro Villaret. Concebida na linha naturalista que constitui a constante estilística do teatro americano...

estruturais de ódio e opressão, cujo significado pode perfeitamente generalizar-se. É claro que a luta final do fraco sobre o poderoso conta com factores realistas...

lizando nesse sentido os cordelinhos e os truques habituais. Ao encenar a peça de Frederick Knott, Artur Ramos, acusando uma compreensão correcta da natureza do seu trabalho...

VIDA SOCIAL PROF. AIRÉS DE SOUSA O prof. Aires de Sousa, coordenador do Instituto de Farmácia de Medicina de Lisboa, partiu para o Rio de Janeiro...

O Rádio Clube Português vai ser autorizado a utilizar um centro emissor de ondas curtas

O Rádio Clube Português está em vias de conseguir do Governo autorização para utilizar um centro emissor de ondas curtas de grande potência...

mentil do Governo. O funcionamento, portanto, deverá ser imediato. Respondendo concretamente, o dr. César Moreira Baptista afirmou: «Eu sei das intenções do Rádio Clube Português...»

C. P. operária, após a distribuição que pediu há pouco há deparar — e apertado — as informações está sendo, de que natureza — será possível fazer o estudo de uma...

TOPONÍMIA DA CIDADE

Por ordem do Município, foi determinado que os nomes das ruas, praças e lugares da cidade de Lisboa...

GINA LOLLOBRIGIDA



...«QUEBRA CABEÇA» DE HOMENS CASADOS, «PROBLEMA» PARA A ARISTOCRACIA, «ESCÂNDALO» INTERNACIONAL!... E TUDO ISTO É O MAIS QUE SE PODE VER NA COMEDIA DE QUE TODO O MUNDO FALA!

BOA NOITE SENHORA Campbell



SHELLEY WINTERS - PHIL SILVERS - PETER LAWFORD TELLY SAVALAS

4ª SEMANA NO CINEMA SÃO JORGE ADULTOS

TEATRO DA TRINDADE (F. N. A. T.)

AVISO Por motivo de força maior, o 1.º espectáculo de ópera «Serrano», marcado para hoje, dia 5, é transferido para amanhã, dia 6, são válidas as mesmas bilhetes.

O «Diário de Lisboa» encontra-se em venda nos tabacarias de Lago, Alameda, Foz, Avenida de Berrito, Carvalhos, Carvalhos, Barrada de Berrito, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bairro e Alentejo, a partir das 19 e 20, e na Tabacaria de S. Bento...

«A MAÇÃ», DE JACK GELBER PELO TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
SLOT MACHINES

CARMEN PERINA and THE TRIPLETS
Vedetas filipinas do "music-hall" internacional

MICHEL DE LA VEGA
Ilusão, mistério e levitação

LIDIA RIBEIRO

BLUEBELL GIRLS SHOW

SEGUNDO GALARZA e seu conjunto

JIRINA'S COMBO

FERRER TRINDADE e sua orquestra

CASSANDRA
SO NO WONDER BAR

No CINEMA, de 17 a 21 e 29 h.

MADIGAN
(de 17 horas)

1 — A la recherche du temps perdu. Carlos Avilez e o Teatro Experimental de Cascais ofereceram agora ao público um espectáculo que pode considerar-se dentro dos objectivos aparentemente definidos pela própria denominação da companhia. «A Maçã», de Jack Gelber, é, de facto, uma peça representativa de um teatro que rompe totalmente com as suas coordenadas tradicionais e que busca uma nova situação no plano da funcionalidade e da relação com o público.

Se o T. E. C. não conseguiu até agora exemplificar um critério de escolha de repertório — e isso não se deve apenas aos condicionamentos que rodeiam a companhia, embora estes tenham de ser tomados em conta — é de saudar, pelo menos, a tentativa feita no sentido da verdadeira vanguarda (ideologicamente discutível, claro) e não de uma pseudo-modernidade muito própria da província.

O reconhecimento da utilidade da realização do T. E. C. não pode, porém, evitar que se denuncie o que tem de ser denunciado: integrado no conjunto das realizações da companhia, este espectáculo só vem aumentar a confusão, para a qual até agora o grupo dirigido por Carlos Avilez tem contribuído como poucos entre nós. Na verdade, um teatro deste tipo — o mais truculento e directo teatro de provocação que tem sido feito em Portugal — exige uma continuidade de intenções, uma autenticidade de actores e directores em relação aos valores que fundamentalmente se afirmam e se negam. Não se pode montar uma peça destas com a mesma disposição de espírito, com o mesmo formulário com que se levam à cena André Brun ou Schiller (cada um no seu plano). A escolha deste género de teatro exige um rompimento com todas as concepções hereditariamente aceites e assumidas como moralmente válidas, mas, mais do que para além disso, um rompimento com a estrutura conformista em que se insere também o Teatro Experimental de Cascais. «A Maçã», de Jack Gelber, com patrocínio da Junta de Turismo da Costa do Sol (por que não com o da Junta Nacional das Frutas?) é uma coisa que dificilmente me entra na cabeça.

2 — Mas é possível. É possível apresentar «A Maçã», de Jack Gelber, com esse e outros patrocínios. E isso leva a colocar um problema já não relacionado com o

Teatro Experimental de Cascais propriamente dito, mas com o teatro de Gelber e da geração de autores americanos a que ele pertence. O problema é o de saber até que ponto esse teatro dito de provocação é de provocação. Até que ponto essa atitude não vai ao encontro dos desejos de uma classe que aos poucos vai perdendo a sua fisionomia e transformando-se superficialmente, nos seus tabus, nas suas opções, sem, no entanto, abdicar daquilo que fundamentalmente a caracteriza: a avidez e a cômada persistência na defesa dos seus privilégios.

Em suma: todas as classes têm as suas contradições e uma luta de conceitos pode não passar de uma luta de gerações dentro da mesma classe. Logo, já que a alteração proposta se não refere à situação especial da classe, já que não pretende alterar a sua qualidade de classe, é possível que, em determinada altura, conceitos propostos se tornem consumíveis pelos grupos contra os quais se dirigem. E a provocação passará a ser recebida com um tranquilo sorriso de bonomia.

3 — Jack Gelber pertence à nova geração de dramaturgos americanos, de que fazem parte, entre outros, Kenneth Brown, Le Roi Jones, Jack Richardson, Murray Schisgal, etc. Esta geração trouxe ao teatro dos Estados Unidos uma atitude geral oposta à da geração anterior (Miller, Tennessee Williams) que não obstante afloram já problemas e ideias que apontam os alicerces da presente «revolta teatral» e fazem através de estilos decorrentes ainda do naturalismo ou do psicologismo. Albee, mais próximo pelos seus interesses e pela sua linguagem dos mais recentes

destes dramaturgos, está ainda, pela forma, ligado aos da geração anterior, ou antes: o esquema clássico das suas obras insere-o numa linha de teatro em que, pela sua problemática, não se situa.

A característica fundamental desta geração nova de autores americanos é a contestação de vários aspectos da sociedade dos Estados Unidos, uma denúncia — ou um protesto, se se preferir — do que nesta sociedade perdeu o sentido e a razão e se mascara ainda de racional, de tranqüilo. Dos mais diferentes pontos de vista — até porque não se trata de um movimento ideológico, mas de uma convergência e atitudes — estes dramaturgos propõem à sociedade americana um teatro que se encontra tão próximo de Artaud como de Brecht, ou mais próximo do primeiro nuns casos, mais próximo do segundo noutros.

Nascido em 1932, em Chicago, Jack Gelber, de origem judia russa, estudou química e fez jornalismo. É autor de várias peças de teatro (entre elas *The Connection*) e de um romance.

4 — «A Maçã», escrita em 1961 é uma peça em que as personagens, como diz o autor, «apresentam múltiplas e fracionadas facetas, de preferência a pessoas totais e harmoniosas». O principal objectivo é a explosão da pessoa, a libertação, feita embora a partir de um texto fixo, longe, portanto, da improvisação. Cada personagem é, no fundo, um conjunto de personagens e não tem existência psicológica ou típica. Isso pode, evidentemente, levar o actor (e o encenador) a uma certa improvisação de soluções. Estamos, no entanto, longe do «happenings», que Gelber, aliás, considera uma forma de pré-teatro. Estamos, também, longe do teatro tradicional, das suas clássicas divisões estruturais. O actor é sempre ao mesmo tempo actor e personagem (não no sentido de Brecht, em que aquele exerce um policiamento daquela, mas no sentido de uma identificação plena).

Não existe, propriamente, um enredo, mas um conjunto de apontamentos, de sugestões que se interligam e contradizem. O humor, o sexo, a crueldade (e a sua desmistificação no plano das relações humanas), o absurdo, a tragédia, entram em doses idênticas nesta peça onde se desmascara a prática da vida e se reclama um sentido transposto numa concepção comum da revolta e da contemplação amargurada. Por um lado, é uma galeria individualizada de tipos sociais, por outro, uma massa de conceitos e de alegorias, que se impõe ao espectador numa linguagem destruidora e provocante.

O objectivo não é traumatizar, mas alarmar. O espectador não deverá ser atingido, segundo Gelber, de maneira mortífera, mas de forma a poder reagir em relação aos temas que lhe são postos. Não se trata, portanto, de raiva, da tentativa de destruição anárquica, mas ainda de uma atitude quase didáctica, moralizante, com o desesperado objectivo de levar o espectador a pensar e a transformar-se.

5 — A encenação de «A Maçã», de Jack Gelber, põe, desde logo, o problema da

interpretação, no sentido da eficiência da comunicação. Pelas razões já apontadas, faltam aos actores do T. E. C. a autenticidade, a sinceridade, que se tornam necessárias neste género de teatro. Falta-lhes uma prática, uma identificação profunda e meditada com os valores defendidos pela peça, ou uma repulsa vivida, experimental, a nível físico e intelectual, dos valores que a peça contesta. O mesmo em relação ao encenador. Parece-me que Carlos Avilez tratou a obra como qualquer das que tem levado à cena. Evidentemente que muitos dos efeitos a que habitualmente recorre não teriam sentido nesta realização e Carlos Avilez compreendeu-o. De resto este é, talvez, o seu espectáculo mais conseguido. Mas tudo continua a pôr-se nos moldes de sempre: a predominância dada pelo encenador aos aspectos puramente visuais do espectáculo não pode deixar de prejudicar a essência do que se pretende exprimir. Se o cenário, ou a música, ou qualquer outro elemento visual ou auditivo se sobrepõem, isoladamente, aos restantes elementos do espectáculo, a unidade estética e a transposição unitária do espírito da obra têm forçosamente de ressentir-se.

6 — Apesar do que se disse acerca da interpretação, é justo acrescentar que esta experiência pode conduzir os actores do Teatro Experimental de Cascais a uma nova posição face ao teatro e a uma nova visão dos métodos interpretativos. É pena que não se tenham ainda abandonado todos os defeitos de um estilo artificial, declamatório, pretensamente original que leva a transformar os espectáculos dirigidos por Carlos Avilez numa penosa orquestração de gritos. Mas alguma coisa se fez no sentido de uma transformação. Para Vasconcelos Viana vai uma palavra especial pela sua interpretação, plena de emocionalidade, de inteligência, de oportunidade, de poder mimético, nos constantes desdobramentos a que é obrigado. Zita Duarte, Céu Guerra e Santos Manuel amoldam-se com certa facilidade ao clima tenso, irregular, que as suas intervenções impunham. João Vasco continua a declamar, num estilo perfeitamente deslocado. António Marques vive, talvez, demasiadamente o seu papel, o que o leva, às vezes, a um certo descontrolo. Vítor Ribeiro torna-se insuportável pela má dicção e por uma afectação que precisa urgentemente de superar. A identificação entre actor e personagem a que aludimos fica, nele totalmente comprometida.

JOAQUIM BENITE

«MAJOR DUNDEE»
— em sessão clássica no Império

Na próxima sessão clássica do Império, que decorre no quotidiano, de 18 a 20, no antigo edifício do Cine Major Dundee, de São Paulo, com Charles Heston, Richard Harris, James Coburn e Santa Berg,...

TEATRO DA TRINDADE
P. N. A. T.
HOJE, de 21, de 21.30

LA SCALA DI SETA
LA CAMBIALE DI MATRIMONIO

LA SCALA DI SETA
LA CAMBIALE DI MATRIMONIO

HOJE, de 21, de 21.30

LA SCALA DI SETA
LA CAMBIALE DI MATRIMONIO

Gente do Norte!
Gente do Porto!

COLISEU

Quinta-feira, 31

«A DANÇA E A CANÇÃO DO NORTE VEM A LISBOA»

O edifício do Império encontra-se à vista nos tabuleiros de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida de Bussaco, Carvalhos, Carvalhos, Avenida de Bussaco, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituinte, Praça da República, Bussaco e Azeitão, a partir das 19 e 20, e do Tabuleiro de São-Bastião, a partir das 20 horas.

A situação do teatro profissi

Participaram nesta mesa-redonda: Carlos Porto, Costa Ferreira, José Viana, Mário Jacques, Varela Silva, Vasco Morgado e Joaquim Benite (moderador)

MODERADOR — Os problemas do teatro português actual, da sua função, da sua estrutura e das suas relações com a realidade portuguesa não cabem, certamente, no espaço de um jornal. Tal limitação não deve, contudo, impedir-nos de nos debruçarmos sobre a situação teatral, quanto mais não seja com o objectivo de estimular um debate que reconhecemos urgente e no qual devem participar todos os que estão interessados numa verdadeira modificação do teatro português no sentido da autenticidade e da força que lhe têm faltado. Peço ao dr. Costa Ferreira, que aqui representa os autores teatrais portugueses, mas que é também actor e encenador, que inicie esta mesa-redonda, fazendo uma súmula dos principais problemas que envolvem o teatro em Portugal.

COSTA FERREIRA — Os problemas do teatro português são normalmente mal colocados, porque o são isoladamente do contexto social e histórico em que se realiza o fenómeno teatral. Desde que separemos o teatro da vida, nunca mais nos entendemos. Os empresários dão então as suas razões, os autores dão as suas razões, os actores também, mas não se resolve nada. Será preciso compreender os motivos por que o teatro está na situação em que se encontra e, para isso, fazer autocritica: reconhecer os nossos próprios erros, que é a maneira mais certa de defender os nossos direitos.

Suponho que a situação do teatro português englobada na situação geral do teatro europeu tem problemas específicos que não podemos comparar com os de nenhum outro país, pelo menos dos que eu conheço de trás. Não é preciso remontar a Gil Vicente nem sequer ao século XVIII, mas precisamos de falar um bocadinho no século XIX. Com o progresso liberal que no século passado se verificou houve um surto importante do teatro português, que foi o teatro romântico. Lisboa, nesse tempo, comparativamente com outras capitais da Europa tinha um teatro europeu normal. Esse teatro foi servido por grandes actores e grandes actores. Se esses actores e esses actores tiveram êxito é porque estavam certos na sua época. O que me parece é terem ficado esses espectros como coisas sagradas que não se podiam mover. Depois do romantismo há um movimento ainda sério para um teatro naturalista — e depois, parou-se. Isto não quer dizer que não se tenham aperfeiçoado as técnicas. Não quer dizer que não tenha havido

grandes artistas a trabalharem muito bem nesse género de teatro. Não se trata aqui de apreciar os valores pessoais. Trata-se de reconhecer que se ignorou completamente a evolução do teatro em todo o mundo a partir desses dados natura-



Costa Ferreira

listas. O próprio realismo interior que veio fazer frente, na evolução do teatro, a essa sensação de verdade escaldante que o cinema deu ao espectador não foi observada em Portugal. Eu lembro-me ainda dos meus tempos de liceu e da União. Esses problemas já versidade, de ser um bicho raro dentro da minha geração porque eu ia ao teatro, ver aquelas chatices, que eram umas coisas muito falsas, passadas numas salas pelas quais os rapazes não tinham nenhuma simpatia. Basta dizer isto: Tchekov, que é o mestre do teatro moderno, o homem que dá na realidade essa verdade interior do realismo, começa a aparecer em Portugal, e pela mão de amadores, de teatros experimentais, nos anos quarenta. É preciso ver que Pirandello ainda hoje é um autor difícil.

De tudo isto resultou, evidentemente, que as camadas novas se tenham divorciado do teatro. Ficaram apenas umas pessoas saudosistas que comparavam os artistas do seu tempo com os artistas que tinham ouvido dizer que eram melhores. Quando esse público foi diminuindo naturalmente, até porque as pessoas iam morrendo, e os novos não os iam substituindo, criou-se, então, um pânico. E começa-se de repente a querer fazer teatro

de vanguarda. Passa-se assim de um reportório normalmente baseado em Bernstein, em Jacques Duval, em coisas dessas, para autores de vanguarda que ainda estão em fase experimental em países muito mais desenvolvidos. Claro que é totalmente impossível esperar-se que o público possa acompanhar uma coisa destas. Tanto mais que devemos ter em conta que não é o teatro que pode modificar toda a cultura de um povo. O teatro tem de ser integrado em coordenadas gerais e todos nós sabemos que o povo português é, dos povos europeus, dos de mais baixo nível cultural. Mesmo dentro dos vinte anos em que sou actor, sente-se a decadência do público normal, do público burguês, pela dificuldade que tem em seguir um espectáculo. Eu sinto isso nas cadeiras dos cinemas, quando vou ver filmes sérios. A ponto de ir muitas vezes ao cinema à sessão das seis e meia, para não ouvir comentários que me incomodam. Ainda há poucos dias descia a Avenida e vi uma família que a descia, vinda do Teatro Variedades. E ouvi o pai dizer para a filha: «Não digas uma coisa dessas, o Henrique Santana é muito homem. Ele estava a fazer aquilo para brincar com a gente.»

Ora com este espírito parece-me muito difícil que o teatro possa vencer esta crise, contando apenas com empresas particulares. Não se pode pedir a empresas industriais, em regime capitalista, que percam dinheiro: não é essa a sua função. É certo que, de há uns anos para cá, o Estado resolveu intervir dando subsídios. Não quero discutir se esses subsídios podiam ter sido melhor aproveitados. O que digo é que eles são insuficientes. Os subsídios não podem ser dados para suprir a falta de público. As companhias melhores subsidiadas que eu conheço na Europa têm as suas casas normalmente esgotadas. O subsídio não serve para substituir o público. Os espectáculos da Comédie Française, do T. N. P., do Odeon Theatre de France, do Old Vic, da Royal Shakespeare Company, não podem ser cobertos pela bilheteira, porque se trata de companhias que oscilam entre setenta e oitenta actores, que põem de pé, normalmente, dez peças com grandes vantagens. Por consequência, se o subsídio surge diante do público como uma esmola para permitir viver uma classe de párias, é vexatório, é antinacional, é prejudicial. O subsídio deve servir para prestigiar o teatro, para que os espectáculos

dados sejam, realmente, de natureza cultural.

Dir-se-á: neste momento em que nós deixamos passar o autêntico realismo sem o tornarmos habitual ao nosso público, em que nos vemos impossibilitados de representar o teatro alemão de pós-guerra (só vivemos desta evolução um pouco do teatro francês do pós-guerra, que foi trazido a Portugal por Francisco Ribeiro), quando deixamos passar também o teatro que está na linha oposta do teatro didáctico, todo o que vem do psicologismo ao teatro da crueldade, como poderemos fazer o teatro de superação das duas tendências opostas, que se experimenta na Europa se não fizermos nem um nem outro?

Quase tudo o que os actores portugueses fazem é por autodidactismo: não temos uma escola de arte de representar digna desse nome. Uma escola que ignorou Stanislavsky e tudo o que se passou depois não pode ser hoje uma escola válida. Temos de pensar que nessa escola são admitidas pessoas com o exame da instrução primária e que hoje o ensino de teatro em todo o mundo tem nível universitário. Podemos pensar até, na prática, que é absolutamente absurdo que uma pessoa com a instrução primária receba lições de estética, ou de história de literatura. Por consequência, tudo aquilo que os actores portugueses fazem, sem nenhuma preparação, representa, humanamente, um grande esforço. Com isto não quero de forma nenhuma limitar os direitos de uma crítica a ser severa. Quero apenas defender a grande maioria dos actores, que quase adivinha o que tem de fazer, quando se sai, evidentemente do teatro de nível de «boulevard», que recebem também por tradição.

Creio, pois, que para se defender o teatro português há necessidade de se começar por uma reforma escolar, que creio que foi estudada várias vezes mas nunca aplicada; reunir os actores válidos que nós temos (e temos dezenas) que queiram, com dedicação e com uma coisa que alguns gostam de chamar humildade mas que eu prefiro designar por dignidade profissional, trabalhar, estudar, aprender. Isso só se pode fazer, como aliás já foi exposto num abaixo-assinado com largas dezenas de profissionais ao senhor Presidente do Conselho, criando, portanto, uma grande companhia nacional de teatro ou um serviço nacional de teatro, que pela sua orgânica abrangência o País todo, em que o Estado teria de investir largos capitais e que funcionaria com a gestão directa do Estado e artística de artistas nomeados. Há, evidentemente, como condição fundamental para que o teatro progrida, é necessário liberdade para ir ao encontro dos problemas e dos anseios do público e provocar a atenção, com o escândalo que está na base do espectáculo teatral. Sendo assim, esse teatro a que eu não quero chamar popular, mas teatro de puro divertimento, que serve não o povo, mas as classes bem

instaladas na vida, que procuram um serão em que substituam a canasta ou o «bridge», esse teatro pode existir, desde que o público o possa procurar livremente.

Há uma ressalva que quero fazer: noto com bastante tristeza que na minha terra se chama teatro intelectual ao teatro dos actores que são representados nos restantes países da Europa para operários e estudantes. E por consequência, como português e como actor, ofende-me que se diga uma coisa dessas. Não se trata de teatro intelectual, trata-se de teatro honesto e para bem do povo, teatro para esclarecimento.

MODERADOR — O dr. Costa Ferreira colocou alguns problemas que afectam o teatro português. Quer o Carlos Porto iniciar a análise dos aspectos focados pela exposição do dr. Costa Ferreira?

CARLOS PORTO — Estou aqui numa posição de certo modo ambígua; sou crítico amador, faço crítica nas horas vagas; vou falar sobre teatro profissional. Há aqui uma contradição que eu não posso resolver. Quero apenas que aceitem a minha posição, colocado o problema neste campo.

Em relação à intervenção do Costa Ferreira, que me pareceu pertinente, queria para já falar de um ponto: o que se refere ao subsídio. Na minha opinião, o actor profissional não deve sentir-se humilhado por receber subsídio, por esta razão: em Portugal, estamos todos de acordo nisto, não há um público de teatro; é preciso criar esse público. A criação desse público tem de nascer a partir de um teatro que o interesse. Estamos, portan-



Carlos Porto

to, num círculo vicioso: para o romper, o actor e o artista de teatro em geral, deve aceitar o subsídio como a participação do Estado, ou portanto, a nossa participação, para a criação desse público, ou do teatro, que não existe sem ele. Neste momento era só o que eu queria dizer.

COSTA FERREIRA — O que eu quis dizer é que o subsídio é humilhante na medida em que é insuficien-

te, em que não permite à companhia a elevação do nível cultural do espectáculo. Portanto, o que eu queria dizer é que acho que os subsídios deviam ser muito maiores.

JOSÉ VIANA — Tenho uma opinião diferente. Para mim o subsídio é um erro: não nos devemos es-



José Viana

quecer de que apesar de profissionais somos artistas e, portanto, nós temos de ser capazes, através dos nossos próprios meios, de interessar o público. Um público que não seja o público burguês, mas principalmente um público popular. E esse já sabemos que tem escassos meios para poder assistir aos nossos espectáculos. Quando o Costa Ferreira fez alusão ao teatro do século XIX referiu-se naturalmente a um período do teatro burguês, porque o povo continuava alheio ao teatro e a todos os movimentos teatrais da época. O afastamento é ainda maior hoje, porque o poder de compra do nosso público com o tempo diminuiu. E assim, meia dúzia de actores com talento e meia dúzia de autores interessados poderiam talvez procurar bases de um novo teatro se lhes fosse permitido começar esse trabalho. É que os condicionaisismos que rodeiam o teatro são de tal ordem que não é possível aos actores e aos autores ver surgir nas tábuas de um palco aquilo que têm para dizer.

Este é, pois, o principal problema. Por mim sou contra os subsídios na medida em que penso não resolverem eles a situação. É claro que estou de acordo em que o Estado deva subsidiar companhias com um programa teatral sério, sem possibilidades financeiras de o executarem. Mas não aceito já que os subsídios sejam dados a empresas particulares.

COSTA FERREIRA — De acordo em que o teatro de puro divertimento deva viver exclusivamente do público. Simplesmente, quando eu falava de subsídios, referia-me ao teatro didáctico, ao teatro cultural que, mesmo nos países onde o público vai ao teatro, são indispensáveis para a mon-

bnal

tagem de espectáculos muitas vezes dispendiosos. Estou de acordo em que o teatro deve viver dos seus próprios meios, excepto quando desempenha uma função cultural e educativa.

JOSE VIANA — Então estamos de acordo.

MODERADOR — Parece-me que não podemos abandonar a questão deste ponto, «subsídios», sem ouvir a opinião de duas pessoas que estão presentes: Varela Silva, que trabalha numa companhia subsidiada pelo Estado e Vasco Morgado, que é empresário de teatro.

VASCO MORGADO — Acho que estas reuniões são muito interessantes e que deviam continuar a tê-las as pessoas que são responsáveis pelo teatro em Portugal.

Quanto aos subsídios, eu acho que eles são necessários ao teatro. Será bem empregue esse dinheiro? Julgo que as provas dadas não têm sido boas e eu também sou culpado de algumas dessas más provas. No entanto, há um dinheiro que tem sido muito bem empregado pelo Estado: o que tem sido concedido ao teatro a maior, especialmente ao que se apresenta na província. Como empresário mando muitas vezes companhias à província. E posso dizer que algumas terras consigo já dar quatro espectáculos. Isto só é possível porque, na realidade, o interesse do público aumentou nessas terras. E o teatro amador representa um papel importante nesse aumento.

O teatro é um espectáculo vivo, é caro. O nosso poder de compra é pequeno; portanto, os subsídios deviam ser não importâncias comédias às empresas mas, por exemplo, possibilidade de redução dos preços dos bilhetes. Chegaram a tentar proibir-me, numa reunião do Grémio, que eu fizesse reduções de 50 por cento nos preços dos bilhetes, há campanhas na Rádio e nos jornais por eu distribuir bilhetes como costume distribuir, mas a verdade é que me prezo de ter tido espectáculos que têm estado em cena seis meses. São espectáculos populares, mas dignos. Uma realização minha teve uma assistência total de 600 000 pessoas. Quando fui empresário no Brasil, durante três anos, tinha dificuldade em que os brasileiros acreditassem nas verbas que se fazem no teatro português: achavam impossível. Já um espectáculo com 70 000 pessoas é muito importante, mesmo nas principais cidades.

VARELA SILVA — Eu não estou aqui senão como actor. A circunstância de estar a trabalhar numa empresa subsidiada, a empresa do Teatro Nacional, não adianta nada à minha situação nesta mesa-redonda. É bom que se esclareça porque me parece indispensável.

Em linhas gerais, aquilo que o Costa Ferreira disse, é o que nós pessoas de teatro dizemos. Também me parece muito interessante o que disse Vasco Morgado acerca da necessidade de mesas-redondas como esta, fruto da brilhante ideia deste nosso jornal.



Claro que devíamos ter mesas-redondas. Mas para isso precisávamos de um local. E acontece que não



Varela Silva

temos. E acontece que penso que o devíamos ter, que esta simples existência de um sítio para discutir e estudar resolveria alguns dos nossos problemas. Precisávamos de um Sindicato funcional. Não sei como é o que temos presentemente, porque eu e a maior parte dos meus colegas desconhecemo-lo. Pagamos as nossas quotas, evidentemente, mas a nossa participação na vida sindical resume-se a isso.

Em relação à questão debatida entre o Costa Ferreira e o José Viana: parece-me que são precisos muitos tipos de subsídios. Aqui há uns anos, um autor que todos admiramos muito, interrogado sobre se o teatro poderia resolver os seus problemas através dos subsídios, respondeu que não, que só com outra espécie de subsídios: «Querida janelas abertas» — disse ele.

Esta imagem traduz o que eu penso sobre o assunto. Não é só o subsídio económico que faz falta: o teatro precisa de apoios vários. Um bom conservatório, uma boa escola de

actores, será um bom subsídio para o teatro; a possibilidade de acesso a um bom repertório seria outro grande subsídio.

VASCO MORGADO — Se me dão licença, só um esclarecimento: está nos planos do Governo, através do Ministério das Corporações, a ideia da construção de um Palácio do Espectáculo, para cuja concretização o Ministério encarregou já o Grémio de procurar um terreno. Neste palácio se concentrariam instalações dignas para o Grémio dos Espectáculos e para o Sindicato dos Actores, um teatro, um cinema, e tudo, enfim, que esteja ligado com o sector do espectáculo. Simplesmente, ainda não foi possível encontrar um terreno. Pensou-se no Teatro Avenida, mas a ideia não pôde concretizar-se. Estou para falar com o sr. ministro e com o sr. presidente da Câmara, a ver se conseguimos, com a sua intervenção, resolver este assunto.

COSTA FERREIRA — Fico muito satisfeito por saber que se pretende construir esse palácio de espectáculos. Mas isso não impede que se preparem as condições para que nesse palácio se dêem espectáculos dignos. Eu acho bem que haja casas de teatro, mas é preciso fundamentalmente, porém, criar-se uma estrutura que permita a sua utilização. Repito: é preciso um conservatório, repertórios actuais, companhias bem organizadas e liberdade para os escritores portugueses tratarem de temas portugueses.

JOSE VIANA — Exactamente. Era o que eu queria dizer. Não se trata de procurar que os actores andem contentes, com dinheiro na algibeira e as rendas de casa pagas. Trata-se de fazer teatro, mas teatro que dignifique público e actores. Nós podemos nadar todos em dinheiro, termos condecorações, sermos todos riquíssimos, trabalhar em teatros magníficos — e continuar a não haver teatro!

MODERADOR — Creio que Mário Jacques também quer dizer alguma coisa acerca deste assunto.

MÁRIO JACQUES — Fui ultrapassado pelas últimas intervenções, que vieram ao encontro daquilo que eu

queria dizer. De qualquer forma, gostava de falar muito simplesmente e muito linearmente. Evidentemente que o problema do teatro é muito complexo e não são três ou quatro páginas de um jornal diário que podem servir para nós resolvermos e debatermos com a suficiente largueza os problemas do teatro.

O que é que se passa com o teatro, aquilo que eu vejo que é o teatro? O teatro, para dar uma definição simples, é assim como uma espécie de sistema de recovagem. Há umas peças, há um indivíduo que pega nessas peças para as dar a outros. E esse indivíduo é o actor, o encenador, o empresário, que as dá a um público. Vou pegar nestes e triunvirato pelo meio, até para justificar um bocadinho o actor, que nesta história está um pouco como o mexilhão... O que é que acontece? Quando um homem de teatro pega numa peça tem de a seleccionar de uma quantidade muito pequena, que constitui já uma primeira selecção da



Mário Jacques

censura. Essa peça destina-se a um público que, de uma forma geral, está adormecido, por razões de vária ordem, desde despolitização até ao índice cultu-

ral e económico que o afasta para aqueles divertimentos que sabe, pelo menos, não lhe criarem problemas. Vai ao futebol — e é perfeitamente legítimo que o faça. O Vasco Morgado falou, é certo, de êxitos de empresa, o que pode levar-nos a pensar que não existem problemas com o teatro. No entanto, parece que há

No caso fundamentalmente português, que é aquilo que nós estamos a discutir (exactamente por isso não me interessa muito o exemplo das companhias francesas ou inglesas; o problema é outro) há dois pontos fundamentais: a questão da censura, que não permite, de uma forma geral, um teatro que seja capaz de «acordar» o tal público adormecido; e a baixa formação cultural e baixo índice económico do público. Tudo o que dissermos para além disto, parece-me que é consequência destes dois dados fundamentais.

Os subsídios não resolvem o problema, desde que o repertório do teatro não interesse a ninguém. Em qualquer situação social, parece-me a mim, haverá sempre um teatro que vive da bilheteira e outro teatro que, por estar mais avançado, por contar, portanto com um público mais pequeno (mas que é fundamental existir, para o desenvolvimento cultural das sociedades) terá necessidade de ser subsidiado.

COSTA FERREIRA — Ao referir-me aos teatros estrangeiros, que estão incluídos na nossa civilização, quer nós queiramos, quer não, pretendi chamar a atenção para uma coisa: mesmo esse teatro de progresso, esse teatro de avanço, tem que ter público: teatro é espectáculo. E nós não podemos fazer espectáculo sem espectadores. O nosso erro é pretendermos fazer um teatro de elites onde é preciso haver um teatro popular. Autores que nós cá chamamos intelectuais — como Sartre, como Camus, como Bertolt Brecht ou Durrenmatt — são autores representados em teatros populares que esgotam.

Nós, como autores portugueses, temos obrigação de procurar e de encontrar (e aqui faço a minha autocrítica, porque não encontrei) o

teatro popular português culto, evoluído, actual. Nesse aspecto, os autores portugueses, como os de toda a Europa, esbarram com outro problema e esse não é só nosso: com a tecnicização progressiva a que a nossa civilização tem sido levada, as pessoas apuram tanto as suas faculdades intelectuais num sector tão reduzido do saber humano que se desumanizam, quer dizer perdem a vista geral da sociedade. É preciso, pois, desenvolver no sentido da solidariedade humana, da alegria de viver concreta. Isso é que nos faz interessar pelos outros e, portanto, pelos problemas que se possam levantar no palco ou no livro.

Devo mesmo dizer que estou por princípio, em oposição aos prémios; são uma forma de competição e a competição é a forma mais escandalosa de alienação humana que eu conheço. Se o teatro tem de ser uma obra colectiva, tudo quanto seja fazer descrições, parece-me que é antiteatral. Mas isso já é uma concepção que não é geral, evidentemente, mas que está pouco popularizada numa época de tanto desportivismo. Neste ponto eu não sou absoluto, até porque também eu já aceitei prémios.

Mas não me parece que seja esse o caminho. O caminho tem de ser de evolução cultural e de educação que só os dinheiros públicos podem satisfazer — mas mesmo aí procurando o público. Esses dinheiros afluiriam na medida em que o público afluísse.

Os subsídios podiam ter também a função de fomentar a apresentação do teatro português.

JOSE VIANA — Há pouco falei em prémios. Não os reconheço, admito-os. Porque de antemão eu sei que estilo de peças ganharia os prémios desde que se fizesse uma competição entre elas.

VASCO MORGADO — Temos falado aqui na censura. Não é que esteja aqui a defendê-la, mas devo esclarecer também este assunto: eu tenho várias peças aprovadas cuja representação esteve proibida. Tenho encontrado, depois dessas peças serem autorizadas, dificuldades em pôr essas peças

(Cont. na pág. seguinte)

PÁGINAS



POUCO ANTES da abertura da nova época teatral, os problemas do teatro português mantêm-se no mesmo plano em que têm existido nos anos anteriores. Foi a intenção de abordar esta problemática «por dentro», que nos fez reunir diversas pessoas ligadas ao teatro profissional: dois autores, José Viana e Mário Jacques (um jovem, outro já consagrado); um autor, Costa Ferreira (também actor e encenador, aliás); um encenador, Varela Silva (também actor e autor); um crítico de teatro, Carlos Porto, e o empresário Vasco Morgado. A primeira parte da mesa-redonda foi publicada no último número. Hoje inserimos a segunda e última parte da discussão, que se inicia com a intervenção de Costa Ferreira, em resposta aos argumentos de Vasco Morgado, a propósito dos dramaturgos portugueses.

COSTA FERREIRA — Como autor, quero, antes de mais, agradecer a homenagem pública que o Vasco Morgado acabou de prestar aos autores portugueses, quando diz que tem convidado dramaturgos para escreverem peças comerciais, falando até em 500 contos de direitos — que é uma coisa, para mim e para a maioria dos meus colegas, deslumbrante — e que eles recusaram. Ora isto é uma homenagem aos autores portugueses — que têm, portanto, deixado de ganhar muito dinheiro, por amor à sua terra e ao seu povo. Pessoalmente, não tenho nenhuma peça proibida. Tenho apenas uma peça recusada, por indignidade literária, pela direcção do Teatro Nacional D. Maria II, e peças na gaveta à espera de outro momento.

Admito, também, em princípio, que um autor que teve uma peça proibida nos anos cinquenta se recuse, depois, a deixar representá-la nos anos sessenta. É que o autor que se preza não escreve para a posteridade, não se consagra a si próprio como imortal: escreve num momento. Nesse momento a peça pode ser oportuna, e depois não. Eu cito um exemplo: acabou agora de se gravar na TV uma série de episódios que eu escrevi em 1966, e aí faço referência a uma juventude que entretanto apareceu em Portugal. Teria sido interessante ver os episódios antes dos factos a que neles se alude se terem tornado banais.

JOSÉ VIANA — Neste nosso diálogo estamos colocados em meridianos diferentes. Enquanto nós representamos autores, actores, o teatro pelo seu lado artístico, o Vasco Morgado reage como industrial do espectáculo. Ele não parte de um ponto de vista semelhante ao nosso. Assim, é impossível entendermo-nos. O Vasco Morgado fala-nos de receitas. Fala-nos em conquistar público, mas na medida em que esse público paga. Fala-nos de teatro como divertimento — mas puro divertimento, sem mais nada. Fala-nos da possibilidade dos autores portugueses serem representados — contribuindo, no seu raciocínio, para que as receitas aumentem. Ora não é nada disso. O problema não é nada disso.

A ideia que temos de teatro não se enquadra neste esquema senão por razões que nós não temos força para sustar. É claro que o teatro que nos interessa a nós, para se realizar inteiramente, teria

de procurar-se fora de um sistema industrial.

«OS JORNAIS PODEM ESCLARECER O PÚBLICO»

VARELA SILVA — Tudo o que dissemos acerca das possibilidades de auxiliar o teatro, nomeadamente no que respeita a subsídio, depende de todas essas entidades de que já falámos: o Governo, etc. Todos nós também — como disse o Costa Ferreira — temos culpas. Ora todos nós também podemos fazer qualquer coisa.

Parece-me, por exemplo, que a crítica também podia dar uma ajuda. Não sei se ela está a dar a sua melhor ajuda. Creio



Varela Silva

— bem sei que dizer isto não é cómodo para um actor — que a crítica está a ajudar um bocadinho várias confusões. E como disse o Jacques, o actor é, nisto tudo, o mexilhão.

Lembro-me que num dos seus artigos o Carlos Porto, aqui presente, fazia uma afirmação que me parece muito importante: dizia ele que, «em Portugal, todas as encenações são provisórias.» Na realidade todos nós, actores e encenadores sonhamos com um trabalho que ainda não podemos dar ao público.

É considerando isto que talvez, nos jornais, se pudessem ajudar um pouco a esclarecer várias coisas de teatro. Eu não sei se

a confusão é útil — já uma vez ouvi dizer que a confusão podia ser útil.

Há uma série de espectáculos que, por serem de choque, merecem, às vezes, o favor da crítica. O que não quer dizer que mereçam sequer a simpatia do público — o tal grande público que nos interessa conquistar. Ora parece-me que vale a pena apelar para que os jornais que sempre estiveram ao lado do teatro ajudem a esclarecer o público sobre todos os aspectos. Não é o problema de fazer a crítica a uma peça; essa é a sua função. Não é dizer que um espectáculo é bom, sendo mediocre, ou que é mediocre sendo mau. Nada disso. Mas esclarecer o público acerca de muitas coisas que, melhor do que eu eles sabem, eles, os homens dos jornais.

MODERADOR — Acerca da questão levantada pelo Varela Silva, que, aliás estava no esquema das nossas preocupações, o Carlos Porto, como crítico de teatro, dirá, certamente alguma coisa.

Entretanto, e muito sumariamente, eu queria — até porque também faço crítica de teatro, e como o Carlos Porto, com carácter amador — dar um pequeno esclarecimento em relação ao que disse o Varela Silva. A mim não me parece, na realidade, que a confusão seja útil. Mas também não me parece que a melhor maneira de evitar a confusão seja a transigência e a complacência perante estruturas e perante atitudes que urge desmistificar. Eu não creio, de facto, que a crítica de teatro possa ter uma função perfeitamente realizável em relação ao público português, na medida em que usa órgãos que não têm uma grande tiragem, na medida em que a maior parte do público desses órgãos não lerá a crítica de teatro, além de uma série de outros factores que se conjugam para que a crítica de teatro seja pouco mais do que uma actividade bem intencionada mas com poucas possibilidades de comunicação. Tudo isto entronca, aliás, naquilo que disse há pouco o dr. Costa Ferreira e que me parece ser a súpula de tudo isto: é que o problema do teatro não é o problema do teatro, é o problema de todo o País. Tudo isto existe, apenas, a nível de improvisação.

No entanto o Carlos Porto poderá debruçar-se mais atentamente sobre este problema.

VARELA SILVA — Dá-me licença? Só um parêntesis. Não me refiro apenas, unicamente, à crítica. Refiro-me a uma função de divulgação que o jornal pode ter, aliás a exemplo do que se passa com outras actividades, que não o teatro.

CARLOS PORTO — Estou de acordo com Varela Silva quando ele reclama para o teatro uma atenção e espaços maiores por parte da Imprensa. Parece-me, no entanto, que o problema não pode ser resolvido por cima. Quer dizer: não é a Imprensa que o vai resolver. O problema é de estruturas. Já aqui foi dito e repetido e não vou, portanto, voltar ao assunto.

Muito bem. Vamos, portanto, ver o problema de outro ângulo: será possível fazer melhor teatro, nas actuais circunstâncias? É aqui que intervenho como crítico.

«CHAMAR ENCENADORES ESTRANGEIROS»

Eu creio que, realmente, é possível fazer melhor teatro em Portugal, nas actuais circunstâncias, embora — é bom frisá-lo — acha que as actuais circunstâncias deviam mudar. O Mário Jacques disse — e creio que o Varela Silva esteve de acordo — que o actor é o menos responsável pela situação do teatro em Portugal. Ora, pela minha parte, eu creio que somos todos responsáveis, e o actor é tão responsável como qualquer outra enti-



Carlos Porto

dade que cria o teatro. O que eu verifico é que a problemática do teatro não nasce só de um problema de estruturas, mas sim também de um problema de honestidade. Eu entendo que para ser artista é preciso, realmente, ir ao sacrifício. O artista tem sido sempre — e eu sou contra isso, evidentemente; não tenho uma concepção romântica do artista — na história da humanidade, um ser de certo modo marginal e obrigado a combater para se realizar. De qualquer modo, o actor de teatro, em Portugal — para não falar das excepções, claro — faz teatro como quem faz qualquer outra coisa. O teatro é apenas um emprego.

Por outro lado, o teatro não é só o actor: é também o encenador. Eu creio que, em Portugal, com algumas excepções, não há encenadores. Nas actuais estruturas a única maneira de resolver o problema em Portugal é chamar encenadores estrangeiros. Estou a pensar num exemplo, e cito-o embora saiba muito bem de todo o condicionalismo que está por trás dele. Mas a verdade é que eu vi um espectáculo em Lisboa, no qual um homem argentino trabalhou dois meses, realizando um trabalho notável, apesar de ter utilizado actores que não o eram, e com aquilo que não existia, mas que, no entanto, apareceu. Evidentemente que se trata de um espectáculo um pouco à margem.

Eu o que queria dizer é isto: no nosso teatro estão criadas estruturas que impedem o ingresso de jovens que se possam interessar por ele. E parece-me fundamental que o teatro permita ao jovem ingressar nele. Por outro lado, é essencial ao teatro português criar espectáculos a partir de textos que reflitam totalmente os nossos problemas. Tem de se fazer um teatro de problemática, mesmo

situação do teatro profissional (2)

dentro dos nossos condicionalismos. E creio que isso é possível, até representando clássicos.

MÁRIO JACQUES — Parece-me que não ficou bem esclarecido o que eu disse há bocado. Há uma dualidade no teatro português que é muito importante. Por aquilo que eu conheço directamente da Europa e, teoricamente, do mundo chamado civilizado, nós temos particularidades e uma especificidade muito especiais. Temos, pois, condicionalismos muito especiais, portanto. Condicionalismos que implicam, mesmo aquilo a que se referiu o Carlos Porto. Ora quando eu ponho o actor fora do problema teatral, ponho-o muito esquemáticamente. Evidentemente que o actor é um homem responsável dentro da sociedade. No plano do teatro, eu coloco-o um pouco marginalmente, por isto: é que o actor de teatro não é um «monstro sagrado», um tipo diferente dos outros. Sofre os mesmos condicionalismos de qualquer outra pessoa, seja de que tipo de actividade for. É evidente que o actor, na sua generalidade, está condicionado da mesma forma que qualquer outro trabalhador português: seja ele médico, engenheiro, operário, músico, seja o que for. E se há desonestidade em muitos actores, também a há em muitos indivíduos que participam outras actividades.

O problema fundamental não é teatral. O teatro por si não resolve coisa nenhuma. Estou de acordo com o Carlos Porto quando diz que devemos tentar saber o que é que, dentro deste condicionalismo, é possível fazer.

O Carlos Porto, por exemplo, focou o aspecto da presença do encenador Vitor Garcia, suponho...

CARLOS PORTO — Referia-me a Adolfo Gutkin.

MÁRIO JACQUES — É idêntico. O que acontece é isto: o teatro profissional tem um funcionamento completamente diferente do teatro amador. O teatro profissional começa por ter dois tipos de censura: a censura do texto e a censura visual, que é uma coisa que o teatro universitário e o teatro amador não têm.

Por outro lado, não podemos saber até que ponto esse espectáculo poderia ou não ter impacto no público. Só com três ou quatro espectáculos não se pode fazer uma ideia disso. O teatro só tem significado quando atinge milhares de pessoas. Quando atinge centenas isso não é muito importante.

JOSÉ VIANA — Temos aqui o Vasco Morgado. E o Vasco Morgado está optimista. Diz-nos que há um alargamento das liberdades oficiais. Ora o Vasco Morgado tem a faca e o queijo na mão: é empresário, tem teatros, pode com certeza contar connosco e com todos os colegas que aqui não estão presentes — apesar de algumas desonestidades que nos têm tocado



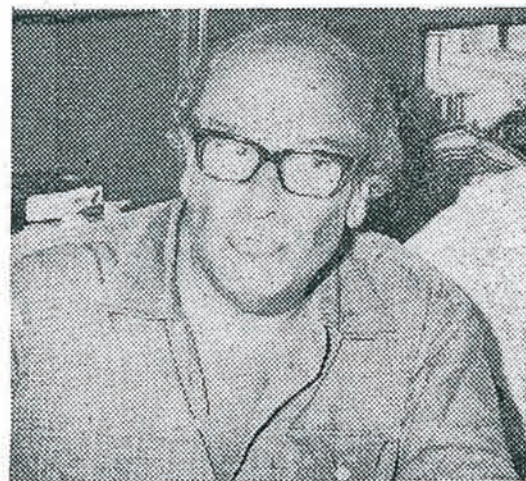
José Viana

todos — e que estão dispostos, na esmagadora maioria, a limpárem-se, digamos. E, portanto, estamos todos dispostos a colaborar com o Vasco Morgado. Ele tem a faca e o queijo na mão.

«O ACTOR É UM ELEMENTO DE PRODUÇÃO»

COSTA FERREIRA — O José Viana disse parte daquilo que eu pensava dizer. Ao falar do artista, do sacrifício e da luta que moralmente têm aqueles que querem progredir, o Carlos Porto confunde, parece-me,

o actor-elemento de uma indústria que trabalha em colectividade, com o artista criador que até pode morrer de fome e deixar uma obra. O actor, se recusar a representar o repertório que a empresa lhe dá, poderá morrer de fome, mas não deixará uma obra. O actor é, numa concepção capitalista e industrial do teatro, um elemento de produção, e deve ser nesse aspecto encarado sob coordenadas económicas e sociais. Será muito bonito dizer que se peçam sacrifícios — e eu abstenho-me de citar exemplos de sacrifícios de colegas, porque pare-



Costa Ferreira

cia que estava a fazer publicidade deles, mas posso-lhes dizer que muitos artistas portugueses se sacrificam. Muitas vezes até por engano.

Sem que isto queira representar um remoque ou uma resposta, contarei um episódio passado com um crítico, até muito inteligente e muito contente, já falecido. Era crítico, referindo-se a uma encenação minha, dizia que eu tinha ido copiar a encenação francesa um efeito de luzes, que afinal era rubrica da peça, uma peça de Pirandello que ele devia ter lido. Acusava-me também de ter copiado a encenação francesa quanto aos figurinos. Eu coloquei a acção da peça no fim da última guerra, e ela em França tinha sido colocada no fim da guerra de 14-18. Possivelmente pelas mesmas razões: é uma peça que só se justifica no fim da «belle époque» e eu suponho que a «belle époque» teria acabado no fim da última guerra, mas não tenho ainda a certeza. Eu poderia ter chamado desonesto a este crítico. Resolvi chamar-lhe brincalhão.

Há um outro aspecto que precisamos também frisar: um espectáculo amador (e eu fiz vários desses espectáculos), que merece de facto ser acarinhado pela crítica, é muitas vezes confundido em resultados espectaculares com espectáculos profissionais. Ora a comparação entre o actor-amador e o actor profissional é achincalhante para o teatro e prova que, pelo menos, toda a técnica da arte de representar é uma coisa que a crítica despreza.

Quanto ao caso concreto do espectáculo encenado pelo Gutkin, que eu também vi, e de que gostei realmente muito, empregava um elenco de estudantes universitários — o que permitia reunir um núcleo de pessoas com inteligência e cultura que não seria possível, provavelmente, encontrar numa companhia de profissionais na sua totalidade tratava-se de pessoas a quem o encenador poderia exigir coisa que também se podiam exigir ao actor profissional se houvesse um Conservatório. Por exemplo: como é que se pode fazer uma depressão corporal na linha de um Grotowsky ou de um Artaud se há actores que chegam aos quarenta anos sem nunca fazerem ginástica, porque no Conservatório estiveram sempre os homens de gravata e as senhoras de meias de seda, porque é obrigatório estar nessa posição académica no nosso Conservatório? Quando no nosso Conservatório não se ensina a descontração e começa-se logo por dar textos para ler e textos obsoletos. Por consequência, empregar palavras feias, como desonestidade, a pessoas que lutam nestas circunstâncias, parece uma posição idealista, ultrapassada e romântica, que eu, como materialista e homem do século XX, tenho obrigação de repudiar vivamente.

VARELA SILVA — De facto, o actor, como elemento de uma equipa pouco pode fazer.

Ele obedece às ordens do encenador. E assim, o problema é trágico. Os encenadores em Portugal são feitos pelo seu gosto próprio, pelo seu autodidactismo. Eu, por exemplo, estou numa companhia (a única, parece-me, em Portugal) onde tenho tido a possibilidade de contactar e de aprender alguma coisa com encenadores estrangeiros: um Michael Bentall, um Tamayo, um Luca de Tena. Naturalmente que gostaríamos de ter outros e mais e melhores.

Todos nós temos as nossas encenações ideais, todos gostaríamos de encenar a sensação, que, aliás me parece a coisa mais fácil que há em teatro. Todos nós poderíamos fazer encenações de choque, explosivas, para as pessoas gostarem.

Mas os profissionais têm de submeter-se às condições em que trabalham. Ainda recentemente, numa peça que dirigi, e que teve o agrado do público — refiro-me ao «Tango» — eu fiz uma encenação de compromisso. É evidente que eu gostaria de fazer outro tipo de encenação, mas seria um tipo de trabalho dirigido a elites, para as quais, na medida do possível, me recuso a trabalhar.

Quanto à crítica, posso citar um caso muito recente, um crítico de um jornal muito importante da nossa terra, referia-se a uma coisa que se considera um grande êxito em Portugal, como foi «Tango», como sendo encenação de um colega meu. Parece que o crítico não estava informado. Numa outra realização minha, o crítico dizia: «muito boa encenação de fulano e os autores vão muito bem graças à direcção de cena de beltrano». Chegamos a esta conclusão: Um crítico não está suficientemente informado de quais são as funções de um encenador e de um director de cena. Quer dizer: Nós também temos as nossas pedras no sapato.

COSTA FERREIRA — Só um esclarecimento a respeito dos encenadores estrangeiros, eu tenho ido lá fora, com as economias que consigo reunir, ver espectáculos, e tenho aprendido muito. Agora um encenador que não domine a nossa língua não pode realizar um dos trabalhos básicos da encenação: a direcção de actores. Nas linhas mais modernas de encenação que eu conheço (o teatro despojado de efeitos técnicos), em que tudo se deve, basicamente, à técnica de representação do autor, não sei como poderia ser de muito rendimento o trabalho de um mestre de teatro que não compreendesse os valores da nossa língua. Evidentemente que eu estou pronto a ser assistente — e convinha-me imenso — de qualquer grande encenador a que o Estado pagasse para vir cá encenar, e que falasse uma das línguas que eu entendo. Simplesmente: é preciso que venham esses encenadores, mas para trabalharem com outros portugueses e não directamente com os actores que não têm obrigação de falar inglês, alemão ou francês.

«ENCENAÇÕES ESTAPAFÚRDIAS»

JOSÉ VIANA — O Varela tocou um bocadinho num ponto que considero muito importante, quando diz que é fácil fazer encenações estapafúrdias. De facto, isto não tem nada que ver com o teatro que nós queremos fazer. Desde que nos sejam dadas condições, nós encontraremos os nossos caminhos de levar o teatro ao público português. Encontraremos a maneira de nos exprimirmos. Não precisamos de ninguém. Estamos aqui para fazer um teatro nacional.

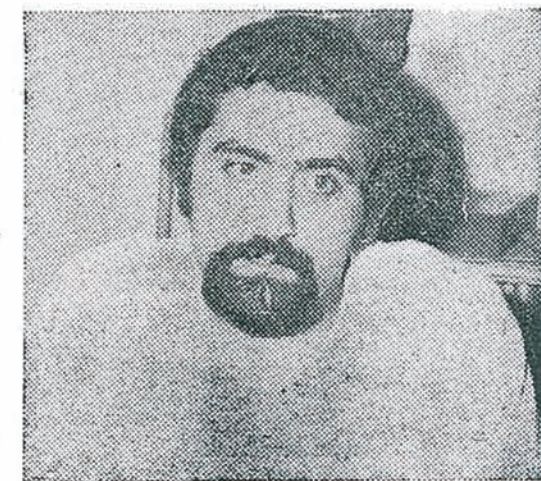
COSTA FERREIRA — Um espectáculo de teatro é um acontecimento circunstancial, limitado pelo tempo e pelo espaço. O encenador estrangeiro que vem a Portugal tem de conhecer a situação social e cultural do povo português para poder dar um espectáculo válido a Portugal.

Além disso, fala-se com muita frequência cá em ir tirar cursos de encenação lá fora. Que eu saiba, não há em parte nenhuma do mundo cursos de encenação. Há cursos de director de cena, onde se aprendem coisas fundamentais da cena. Um curso de encenador seria de nível universitário, com cadeiras de todas as faculdades. Portanto: tem de haver autodidactismo no encenador, tem de haver muito estudo, e cada espectáculo é um problema novo.

Por outro lado, verifiquemos que certos efeitos de cena gratuitos, em vez de servirem o público, servem para complicar e, por consequência para estragar o espectáculo.

MODERADOR — Permittam-me que ordene um pouco a discussão. Quanto ao que dizia o Varela Silva, sobre a crítica o Carlos Porto, a quem a seguir darei a palavra; se o desejar, responderá, concientemente esclarecedoramente.

No entanto, a intervenção do Costa Ferreira e do José Viana sugerem-me um pequeno esclarecimento. A mim não me parece que se para opôr a uma concepção académica da encenação, ao que se faz aqui no nosso País geralmente, ou que se tem feito até agora e se continua a fazer na maioria dos casos, as «encenações estapafúrdias» a que se referiram as pessoas que falaram sobre este assunto. Para lá dessas «encenações estapafúrdias» e que não são também as encenações académicas. Eu receio muito que quando se fala de «encenações estapafúrdias» se tenta justificar, por esse processo que considero mistificatório, um tipo de encenações que também não servem a nossa realidade, o nosso País. Não devemos, portanto, confundir uma questão que é, de facto, um pouco controversa e que, posta assim pode induzir as pessoas em erro. E eu vou, com alguma objectividade, dar exemplos concretos. Que diga o facto de não estarmos de acordo com as encenações que se tornaram habituais no Teatro Nacional não significa que justifiquemos as encenações do Carlos Avilez. Mas não significa que não prestamos a nossa homenagem a encenações como a do Adolfo Gutkin, de que falou há pouco o Carlos Porto, ou a outras encenações que tem havido em Portugal — e das quais me permito destacar, por exemplo, «O Renter dos Heróis», de Fernando Gusmão — que não são encenações estapafúrdias ou académicas, mas trabalhos inteligentes com o objectivo de servir o teatro. E por isto me parece real-



Joaquim Benite

mente importante o que diz o Costa Ferreira: que o teatro habitualmente considerado da elite é representado no estrangeiro para públicos de operários, públicos populares. Portanto, uma encenação pode parecer estapafúrdia se considerarmos que só o não é o que for conservador. Estas encenações são, no fundo, verdadeiras tentativas de comunicação, servindo, claro os elementos simbólicos, emblemáticos até necessários a uma comunicação eficiente com grandes camadas de público.

SÓ TRANSFORMAREMOS O TEATRO A PARTIR DE UM GRANDE ESFORÇO

CARLOS PORTO — Refiro-me ainda ao problema do actor. O dr. Costa Ferreira disse muito bem que o encenador tem de praticar um constante autodidactismo. O problema que se me põe em relação ao actor é o mesmo: eu acho que o actor deve representar, mas deve fazê-lo o melhor possível. E o que eu acho é que em Portugal o actor sempre o faz. Porque vai para o teatro não com o pensamento de criador, mas como podia ir para outra qualquer coisa.

A meu ver o actor tem o dever de se cultivar. Para mim as coisas nascem aqui.

Continua na página seguinte

A situação do teatro profissional

Continuação na pág. anterior

Se o actor insiste em ser actor tem que o ser convenientemente. Quer dizer: tem que esforçar-se quotidianamente no sentido de estar á altura de uma missão que de certa maneira o ultrapassa. O actor tem de ser o seu próprio encenador. Para isso tem de esforçar-se. O que eu queria era que os actores portugueses fizessem um esforço para saírem deste impasse: na medida em que pouca gente se interessa por teatro, nós temos que o transformar. E só o transformaremos a partir de um esforço grande de todos nós.

Evidentemente que eu não esqueço que a crítica é tão culpada como qualquer outra entidade do nosso teatro. Digo mais: a crítica que se faz em Portugal é bastante má. É essa a minha opinião.

JOSÉ VIANA — O Carlos Porto talvez esteja pouco em contacto connosco. Que julga o Carlos Porto que tem sido o nosso trabalho? Nós temos procurado, através de todos os processos, enriquecermo-nos. Se mais não fazemos é porque nos não dão meios para isso. É preciso ver o nosso caso: muitos de nós, como eu e o Varela, começamos nos grupos de amadores. Uns eram operários, outros empregados de escritório. Como é que conseguimos progredir? Através do estudo. É claro que não nos transformamos em génios. Os génios são alguns jovens que aparecem, que já sabem tudo.

COSTA FERREIRA — Já não se usa nada o génio...

VASCO MORGADO — Não estou de acordo com o dizerem que não há encenadores em Portugal. Tenho visto lá fora e cá, no S. Luis, companhias ás quais as nossas não ficam a dever nada.

Os nossos actores estudam. Há sempre os que deixam os papéis na porta da «caixa», claro. Mas esses não vencem. Nós temos agora uma elite de jovens actores que são rapazes que estudam, rapazes com uma certa preparação. Eu falo por mim. Andei no Conservatório três anos, dediquei



Vasco Morgado

toda a minha vida ao teatro. Dizem que tenho a mania dos monopólios. Não tenho a mania dos monopólios: gosto de teatro, simplesmente.

Peço apenas que a Imprensa, a Rádio, o Cinema, a Televisão ajudem o teatro. Dizem que o teatro está em crise. Em todos os países é assim...

MODERADOR — Apenas um esclarecimento que me parece interpretar a ideia de

todos; o Vasco Morgado fala na sua qualidade de empresário. Os seus interesses não são, portanto, paralelos aos nossos. Nós lutamos por um teatro válido, independentemente da ideia dos lucros, do teatro como actividade industrial. Atendendo, porém, a que a situação é esta e não outra, é nela que temos de nos inserir. E então tenho de dizer que me não parece que o problema do teatro possa ser resolvido com o auxílio mais ou menos generoso de todas essas entidades.

Em relação à continuação da nossa conversa, gostava de pôr uma questão ao José Viana e ao Carlos Porto. O Costa Ferreira falou da impossibilidade de fazer entre nós um teatro que está a ser feito na Europa, e que intenta superar duas tendências, em princípio opostas, que não chegaram a aparecer entre nós: uma tendência didáctica, creio que na linha de Brecht ou de Piscator, e uma tendência que classificou de explosiva, emocional, e que parte dos postulados de Artaud. Diz o Costa Ferreira, com razão, quanto a mim, que não é possível fazer encontrar estas duas tendências através de uma superação, porque de nenhuma delas temos experiência. Parece-me, entretanto, que podemos partir deste conceito para uma pergunta objectiva. O José Viana dedica a sua actividade de autor, de actor, de homem de teatro, neste momento, á revista, onde desenvolve uma intensa actividade; considera que a revista tem possibilidades de substituir este tipo de teatro de que falou o Costa Ferreira, que tem possibilidade de conciliar dentro da sua estrutura os factores espectaculares e didácticos que lhe permitam ser uma manifestação artística portuguesa, radicada na nossa realidade, interveniente e positiva?

JOSÉ VIANA — Eu considero que a revista é, presentemente, o processo teatral mais eficiente para uma comunicação com grandes massas. É uma coisa que todos nós sabemos.

A revista é um teatro que critica os costumes, que critica o meio social, o ambiente em que todos vivemos. E critica-o de uma forma facilmente compreensível, que o público pode ler perfeitamente no palco. É um espectáculo que não tem uma quarta parede a fechá-lo: pode levar o público a participar, pode provocar reacções de sua parte.

MODERADOR — Que pensa disto o Carlos Porto?

CARLOS PORTO — Eu creio que o José Viana tem razão. Desde que a revista possa mergulhar nas raízes históricas do povo português poderá constituir um caminho para atingir aquilo que todos pretendemos. Creio, no entanto, que não será o único. Suponho que será possível fazer-se um teatro relativamente didáctico se se lutar por isso.

A SITUAÇÃO SOCIAL DO ACTOR

MODERADOR — Mário Jacques, falou-se um pouco da actuação do actor num plano um pouco moral, um pouco ético. Gostava que se referisse á situação do actor como trabalhador social, ás suas relações com a empresa, á maneira como cumpre a sua função deste esquema capitalista?

MÁRIO JACQUES — O actor funciona como qualquer empregado numa sociedade capitalista. As suas relações com a empresa são essas. É valorizado conforme o con-

ceito que o empresário tem desse actor. Quanto á sua função reivindicativa, já aqui foi dito pelo Varela que não temos um Sindicato eficiente e vivemos, portanto, um pouco á mercê das circunstâncias.

Quanto ao que se disse aqui sobre a vinda de encenadores estrangeiros e encenações estapafúrdias, que eu aliás não sei bem o que sejam...

COSTA FERREIRA — Já foi esclarecido aqui pelo Joaquim Benite, até com o nome de uma das pessoas que as faz. É bem claro.

MÁRIO JACQUES — O Avilez... O que eu queria dizer é que a forma como se há-de fazer teatro só será compreendida a partir de uma prática de teatro, que é



Mário Jacques

aquilo que nós não temos. E a propósito lembro a importância dos sociólogos dentro do teatro.

VARELA SILVA — Acerca de actores e de empregos: estamos aqui quatro actores e quatro desempregados.

COSTA FERREIRA — O actor é um elemento de uma estrutura, empregado de um patrão capitalista, sem nenhuma garantia do seu futuro. E, portanto, é levado também a capitalizar, para garantir a velhice. Por consequência tem de negociar com habilidade e procurar os contratos mais rendosos. Enquanto a profissão do actor não for socialmente garantida, o actor não é livre para fazer o teatro que deseja.

JOSÉ VIANA — Somos uma espécie de Eusébios...

MODERADOR — Vasco Morgado: quer dar o seu ponto de vista de empresário?

VASCO MORGADO — Felizmente que estou na presença de quatro actores que não têm dificuldade de encontrar trabalho. Nesta época, como no estrangeiro, os teatros estão fechados. A época é de 15 de Setembro a 31 de Maio. Um ou outro teatro funciona, mas não o podem fazer todos.

O teatro não pode suportar que os actores tenham as suas férias pagas. Agora que há jovens que estão a lutar para acabar com o descanso semanal, nós começamos com o descanso semanal...

JOSÉ VIANA — Se eu quiser ser honesto para comigo mesmo, devo dizer que na época passada ganhei o suficiente para estar agora de férias. Mas o meu caso não invalida o esmagador caso dos outros. Eu tive sorte. Mas isso nada significa em relação ao panorama português. O panorama

dos actores portugueses é que estão todos muito aflitos da vida deles — e todos mais aflitos do que estará o Varela

VARELA SILVA — Ah, sim! Simplesmente estas férias seriam muito agradáveis se eu, em vez de estar a três quilómetros de Lisboa, pudesse estar no estrangeiro a assistir aos festivais de teatro que estão a realizar-se e que eu precisava absolutamente de ver...

PROPOSTAS DE SOLUÇÕES IMEDIATAS

MODERADOR — Pergunto-me se tudo isto não tem de ser revisto pela base e se todos estes lugares não deverão ser preenchidos de outra forma...

Para terminar esta mesa-redonda proponho-vos a seguinte questão: Como efectivar um esforço no sentido de levar o teatro ao público? Julgo dever começar por uma pessoa que hoje é dos maiores responsáveis pelos destinos do teatro em Portugal: Vasco Morgado.

VASCO MORGADO — Penso que deviam organizar-se festivais de Verão em várias cidades da província, com subsídios do Fundo de Teatro. Isto teria ainda a vantagem de empregar os actores durante o Verão, embora com ordenados mais baixos. No Inverno: fazer um estudo com o apoio da Secretaria de Estado e apresentarmos um plano, de forma a evitar a desorganização que tem havido — e na qual eu tenho também colaborado...

JOSÉ VIANA — Tenho-me esforçado por conseguir levar o teatro ao público. Luto contra moinhos de vento, mas alguma coisa tenho conseguido. Como? Discutindo com os empresários. Apesar de tudo, alguma coisa tenho conseguido.

VARELA SILVA — Penso como o Vasco Santana: «Janelas abertas é um belo auxílio para tudo isto».

CARLOS PORTO — Acho que devemos partir de uma consciencialização da problemática teatral. Tem de criar-se condições de trabalho colectivo, de forma a chamar colectivamente a atenção de todos, entidades oficiais e público, para a crise de teatro, para a necessidade de um autêntico teatro em Portugal. Em resumo: devemos ajudar a abrir as janelas.

MÁRIO JACQUES — Estou de acordo com o Carlos Porto. Se penso que dentro desta estrutura é difícil fazer mais alguma coisa de positivo, o que penso como mínimo necessário e urgente é: diminuir os impostos dos espectáculos e facilitar-se a abertura de teatros.

COSTA FERREIRA — Dentro desta estrutura, parece-me que seria indispensável separar os teatros comerciais de outros. Para isso devia criar-se um Serviço Nacional de Teatro, dirigido por actores responsáveis, sendo o Estado o administrador. Para isso devia o Estado consultar certos sectores do público mais responsáveis, como os estudantes universitários. Além disto: estudo de teatro desde o liceu, de modo a esclarecer a função do teatro na sociedade. Para que o teatro melhore é preciso que o utilizem para diminuir o espírito de competição e aumentar o espírito de solidariedade humana. Resumindo: é preciso ensinar o povo português a gostar de viver e a amar a vida que ele amará, logo, o teatro.

CAMPANHA DE SEGURANÇA NAS PRAIAS ASSOCIAÇÃO DE NADADORES-SALVADORES VOLUNTÁRIOS

- Se é maior de 16 anos (homem ou mulher);
- Se sabe nadar bem;
- Se vive próximo do mar ou passa as férias grandes em alguma praia...

... Concorra à Associação de NADADORES-SALVADORES enviando um postal com o seu nome, idade, morada e profissão para o

CAMPANHA DE SEGURANÇA NAS PRAIAS
MINISTERIO DA MARINHA
Praça do Comércio LISBOA

Bertrand Russell — 97 anos

Continuação da página 1

Mars, Comte, Weber ou Durkheim. A explicação, para mim, é outra: o que impediu Russell de elaborar a sua própria teoria das relações humanas foi o seu passado científico. Há um parágrafo revelador na autobiografia em que diz que, junto das abstrações matemáticas, mesmo as mais peritas teorias sociológicas parecem triviais e estúpidas. Esta atitude é compreensível. Uma mentalidade lógica treinada não encontra, no fluxo das relações humanas e naquilo que empiricamente é hoje possível nelas discernir como evidência, o terreno suficientemente firme para estabelecer uma construção teórica que tenha validade científica.

Através da sua longa vida, Russell foi muitas vezes mal interpretado e serviu, de despropósito, de estandarte ou de láctone a grupos e movimentos diversos. Procurou sempre coerência lógica e coerência moral nas suas acções — e, sustentando-se

a sociedade humana de incoerências lógicas e morais, não é de espantar que muitas vezes se tenha achado só ou em má companhia.

Tal como eu o vejo, Russell é uma variedade superiormente inteligente de um tipo de inglês: o liberal de esquerda e quem o nascimento e a fortuna propuseram ressentimentos e ambições sociais e que se bate generosamente pelo que acha certo e justo, sem comprometer princípios para salvaguardar comodidade. É um tipo em via de extinção. O mundo moderno tem-se sacrificado em nome da conservação de tradições ou da implementação de utopias. A sua integridade tornou-se muitas vezes inútil na vida política. E talvez muitas vezes se tenham equivocado. Mas entre eles estavam certamente alguns dos melhores seres humanos que nos foi dado conhecer. A autobiografia do mais nobre deles todos fica como recordação e exemplo dos valores por que viveram e que são hoje, mais que há 97 anos, precisamente raros.

PÁGINA 8

DIÁRIO DE LISBOA

6 NOVEMBRO 1969

UM GRANDE ESPECTÁCULO DE TEATRO

«Amanhã digo-te por música»

pelo «Grupo 4», no Tivoli

Acontecer um espectáculo como o que o «Grupo 4» ontem estreou no Villaret é, no panorama teatral português, um facto que merece ser assinalado de maneira especial. Num teatro ferozmente submetido aos valores comerciais do lucro e da inerente satisfação dos mais alienados desejos do mercado, «Amanhã digo-te por música», de James Saunders, na realização de Fernando Gusmão, reveste-se de um carácter de uma experiência exemplar, cujo significado poderia ser desfigurado se os seus méritos fossem alvo de um elogio judicioso, formulado nos termos habituais da auto-satisfação nacional.

Não se trata, pois, de emalhecer uma realização e render homenagens aos seus autores: «Amanhã digo-te por música» traduz algo mais que a simples boa (ou excelente) qualidade. De facto, estamos em presença de um empreendimento cujo alcance escapa às classificações tradicionais do ambiente, pois está fora deste, encontra-se em completo conflito, em aberto confronto com as normas habituais e o sistema convencionalmente utilizado de fazer digestões (mais ou menos justificáveis) nas salas de espectáculo, depois do jantar.

Se tematicamente (no caso da palavra poder ser aplicada em relação a este caso especial em que o tema é quase sómente o grande tema, ou seja a complexa rede de caminhos da solidão do homem) a peça se encontra já fora dos canis por onde mais clássica ou mais modernistamente circula a produção teatral entre nós, formalmente o «Grupo 4» propõe-nos uma visão nova, ou pelo menos rara, das possibilidades da realização cénica, do seu

processo e do seu sentido último e essencial.

Em «Amanhã digo-te por música» está em jogo uma concepção de teatro: concepção que nos força a optar e nos coloca irremediavelmente face ao problema central do teatro dos nossos dias, que é a antinomia (tantas vezes objecto de tentativas de superação) entre um teatro construído na ilusão ou um teatro que, despedido dos seus mistérios, mergulhe a sua estrutura na realidade circundante, não receando perder os seus atractivos num directo contacto com o público.

Fernando Gusmão, o encenador, opta com clareza pela segunda via, ajudado, naturalmente, por um texto que é já decorrente de uma concepção semelhante (e não esqueçamos que a escolha da peça é um dos principais elementos para a correcta leitura artística de um espectáculo).

Tematicamente, a peça de Saunders, não pode sintetizar-se. Servindo-se de um fio de acção pretextual e ténue, a obra aflora todas as grandes questões de âmbito existencial que se colocam ao homem moderno. O pretexto de Saunders foi um facto verdadeiro: a reclusão voluntária de um homem, durante perto de quarenta anos, numa cabana onde viveu e morreu como verdadeiro solitário.

Este ponto de partida serve-nos para, através da apreciação crítica da figura desse homem, e das revelações a que o seu temperamento foi sendo submetido, irmos penetrando no oceano angustiante da pesquisa existencialista, cada vez mais profundamente mergulhada no sentido último das coisas e das relações abstractas entre elas. Por vezes sentimos que uma análise se encontra prestes a ser concluída e, eis senão quando, como no vaivém marítimo das ondas, ela se desmorona face a uma nova intemogação ou se dispersa na complexidade das próprias contradições que encerra. As personagens de Saunders são tão solitárias e tão incapazes de entre si comunicarem experiências como nós mesmos. Os diálogos não passam afinal de monólogos entrecortados, onde cada um busca a definição da sua singularidade e estabilidade da sua posição relativa no plano da vida. Daí que não haja nesta peça, propriamente, um assunto, ou, mais rigorosamente, que o assunto desta peça seja o de sempre, o de todos, e o de todas as obras universais. A perplexidade do homem na sua aventura terre-

na é o unico protagonista de «Amanhã digo-te por música» e não serão duas ou três alusões de índole temporária e temporal que modificarão este sentido visível da mensagem de Saunders.

Entre o autor de «Next time I'll sing to you», nascido em 1925, e os dramaturgos modernos ingleses da geração a que pertence um Osborne ou um Wesker, existe o ponto comum da impotência humana transformada em raiva e em absurdo. «Continuamos fechados nos nossos orcos», diz uma das personagens da peça, tentando demonstrar que entre a prisão de cada um em si mesmo e a reclusão do eremita não há uma diferença notável. Como outras tentarão demonstrar com o tipo de lógica que desconhece os valores objectivos, a nula diferença que existe entre o estar acordado ou o estar a dormir, ou o sentido idêntico das afirmações e suas respectivas réplicas negativas.

Não se pense, porém, que este clima e esta problemática são dados através de uma sucessão de tiradas monótonas e pouco teatrais: pelo contrário, a obra está construída com extrema habilidade, mantendo um constante clima de humor, realmente satírico e por vezes cruel, e construindo, na falta da intriga, uma nova espécie de intriga alimentada daquela ausência.

Fernando Gusmão dirigiu o espectáculo de forma a valorizar cada uma das palavras, a não deixar perder o mínimo elemento para a apreensão do texto. A sua encenação tem a qualidade maior de uma unidade estética e de uma coerência de processos que não ignora a realidade do texto e permite aproveitá-lo integralmente na sua significação. Neste sentido, o espectáculo exigiu e conseguiu uma perfeita coordenação de todos os elementos de expressão cénica reduzidos ao cenário despido do palco, à luz branca, à cuidadosa direcção de actores.

Rui Mendes, na figura de Meff, o só aparentemente passivo criador de enigmas, a personagem que serve frequentemente de contraponto às restantes, tem uma das melhores, senão a melhor interpretação da sua carreira, pondo inteligência e uma criteriosa técnica de expressão em cada uma das frases com que sacode o público e exerce, na peça, o papel de quase agitador ou animador se preferirem. João Lourenço e Moraes e Castro, nas figuras



Um momento da peça

de Dust e Rudge representam como o seu, na vida do estudo e do teatro. Fernando Gusmão é inextinguível na interpretação do eremita, a figura verdadeira e exemplarmente destruída na peça. No final do espectáculo (em que também colaborou Irene Cruz, como assistente de encenação) o «Grupo 4», que em boa hora reapareceu, teve uma entusiástica salva de palmas. Desejamos apenas que ela se repita em muitos espectáculos, a bem do teatro português.

JOAQUIM BENITE

Bilhetes à venda (amanhã à tarde) para a «Grande Noite do Fado»

Além amanhã, de 11 horas, a bilheteira da Ótilia dos Santos para a «Grande Noite do Fado» que a Casa de Imprensa regista na próxima dia 12.

Para além de um número de excepção (na noite cantada) serão os cantores portugueses e portugueses velhos (intercontinentais) a volta da «Grande Noite do Fado» em a desfilas, comitadamente e apertadamente, de fadistas amadoras que defendem as suas ideias com orgulho e honra de Lisboa e arredores.

Esperando que entre 11 na bilheteira das noites fadistas de Lisboa, a «Grande Noite do Fado» promovida, por certo, com o contributo da Ótilia dos Santos, como fadista amadora, seja uma realidade.

AULAS DE TOUREIO NO «SECTOR B»

Estas aulas são dadas no Sector B do Grupo de Toureio do Grupo de Toureio do Sector B, que continua sob a direcção do antigo instructor do Sector B.

As aulas começam às 21 e 22, no Pavilhão dos Desportos, e são dirigidas, de manhã, no Pavilhão do Grupo de Toureio.

As inscrições para a Escola poderão ser feitas até ao dia 15 de Novembro, das 10h às 18h, em qualquer das salas de actividades.

AUTOMÓVEIS

BOND Equipe 2 litros GT

Agora no

MARCAMPO

Agente Oficial

Em exposição hoje e amanhã até às 24 horas nos stands

Av. Almirante Gago Coutinho, 56-D LISBOA

nova Binaca

superfresca

A nova Binaca superfresca é a pasta dentífrica para a gente moderna.

Grande classe - Contém um super refrescante natural! Esta claro! Garante uma perfeita higiene da boca.

Qualidade Binaca - E... fresca, deliciosamente fresca.

Binaca

frescura que perdura Binaca superfresca

DIÁRIO DE LISBOA 13 NOVEMBRO 1969

«O PECADO DE JOÃO AGONIA» DE BERNARDO SANTARENO, NO CAPITÓLIO

1 — A estreia de «O Pecado de João Agonia», de Bernardo Santareno, pela companhia do Teatro Nacional, no Capitólio, permite tecer algumas considerações marginais acerca da oportunidade e do significado da representação de uma obra como esta no momento actual da sociedade portuguesa.

Aborda-se neste original, o problema de um homossexual que acaba por ser vítima da acção familiar, desencadeada e explicada por um meio fortemente hostil, segregador e primitivo. É evidente que, para lá das filiações de carácter ideológico que é possível extrair da peça e dos fundamentos sociológicos a que ela dá lugar, uma questão se impõe, imediatamente, como centro da sua temática: a do homossexualismo.

2 — É o próprio Bernardo Santareno quem, num pequeno texto que escreveu para o programa do espectáculo, faz uma distinção entre duas fases da sua obra.

É claro que uma análise atenta e profunda do original agora estreado implicaria uma revisão do teatro de Santareno na sua primeira fase. E isto porque não pode rejeitar-se ou aceitar-se esta peça sem que se assumam idêntica ati-

tude em relação a todas as obras desse primeiro período do autor de «O lugre».

Respeitamos muito Bernardo Santareno como dramaturgo e reconhecemos a força da sua sensibilidade teatral, a originalidade da sua obra, o seu poder de dialogar e de traduzir cénicamente conflitos psicológicos e emoções. Mas parece-nos que se tem dado demasiada importância a esta primeira fase onde existe muita coisa de excessivo, de falso, de contraditório. O *realismo poético* de que fala Santareno a propósito das peças que integram esse período, não passa, afinal, de uma mistura, por vezes cheia de mau gosto, de naturalismo (ou regionalismo naturalista se se preferir) com uma espécie de poesia que se alimenta, apenas, do que a tragédia como género teatral tem de ultrapassado, de inactual, de impossível de aceitar nos nossos dias: e vê-se a galeria de figuras que nas peças de Santareno desempenham o papel anunciador do destino, com os seus presságios, as suas visões, os seus constantes apelos à fatalidade e ao irracionalismo. Haverá quem encontre nesta trulência a unidade estilística, necessária à obra de arte. Por nossa parte, não a encontramos.

«O Pecado de João Agonia» ressent-se, naturalmente, destas estruturas e deste estilo. Colocado um problema tão importante como o é o do homossexualismo (que tem de ser encarado, decerto, numa base racional e científica) e das segregações a que dá lugar, é pena que Bernardo Santareno o não tenha podido enquadrar numa atmosfera verdadeiramente realista, servindo-se dele apenas como pretexto para um desenvolvimento teatral que desde o início anuncia o tradicional desfecho de tragédia tão ao gosto das nossas plateias. Não poderá falar-se de rigor sociológico nesta peça e o autor compreendeu-o quando tentou justificar os possíveis desfasamentos com a realidade, apoiando-se no direito ao *exagero trágico*, do qual, afirma, *sempre o teatro se serviu*. Esse *exagero trágico* não mascara, porém, a falta de radicação das personagens em estruturas sociais e a inverosimilhança do seu comportamento: a atitude da família de João Agonia perante o seu drama é, certamente, muito mais própria de uma grande burguesia agrária que do proletariado rural, onde o autor situa o conflito.

Não obstante estas reservas postas à peça pa-

rece-nos, no entanto, absolutamente justo e justificável saudar a coragem com que um tema tão arrojado e controverso é introduzido no teatro português e realçar o carácter positivo da obra, na condenação das segregações sociais, na denúncia de um primitivismo humano que se baseia numa ética absurda e monolítica e num código de valores que desconhece a evolução histórica e as realidades humanas.

(Continua na 8.ª página)



No início deste ano, a legendária «Company» (com Bob Fosse) realizou a estreia de um espectáculo que provocou a polémica. Tratava-se de «Hair» (William Thomas Meehan) interpretado por «Highway» (com Bob Fosse), sendo cantado durante a interpretação. Dirigido por Bob Fosse, o espectáculo foi uma grande sucesso, tornando-se também um fenómeno de sucesso nos Estados Unidos, com uma versão de sucesso (Lisboa) a transformarem-se em «Hair» (com o mesmo Fosse) nos dois teatros mais destacados pelos jornais dos Estados Unidos.

o assunto deste filme é:

- ♥ AMOR
- 👤 Relações Humanas
- 🌱 Ritos de fertilidade

...mas tratado de modo diferente

George Peppard Mary Tyler Moore

O MAGNIFICO INTRUSO

DOM De LUXE - JOHN McMARTIN - SUSAN SAINT JAMES - DON STROUD
Produção e Realização de GEORGE SEATON - Música de DE VUL - TECHNICOLOR - M / 12 ANOS
Distribuição SONYO FILMS

HOJE ESTREIA no VOX

a Batalha de Inglaterra

relação de Harry Saltzman e S Benjamin Friz

... UM EXCELENTE ESPECTACULO DE VIRTUOSISMO TECNICO E ARTISTICO ...

A. IN «A CAPITAL»

3.ª SEMANA SÃO JORGE

com uma elenco: Harry Andrews Michael Caine Trevor Howard Curt Jurgens Ian McKean Kenneth More Laurence Olivier Nigel Patrick Christopher Plummer Michael Redgrave Ralph Richardson Robert Shaw Patrick Wymark Susannah York

escenário de James Kennaway e Wilfred Bruford - encenação de Guy Hamilton

Technicolor® Panaflex®

18 ANOS

PÁGINA 2

DIÁRIO DE LISBOA 13 NOVEMBRO 1969



Soula Markisi (intérprete de THEODORAKIS) vem a Portugal

Soula Markisi nasceu em Cavalla, no Norte da Grécia. O pai era professor de violino no Conservatório de Salónica e sua mãe foi um dos maiores violonistas gregos. A própria Soula começou como executante e só aos 17 anos surgiu como cantora, ainda que contra a opinião paterna.

— Em 1955, conquistou o primeiro prémio de interpretação no Festival de Salónica. E nos anos seguintes gravou melodias dos melhores compositores gregos: Theodorakis (autor de «Zorba, o grego»), Yanni Spanou e Manos Hadjidakis.

Soula é muito culta e viajada. Fez digressões artísticas por Itália, Inglaterra, Chipre, Brasil, Turquia, França e Alemanha.

— Em França trabalhou com Gilbert Bécaud e Raymond Bernard. Depois, ingressou no grupo dirigido por Yanni Spanou, firmando contrato para uma temporada

nos Estados Unidos da América do Norte e no Canadá. Soula (trupeira morena, de lindos olhos, extremamente elegante) estará em Lisboa nas primeiras semanas do próximo ano, para actuar nos Casinos da Póvoa de Varzim e de Espinho. «Soula canta os poemas de Papas» e «Le mal du pays» são os seus êxitos mais recentes.



Soula Markisi

Obteve grande êxito não só nas plateias portuguesas radicadas nos Estados Unidos da América do Norte e Canadá a exibição de filmes de «Dino Dea» — Tony de Mattos, Ada de Castro, Fernanda Ribeiro, Fernanda Gomes, Susy Paula e José Luís Martins. Tony de Mattos (que vem ao teatro) actuou na Televisão de New Bedford, onde cantou quatro composições: «Uma Viagem» e «Uma Noite» (de Ferry Triandafyllou - António José), «O Amor» (J. Vasconcelos - Jorge Reis) e «Tu não te importas» (Cantares, Ramos-Ferreira - Correia).

«Agora, sim!» — nova revista

OVAR, 13 — Encerra-se este ano a nova revista do Odeão de Ovar, «Agora, sim!», escrita pelo director artístico do seu grupo cênico, sr. Manuel Silva, do Porto. A revista está prevista para o dia 20, no Cine-Teatro local.

ELENCO SENSACIONAL NA «GRANDE NOITE DO FADO»

A poucos dias da «Grande Noite do Fado», a mais espectacular realização da Casa da Imprensa, que se efectua no próximo dia 18 de corrente, no palco do Coliseu dos Recreios, está quase completo o cartaz de intérpretes.

O desfile artístico vai incluir-se de 21 e 45, com a actuação de um magnífico «show» da Entidade Nacional: Antónia Tosteira e o conjunto de guitarras de António Luís Gomes, Simão, e acordeonista Carlos Aires, Frank Minna e o conjunto Típico Calvariano «Os Três de Portugal», cantores de Angola pelo Doo N'gila, Carlos Portugal, Leôncio Gomes, Actor Garcia, Alice Amara, o Trio Harmonia (campo mundial de harmonia vocal) e a orquestra ligada dirigida pelo maestro Tavaroz Neto.

Depois, e pela ordem que indicamos, a primeira parte do espectáculo será complementada com a apresentação dos intérpretes amadores dos bairros de Arroios, S. Amaro, S. João, Alfama, Povo do Busto, Mouraria, Mouraria Velha, Bairro Alto, Casal Ventoso, Freguesia Santa, Chiulas, Olivais, Penha de França, Mouraria Sul, Chiurela, Mouraria, Mouraria Norte, Alga, Benfica, Fátima, Anjos, S. Sebastião da Pedreira e Ajuda.

Após um pequeno intervalo, vem a segunda parte do espectáculo que igualmente secederá a colaborar com

esta iniciativa. Como convidadas de honra, duas grandes vozes da canção portuguesa — Beatriz Costa e Hermínia Silva — que serão publicamente distinguidas pela Casa da Imprensa. Depois, um «show» fabuloso: Áida Baptista, Ana Hortense, Dina Carolina, Estela Reis, Fernanda Damazo, Helena Tavaroz, Leza Branco, Lina Santos, Mafalda Sofia, Mariana Tereza, Maria Alice Ferreira, Maria Amândia, Maria da Fé, Maria José Vitorino, Maria de Lourdes Resende (com acompanhamento especial de Jorge Machado), Rita, Sancha dos Santos, Vitória Maria, Alípio José, António Anjos, António Calvarino, António Mourão, Artur Ribeiro, Carlos Coutinho, Daniel Garcia, Fernando Faria, Francisco Martins, Gerardo Souto, José Manuel Queiroz, José Viana, Manuel de Almeida, Max, Monte Trindade, Paulo Jorge, Tito Costa, Trindade da Silva Junior, Vitor Mendes, Xavier de Oliveira, e a equipa de «Zip-Zip», com Raúl Belmonte, Carlos Cruz, Flávio Oliveira e Lúcia Andrade.

Além do Conjunto Sino Novo (com o actor Braga Santos) e do Conjunto Típico Francisco Gomes, participam igualmente na «Grande Noite do Fado» os galantistas José Maria Vitorino e António Chacrinha e os apresentadores Giocenda Ferreira, Isabel Wolmar, a actriz Laura Sovoral, Mariana Paulino, Maria Alina, Maria José Baido, Maria Júlia, Maria Luísa Pinho, Carlos Lavareda, Carvalho Ramos, Fernando Correia, Fernando Peres, Fernando Russ, João Martins, João Paulo Guerra, Jorge Schmitt, José Costa Real, Miguel Simões, Raúl Durão, Rui Romano e Rui Costeira.

Os poucos bilhetes que restam encontram-se à venda no Coliseu dos Recreios.

O espectáculo está autorizado para maiores de 6 anos.

«O PECADO DE JOÃO AGONIA»

(Continuação da 5.ª página)

3 — Rogério Paulo escreve, no programa que encenar uma peça como «O Pecado de João Agonia», em Portugal, nesta altura, constitui para o encenador português, um autêntico desafio. Pensamos (e não aproveitamos todas as implicações do pensamento expresso nesta frase por aquele actor) que esse desafio se põe a qualquer homem de teatro que tenha de dirigir a montagem desta obra de Santareno. As contradições de estilo que atrás apontámos colocam, de facto, o encenador perante difíceis opções, se houver a intenção de conseguir no espectáculo, a unidade estética que não existe no texto. Nem no cenário, em que se confundem elementos de construção verista (as nuvens) com elementos de construção expressionista, nem nos planos de inserção interpretativa das personagens essa unidade foi atingida. O desnível de estilos visivelmente existente entre Rita Agonia (Mariana Rey Monteiro), num tom expressionista, e de sua filha Teresa Agonia (Céu Ricardo), num tom absolutamente naturalista, constitui talvez o melhor exemplo dessa falta de unidade. O mesmo desnível verifica-se em relação a outras personagens da peça. Por outro lado, Rogério Paulo, se acertou na tentativa de encontrar um clima que traduzisse a rudeza e a primitividade do local de acção da obra (com as contradições que já apontámos) não soube fugir à tentação visualista na construção do espectáculo, recorrendo a efeitos de luz e a marcações que não têm outro sentido além do meramente plástico.

Para falar da interpretação teremos de dividir as principais figuras em dois blocos: no primeiro, Mariana Rey Monteiro, Glicínia Quartim, Henriqueta Maia; no segundo, Céu Ricardo, Oscar Caetano, Josefina Silva, João Lopes, Rogério Paulo, Carlos Santos, Varella Silva, Paiva Raposo. Destaquemos apenas o exagero e a insegurança de Mariana Rey Monteiro, a dificuldade de Henriqueta Maia na adaptação à figura de Maria Giesta, a insuficiência de Carlos Santos. João Lopes esforçou-se valorosamente por encontrar um papel para o qual não está calhado. João Pêrr cria com muita dignidade a figura de João Agonia, transmitindo sem desnecessária truculência o drama íntimo do personagem. Dos restantes pode dizer-se que preenchem dentro das respectivas linhas de interpretação, as necessidades da peça.

O cenário de José Barbosa, independentemente das linhas da encenação já criticadas, é bem construído e teatral.

JOAQUIM BENITE

MARIEMMA

Mariemma, primeira actriz de uma das grandes peças de teatro de José Barbosa, é a esposa de um professor de Arte Dramática e Director de Teatro, cargo de que se tem afastado pouco. Mariemma, que encenou lindas representações em Portugal e em de outros países, é a protagonista de «Mariemma», a sua apresentação em Portugal no Teatro de São Luís e a encenação de Mariemma, não valendo para de ser a primeira actriz de Portugal, pois Mariemma, pela Europa, pela América e pelo Ásia.



Shella, a jovem esportista brasileira que desfilou a «noite-estrela» (por não desistir permanentemente do sonho de Mariemma) vem a Portugal, no final do próximo mês de Janeiro, para actuar com teatro de Lisboa e gravará um «show» para a TV. Aqui está Shella, desfilando um longo, ao seu filme mais recente.

Poligris é a parte da vida que se vive. Mulher a ser feita de um homem ou um homem a ser feito de uma mulher. Poligris é a parte da vida que se vive. Mulher a ser feita de um homem ou um homem a ser feito de uma mulher. Poligris é a parte da vida que se vive. Mulher a ser feita de um homem ou um homem a ser feito de uma mulher.

Papa Poligris em sua fábrica habitual.

NACIONAL RÁDIO, S. A. R. L.

AVISO

INFORMAMOS OS NOSSOS ESTIMADOS CLIENTES E AMIGOS QUE JÁ SE ENCONTRA ABERTO AO PÚBLICO O CENTRO DE RECEPÇÃO E ENTREGA DE MATERIAL E ACESSÓRIOS, NA RUA VICTOR HUGO, N.º 4-A-C, TELEFONE 712210 EM LISBOA.

APROVEITAMOS O ENSEJO PARA COMUNICAR QUE O SALÃO DE EXPOSIÇÃO, NA PRAÇA DA FIGUEIRA, 18-1.º ESQ.º, ONDE ENTANTO ERA FEITA A ENTREGA DE MATERIAL COM DESTINO AQUELE CENTRO, SE ENCONTRA TEMPORARIAMENTE ENCERRADO PARA INDISPENSÁVEIS OBRAS DE BENEFICIAÇÃO.

TUTTI MUNDI

ALMOCE OU JANTE a grupos sociais em salões agradáveis, podendo apreciar as últimas tendências da MODA para homens e mulheres, de Roma, Londres e Paris. Ar condicionado. Aberto até às 2 da manhã.

AVENIDA DE ROMA, 46 • Tel. 71401/4

«As mãos de Abraão Zacut» de Sttau Monteiro, no Vasco Santana

Com a estreia de «As mãos de Abraão Zacut», ontem, no Vasco Santana, um autor português de indiscutível importância, Sttau Monteiro, toma, pela primeira vez, contacto com o público. O facto merece ser sublinhado antes de mais, visto não só tratar-se Sttau Monteiro de uma das mais fortes personalidades da nossa dramaturgia actual (bastante pobre, como se sabe) como também constituir o espectáculo apresentado com encenação de Luzia Maria Martins uma realização muito positiva, com suficientes motivos de aplauso.

A PEÇA — «As mãos de Abraão Zacut» é uma obra estruturalmente inspirada no teatro épico, cuja principal característica é uma premeditada intenção de romper com o naturalismo que ainda alimenta a maior parte do nosso teatro, buscando, através de uma nova forma, a possibilidade de transmitir mais directamente uma mensagem de participação humana e de afirmação dos valores da liberdade e da responsabilidade. Diante de outros exercícios do mesmo género tem esta peça de Sttau Monteiro a vantagem de se não apresentar esquemática, integrando na sua estrutura os elementos emocionais e racionais que verdadeiramente definem o teatro épico, na concepção brechtiana. Situado o conflito — com suficiente ambiguidade espacial e temporal — na luta de emancipação de um povo (o judeu) é fora de dúvida que esta situação serve ao autor apenas para apoiar uma alegoria que se estende à luta universal do homem pela afirmação plena da sua humanidade. Daí que confundir esta peça com uma vulgar obra de sentimento antinazi signifique grossa asneira.

De um ponto de vista estilístico poder-se-ão assacar a esta obra do autor de «Felizmente há luar» algumas insuficiências e alguns excessos — nomeadamente certo pendor literário que marca sobretudo o segundo acto e o recurso a algumas metáforas que constituem lugares comuns da estética neo-realista. Mas não se poderá negar ao texto uma força, uma coerência que não são comuns na nossa dramaturgia e que o permitem classificar mesmo como do melhor que existe no teatro português contemporâneo.

De «As mãos de Abraão Zacut» se poderá dizer que é uma peça dialéctica, na medida em que nela são patentes as contradições sociais, a luta de classes e as lutas no interior de um processo de luta colectivo. Tal como François Perier, na entrevista concedida recentemente a «L'Express» dizia do teatro de Sartre, pode afirmar-se que Sttau Monteiro utiliza as personagens que cria para uma exposição ampla das várias ideais, das várias correntes, e dos diversos interesses que determinam os comportamentos sociais. Se existe uma identificação do autor com Abraão Zacut — cujas mãos são o símbolo da possibilidade do homem construir o seu

futuro — isso não impede que personagens como Max Cohen, Jacob Auer ou Moisés Levi possam afirmar-se como anunciadoras de diferentes mensagens, de diferentes de diferentes visões do papel do homem no Universo e do significado da sua luta.

Peça rica de conceitos, inquietante e alertadora, «As mãos de Abraão Zacut» constitui, certamente, um dos melhores originais portugueses que têm subido à cena nos últimos anos e ocupa um lugar de grande relevo no nosso teatro moderno.

A ENCENAÇÃO — Luzia Maria Martins conseguiu, em nossa opinião, na realização desta peça de Sttau Monteiro, um dos seus melhores trabalhos.

Compreendendo o carácter antinaturalista da peça e a sua completa incompatibilidade com o tradicional teatro ilusionista, Luzia Martins evitou toda a evocação que pudesse desvirtuar o significado da peça e a localizasse (grave risco de que um encenador menos atento poderia não se ter defendido) no período histórico e no contexto social que na peça são, insistentemente, apenas um pretexto para a alegoria. Sentiríamos isto mais profundamente se a encenadora tivesse prescindido do cenário (aliás bem realizado). Se é verdade que a sua configuração abstractizante só vagamente sugere um campo de concentração nazi, não menos verdade é que, sem essa vaga sugestão, a peça ganharia ainda mais intemporalidade — objectivo que Luzia visivelmente perseguiu.

Outras pequenas deficiências da encenação são quanto a nós certas cenas mimadas, onde a execução

é frouxa e às vezes um tanto indisciplinada — mas aí há que ter em conta a fraqueza do elenco — e algumas soluções de voz «off» que poderiam ter sido substituídas por outras de maior invenção. Em geral, porém, o trabalho de Luzia Maria Martins revela uma grande dignidade e uma inteligente compreensão do verdadeiro significado do texto.

A INTERPRETAÇÃO — Com Jorge Sousa Costa — em grande progresso — e Joaquim Rosa — uma excelente composição de figura, prejudicada pela habitual afectação de voz — nos lugares mais destacados, o elenco que interpretou «As mãos de Abraão Zacut» revelou-se, de certo modo, aceitável. Luis Santos, no papel de Abraão Zacut, foi um pouco irregular, tal como Helena Félix e Amílcar Botica, o último, todavia, com alguns momentos muito bons, Isabel de Castro, Margarida Mauperrin e José Raymond situaram-se num plano regular. O jovem Filipe La Féria, num papel de grande responsabilidade, teve altos e baixos. Ermelinda Duarte confirma a sua autêntica vocação dramática. José Manuel Osório, numa figura de pouca importância, insere-se bem no plano geral.

Em suma, o espectáculo ontem estreado no Vasco Santana merece ser visto e acarinado: trata-se de teatro sério, teatro português sério que se distingue de outras peças nacionais que têm sido apresentadas e às quais faltam as qualidades teatrais indispensáveis — apesar de toda a propagação que a volta delas possa ser feita...

JOAQUIM BENITE

NO CINEMA ROMA

«O CIRCO», DE CHAPLIN —UM ACONTECIMENTO EXCEPCIONAL

O Cinema Roma apresenta, ontem, a versão sonorizada de «O Circo», de Charles Chaplin. Não se trata de uma estreia, no sentido formal, mas é mais do que isso: é um grande acontecimento, uma novidade, uma oportunidade excepcional para a maior parte do público.

«O Circo», com efeito, é fundamental no conjunto da obra do autor. Começou em Outubro de 1929 e apresentou em Janeiro de 1930 em Hollywood. «O Circo» pretence à sua importância dos filmes de Chaplin, isto é, já depois da sua entrada para a «United Artists», depois da «Óptimo Público» (1923) e de «A Quinze do Circo» (1925) e antes de «Luzes da Cidade» (1931).

Talvez por se encontrar entre dois filmes considerados obras-primas, «O Circo» tem sido de certo modo, esquecido, ou, pelo menos, minimizado, aliás injustamente. Na verdade, no enriquecimento da personagem Charlie e nas linhas de fuga de Chaplin, «O Circo» constitui ponto básico da evolução chapliniana. No «Circo» já se encontram em potência todos os valores que desenvolveria

nas «Luzes da Cidade» e em «Tempos Modernos».

A cena final, onde a solidão de Charlie, o vagabundo amável e simples, tão humano e grande quanto o pode ser um pobre-diabo, ganha já uma dimensão dramática profundamente emocionante. Sem fazer a nota, pode dizer-se que Chaplin descobriu, no «Circo», a chave fundamental para um cinema mais significativo e mais amadurecido.

A mais de quarenta anos de distância, ver o «Circo» é reconhecer a grandeza de um cinema excepcional, que teve o génio de realizar filmes excepcionais através de temas aparentemente insignificantes. As histórias das peças que estão na sua origem são meros pretextos, os pontos de partida para grandes análises dos sentimentos humanos e, até, do mundo em que vivemos.

Não será, pois, uma estreia este «Circo», que nos dá o Charlie dos melhores tempos. Mas é uma festa para quem ama o cinema e aprecia, como merece, o autor de uma das mais extraordinárias obras que o cinema proporcionou.

M. de A.

L.031
hipoteses
para escolher um fio:

Agora não há problemas... Há Lanidor! As senhoras que trabalham em casa para as lojas, são as melhores testemunhas. Além disso, todas as fios Lanidor têm uma garantia concedida através de controlo feito em laboratório próprio. Não há problemas. Há L.031 hipóteses de escolher um fio. Nas Lojas Lanidor, evidentemente...

TIPOS DE FIOS E CORES

Lã com Woolmark: 10 tipos — 427 cores

Acrílicos: 7 tipos — 322 cores

Fios naturais (cachemira, alpaca, cameló, mohair, angorá) Fantasia: 7 tipos — 185 cores

PREÇOS

Shetland, desde 110\$00
Lã com Woolmark, desde 135\$00
Acrílicos, desde 140\$00

FIOS INDUSTRIAIS

Acrílico 130\$00
Courtelle 170\$00

*Encomende-se amostras e encomendas por serviço. Pedidos à Loja Lanidor de Amadora — E. Elias Garcia, 262-B

Escolha e compra no Self-Service da Moda

Lanidor
...qualidade peça por peça

LISBOA:
R. de Pavia, 262 e 272 / R. Santos de Odivelas, 111
R. Traves de Amadora, 1-A
AMADORA: R. Elias Garcia, 262-B
ALGARVE: Rua de Oliveira, 5-A, 4-B

PÁGINA 8

DIÁRIO DE LISBOA 20 DEZEMBRO 1969

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

(Continuação da 6.ª página)

em os braços um do outro.

Como é uma invenção de grande Walt Disney não pode deixar de ser um certo emocionante até à medida. Um corte de origem alemã que através implacavelmente a sublinha mestra, se sobe, de modo a mostrar que a realidade para, porque não é perfeita.

Quando se tem o poder das mãos, as grandes e pequenas possibilidades e de fazer de tudo quanto for necessário para a sua vida (e a sua).

• NO CONDES

Título: «ASTERIX E CLEOPATRA»
Personagens: Astérix, Obélix, Panoramix, etc.
Um filme de: Goscinny e Uderzo

O Noto, um só só, de terra, a figura de Astérix e dos seus companheiros. O cinema Condes oferece o filme à petição, antecedente de cinco horas documentários todos detendo o espírito que são, de modo, superior ao que é a sua invenção do espírito forte do progresso — o espectáculo «Astérix e Cleopatra», baseado que se não é de todo integrável ao grande amor que nos tem a personagem de que é composta, os filmes de aventuras de todos os tempos e responsáveis pelo filme para uma nova geração de jovens.

O que gostamos de «Astérix» em termos de espectáculo é a transição das páginas dos livros para os filmes. Os filmes de «Astérix» (em cinco) com outros, são como «Tom e Jerry» ou «A

Observação, não se dá a ver de que a vida é diferente. Mas... e a vida? Astérix morre no filme. Ocupar a vida de «Astérix» (em cinco) com outros, são como «Tom e Jerry» ou «A

Fontes em-de-terra, é de

A história é frágil, monótona, cativante. Porém há ali de tempo, nada existe de surpresa. Por Tostão, um coro Astérix' — T. de L.

• NO AVIS

Título: «O SANTO EM AÇÓAS»
Interpretes: Roger Moore, Sylvia Sims, Justin Long

Da Teatral para o Cinema, o Santo, a sua vida, os seus milagres e os seus crimes... e quem os fez... Astérix, Obélix, Panoramix, etc. — de qualidade de um bom espectáculo.

Adaptado, na direcção de actores, este filme — de filmes antigos de uma pequena produção, baseada em uma adaptação baseada em um livro de um autor inglês, o filme falhou por um pouco em 1968. Se o resultado for bom, se o resultado for bom... Este é o cinema de um novo filme.

O «Proscenium» na Escola Industrial Marquês de Pombal

A escola do Sector de Cultura de Portugal do Ajud. e Grupo Proscenium de Estudos dos Profissionais de Espectáculos apresenta esta noite, de 21 e 22, no Ginásio da Escola Industrial Marquês de Pombal, a 25.ª apresentação de um filme «Vozes» — revista de teatro, de G. Viana, actualizada e actualizada em forma de revista popular por Pedro Lemos.

«Dente por Dente» (de Shakespeare) no Teatro de Loures

No Cine-Teatro de Loures, é representada, amanhã e no domingo, de 21 e 22, a peça «Dente por Dente», de William Shakespeare, numa adaptação de Luís Francisco Rebelo. O espectáculo está a cargo de T. A. B. (Teatro Amador dos Desportivos).

«O VISON VOADOR» NO TEATRO VILLARET

Depois de algumas tentativas no sentido de um teatro que, não deixando de ser acessível, fosse válido, Raul Solnado teve de voltar ao «vaudeville» desmiolado e gratuito. A compreensão desta viragem, decorrente dos condicionamentos comerciais não evita que lamentemos sinceramente o regresso do actor a um tipo de teatro inútil e vazio, lamento que é atenuado pela certeza que temos de que as tentativas feitas esta época por Solnado não o foram em vão.

«O vison voador», o original de Ray Cooney e John Chapman ontem estreado no Villaret, não é melhor nem pior que as inúmeras peças do género que são representadas por esse mundo fora. Trata-se de mais um esquema de situações de comédias, mais um molho de combinações, desta feita girando à volta de mar dos enganados e casacos de vison, a partir de um núcleo central, uma pelaria dirigida por «Didio Fortes», personagem a que Solnado empresta tão extraordinária vivacidade e tal invenção que sentimos verdadeiramente desperdiçado o talento de um actor que de peça para peça apa-

rece mais amadurecido, mais seguro, mais senhor de todos os recursos da arte de representar.

Essa interpretação de Raul Solnado — afinal o melhor do espectáculo — é no entanto, muito bem acompanhada por todos os seus companheiros de equipa, que têm um trabalho bastante homogéneo. Claro que sobressaem os actores mais experimentados na comédia: Fernanda Borsatti, e Artur Semedo, sobretudo. Mas também Maria Paula, e Geórgina Cordeiro se mostram bem à altura do conjunto. Iolá e Io Apolónia exibem, além das suas presenças esculturais, naturalidade e segurança. Vasco Lima Couto e David Silva

(actores capazes de um tipo de teatro de maior responsabilidade) mostram-se pouco adaptáveis ao «boulevard». Rolando Alves tem uma participação discreta. A jovem Maria limita-se a breves intervenções.

A encenação de Paulo Renato tem o que se podia pedir a um director experimentado e a um actor inteligente como ele é: ritmo, exploração de toda a graça do texto. O cenário de Pedro Leitão é quanto a nós, muito complicado e feio à vista. Talvez isso tivesse sido, porém, propositado — uma forma de insinuar o mau gosto de estabelecimentos do género.

JOAQUIM BENITE

ANTÓNIO SUSTELO: O FOLCLORE PORTUGUÊS POR ESSA EUROPA FORA

António Sustelo começou a sua carreira artística aos 15 anos, como bailarino; pela mão de Manuel Calisto, em salas de Almada. Depois disso, Sustelo foi uma «diversão» pelas salas de teatro e prepara a sua actividade na Coreografia. No intervalo vem a Lisboa: — Isto é uma história muito complicada — dizem. — Nasceu em Vila Real de Santo António e em 1960 de Carlos Sustelo, recordista português do lançamento do martelo. Mas, para além de gostar de desporto, sempre tentou a vida no teatro.

suas actividades? Interpretar diversas peças infantis, ao lado de Lita Soriano e Alina Vaz. Participou na série «Os Espectáculos» e em programas com Melo Freixo e Paulo Bonafina. E comentou a ler obras sobre folclore. Sabe português?

António Sustelo responde à sua própria interrogação: — Porque quero todas as competências adquiridas ao longo da vida, e a única maneira de as sobressair da vulgaridade era escolher outro campo de acção. Durante quatro anos fui «Maxim», com Bartolo Valença, interpretando folclore. Em Janeiro...

(Continua na 18.ª página)



MARKLIN
O BRINQUEDO MAIS SÓLIDO E RESISTENTE
MARKLIN

CAPITÓLIO
Em 22075
AS 16 E AS 21:45 N.
A casa de João Agonia
O PECADO DE JOÃO AGONIA
de S. SANTARÉM
Em 2.ª mão de representação
— Admissão —

CASA DA COMÉDIA
R. S. Francisco
Barral, 2
Marquês, 171-176
Teatro de Marionetas
OS BONECOS DE SANTO ALEIXO
As 19:30 e 21 horas
ANANDA BASTARD
ULTIMO DIA!
As apresentações deste Grupo profissionalizam-se a partir de 1968
Teatro de G. e T. 1968

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deleitação assista ao espectáculo clássico

uma revolução no domínio dos giradiscos de alta fidelidade!

THORENS TD 125

com comando electrónico de velocidade



Para uma demonstração aos profissionais do som
VALENTIM DE CARVALHO CI BARRAL
RUA NOVA DO ALVARO, 66-67 LISBOA
No salão VITÓRIA — R. de São André, 29 — FEIJO

PRESENTES PRESENTES PRESENTES PRESENTES
PARA TODOS
kalinka
RUA SAMPAIO E PINA, 1-C LISBOA
RUA CASTILHO, 171-A

NO MARIA MATOS BAILADOS PELO GRUPO DE ANNA MASCOLO

Hoje, pelas 17 horas, no Teatro Maria Matos, o grupo de bailados de Anna Mascolo, que sempre está sempre vai efectuar um show de cinco espectáculos, denominados «Canta e Baila» e «Canta e Baila».

Trata-se de um espectáculo «clássico» de Igracia Carles no âmbito de Lisboa, muito especialmente ao nível de uma nova geração de teatro, com a participação de hoje (esta noite 20 e 21, pelas 19 horas, e no dia 22, pelas 17 horas) pelo grupo de teatro «Clássico» de Lisboa, que sempre está sempre vai efectuar um show de cinco espectáculos, denominados «Canta e Baila» e «Canta e Baila».

NOVIDADE
OS IDOLATRAS
PREÇO 4000
PRELO EDITORA
R. Misericórdia, 57-2 LISBOA



1969: Balanço de um ano de teatro em Lisboa

JOAQUIM BENITE

SEM QUE SE POSSA DIZER que o teatro português saiu do impasse em que há anos se encontra, é possível, no entanto, olhar para o tempo passado de 1969 com alguma esperança de que ele tenha contribuído para uma maior consciencialização da problemática teatral entre nós. Se na generalidade os espectáculos apresentados se caracterizaram pela mediocridade a que vamos estando habituados — e uns tantos por uma indigência escandalosa, a que, «malgré tout», já não estávamos habituados — a verdade é que é possível detectar no céu carregado do ano que agora finda algumas estrelas anunciadoras de novos dias para o teatro nacional.



«Volpone»: o melhor espectáculo do ano

Em primeiro lugar iniciou-se um período de confiança nos autores portugueses — em parte devido a um certo clima de abertura, que permitiu a representação de algumas peças em parte como resultado da campanha que alguns têm, porfiadamente, mantido em prol de um teatro autenticamente português (e não interessa agora referir a desilusão que causaram no contacto com o palco algumas obras sobre as quais haviam sido depositadas grandes esperanças).

Em segundo lugar acentuou-se em 1969 o



Uma cena de «Anfitrião»

interesse da juventude pelo teatro, o que é garantia de um futuro diferente. Sucederam-se os colóquios as iniciativas de jovens e conseguiu-se mesmo que os melhores espectáculos realizados fossem de grupos de universitários, de amadores, ou de actores descomprometidos da estrutura comercial.

Finalmente — e este não é dos aspectos menos de ponderar — o interesse pelo teatro traduziu-se numa necessidade de esclarecimento que fez com que alguns importantes homens de teatro estrangeiros viessem até nós: Ricardo Salviat, Adolfo Gutkin, Schellley. O curso de teatro que Gutkin dirige actualmente na Fundação Gulbenkian, o trabalho em profundidade que

OS DEZ MELHORES *

- «VOLPONE» — de Ben Jonson, pelo Grupo Cénico de Direito (encenação de Adolfo Gutkin)
- «AMANHÃ, DIGO-TE POR MÚSICA» — de James Saunders, pelo Grupo 4 (encenação de Fernando Gusmão)
- «ANFITRIÃO» — de António José da Silva (encenação de Luís Cintra), pelo Grupo Cénico da Faculdade de Letras
- «AS QUATRO ESTAÇÕES» — de Arnold Wesker (encenação de Paulo Renato)
- «ALBERGUE NOCTURNO» — de Gorki, pelo Grupo Dramático Avintense (encenação de Monteiro Meireles)
- «SILVA VICENTINA» — pelo Proscenium (encenação de Pedro Lemos)
- «ORAÇÃO» — de Arrabal (encenação de Carlos Avilez), pelo T. E. C.
- «AS MÃOS DE ABRAÃO ZACUT» — de Luís Stau Monteiro (encenação de Luzia Maria Martins), pelo Teatro Estúdio de Lisboa
- «O RACISMO NÃO EXISTE» — pelos estudantes do I. S. T. (texto colectivo)
- «ESPERTEZA SALOIA» — revista de Salvador, Aníbal Nazaré e José Viana.

* Seleccionados apenas do teatro visto em Lisboa

está a ser desenvolvido por alguns grupos de jovens, são indícios de que alguma coisa poderá vir a transformar-se.

Refiramos ainda que 1969 assistiu às primeiras manifestações de participação do público no teatro, através de algumas «pateadas» que, por terem sido tímidas não deixam de revelar uma saudável tendência para a luta contra a estagnação e a passividade.

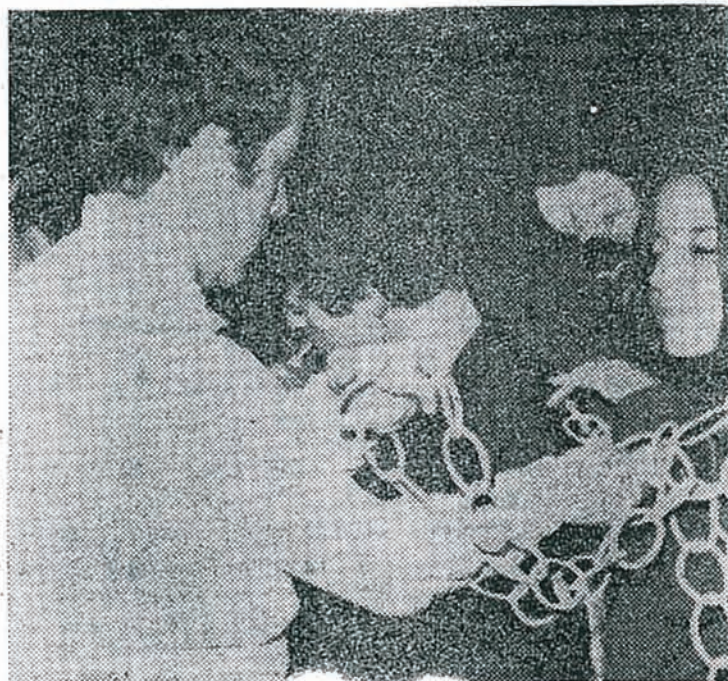
Analisemos, primeiramente — com a brevidade inerente a um balanço deste género, necessariamente incompleto e imperfeito — o que se passou no teatro profissional.

A EXPERIÊNCIA DO VARIÉDADES

Antes de mais, saudemos a volta aos palcos profissionais, como actor e encenador, de uma das primeiras personalidades do nosso teatro: Fernando Gusmão. Depois de um período em que dedicou a sua actividade ao Grupo Cénico de Direito de Lisboa e ao Teatro Experimental do Porto, Fernando Gusmão colaborou, como actor, num dos melhores espectáculos do ano («As quatro estações», de Arnold Wesker) e ofereceu-nos, como encenador, a que é, indiscutivelmente, a melhor realização de teatro profissional de 1969: «Amanhã digo-te por música», de James Saunders, pelo «Grupo 4».

A experiência levada a cabo no Variétés, no sentido de um teatro sério falhou redondamente do ponto de vista de êxito comercial. Depois de

«As quatro estações» (que Paulo Renato dirigiu com grande dignidade) a companhia, que integrava além de Renato e Gusmão, o nome prestigioso de Eunice Muñoz (que este ano continuou a afirmar-se uma espantosa actriz) levou à cena a peça «Cartas na mesa», de Buero Vallejo, que teve o mérito de proporcionar uma excelente interpretação a Fernanda Alves. Apesar da correcção da encenação e do nível interpretativo, a peça (tradicional e ultrapassada) não conseguiu interessar o público. As razões deste fracasso devem procurar-se na estrutura comercial que enquadrava o nosso teatro e na estreiteza de vistas das empresas, que continuam a não ter em conta o processo de transformação do espectador do teatro, que não



Adolfo Gutkin

pode deixar de acompanhar a evolução dos costumes, da psicologia e das esferas de interesse social que se observa na nossa época. Apesar de tudo isto, a experiência do Variétés foi, do ponto de vista artístico, uma afirmação positiva.

O teatro Nacional, funcionando no Capitólio, teve uma época francamente má. Depois de um «Frei Luís de Sousa» obrigatoriamente levado à cena (para mal dos nossos pecados: esta de considerar o Garrett, o nosso maior dramaturgo tem-nos custado bons dissabores...) a companhia de Amélia Rey Colaço apresentou um original de Jaime Salazar Sampaio («Os Visigodos», encenação de Artur Ramos) sem nenhum interesse, e desencadeou um verdadeiro escândalo ao levar à cena um dos textos mais intoleráveis que têm aparecido nos últimos anos: «A esfera facetada», de Moniz Pereira, um ingénuo exercício de principiante, verdadeiramente inclassificável. «O segundo tiro», de Robert Thomas, que se seguiu, é uma peça «boulevardesca» e policlesca, sem história. O último espectáculo deste ano, «O pecado de João Agonia», de Bernardo Santareno — uma peça que esperou dez anos para ser apresentada ao público —, numa encenação de Rogério Paulo, revestiu uma maior dignidade. O original — de um dos autores mais importantes da nossa dramaturgia moderna — pertence à fase já ultrapassada de Bernardo Santareno e as suas contradições, entornadas num estilo literário truculento, não foram superadas

pela encenação, também contraditória.

AUTORES PORTUGUESES

A companhia do teatro Vasco Santana coube apresentar o melhor original português do ano passado: «As mãos de Abraão Zacut», de Luís de Sttau Monteiro. Alegoria social alicerçada numa linha épica, servindo-se do problema judaico como pretexto, a peça proporcionou a Luzia Maria Martins um espectáculo cheio de dignidade, mau grado certos excessos da encenação, que comprometem uma clara leitura da sua mensagem. De salientar as interpretações de Jorge Sousa Costa e Joaquim Rosa. O outro espectáculo do Vasco Santana, «Anatomia de uma história de amor», de Luzia Maria Martins foi uma tentativa, falhada, de repetir o êxito de «Bocage, alma sem mundo».

Carlos Avilez encenou, para o Teatro Experimental de Cascais, «A maçã» de Jack Gelber, um bom texto e uma realização cheia de confusões e arbitrariedades — e duas peças de Arrabal: «Oração» e «Os dois verdugos». Neste último espectáculo teve Avilez, quanto a nós, o seu melhor trabalho, traduzido sobretudo na extraordinária interpretação de Eunice Muñoz e no óptimo cenário de Noronha da Costa.

No teatro Villaret é de assinalar o esforço de Raul Solnado em prol de um teatro válido levando à cena uma excelente e descompartilhada peça do autor americano Murray Schisgall: «Luv» («Amor às riscas»), com encenação de Paulo Renato. Solnado teve, ali, oportunidade de afirmar os seus dotes de actor, conseguindo a melhor interpretação da sua carreira. «Black-Out», de Frederick Knott, com Jo Alvarenga (encenação de Artur Ramos) foi um espectáculo desprezencioso, mas aceitável.

No Trindade, Ribetinho encenou «Sabina Freire», de Manuel Teixeira Gomes numa linha errada, e repôs «A espera de Godot», de Beckett, seu grande êxito há dez anos. O espectáculo, excelentemente interpretado por Ribetinho, Moraes e Castro, Costa Ferreira e Rul



Fernando Gusmão

Mendes (um dos actores em evidência em 1969) manteve toda a sua força, embora desta vez já não tivesse causado nenhum escândalo.

Na Casa da Comédia salienta-se um espectáculo: «Dança da morte», de Strindberg, numa discutível realização de Jorge Listopad, que marcou o reaparecimento de uma boa actriz: Carmen Dolores (não vimos «Fando e Liz», de Arrabal, com encenação de Norberto Barroca, espectáculo de que, aliás, a crítica responsável disse muito bem).

A REVISTA

Do repertório do Laura Alves (deixemos de lado «Pepsi» e «O jovem mentiroso», este último espectáculo, aliás, de nível muito aceitável) salientamos «Forja», de Alves Redol, levada à cena poucos dias do desaparecimento do grande escritor. As deficiências da peça foram acentuadas

Cont. na pág. 14